

ARTE/desENVOLVIMENTO

ARTE/desENVOLVIMENTO

José Carlos de Paiva e Silva

Dissertação submetida para satisfação parcial dos requisitos do grau de Doutor em Pintura, sob orientação do Professor Pintor Máro Bismarck.

Porto, Fevereiro de 2009

AGRADECIMENTOS

Como toda a minha vida, a tese que agora termino foi realizada, para além do espaço de solidão própria dos momentos de leitura, de reflexão íntima e de escrita, num cruzamento de relações de difícil nomeação. Confesso, assim, dever a possibilidade de ter feito esta investigação aos muitos cúmplices das aventuras partilhadas, confidentes de minhas angústias, mestres de meus caminhos, companheiros de vida: preferiria que uma tese desta natureza pudesse ter mais de um autor.

Os agradecimentos correspondem a laços tão fortes, que se soltam das práticas rotineiras e se reconhecem nos simples sorrisos trocados, nas caminhadas previsíveis de vir a realizar em conjunto. Nesta recusa do exercício de meras formalidades, o título desta página resolve-se na simples nomeação de uma ínfima parte dos que de mais perto conviveram com este *tempo de tese*, que ocupei isolando-me do seu convívio. A todos, os nomeados e os outros que sabem que a sua presença apenas na minha consciência significa o mesmo, os meus agradecimentos sinceros.

O IDENTIDADES, movimento que há mais de doze anos constrói, em Moçambique, em Cabo Verde, no Brasil e em Portugal, a realidade social utilizada como âncora da investigação, tece um espaço de cumplicidade onde se cruzam, na ampla geografia percorrida, docentes e estudantes, artistas plásticos, interventores culturais e actores no desenvolvimento local, que povoam nas páginas desta tese as ideias discutidas, as experiências partilhadas, a reflexão e o conhecimento produzido.

Durante o tempo que durou a investigação não me afastei das minhas responsabilidades, da minha função docente, partilhei mesmo encargos de direcção da FBAUP, coordenei o IDENTIDADES, não tendo, no entanto, deixado de me afastar quando disso tinha necessidade, isolando-me o suficiente, muitas vezes fora de Portugal, para responder ao desafio que

assumi com a inscrição no doutoramento na FBAUP. Na gestão deste tempo sempre contei com o apoio de minha família, de meus amigos, de meus camaradas.

Em particular refiro o conforto emocional e afectivo construído pelo companheirismo da Estela Gomes e da Catarina Paiva, que me proporcionou o recolhimento necessário para a concentração na investigação, um permanente estímulo e um reconfortante apoio.

Ao Professor Pintor Mário Bismarck, meu orientador e amigo, devo um agradecimento maior por ter aceite o pedido para me acompanhar na investigação numa área que, não sendo de sua especialidade, integrava o ocorrido num movimento de que faz parte, conhecendo directamente os casos tratados.

A orientação da tese decorreu como foi delineado: com o apoio de um conjunto de ‘especialistas’, próximos das preocupações tratadas e dos eventos produzidos. A estes amigos, os meus agradecimentos profundos, em particular ao Professor Vítor Martins, da FBAUP, irmão de confessadas preocupações descritas na tese, à Manuela Coelho, camarada tanto da sua escrita, como da vida e de infinitos *gestos*, ao Professor Fernando José Pereira, da FBAUP, pela crítica atenta e camaradagem, aos designers Rui Costa e Paulo Pinto pela cuidadosa colaboração na configuração gráfica da tese. Não esqueço meu amigo José Pinto, sempre colaborativo no prestável apoio para a edição da tese e do volume de anexos.

Ao escritor Mia Couto agradeço a disponibilidade pelas enriquecedoras conversas e pela orientação do escrito sobre Moçambique. Ao escritor moçambicano Luís Carlos Patraquim, ao pintor Ciro Pereira, ao professor Victor Sala reconheço a atenta crítica que exerceram sobre o que na tese escrevo a respeito de um Moçambique que me ensinaram a ver.

De todo o trabalho realizado por Leão Lopes e por Maria Estrela, que tive o prazer de partilhar em Cabo Verde, guardo ensinamentos inesquecíveis pelo modo como a utopia e a criatividade são imprescindíveis ao desenvolvimento e pela possibilidade de ligar o identidades aos seus projectos, o que me permitiu melhor entender as interrogações que se aclaram na tese. A correcção do descrito no estudo de caso — Cabo Verde — é ainda um campo pequeno mas concreto de sua colaboração.

Ao poeta recifense Pedro Américo de Farias, à investigadora Maria Alice Amorim, à militante contra as injustiças sociais Delma Silva, que me abriram o caminho para Conceição das Crioulas, me apresentaram um Recife grávido de acontecimento cultural e de envolvimento com a luta contra as injustiças sociais; a eles, que acompanharam o estudo sobre o Brasil, corrigindo o meu desconhecimento, o registo desse reconhecimento.

Com os arqueólogos Cláudio Torres, Miguel Rego, Santiago Macías e Rui Mateus partilhei minhas ideias sobre a experiência do Campo Arqueológico de Mértola e com eles reparti vivências culturais imprescindíveis para o homem que me construí.

Toda a amizade cruzada que a minha vida toca, esta tese cimentou-a, permitindo-me evocar, num abraço partilhado, nestas primeiras páginas que foram as últimas a ser escritas, o que todos adivinham:

É aqui, onde tenho que acabar, que devemos começar.

JAMESON, Frederic (2001): p. 93

RESUMO

A tese inscreve-se na área da pintura e decorre no sentido da sua filiação no campo mais alargado das artes plásticas. Investiga a natureza dos argumentos que um autor mobiliza na procura de uma intervenção artística que corresponda à sua implicação no social.

Embora deslocando a análise no processo que antecede a produção artística, não se deixa de se inscrever no estudo a necessidade de gravar, nos objectos criados, uma pregnância que se projecte sobre o espectador e que promova onexo que o autor lhe confere. Neste sublinhar da carga inerente a cada produto artístico — resultado mágico de uma experiência acumulada e marca do esforço de contaminação que se lhe quer imprimir — estabelece-se um vínculo com o empenho de muitos artistas contemporâneos que pretendem intervir no campo preciso da arte, na dimensão política que se insubordina face às injustiças.

O estudo centra-se no espaço de intimidade de um artista plástico, com precisão o próprio autor da tese, para com maior precisão se apresentar o sentido autoral construído no envolvimento colaborativo promovido com outros artistas, professores e estudantes de arte, autores culturais e promotores do desenvolvimento junto de comunidades e populações de geografias variadas (Moçambique, Cabo Verde, Brasil e Portugal). Esta geografia decorre do interesse em criar e alojar, em espaços afastados dos centros dominantes do mercado globalizado da arte, relacionamentos duradouros com comunidades pobres de países em desenvolvimento, empenhadas na melhoria das condições de vida,.

A importância da análise do processo de construção da identidade do autor, efectuada através do relato de um percurso interrelacional que permite configurar a sua postura crítica perante o *estado da arte*, remete para uma leitura do mundo em que vivemos, realizada a partir da matriz cultural ocidental, situado no limiar do século XXI, num presente que sedimenta a história fundada nos confins da memória colectiva: presente

que procura novos paradigmas que superem o esgotamento do esforço do modernismo e do colonialismo e que possibilitem o exercício cívico da democracia, de modo generalizado.

Assim, ao clarificar essa postura do autor sobre o mundo da arte, revela-se, num modelo intimista, a arquitectura ideológica do seu relacionamento com esse campo e a forma como persegue uma intervenção artística lúcida e não inócua.

Os resultados do trabalho de investigação sobre quatro *estudo de casos* são apresentados para dar consistência, pela sua exemplaridade, ao processo de construção da identidade autoral do próprio autor da tese. Estes casos, ocorridos e aqui narrados, situando geograficamente as intervenções artísticas e o envolvimento político, permitem esclarecer a importância de um olhar atento para o exterior do campo da arte, no sentido de avaliar as possibilidades de relacionamento comunicacional para além do Ocidente e as interferências partilhadas com as populações que se podem estabelecer sobre o espaço público local e sobre o quotidiano.

Por nascimento e formação o autor confessa a sua matriz cultural como localizada no Ocidente e estuda o valor da confrontação com outras realidades e a sua imprescindibilidade para se qualificar a implicação nos processos de desENVOLVIMENTO.

ABSTRACT

This thesis is inscribed in the area of painting and is developed toward its affiliation in the wider field of art. It looks into the nature of the arguments an author uses in the search of artistic intervention corresponding to his implication in the social tissue.

Although the analysis is displaced to the process prior to the artistic production, this work does not neglect the necessity of instilling into the created objects a pregnancy of meaning that may touch the observer and highlight the meaning conferred by the author. In the emphasis of the meaningfulness inherent in the artistic product - magic result of an accumulated experience and mark of the effort of contamination authors wish to infuse - a link is established with the commitment of many contemporary artists willing to intervene in the precise field of art, in the political dimension that rebels against injustice.

The study is centred on the sphere of intimacy of a painter, the author of thesis himself, so that the authorial sense, built in a cooperative involvement with other artists, art teachers and students, cultural authors and development promoters working with communities and populations in distant geographies (Mozambique, Cape Vert, Brazil and Portugal), can be presented more accurately.

This geography is due to the interest of creating and embracing lasting relationships with underprivileged communities from developing countries committed in improving their living conditions far from the dominant centres of global market of art.

The analysis of the process of the author's identity shaping, made through the account of his inter-relational experience - which clarifies his critical posture regarding the state of the art - provides a view (of western cultural matrix) of the world we live in, on the threshold of the 21st century, in a present that consolidates the history founded in the confines of collective memory; present that searches for new paradigms to overcome the exhaustion of the effort of modernism and colonialism and which

enable generalised democracy. This explanation of the author's posture regarding the world of art reveals, in an intimate way, the ideological architecture of his relationship with that field and the way he pursues a lucid and meaningful intervention.

The results of the research on four case studies are presented to give consistency, for their exemplarity, to the process of the author's authorial identity shaping. These cases, geographically situating the artistic interventions and the political involvement, highlight the importance of an attentive eye on the external field of art, in order to evaluate the possibilities of communicational relationship beyond the Western world as well as the two-way interferences that can be exerted on the public space and on daily life.

By birth and education the author declares that his cultural matrix is western and he is studying the importance of confrontation with other realities and its indispensability to improve the quality of participation in the processes of development.

ÍNDICE

017 **ANTES DA INTRODUÇÃO . PONTO DE PARTIDA**

021 uma tese sem ornatos

025 **INTRODUÇÃO**

031 **CENTRAR NA IDEOLOGIA**

033 neste mundo em que vivemos

036 globalidade

037 face ao estado da arte

040 a irreverência como modo de ser

041 na solidão do atelier

044 como docente

047 **DESENVOLVIMENTO . DESENVOLVIMENTO**

049 desenvolvimento . sobre o conceito

052 envolvimento

055 **TRABALHO DE CAMPO . ESTUDO DE CASOS**

057 Identidades

061 **EM MOÇAMBIQUE**

061 África

066 Moçambique

069 um pouco de história

074 os desafios actuais

079 Identidades em Maputo

081 a ENAV

082 de 1996 para cá

086 aprendizagens

101 **EM CABO VERDE**

103 Guiné e Cabo Verde

105	Cabo Verde Independente
108	Mindelo
110	O Atelier Mar
113	M_EIA, MINDELO_Escola Internacional de Arte
116	Identidades e o Atelier Mar
118	aprendizagens
133	NO BRASIL . CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS
134	descoberta do Brasil
135	imagem do Nordeste do Brasil
140	Conceição das Crioulas
145	IDENTIDADES no Sertão
149	aprendizagens
163	EM PORTUGAL . ALENTEJO
164	Mértola . um exemplo
166	O Campo Arqueológico de Mértola
170	um exemplo de desenvolvimento
172	um outro exemplo
175	aprendizagens
187	CENTRAR O ENTENDIMENTO
189	NA SOLIDÃO DO ATELIER
196	a ideologia do afecto
198	pintura
201	INTERVENÇÃO ARTÍSTICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS
207	ENVOLVIMENTO COLECTIVO E EM COMUNIDADES
209	envolvimento com as populações
211	ACTIVIDADE DOCENTE
211	aprender fazendo e fazer aprendendo
213	no externo
217	CONCLUSÃO
218	uma tese como um desenho
219	tudo no mesmo barco
223	LISTA DE REFERÊNCIAS
223	Bibliográficas
234	deslocamento
237	Webliográficas

ANEXO [DOCUMENTO SEPARADO]

ARTE/desENVOLVIMENTO

ANTES DA INTRODUÇÃO . PONTO DE PARTIDA

Como será possível regozijarmo-nos com o mundo, a não ser no caso de procurarmos refúgio nele?

KAFKA, Franz (2007) p. 5

Vou
Vou
quase até onde não sei
e paro
fim donde comecei.
CRAVEIRINHA, José Maria
(1998), Lisboa, Editorial Caminho,
p.136

Antes de tudo, devo confessar (e uso este termo no sentido preciso de quem ao longo desta tese se vai desnudar, usando o modo confessional próprio de quem pretende fundamentar na sua identidade as ideias que se vão apresentar, construída ao longo de uma vida de mais de meio século de presença em geografias variadas, de partilhas infindáveis e múltiplas cumplidades, de actividades focalizadas e desencontradas, de preocupações tendencialmente globalizantes, de leitura e observação, de reflexão solitária e confrontada, de emoções abertas e ansiedades contidas, ...) que nenhuma vaidade me veste a presença nesta etapa da minha vida académica.

Muito novo comecei a trabalhar e ainda estudante na ESBAP iniciei uma contínua presença como docente, no ensino preparatório, depois no ensino secundário e, mais tarde ainda, no ensino superior universitário. A tardia conclusão do curso de Artes Plásticas – Pintura, realizado por etapas, deveu-se, num primeiro intervalo de quatro anos, a uma interrupção forçada para cumprimento do ‘*serviço militar obrigatório*’; depois, a um outro interregno, por opção própria, face às ‘*necessidades da vida*’. O alongado e entrecortado tempo de estudante no ensino superior artístico não se isolou, integrou-se no todo, repleto de vida e de emoções, de actividade docente, de produção artística, de intervenção cultural, de participação cívica no exercício político de oposição ao regime conservador imposto então em Portugal.

Uma vez formado fui contratado, por concurso, como Assistente da FBAUP e, face ao estatuto que enquadra a vida dos professores universitários, que por força de opção da ESBAP se integrar na UP se tornou inevitável, logo depois de concluído o Curso de Mestrado em Arte

É preciso muita coragem para
assumir o medo.
Não é para gabar-me mas
tenho medo à farta.
Tenho até uma grande geleira
repleta
daquele medo definitivo em
cubos límpidos
que é o medo de perder o
medo algum dia.
21/1/77
DIAS, João Pedro Grabato
(1976/79). SAGAPRESS, Edições
Pouco (1992)

Multimédia da FBAUP, sem pestanejar me candidatei à obtenção do grau de doutor, através do modelo em vigor na instituição.

Devo também declarar que a tese que construí e que agora apresento, não resulta directamente de um impulso autónomo de investigação, mas corresponde ao modo de realizar o doutoramento e de, nessa condição, manter o exercício da missão docente na FBAUP, que me fascina, considerando os estudantes e as suas alegrias, as surpreendentes complexidades, a exigência auto-assumida, as frustrações e as angústias que sempre a acompanharam. Esta afirmação não contraria a importância dada à reflexão e à investigação no percurso autoral e no decurso da actividade docente, acentuada pela necessidade, sempre reconhecida, de tornar visíveis e entendíveis, para mim e para a comunidade, os dilemas que atravessam o confronto do meu trabalho produtivo (*na solidão do atelier*, nos processos colectivos e na exposição pública) com as ideias sobre a arte e sobre o mundo e, em simultâneo, com a actividade que desenvolvo como docente (directamente com os estudantes e em *comunidade*) e como cidadão.

No início de qualquer trabalho, de um modo que pode ser claro ou subreptício, agentes da acção e autores, veiculam os efeitos do antecedente, mergulhados no modo como a memória e o esquecimento tratam o relevante e o subliminar do dia-a-dia passado, ou revelados na personalidade e na identidade, construídas ao longo desse passado. É certo que este tempo invocado pode ser desprezado ou contrariado por uma postura assumida ou simulada, fruto de uma aposta na ruptura ou na fuga futurista, de venda de personalidade, ou por outra atitude conceptualista. Porém, no caso presente do autor desta tese o interesse está em tratar do estudo da procura de uma atitude de sinceridade autoral face à personalidade e identidade construída pelo produtor de cultura e de arte. Este centrar de interesse desenha um cenário de intimidade que se assume não como procura de glorificação pessoal mas como discreto e

O mundo verdadeiro não são estas luzes, estas cores, este espectáculo de carne que os meus olhos me proporcionam, são as ondas e os corpúsculos de que a ciência me fala e que descobre por detrás dos fantasmas sensíveis.

MERLEAU-PONTY, Maurice (2002): 22

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.

FREIRE, Paulo (1996): 35

O prazer que tem sido inculcado nos indivíduos que agem como consumidores modernos, vamos encontrá-lo na tensão entre nostalgia e fantasia, em que o presente é representado como se fosse já passado. Esta inculcação do prazer do efêmero é que disciplina o consumidor moderno.

APPADURAI, Arjun (1966): 117

Fazendo incidir a nossa atenção sobre a exterioridade, desviámo-nos do nosso verdadeiro objectivo: a compreensão e o domínio da própria vida.

HALL, Edward T. (1983): 18

... qualquer investigação sobre o sujeito, enquanto indivíduo, ter de dar lugar ao repertório que define em que condições – e sob que formas – o sujeito pode aparecer na ordem do discurso.

AGAMBEN, Giorgio (2005): 88

exemplificativo exercício de análise que, assim, busca na experiência vivida, na possibilidade de reflexão sobre o acontecido, uma boa parte da argumentação das ideias expostas. Afasta-se, assim, esta tese do modelo de investigação sobre objectos externos ou, mesmo, sobre o efeito da ‘realidade’ sobre o autor, que busca uma *interpretação* erudita distanciada. A preferência desloca-se para a defesa de um outro modelo que investiga a conflitualidade vivida pelos artistas no seu devir, tornando presentes, a partir do próprio autor desta tese, os seus valores éticos e ideológicos, o modo como entende o mundo e o ‘campo da arte’, a lembrança da sua experiência, a digestão de suas angústias e contentamentos.

Não se pretende o estudo de um espaço exterior, exógeno ao investigador, uma paragem na vida ou suspensão do percurso autoral para uma aprendizagem diferida, mas uma investigação integrante do endógeno e que em si seja, também, a defesa da legitimação do estudo da natureza do processo artístico, da conflitualidade própria da busca de autenticidade, da ininterrupta postura autoral, do sentido globalizante como a unidade do eu (autor) se edifica de modo interactivo com a sua produção.

Considera-se que tem de ser legitimado, no universo da investigação centrada na arte, o estudo do processo de edificação da identidade autoral e a conflitualidade entre essa personalidade e a produção da sua obra.

A tese que se apresenta dissecar a complexidade com que o autor entende o seu percurso autoral e revela a sua percepção do mundo e do mundo da arte, não enquanto procura de um discurso doutrinário, mas no ajuste de uma coerência entre o seu ser e a sua produção artística. O autor do estudo não interrompe a sua vida para observar uma exterioridade, mas investiga o seu passado sociabilizado e a sua intimidade, como contribuição para a compreensão da sua presença e como dádiva

para a legitimação académica de um modo próprio de produção de conhecimento intrínseco ao processo criativo.

Se tem sentido investigar um qualquer autor sobre a conflitualidade da sua personalidade com a sua produção ou sobre o processo criativo, reconheça-se que um autor pode realizar um percurso científico de investigação centrado na sua experiência, não enquanto glorificação pessoal nem como legitimação da sua produção artística e da sua narrativa, mas como exemplificação do campo de conflitualidade da procura de autenticidade na prática autoral, de como a investigação integra organicamente o percurso autoral e o ser.

Se se reconhece a necessidade de esclarecer o espaço da própria obra como objecto de investigação, entendam-se também as opções assumidas nesta tese como um modesto contributo para a clarificação da natureza específica do estudo realizado pelos artistas, eles próprios.

E é nesse sentido que o texto se personaliza, se apresenta muitas vezes na primeira pessoa, não camuflando a realidade do estudo com um pseudo-afastamento. Por isso se escolhe um estilo personalizado e reflexivo, que toma a forma de uma estrutura aberta onde apenas se mostra em paralelo um roteiro de referências, utilizável a partir dos interesses de mediação inteligente que cada leitor venha a estabelecer. São derivações livres para os autores citados, que aconselharam o estudo ao longo da vida e, em particular, nesta etapa de investigação. São antes evocados não como conforto pela autoridade que confere idoneidade às ideias presentes, mas apenas para darem consistência à experiência do vivido e ao estudo dos acontecimentos que lhes deram substância. Muitas das referências destacam-se de leituras precisas, almofadas na elaboração do presente trabalho e, assim, se apresentadas num modelo desligado dos mais acentuadamente académicos, são-no num modo mais simples e adequado ao sentido intimista e autónomo pretendido para este trabalho. Este modelo de escrita não esconde os autores que alicerçaram as ideias e ajudaram a construir a tese que se apresenta, inscritos numa bibliografia restrita às leituras contemporâneas da fase de 'escrita' da tese, considerados os mais presentes, embora não se pretenda esquecer as leituras mais longínquas e, necessariamente, intrínsecas à tessitura cultural que suporta o que aqui se sustenta em forma de texto.

A construção desta tese, como deverá ser reconhecido na sua leitura, remete obrigatoriamente para o percurso realizado pelo IDENTIDADES, movimento de intercâmbio artístico criado há mais de dez anos e que se

Vivemos num cenário e efectuamos percursos cuja exegese, cujo conhecimento erudito, nem sempre possuímos.

AUGÉ, Marc (2003): 98

Aquilo que conseguimos atingir através dos nossos méritos e do nosso esforço não pode, de facto, tornar-nos verdadeiramente felizes. Só a magia consegue fazê-lo.

AGAMBEN, Giorgio (2005): 25

... os outros nunca são tão outros que essa alteridade possa servir-lhes de essência, nunca tão outros que não me seja possível pretender ouvi-los e compreendê-los, correndo evidentemente o risco de erro que corre qualquer outro empreendimento humano.

AUGÉ, Marc (2003): 97

constituiu como um verdadeiro laboratório de interculturalidade, onde toda a prática se quer reflectida e interiorizada.

O IDENTIDADES fornece matéria para o estudo de casos que se apresenta, possibilitando a análise, em contextos sociabilizados, da gestão das conflitualidades próprias das intervenções artísticas promovidas em processos de envolvimento pessoais e de espaços interculturais. Nesse sentido, o movimento IDENTIDADES constitui-se num terreno fértil de experiências e aprendizagens para a tese que se apresenta.

UMA TESE SEM ORNATOS

... que se compreende no meio das coisas, que tem um verso e um reverso, um passado e um futuro...

Este primeiro paradoxo não cessará de produzir outros.

Visível e móvel, o meu corpo pertence ao número das coisas, é uma delas, está preso na textura do mundo, e a sua coesão é a de uma coisa.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1960): 21

Entramos – pelo menos, a pintura entra – na era do imaterial. Privada da sua matéria própria (desenho, formas, cores, tramas), a pintura é purificada: sua essência se mostra só, assim como a nudez a transforma nela mesma.

CAUQUELIN, Anne (2006): 77

Na dimensão específica da pintura, campo particular onde inscrevo esta tese e onde cresceu a minha personalidade, e considerando-a como um espaço de fronteiras desmaterializadas pela transformação contemporânea do conceito de arte e pelos novos campos de narrativa e de tecnologia que a pintura conquistou, o objecto artístico emerge como o argumento que lhe confere existência. A utilização do conceito de *objecto artístico* não se deve entender aqui como restrita ao significado de *objecto*, uma vez que a desmaterialização do produto artístico foi conquistada e legitimada. No caso que se apresenta como cenário desta tese, o percurso de autor clarifica, na mesma acepção, o rendimento da sua actividade de pintor, que se analisa como realizado na ‘solidão do atelier’ e em situações de ‘trabalho colectivo’. Afirma-se, nessa conformidade, que é no ‘objecto’ que se materializa a arte.

Apresenta-se, embora, nesta tese, o estudo da actividade introspectiva de um pintor (o próprio autor da tese), que intencionalmente não tentou nunca estabelecer um acervo, um volume coerente de ‘obra’, que o enquadrasse no ‘mercado da arte’. Sem amaldiçoar as ‘galerias de arte’, aliás onde sempre expôs, nunca aceitou, nem pretendeu integrar a ‘carteira de autores’ de nenhuma delas, por não se sentir cómodo perante o estado do ‘mundo da arte’, resultante dum confortável, ainda que irrequieto, enquadramento no ‘mercado capitalista’. Isolado na ‘solidão do

atelier' materializou em 'objectos' a sua 'arte' e, de modo complementar e interligado, concentrou a actividade, utilizando os saberes desenvolvidos na pintura e os conhecimentos adquiridos no estudo do que lhe é âmagô e tangente, no exercício docente e no envolvimento criativo e colectivo com diversas e distintas comunidades.

O percurso autoral que se investiga não permite separar os diferentes componentes da vida, já que nenhuma das partes pode ser entendida de *per si*, preferindo-se assim um discurso de globalidade..

Como se entenderá pela leitura desta tese, ganha importância preponderante no estudo que se apresenta o processo de realização de '*produtos artísticos invisíveis*', pesquisa de espaço e de narrativas partilhadas que nunca se materializam em objectos, nem tão-pouco em produtos classificáveis de artísticos. O conceito de 'arte invisível' aqui evocado é devido ao amigo pessoal do autor deste texto, Leão Lopes, que nas montanhas inóspitas da Ilha de Santo Antão, declara amíúde que o seu trabalho junto da população pobre de Lajedos para encontrar os modos de se vencerem as dificuldades globais e melhorar as vidas, parte da sua utopia artística, duma pesquisa de designer, e que resulta numa '*arte invisível*'.

Esta tese, no sentido anteriormente delineado, não se constrói em volta (e/ou sobre) de um objecto de arte ou de uma colecção de objectos que lhe confirmam o centro, mas desvia-se para uma outra instância, aparentemente exterior, abre-se para a globalidade e fecha-se para a intimidade, move-se para a arte do envolvimento do autor com o mundo, a partir do modo como ele próprio constrói a sua postura ideológica, de como gere as suas contradições e com elas se concentra na actividade criativa.

Deriva, assim, para a investigação sobre a consumação da autonomia no processo criativo.

Poderia mesmo afirmar que, no caso da personalidade do autor da tese, não se concebe a possibilidade de separação entre os propósitos éticos e o sentido ideológico que sustentam as práticas autorais, a participação cívica e a produção artística. Nesse sentido a tese refere-se a um todo, uno, sublinhando e esclarecendo o modo como o conhecimento produzido pela investigação e o efeito que a vida exerce sobre a personalidade correspondem e interferem nos propósitos artísticos e derivam na evolução das respostas autorais produzidas, mesmo que na *solidão do atelier*. E, no sentido em que se debruça sobre a conflitualidade da identidade do autor com a sua produção, afirma-se a importância universal de se valorizar o intimismo e a génese do processo criativo e de a tornar presente e respeitada no espectro da investigação do campo da arte.

... a noção de engajamento mede o grau em que uma pessoa está afectada – interessada, emocionada, tocada – pelo mundo exterior, quer este mundo se manifeste sob a forma de um ser vivo (humano ou animal), de um objecto (uma obra e arte), de um fenómeno social (uma passeata) ou natural (uma tempestade).

HEINICH, Nathalie (1997): 41

O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o carácter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo.

BAUMAN, Zygmunt (1998): 67

O nome de autor não está situada no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas sim na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular.

FOUCAULT, Michel (1969): 46

(...) nenhuma produção de conhecimento nas ciências humanas pode ignorar ou alienar o envolvimento do seu autor como sujeito humano imerso nas circunstâncias, (...)

SAID, Edward (1997): 13

... um sistema temporal é totalmente dependente, não apenas do modo como a cultura se desenvolve, mas também do modo como os membros dessa cultura percebem o meio que os rodeia.

HALL, Edward T. (1983): 13

En nuestro mundo, *el hecho de no hacer no está vacío, tiene ya un significado*: significa decir “sí” a las relaciones existentes de dominación.

ZIZEK, Slavoj (2002): 38

No caso presente, pelas opções assumidas, a eleição da cumplicidade e da permanente interligação entre *arte* e *(des)envolvimento*, remete para a investigação das responsabilidades, dos processos e do sentido de quem escolhe fundir a actividade artística com o exercício da cidadania e mergulhar na criatividade a sua vida e, assim, decide remeter a sua actividade artística para *envolvimentos* públicos.

Não se pretende fazer doutrina nem encontrar uma qualquer postura exemplar, mas tornar presentes os dilemas que o mundo contemporâneo inspira, assumidos numa visão globalizante. Um esforço para averiguar o fundamento de uma postura artística emanada com a identidade do cidadão/autor e coerente com o seu modo de ver e se situar no mundo. Pretende-se, também, inscrever este lado da complexidade do processo criativo, situado a partir do autor, como questão a investigar. Nesse sentido, escolhe-se um plano plural, de globalidade, não fechado no carácter disciplinar do fazer artístico, mas num espaço alargado onde a atenção para disciplinas por vezes consideradas estranhas é parte integrante e uma da reflexão que se realiza.

Assume-se com naturalidade um posicionamento estranho ao tempo, encarado como não balizado ainda que datado no presente, que busca, no distanciamento perante o mercado e as instituições que fornecem os discursos dominantes, o seu próprio sentido, que não se deixa isolar na sua irrequieta participação numa sociedade que não idolatra.

Pretende-se, nesse sentido, construir uma visão de globalidade que entenda, no sentido ideológico, o conjunto de experiências vividas pelo próprio autor da tese e por um *movimento* (IDENTIDADES) de artistas, docentes e estudantes de arte que durante dez anos se deslocaram a diversas comunidades, estabelecendo aí autênticos laboratórios de trabalho e de investigação.

Não se estranhe, assim, a extensão de alguns estudos sobre os contextos políticos e sociais das comunidades e dos territórios que sediaram a presença deste movimento, porque são eles que conferem a particularidade a cada trabalho realizado e determinam os perigos, limitações e perspectivas de cada intervenção. A necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre os territórios onde se centraram os *estudo de casos* apresentados corresponde à presença regular de estudo e debate entre os membros do IDENTIDADES, método encontrado para ser possível a partilha das decisões tomadas ao longo dos anos.

A leitura do *índice* e deste *ponto de partida* poderiam iludir sobre a postura do autor desta tese, que no entanto afirma sem hesitação que a

assume enquanto artista plástico, como pintor e nunca como historiador, filósofo ou situado noutra qualquer lado do saber especializado, nem reivindica nenhum pensamento de antropólogo ou de sociólogo. Trata-se apenas de encarar na globalidade o modo como o pintor se reconhece, como entende o mundo e o mundo da arte em particular, para a partir daí investigar e clarificar o modo como opera na *solidão do seu atelier*, ou em processos colectivos de intervenção pública, em síntese, como disputa o exercício da autonomia.

Só somos “piratas” daqueles de quem gostamos, e não daqueles que não gostamos, claro. Os “piratas” normalmente pirateiam os inimigos, nós “pirateamos” os amigos. E só não “pirateamos” mais porque não temos tempo. No fundo, é uma “pirataria” com consentimento.

DIONÍSIO, Eduarda (2001): 2

INTRODUÇÃO

(...) a arte é um segredo!

LANHAS, Fernando. Intervenção proferida na sessão de abertura do ano escolar da FBAUP, 22 de Setembro de 2008.

A pessoa singular não é um início, e as suas relações com outras pessoas não têm um início.

ELIAS, Norbert (1987): 52

A introdução da tese aparece no seu corpo com um *ponto de partida* que lhe marca o sentido e, deliberadamente, anuncia o que apenas nela se esperaríamos fosse dado. Essa escolha deriva do interesse do autor num esclarecimento aberto das ideias defendidas, procurado no acentuar do modelo confessional e na escolha de um estilo intimista — assim e desde logo anunciado — que preside à sua tese, aparecendo esta integrada no percurso de vida artística/cívica rejeitando qualquer paragem no tempo ou espaço de suspensão para um olhar para o que lhe é externo; uma tese assumida como um esforço de reflexão sobre o percurso feito e sobre o presente, que anuncia novas encruzilhadas perante as quais se devem discernir os caminhos de continuidade; um trabalho de investigação brotado de dentro do autor, das suas acareações críticas com o campo da arte e com o mundo, para a sua própria confrontação com *o segredo*, com as respostas pictóricas, artísticas, pedagógicas e cívicas que vai construindo.

(...) a liberdade dos artistas para fazer o que querem, e não necessariamente o que querem os demais, era uma noção tão crucial para a vanguarda como para a própria modernidade.

HOBBSAWM, Eric (1998): 13

Situando o estudo na pintura, área da investigação onde a tese se inscreve, não se pretende seguir nem adular a tradição metodológica das grandes publicações académicas fundada na quase plenipresença de trabalhos inscritos em áreas do conhecimento distantes e diferenciadas do espaço interno da arte. Nem se pretende alojar numa disciplina das ciências da arte o estudo vertente, por se entender ser a natureza da conflitualidade do autor com a sua produção mais visível se discutida a partir do testemunho directo da gestão de tais dilemas. No presente caso, diversamente, entende-se mais adequado associar a apresentação dos

resultados do estudo à investigação que emana da personalidade de um autor, centrada na sua narrativa e no esboço do seu porvir, no seu próprio corpo, na complexidade das suas pulsões (na maioria dos casos não racionalizados nem entendíveis) que promovem a realização da arte. Assim, considera-se necessário tonar legível o conjunto de ideias que argumentam, neste caso, a angústia de um autor que mesmo assim se afirma optimista: inconformado com o aprisionamento institucional do processo criativo neste tempo actual onde a arte se isola num campo integrado e inócuo; descrente da bondade do rumo da humanidade e farto das atrocidades sociais e culturais cometidas impunemente. Atormentado, ainda que sem se sentir cansado, procura incessantemente o seu lugar. Não se procura o insólito nem se acalenta qualquer laivo de vaidade pessoal, apenas a exposição pública da natureza da conflitualidade num artista plástico, pintor, entre a sua postura crítica perante o mundo e a arte, por um lado, e o seu trabalho.

Chama-se assim para o centro da investigação a conflitualidade existente num pintor, objectivada na reflexão em volta do percurso artístico do próprio autor da tese, interveniente na rede que constitui a sua complexidade humana e social, entre a construção da sua identidade, o edifício móvel do seu conhecimento e o relacionamento com o seu corpo, os seus desejos, medos e utopias.

Entende-se, nesse sentido, que o objecto de investigação se mova numa paisagem ampla, onde diversos pormenores se podem observar isoladamente, mas que nunca perdem a sua pertença, necessária ao todo. E não se esquece que a observação, mesmo que atenta, nunca é absoluta, que há sempre possibilidades de olhar a que escapam deliciosos aromas que o ver não abarca e interioridades que a imagem apenas pressagia. Nessa paisagem ampla de uma vida repleta de acontecimentos, escolhe-se como objecto de estudo, exemplar, a activa participação do artista e investigador num movimento intercultural, que entre 1996 e 2007 (data em que se encerra o estudo, que não o movimento), construiu numa geografia, com base em Portugal, alargada para Moçambique, Cabo Verde e Brasil, um alargado relacionamento artístico e profundas e extensas complicitades sociais. Na esfera do relacionamento humano, criado em volta da partilha de intervenções artísticas, de reflexões em volta da cultura, do partilhar de vidas, medos e utopias, tornam-se decifráveis os limites da solidão do artista e as energias germinadas pela participação nos problemas, nas alegrias, nas ansiedades, nas lutas travadas por uma vida melhor e por um mundo melhor.

Com efeito, *cosa mentale* é um termo tão vago que podemos encaixar nele, um por vez ou até mesmo simultaneamente, o espírito, a alma, o sentimento, a memória ou a inteligência. Só quando esclarecermos e definimos o termo *mentale* como aquilo que deriva, na compreensão das coisas, dos seus aspectos proposicionais é que a arte conceitual se dá a conhecer como tal.

CAUQUELIN, Anne (2006): 108/9

No. No es el arte el que ha perdido esa relación, sino la humanidad en conjunto. Y no la relación con la vida, sino con la vida.

KANDINSKY, Vasili (1963): 187

Mas quase cinquenta anos de experiência de culturas de complexidades extremamente diversas convenceram-me de que o Ocidente cometeu um grande erro ao recusar considerar os conhecimentos e capacidades muito particulares desenvolvidos noutras culturas, apenas porque elas não são conformes aos nossos modelos científicos. temos muito a aprender do estudo das outras culturas.

HALL, Edward T. (1983): 105

Considerando essa prática construída como caso de estudo, usando as intervenções artísticas realizadas e o vivido como matéria objectiva de onde se retiram e incorporam no ser social energias e entendimento, alarga-se a investigação sobre ela realizada, estruturada a partir da configuração das diferenciadas realidades culturais onde se alojaram os eventos, das entidades intervenientes, ao miolo dos acontecimentos, do seu sentido e das finalidades procuradas.

O isolamento de cada um dos casos de estudo apresentados, escolha de método que contradiz o cruzamento acontecido, permite uma leitura mais aprofundada de cada caso, não prejudicando o valor intercultural, reforçado constantemente no conteúdo do trabalho que se apresenta. A finalização de cada caso de estudo com um ponto denominado de *aprendizagens* destaca, da fluência de informação que a experiência emite, as que foram captadas e incorporadas pelo investigador e, gradualmente ao longo dos tempos, transpostas para a sua actividade de pintor.

Decorre do estudo apresentado o esclarecimento que as práticas artísticas que se foram instalando, ao longo dos anos e na ampla geografia percorrida, promovidas como laboratório experimental de processos de comunicação entre os intervenientes (artistas, estudantes de arte, promotores de programas de desenvolvimento local e as populações), vale-ram enquanto acção e não pelos objectos produzidos. Este discernimento remete para a consciência, construída de modo progressivo, de que no relacionamento intercultural se evidenciam e se enfrentam os grandes dilemas da arte contemporânea, se entendidos não no isolamento do seus próprios medos, sofismas e convenções, mas confrontados para fora de si, com as pessoas e as populações. E, no mesmo sentido, o globo terrestre entende-se melhor como um todo se atendermos à diversidade nele contida e, nessa dimensão, se se questionarem os dilemas actuais e as forças que nele tecem os presentes sucessivos que se constroem.

A partilha dessa experiência grávida de acontecimentos alimenta a postura do autor perante os seus próprios dilemas, remetido para a superação solitária da sua impotência perante o efeito inócuo da arte para fora do seu campo, inseguro nas decisões que assume durante a prática criativa. Esta constatação, aparentemente esquizofrénica, apenas ilustra o pulsar construtivo que a inquietação gera e que alimenta uma procura incessante de decisões artísticas que se sabe serem sempre insatisfatórias, incompletas e transitórias, ainda que muitas vezes sublimes e inesquecíveis.

(...) que nesta acção, se lançaram as sementes em solos férteis e cujos frutos se têm vindo a revelar, nomeadamente no enriquecimento cultural e humano de todos os participantes e espectadores; nos laços de amizade e solidariedade criados e no desenvolvimento de um processo de continuidade que se tem vindo a dar neste projecto através de acções levadas a cabo até agora (...)

VILAVERDE, Maria Jorge (1998). relatório de actividade . IDENTIDADE

(...) está ao alcance de todos especular com a utopia.

APPADURAI, Arjun (1966): 93

A escrita, como se argumenta no anterior capítulo, organiza-se em volta do entendimento construído pelo seu autor no percurso de sua vida pessoal, de presença autoral, de observação atenta do circundante, do longínquo e da sua própria intimidade, de investigação alargada e centrada no trabalho intercultural realizado, no envolvimento colectivo com estudantes, artistas e comunidades. A dimensão íntima e pessoal do texto dispensa o apoio legitimador de saberes outros, que, ainda que constituam o tecido teórico e o conforto para a construção do seu conhecimento, tornariam menos claro e assumido o discurso proferido. Escolheu-se, assim, a não utilização de referências directas de outros autores para confortar e dar autoridade ao afirmado, remetendo-se para uma leitura paralela e autonomizada algumas citações que desenham as leituras efectuadas, presentes na bibliografia apresentada, que apenas enumera as leituras realizadas no período concreto de produção escrita da tese e não o conjunto de livros que, ao longo de mais de meio século de vida, acompanharam o autor e lhe moldaram o ser.

A leitura do índice apresenta, logo após esta *introdução*, um capítulo denominado de *centrar na ideologia*. Com ele se pretende facilitar o esforço de interpretação do conjunto de ideias construídas pelo autor ao longo do seu percurso, marcado pela sua leitura do mundo e, em particular, pela postura crítica relativamente ao estado da arte, tornando inteligível a plenipresença da atitude política daí emergente na prática artística e social, na dimensão da conflitualidade permanente com o corpo e com os dilemas da construção de realidade. Este capítulo não assume nenhuma intenção doutrinária nem panfletária, apenas confere autenticidade à investigação realizada e acrescenta corpo e claridade às questões narradas e que se constituem como o objecto central de análise. Apresentam-se, nesse capítulo, um conjunto de análises que visam a interpretação de *globalidade n' este mundo em que vivemos*, e especificamente *face ao estado da arte*. Essas considerações são apresentadas não como geradoras de conformismo mas como fomento da *irreverência como modo de ser*, vivida quer na alegria do exercício colectivo e no envolvimento em processos de intervenção comunitária e de proximidade a populações mobilizadas em luta pelos seus interesses, quer na participação cívica na vida democrática, quer *na solidão do atelier* onde o empenho em realizar em obra a irreverência não evita uma permanente insatisfação. O facto de durante quase toda a vida a *actividade docente* no espaço preciso do ensino artístico ter ocupado, por opção, uma extensão valiosa e o respeito e mobilização dos estudantes ser uma constante,

(...) sublime, na sua maneira particular, é de facto o sentir revolucionário (...)

PERNIOLA, Mario (1991): 78

Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor do seu destino por si mesmo. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente.

BAUMAN, Zygmunt (2001): 133

leva-nos a entender por bem apresentar uma leitura transversal sobre a sua importância e a forma como se entende o seu sentido.

Acresce ainda um pequeno capítulo sobre o conceito de *desenvolvimento*, assunto cruzado com os casos estudados, em particular para evidenciar o sentido que o título desta tese apresenta ao cruzar a arte e o *envolvimento*.

Em sentido simétrico, depois de apresentado o *estudo de casos*, organiza-se num novo capítulo, denominado de *centrar no entendimento*, um conjunto de conclusões resultantes da confluência entre a investigação realizada, o ímpeto de influências transversais gravadas pelo acontecido e o *corpo organizado de ideias* anteriormente apresentado. De algum modo antecipam-se as conclusões na procura de uma forma mais sistematizada de ler o entendimento construído no estudo que digeriu uma intensa e prolongada experiência de actividade artística, solidária e social, onde mergulharam os dilemas criativos de um pintor desconfortável e indeciso no modo de efectivar o seu sentido de cidadania. Neste capítulo, que antecede as conclusões e que, de algum modo, lhes rouba o conteúdo, examina-se o conceito de *arte em espaços públicos*, presença permanente nas discussões promovidas pelo IDENTIDADES e prática constante nas muitas actividades de *envolvimento colectivo* e nas *comunidades*, que foram realizadas. Reconhece-se, neste capítulo, ser no terreno da comunicação entre os artistas e as populações, arredias dos espaços da arte, que se desenha a utilidade social dos artistas, cada vez mais afastada das soluções encontradas *na solidão do atelier*. A *actividade docente*, para além do valor que em si comporta, se entendida como espaço que torna evidentes os grandes dilemas de confrontação do homem com o seu tempo, corresponde a um desempenho artístico indissociável de todo o trabalho de autor.

As conclusões oferecem as incertezas permanentes de quem reconhece a incompletude do discernimento e do conhecimento e se tranquiliza com o reconhecimento do domínio da contingência da prática artística. As conclusões finais apresentam um quadro de optimismo, mobilizador da investigação, da intervenção artística e da prática pictórica, alimentado pelo reconhecimento do envolvimento nos desígnios do homem de busca da eternidade.

De um ponto de vista teórico, digamos que ao nível dos princípios, o conceito de desenvolvimento está associado às ideias de progresso e felicidade, portanto, também à de justiça. O processo de desenvolvimento implica necessariamente a realização da justiça na caminhada da humanidade.

AMARO, Rogério Roque (1990): 448

CENTRAR NA IDEOLOGIA

Só um grito não chega. Não chega hostilizar o silêncio. Não podemos proceder como meninos no escurocurando os medos com o canto, calando o medo.

Há quem espere melhor de nós. Há quem atente no que fica entre o nosso agir e o decidido para pautar o passo e a decisão. Há quem decida a nossa decisão por nós sem consultar-nos.

20/11/78

DIAS, João Pedro Grabato (1976/79). SAGAPRESS, Edições Pouco (1992)

Já não minto. Já não compo-
nho o perfil. Estou aqui diante
de vós, nu e desfigurado.
Porque a nudez desfigura
sempre.

ANTUNES; António Lobo (2007). *in*
Entrevista a Sara Belo Luís, *Visão*,
Setembro de 2007,
[http://aeiou.visao.pt/default.asp?Cp
ContentId=334479](http://aeiou.visao.pt/default.asp?CpContentId=334479)

Na realidade, porém, somos
sempre sujeitos múltiplos e
contraditórios, habitantes de
uma diversidade de comuni-
dades (na verdade, tantas
quantas as relações sociais
em que participamos e as
posições de sujeito que elas
definem), construídos por
uma variedade de discursos
de precária e temporaria-
mente cerzidos na intersec-
ção desses posições de
sujeito.

MOUFFE, Chantal (1993): 36

Este capítulo pretende apresentar o sistema, que se entende como coe-
rente, das ideias assumidas pelo autor desta tese, que sustentam a sua
actividade de pintor/cidadão e marcam de forma declarada o presente
estudo. Essa clarificação remete para um discurso na primeira pessoa,
modelo com o qual se procura tornar mais nítida a leitura que se faz
sobre o autor. Entende-se dever tornar visível este sistema de ideias,
como modo de clarear o suporte dos conceitos mais adiante defendidos,
que, se por um lado se revelam no âmbito das práticas sociais e da acti-
vidade autoral analisadas, por outro se fundam na escolha de uma per-
tença social e em cumplicidade com a efectivação das suas aspirações.
Partindo da procura de uma narrativa que exponha o que o autor assume
no exercício de sua cidadania, avocada enquanto pintor, pretende-se tor-
nar perceptível o estudo com essa confrontação, revelando, à partida, as
ideias que poderiam permanecer mais ocultas e que, de facto, vinculam
o realizado, definem a identidade e condicionam a sua interpretação. É
nesse sentido que se nomeia este ponto da tese de *centrar na ideologia*,
sem pretender afastar a centralidade do estudo de casos para outros
domínios e não preenchendo o lugar conclusivo, que se situa no *centrar
no entendimento e na conclusão*.

A evocação da ideologia nesta fase primeira do trabalho e antecedendo o seu miolo, não pretende senão revelar o campo de tensão em que se processa a busca de autenticidade e de autonomia criativa, que a declarada atitude de engajamento com a procura de um devir da humanidade, ancorada no próprio protagonismo, implica necessariamente como elemento mais relevante de toda esta tese. Como anteriormente foi referido, reconhece-se a necessidade de trazer para o plano da legitimidade a investigação do campo de tensão, inevitável, na actividade de um pintor (a área artística presente) que procura uma postura coerente com a sua intimidade e a sua ideologia e procura manter-se como produtor no espaço da autonomia. Essa legitimação só pode ser argumentada na afirmação que a investigação se centra não no dissecar de um qualquer corpo externo, mas, claramente, na exposição intimista dos termos da conflitualidade evidenciada por um percurso autoral que, no caso presente, nos parece só poder ser entendido nessa globalizante.

A incerteza do sujeito, protagonista discreto da procura da sua lucidez, face ao auto-retrato de sua identidade, não mais mostra que a angústia suscitada pela procura de um espaço adequado à percepção cultural do mundo contemporâneo e ao modo próprio de sociabilização do seu conhecimento.

A certeza da importância deste capítulo na tese não contraria a noção da grande confusão mental que a convocatória da ideologia, da racionalidade e da vontade para o acto artístico provoca na inevitável mistura com a emoção, o estímulo imperceptível e o inexprimível. No ser inteiro e global do artista, no seu cérebro e no seu corpo, sede de todos os confrontos com os materiais e as tecnologias, misturam-se num todo as memórias, os estímulos, não permitindo um controlo absoluto das decisões, influenciadas que são por factores não-conhecidos.

Na relatividade da importância da ideologia convoca-se a sua presença para tornar evidente o campo consciente do autor, o modo como ele se insere no todo social que partilha, forjando as emoções nos seus espaços de pertença, tecendo as suas alegrias e angústias no quadro das cumplicidades sociais que enlaça. É neste caldo complexo e conflituoso que se tecem as decisões criativas, forjam os improvisos e o diálogo com os acasos, e, também, onde se definem as decisões e se ajustam as utopias com as realidades pictóricas que se instauram. É nesse quadro contraditório, que se requisita a presença da ideologia, esclarecendo o campo concreto onde o autor alicerça as suas opções criativas e cívicas.

Sim, a constituição dos modos de existência ou dos estilos de vida não é apenas estética, é aquilo a que Foucault chama a ética, por oposição à moral.

DELEUZE, Gilles (1972-1990): 139

Quantas pessoas que coxeiam se julgam mais perto de voar do que aquelas que caminham.

KAFKA, Franz (2007): 26

Para mim a questão ética, da ética da arte, é absolutamente determinante, na medida em que se relaciona com um conceito que me é fundamental, que é o conceito de autonomia.

SEABRA, Augusto M. (2005). "Os mecanismos de gatekeeping e de legitimação são preocupantemente limitativos", entrevista de Raquel Feliciano e Raquel Dionísio, in *MArte* n. 2, 2006. p.111

NESTE MUNDO EM QUE VIVEMOS

No mundo actual, a distância entre os mais ricos e os mais pobres cresce de dia para dia. Quer dizer que os homens são de dia para dia mais desiguais perante a doença, a pobreza e a morte, e sem dúvida também perante a solidão, porque os mais pobres entre os pobres são tentados a procurar a solução na fuga, no desenraizamento, na partida muitas vezes solitária que os precipita a caminho das luzes ardentes e assassinas dos mundos desenvolvidos.

AUGÉ, Marc (2003): 7/8

(...) se a alimentação disponível a nível mundial fosse correctamente repartida, não existiria fome: cada indivíduo dispõe, teoricamente, de mais de 2 700 calorias por dia para se alimentar, ou seja, bastante mais do que as suas necessidades fisiológicas (...)

BRUNEL, Sylvie (1997): pg 25

O facto de as notícias sobre a guerra serem hoje difundidas por todo o mundo não significa que a capacidade para pensar sobre a angústia de pessoas distantes seja significativamente maior.

SONTAG, Susan (2003): p. 119

Como mudar um mundo onde os quinhentos indivíduos mais ricos têm tanto rendimento quanto o dos 40 países mais pobres ou o de 416 milhões de pessoas e onde o colapso ecológico é uma possibilidade cada vez menos remota?

SANTOS, Boaventura Sousa. O Estado do Mundo Segundo Três Interrogações, in Inquérito Jornal de Letras, 30 de Maio de 2007

A procura da infinitude, onde a paz perpétua e uma sociedade de igualdades permitem a comunicação plena, mergulha na representação mundializada de uma violência que estabelece distâncias crescentes entre os afortunados e os pobres, força retraimentos identitários e isola os resíduos humanos para espaços tornados inexistentes.

No silêncio deste momento que se pretende afastado dos seus próprios antecedentes, não me sinto confortável e, se suporto a angústia face à injustiça social reinante, é na busca de uma visão lúcida que medeie a integração no social e através da procura da identificação das dissimulações, da hipocrisia, dos simulacros e das falsidades que campeiam.

A imagem que é difundida, permanentemente, nos ecrãs, na imprensa escrita, nas conversas soltas, no convívio social, nivela como representação sobreposta e simultânea o que se experimenta no mundo. Esse estado dormente da representação não evita o efeito do acontecido: será anulado o sofrimento dos familiares e amigos das vítimas pelo facto da sua morte ser filmada em directo e transmitida internacionalmente?; serão menores nas pessoas, cada uma com um nome próprio, as dores de fome, quando fotografadas pelos grandes autores das agências internacionais, em grandes planos onde apenas se vêem multidões?; alterar-se-á a angústia de recém-licenciado lendo nos jornais sobre a subida ou descida de 0,21 % nos índices estatísticos do desemprego?; tranquilizar-se-ão as mentes desesperadas perante analistas famosos que consideram que 'a democracia liberal venceu', ou 'que chegámos ao fim da história', que 'nada há a fazer'?

O transporte e o nivelamento da realidade, das situações e dos acontecimentos na representação não correspondem ao acontecido, assumem apenas uma forma suprema de alienação. E a angústia alimentada pela

falta de sentido do tempo, ainda que forjada na solidão, transfere para a consciência dilacerada uma latente carga de instabilidade. Naturalmente é conveniente para a sociedade global, liberal e de mercado, que se transforme a experiência efectiva em representação e em consumo, anulando com a presença de uma ideologia submersa em hipocrisia a percepção das condições de exploração material e cultural das vidas humanas.

A imagem que é difundida esquece mas não apaga demasiadas verdades que transformam os anúncios de sucesso unipolar do liberalismo global em agonias e impotências mas em simultâneo em redobradas utopias, resistência e conhecimento. As cíclicas crises (do capital de risco, do petróleo, dos alimentos, ...) apresentadas como ajustamentos do sistema não permitem esconder as fragilidades estruturais da economia capitalista e a sua vocação para a ampliação do fosso entre o grupo restrito dos ricos e o imenso mundo dos pobres.

A ideologia reinante — e será interessante não perder de vista o conceito antigo de ideologia dominante (como sendo o conjunto de ideias que dá sentido político aos comportamentos que visam ampliar e manter o poder das classes e dos seus representantes) — oculta-se debaixo da proclamação do fim das ideologias e anuncia o advento da democracia liberal e a globalização do mercado capitalista, desejando o fim da história, por conquistada a forma final da humanidade, e, nesse optimismo confortável, tornado irreal o sofrimento da maioria da população da Terra, em si esgotada e em estado permanente de catástrofe mundial. E há, nos quatro cantos do mundo, no reinado supremo do capitalismo imperialista dos Estados Unidos da América, na desorientada Europa, no novo Japão, na controversa China, nos pequenos países recém-criados, por todo o lado, quem não se console com o padrão de conforto e a crédula expectativa individual no sucesso ansiado de ascensão social, e manifeste e proclame a necessidade de se abrirem novos caminhos. De pensadores inquietos a artistas inconformados, a democratas radicais, diversas são as vozes, os textos, os eventos que configuram o trabalho, a análise, a procura do devir, a oposição ao erro, a revolta e a indignação contra a injustiça global, ..., a alternativa em construção.

A luta política não deixou de existir nos países ricos e nos países pobres, uns em busca de melhores regalias ou em defesa de direitos democráticos e sindicais conquistados, outros em recusa do tratamento de marginalização e de exclusão. O mundo em que vivemos não é saudável, mas, ainda que dormente e sem discernir a encruzilhada onde terá de decidir sobre o caminho a escolher, não está acomodado a um sistema que se

Por el momento, podemos utilizar la palabra “utópico” para designar todos aquellos programas y representaciones que expresen, con independencia de que lo hagan de manera distorsionada o inconsciente, las exigencias de una vida colectiva futura por llegar y reconozcan en la colectividad social el centro crucial de toda respuesta verdaderamente progresista e innovadora a la globalización.

JAMESON, Frederic. Globalización y estrategia política, in *New left review*, Madrid, n. 5, Nov/Dec, 2000, p. 22

A ideologia dominante, ao assegurar aqui a inserção prática dos seres humanos na estrutura social, visa a manutenção (a coesão) dessa estrutura, o que significa, antes de mais, a exploração e a dominação de classe.

HADJINICOLAOU, Nicos (1973). *Histoire de l'art et lutte des classes*, História da Arte e dos Movimentos Sociais, Lisboa, Edições 70, tradução de António José Massano. p. 24

Vivemos uma constelação cultural em que o próprio termo “cultura” se vê apanhado nas redes de um uso inflacionado, e em que a disseminação de núcleos de contracultura, de sinais muito diferentes, enfraquece o sentido desta categoria (tudo é, ou pode ser, cultura, e tudo quer ser contracultura).

BARRENTO, João (2001): p. 49

proclama adequado e último, mas que sabemos ser transitório e injusto. Porque, se a desilusão da ingénua e sincera militância pós-68 perante o fracasso do que esperava ser a luta pelo socialismo confundiu a esquerda radical, e o reconhecimento do engano das políticas seguidas pelos Partidos Comunistas triunfantes abriram todo o horizonte para o sistema liberal vigente, não se enterrou o altruísmo social e o discernimento capaz de gerarem novos tempos.

Vivemos num tempo atónito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca vírmos a ser.

SANTOS, Boaventura Sousa (1987). Um Discurso sobre as Ciências, Porto, Edições Afrontamento. p. 5

Sabemos que nascemos e sabemos que morremos e temos medo. Sabemos que morremos, mas deixamos para trás que tenhamos nascido, é isso que Benjamin não quer deixar para trás, reconhecer que nascemos. Esse reconhecimento é a condição de toda a tarefa de pensar, que se compromete nos gestos do caçador, do tradutor, daquele que acaba de despertar.

MOLDER, Mara Filomena (1999): p. 136

O que se observa, considerando que não vivemos num momento singular, é uma epidemia sofisticada pelo rejuvenescimento do capitalismo globalizador, que planta paisagens desoladoras nos territórios que vai saqueando e transforma em resíduos humanos a mão de obra que vai utilizando, agora que se libertou das responsabilidades de colonizador e deslocaliza os seus investimentos, sem amarras de pertença nacional, sem necessitar de argumentos ou dar a cara.

É na digestão da angústia e na narrativa da indignação que me posiciono dentro do tecido cosmopolita desfronteiralizado, complexo, desorientado, desunido, desiludido, irreverente, onde se procura um outro futuro, um destino utópico, novas formas de participação democrática, outros modos de democratizar o exercício do político, de igualdade radical de direitos, de relacionamento humano solidário, de respeito cívico, de respeito pela natureza, ...

O sentido crítico da análise pessoal do *mundo em que vivemos* transporta essa consciência para a intervenção política, estabelecida na cumplicidade com que se constrói a relação com as diversas comunidades a que se pertence. Como artista, projecto esse comprometimento pessoal para as *pinturas* que realizo e para as intervenções artísticas em que participo, declarando, no entanto, que os produtos artísticos que realizo não pretendem instalar uma arte de comprometimento político, sabendo-a, ainda que nunca apolítica, relacionável num outro espaço de comunicação cívica.

O que emerge são perspectivas inteiramente novas de acção política que nem o liberalismo, com a sua ideia de indivíduo que só busca o próprio interesse, nem o marxismo, com a sua redução de todas as posições subjectivas à posição de classe, podem sancionar, quanto mais imaginar.

MOUFFE, Chantal (1993): 26

Tornam-se presentes na actualidade as narrativas de uma nova esquerda, protagonista de uma democracia radical, que se desenha no combate à política capitalista dominante que promove a protecção e o apoio aos interesses de uma minoria de privilegiados, e na validação dos propósitos autónomos dos movimentos sociais, de representação (sindical, ...) e de defesa de interesses de grupos particulares (ecologista, feminista, de imigrantes,...). Com determinação ética e política manifesta-se o combate às tentativas insistentes de colocar à margem da comunidade política grupos sociais e apresenta-se publicamente a necessidade de reconhecimento do pluralismo e da diferença que retoma o particular, o múltiplo e o heterogéneo, para estabelecer uma renovada articulação, democrática e participativa, entre o universal e o particular. A teorização de um socialismo liberal, conjugação dos princípios da democracia radical, do constitucionalismo, do parlamentarismo e de um sistema multipartidário concorrencial, encara o indivíduo como um ser livre, membro das muitas comunidades onde se insere, e participativo na construção da pluralidade da cidadania e das comunidades democraticamente geridas.

GLOBALIDADE

Hoje sentimo-nos esmagados por um mundo em que a redundância informativa e o desdobramento envolvente das comunicações de massas nos arrastam continuamente para a vertigem da instantaneidade.

JIMÉNEZ, José (1997): 9

A evocação da globalidade neste capítulo intitulado de ‘*centrar na ideologia*’ resulta da intenção de clarificar um conceito amiúde presente nesta tese e usado particularmente para descrever o ímpeto do interrelacionamento dos diferentes matizes de que se compõe a identidade do autor. Utiliza-se frequentemente no texto este conceito interrelacional, tornando irrelevante a clarificação das suas fronteiras numa afirmação da inexistência de limites, e, nesse sentido, afastado da expressão ‘globalização’. A globalidade não entendida como um processo (globalização) nem como uma condição (globalização), mas como um desígnio que funde os fragmentos do ser num todo. Contrariando a visão de um processo fechado, desperta-se a expansão do social, usando como trampolim uma postura individual aberta e plena, para a valorização do interrelacionamento da humanidade na

Estou convicto de que, a pesar dos inúmeros obstáculos que existem, nós, cidadãos, com uma feroz determinação intelectual, inquebrável, sem desviar, conseguiremos definir a verdade real das nossas vidas e das nossas sociedades – e essa é uma obrigação crucial que nos diz respeito. É de facto obrigatória.

PINTER, Harold. Discurso do Nobel, Tradução (1 versão, provisória) de Jorge Silva Melo, 7 de Dezembro 2001

Na era da designada globalização, numa era em que é do interesse de algumas pessoas falar sobre a globalização e celebrar os seus benefícios, provavelmente nunca na história da humanidade foram tão grandes e tão espectaculares (porque o espectáculo é de facto mais facilmente “globalizável”) as disparidades entre as sociedades humanas, as desigualdades sociais e económicas.

DERRIDA, Jacques (diálogo). Auto-imundude: suicídios reais e simbólicos, in BORRADORI, Giovanna (2003): p. 196

Hollywood não é apenas o nome de um negócio altamente rentável, mas é também o nome de uma revolução cultural fundamental do capitalismo tardio, na qual se destroem antigos modos de vida e se colocam modos novos em seu lugar.

JAMESON, Frederic (2001): p. 54/5

A humanidade, hoje como antes, é uma máquina de fabricar diferenças, clivagens, distâncias, distinção de clãs, de linguagens, de domicílios, de classes, de países, de frações políticas, de regiões, de ideologias.

WARNIER, Jean-Pierre (1999): p. 105

(...) la historia del arte nasce de una crisis — siempre tácitamente asumida, a veces dramáticamente pronunciada —, de una fragmentación y reificación de la tradición, que la disciplina se empeña en remediar mediante un proyecto redentor de reunión y reanimación.

FOSTER, Hal (2002): p.72

valorização de cada uma das suas partes. O Global apenas existente na presença do valor de cada uma das parcelas que o compõem e na força da sua integração no todo.

Assim, com o significado referido, condiciona-se o sentido utilizado na expressão 'identidades', uma vez esclarecido que se não aceita o todo privado do interrelacionamento entre 'uns' e os 'outros' e vice-versa.

A adoção da globalidade como um sentido, em oposição às políticas da globalização como condição, implica o repúdio pelo resíduo que este processo produz, indiferente às partes (demasiadas) que não contam para um despidorado enriquecimento dos cavaleiros (poucos) desta cruzada mundial capitalista. Ver a realidade, mesmo dos refúgios seguros inventados, e encarar, no todo existente, os refugiados, os deslocados, os exilados, os emigrantes, os sem papéis, como um conjunto real de membros que a sociedade tem de transformar em cidadãos presentes e participantes plenos em vidas significativas, eis o sentido pleno e aberto da globalidade, numa atitude insubmissa.

FACE AO ESTADO DA ARTE

(...) um dos aspectos mais interessantes do mundo da arte moderna e contemporânea: a sua dimensão crítica e utópica, que é um dos factores que produzem essa complexidade, essa instabilidade.

DIAS, José António B. Fernandes. "Arte e Antropologia no Século XX: modos de relação", in *Etnográfica*, Vol. V (1), 2001. p. 106

Dizer que a arte se encontra numa crise de identidade corresponde apenas a uma banal afirmação, repetida amiúde, não como grito de energia superadora ou de procura de uma cultura nova que se sobreponha aos estilhaços criados, mas como contemplação espectacular das ruínas da cultura ocidental ou da sua própria contingência. Independente da crise, seja ela qual for, a arte arrasta sempre a magia da sua sombra, o encanto do enigmático, a inquietação das mentes insubmissas, a incompletude do estabelecido, a procura da transcendência, a vontade de superação do conseguido. O produto artístico pode abrir, no entanto, caminhos insondáveis a partir de si para os que se lhe ligam e nele reparam, resistindo e isolando-se do ruído circundante do grande espectáculo que é promovido para lhe retirar essa capacidade de gerar propostas e incontroladas ressonâncias, inteligíveis e imperceptíveis.

Na espessura de tais encantos, descontente com as dependências de

outrora, a arte (considerando as linhas que são dominantes) quis nomear-se de autónoma, valor em si, entidade sem dependências da cultura ou da humanidade. Remeteu-se para um vácuo insular onde não descortina nenhuma exterioridade e isolou os artistas numa pequena ilha de solidão. Associada à angústia do sujeito e ao seu olhar desolado perante o circundante, convoca ainda a sua capacidade de contaminação num espaço onde se pretende que a subversão alimente o sistema e a prenda suspensa a essa constatação.

Este rumo e essa insuficiência paralisam a convivência da arte com o mundo, isolam-na num muralhado campo — o seu — condenando-a à experiência contínua de uma procura de transgressão das fronteiras de um terreno, improdutiva pela ausência de exterioridade.

Abandonado o caminho aberto pelo modernismo, que concentra no valor intrínseco do ‘objecto’ o seu sentido, e onde o Outro pode retirar um sentir, procuram-se estratégias de desafio e de escândalo que valorizem uma concentrada economia de comunicação e de informação, que utiliza de modo centrípeta as energias libertadas. Do objecto, o valor artístico desloca-se para um conjunto mais aberto de relações, de discursos, de acções, de redes, de situações, de efeitos, onde o público é apenas um possível espectador, mesmo quando se inter-relaciona com a obra ou, mesmo, faz parte dela.

Assumindo o antagonismo, artistas contemporâneos promovem no seio do espectacular panorama internacional da arte posturas diferenciadas, provocando fracturas que, não se constituindo como alternativa, enformam uma postura política interveniente, instalando um campo de reflexão próprio da autonomia do artístico.

O clima dialéctico das grandes transformações do século passado (desde finais de XIX), de onde emerge o empenho de libertação das grilhetas do precedente e a reclamação dum critério estético sempre transitório perante a eternidade procurada e a imutabilidade, remete para o cansaço da permanente procura utópica de sentido para a arte. As tentativas optimistas de engajamento da arte na transformação do mundo (do Construtivismo e da Bauhaus, por exemplo), simultâneas com os movimentos antiartísticos (onde o movimento Dada tem a expressão plena), a utilização de novos meios técnicos que despoleta conflitos novos com a indústria e o mercado, não perturbaram o conceito elitista da arte, o seu internamento para dentro de si, nem rompem as amarras ditadas pela indústria de bens culturais progressivamente implantada. O pessimismo que se apresenta contraria-se com as práticas artísticas e as

Já não temos deuses. A experiência da modernidade supõe que o homem se encontra completamente sozinho no cenário biológico e material que habita.

JIMÉNEZ, José (1997): pg. 11

(...) a arte como uma prática cultural que suspende a nossa relação quotidiana com o mundo, que pode contribuir para percepções do mundo e das nossas vidas que se afastam do que é adquirido e consensual, para explorar outras formas de o encarar, e de tentar mudá-lo.

DIAS, José António Fernandes (2004). O “Novo” na arte de hoje. Arte e construção da realidade, in MAArte, nº11, Março de 2004., p. 05

A vanguarda russa é o único movimento de vanguarda a ver-se envolvido num processo revolucionário concreto: não somente as obras e os escritos de Tatlin, Malevic, Rodcenko, El Lissotzky têm uma forte carga ideológica, como as transformações da estrutura e da finalidade da operação artística teorizadas e realizadas pelo construtivismo soviético constituem o único facto verdadeiramente revolucionário na história da arte contemporânea.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e Crítica d’Arte, Arte e Crítica de Arte, Lisboa, Editorial Estampa, 1988, tradução de Helena Gubernatis., p. 40

... para comunidades de menor escala há sempre o medo da absorção cultural por comunidades de maior escala, sobretudo pelos vizinhos.

APPADURAI, Arjun (1996): pg. 49/50

O “paradigma contemporâneo” não nega a aura, mas mitifica-a através da hiperbólica valorização económica da assinatura de alguns artistas, promovidos por estratégias que pertencem ao mercado da informação e não da arte; quanto mais nega a transgressão, mais a torna inoperante, porque se apropria dela para obter vantagens próprias.

PERNIOLA, Mario (2006): p. 82

As preocupações cujo fardo serve de desculpa ao privilegiado diante do oprimido, são precisamente as preocupações dos privilegiados.

KAFKA, Franz (2007): 33

posturas críticas diferenciadas que procuram outros caminhos.

Sendo reconhecido o efeito profundo da arte moderna no quotidiano reposto depois do fim da segunda guerra mundial, as artes plásticas não deixam de se manter isoladas das massas populacionais e desconhecidas (quase completamente) dos povos dos países afastados dos continentes onde se foram instalando os grandes centros económicos. Nem a simulação mediática da globalização e a promoção de descentralizados eventos internacionais contrariam essa evidência.

Se a arte, desde finais do século XIX, sempre viveu num estado de incerteza, é certo que, excluído o tempo da guerra fria, as procuras vanguardistas e o salto para a *arte contemporânea* que se apartam do modernismo, instalam um certo sentimento de fracasso, de caos e de desistência da procura de critérios e de um sentido. A partir dos anos 80 do século passado, a expressão arte contemporânea, no campo das artes visuais, separa-se da actividade artística onde perdura o modernismo. As procuras vanguardistas que eclodem depois da segunda grande guerra são incorporadas nesta designação, que perde a referência temporal e se funda nas atitudes de Duchamp e do movimento DADA.

O pensamento prefere a desconfiança perante a verdade, a razão, a identidade, a objectividade, a emancipação, as estruturas sociais, os grandes relatos, os sistemas definitivos, preferindo a consideração do contingente, do inexpressivo, do diverso, do indeterminado, do instável, do efémero, da desunião cultural. O cepticismo vence sobre a objectividade, a história e a verdade. A arte contemporânea instala-se, soberana e autoritária, na trajectória humana que conforta a abundância de poucos perante uma absoluta e larga maioria mutilada das suas potencialidades, por condenada ao trabalho e dependente do consumo. E como o capital se desterritorializa, também a arte o faz, isolando-se num espaço onde não existe exterioridade.

Este modo de ler não é alheio à consciência de um tempo, onde a arte contemporânea amarra as suas âncoras e cava profundas valas, que afastam do usufruto do privilégio uma grande maioria das populações e ainda remetem para um degredo sem retorno grupos demasiado grandes de excluídos sociais. E se em épocas anteriores a arte criava antagonismos sociais, se se assistia à expressão irreverente dos filhos rebeldes da sociedade burguesa e se afrontava com a inovação os parâmetros do gosto burguês, hoje o mercado, cada vez mais institucionalizado, vence e é ele que determina as regras. Proclamando a crise das grandes narrativas de emancipação, oferece-se um simulacro de sociedade para o indiví-

duo, pleno de liberdade, mas formatado para uma atitude passiva e indiferente, e unicamente responsável pelo insucesso da sua felicidade, nunca alcançável, mas adormecida no toar de sonhos prometidos. A indústria cultural ganha em toda a linha, servindo um sistema social que prefere o espectáculo inócuo, às voltas consigo mesmo, onde a vida se reduz a uma experiência virtual do real.

A IRREVERÊNCIA COMO MODO DE SER

Tomar partido é próprio do homem. Que outra coisas fazemos, enquanto escrevemos e pintamos, enquanto pensamos, ouvimos, lemos, olhamos? Também na arte não há acção fecunda sem teoria que a inspire, nem teoria digna desse nome que se não alicerce na própria acção. Uma teoria, porém, é sempre uma hipótese de caminho ou de caminhos. E é sempre estéril se não cremos nela com todo o nosso ardor. Mas, além de estéril, logo será nociva e inimiga, se, nesse mesmo ardor indispensável, perdermos a noção de que, ainda aí, onde tudo jogamos, é apenas de uma hipótese que se trata.

DIONÍSIO, Mário (1953-62). A Paleta e o Mundo, in Arte e Revolução, Abril em Maio (2005). p. 72

A irreverência pode ser entendida como uma atitude que denota insubmissão, actividade intensa de contrariedade ou, simplesmente, como uma recusa, ou omissão de reverência. De qualquer forma trata-se de uma postura assumida perante um circundante, com o qual não há identificação total ou parcial e, portanto, assume-se essa distinção não cedendo a seduções institucionais nem acomodamentos sociais.

Decorre do anteriormente exposto um enquadramento incómodo no todo social e, também, no campo da arte, gerador de um estar inquietante e crítico que não conduz à submissão e ao comodismo mas, em sinal diverso, impulsiona um procedimento irreverente e questionador que procura culpabilidades e desassossego.

A interioridade da percepção da inexistência de exterioridade do sistema global, para não levar ao desespero ou ao desterro, consente a duplicidade: por um lado a presença e a pertença e, por outro, coexistente, o desrespeito pelo dominante. A insubordinação não desintegra, assim, o global, mas acrescenta-lhe incomodidade e perturbação, impondo a interrogação sistemática e a procura de rompimentos e, principalmente,

En nuestro mundo, el hecho de no hacer no está vacío, tiene ya un significado: significa decir "sí" a las relaciones existentes de dominación. ZIZEK, Slavoj (2002): p. 38

Levantar-se contra o *status* quo sempre requer coragem, considerando as forças terríveis que ele tem por trás – e coragem é uma qualidade que os intelectuais, outrora famosos pelo seu radicalismo estrepitoso, perderam na busca de seus novos papéis e “nichos” como expertos, pesquisadores académicos ou celebridades da mídia.

BAUMAN, Zygmunt (2001): p. 113

condiz com o entendimento profundo, ideológico, de quem não se sente bem neste mundo, por o considerar injusto e estúpido.

Configura-se no plano da ética, na intimidade e na camaradagem, a procura de uma coerência entre a postura ideológica e o discurso crítico, e entre este e a prática social. Procura concreta que tem figuração nos grandes actos e nos pormenores, nas narrativas de quem se quer inteiramente livre, na qualificação do relacionamento social, no espaço da solidão e da solidariedade.

NA SOLIDÃO DO ATELIER

(...) le créateur n'est plus jugé sur sa connaissance des normes de la figuration et son habilité à les appliquer, mais sur sa capacité à les transgresser tout en faisant accepter et apprécier, à travers ses oeuvres, sa propre conception de ce que doit être l'art, voire de ce que doit être l'artiste.

HEINICH, Nathalie (1998): 31

O essencial é acima de tudo isto: a solidão, a grande e íntima solidão. Apropriarmos-nos de nós e durante horas não encontrar ninguém — é isto que devemos alcançar.

RILKE, Rainer Maria. *Letters to a Young Poet, Cartas a um Jovem Poeta*, Carcavelos, Coisas de Ler Edições, 2004, tradução de Mafalda Ferrari, p. 46

O atelier não se isola nas paredes que fecham o espaço onde disponho das tintas, pincéis, telas e diversos, e onde se criam espaços de estudo, reflexão, observação e se realiza a pintura. Viaja para outras paragens, prolonga-se para a habitação separada, para a escola, para o espaço aberto, onde, em muitos momentos, se prolonga a actividade de um pintor. Em todos estes lugares, nas situações de concentração específica na pintura, reconheço um profundo espaço de solidão. Sem Deus, o corpo fecha-se em si, encontrando as competências mobilizáveis para o acto de produção. O corpo como um todo em que se convocam as capacidades de manuseamento dos instrumentos, a agilidade da mão e a destreza do corpo, a respiração e a tranquilidade, a emoção indizível, a aprendizagem configurada, a cultura visual, o sentido de equilíbrio, o domínio da tecnologia, o devir e o ser. Nesse silêncio, troa uma absoluta e permanente necessidade de desarrumar as ideias, ecoa a vontade de produção de um acto de plena autonomia criativa, coerente com o ser. O atelier, ainda que tomando este sentido amplo, tem a precisão de ser um campo de produção e é nesse sentido — da concretização da ideia em produto, nessa oficina — que nele se gera a insatisfação permanente da insuficiência, da insatisfação das narrativas que se soltam a partir do materializado.

A aprendizagem académica adquirida prende-se ao modernismo, procura incessante de um *novo* que gerasse um sentido para a presença da humanidade no seu tempo, movimento tardio de um Portugal que perseguia a Europa. O crescimento pessoal enfrenta a abertura cultural explosiva da Revolução de Abril, observa o eclodir do ‘centro’ da arte nos USA, o debate com as novas narrativas pós-modernas e pós-coloniais, o fechamento progressivo da arte para dentro do seu campo, num movimento apenas aparentemente contraditório com a amplificação do ruído, o aumento de públicos, a conquista de um lugar de honra nos palcos da comunicação social e a presença nos discursos do poder.

É neste mundo e com o entendimento dele, expresso pelo autor ao longo da sua tese, que *na solidão do atelier* se inicia o processo criativo e se realiza a pintura. Afastadas as ilusões de uma arte ao serviço do proletariado, consequência da percepção de que tal não representa mais de que uma outra forma de remeter para um palco passivo esses outros que se julgava servir, elege-se o afecto e o apelo à irreverência e à dissonância como espaços abertos de procura de comunicação, onde se encontram as posturas cívicas perante os contextos precisos e se assume uma atitude de distanciamento crítica. Este pretendido deslocamento da arte para o campo expandido da cultura, esta postura de busca comprometida, de interacção para fora do *campo da arte*, consiste na recusa da utilização da arte como um exercício do poder, na procura de a situar num *lugar impossível*. Na *solidão do atelier* gere-se a angústia de não se encontrarem modos terminantes de configuração dessa procura, da verificação da incapacidade de encontrar a precisão, da consciência da inexistência de exterioridade no campo da arte. É no campo da materialidade do objecto construído, resultado dum processo físico, onde o corpo e o gesto lidam com a técnica e configuram um produto, que se aloja o desgosto, reconhecida a insuficiência e o valor inofensivo do feito. Como se reconhece ser difícil criar realidade que provoque ressonância... Descontentamento que não aniquila a recompensa do esforço e o reconhecimento autoral, mas impulsiona outras realizações e procuras. No capítulo *centrar no entendimento*, constarão configurações mais precisas sobre o trabalho artístico produzido *na solidão do atelier*, já que aqui apenas se pretende apresentar o sentido ideológico que a prática artística adquire no comportamento globalizante do autor.

O suporte como uma janela onde se iludem paisagens — conhecidas, decifráveis ou inventadas — foi afastado, na procura de nele se saber inscrever um passaporte para um diálogo textual sobre o mundo e sobre

Observe-se “povos” quer hoje dizer quase exclusivamente “pós” de acordo etimologia induzida história recente, uma vez aspecto cinza ocre mais ou menos descorado sol viagens seu número grau exposições, às mesmas ou verde-terra claro dá portugueses aspecto geral referido, blocos mais ou menos avolumados pó concreto, o da Dieta.

LAPA, Álvaro (1978). Porque Morreu Eanes, Editorial Estampa, p. 129

Não existe narrador ou género de discurso capaz de dar ao homem um guião unitário da sua vida, um traçado homogéneo do seu papel no mundo.

Tornámo-nos pobres. E essa pobreza da nossa experiência arrasta-nos irremediavelmente para uma percepção do tempo como angústia, do presente como encruzilhada.

JIMÉNEZ, José (1997): p. 11

(...) ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.

FOUCAULT, Michel (1969): p 131

Yo creo que necesitamos recuperar un cierto sentido de la contextualización política de la autonomía artística y su transgresión, cierto sentido de la dialéctica histórica de la disciplinabilidad crítica y su contestación, para intentar de nuevo proveer a la cultura de un margen de maniobra.

FOSTER, Hal (2002): p. xiv

A cultura é uma nova fé. E começa a mover tantos interesses económicos como noutros tempos mais singelos a religião moveu.

MELO, Jorge Silva (2000). "Deus Pátria e Família" Já fizeram Filhos, Abril em Maio, p.9

Periferia ou contexto: essas são as novas palavras de ordem da actividade artística — que excluem o corpo circunscrito, delimitado, da obra, para promover o espaço que ela habita, suas cercanias. Como qualificar e definir esse movimento de passagem dos corpos para a sua habitação, essa transmissão da *aura* em presença a uma *area* em extensão e disseminação?

CAUQUELIN, Anne (2006): p. 119

a forma de nele agir. A pintura, assuma ela a forma que assumir, nem para mentir, nem para falar de arte, mas para se assumir como cultural, promotora de antagonismo, onde se afasta das percepções adquiridas sobre o mundo e explora outras formas de o encarar.

O espaço desse outro tempo já passado, onde os artistas, numa relação de autenticidade do seu corpo (pensamento, percepção, sensação e gesto), prolongam os saberes herdados e o respeito pelos materiais, para um exercício baseado na sua expressão personalizada e que passa a contar com a interpretação do espectador, ainda que tomado na actualidade, não corresponde já às necessidades de transgressão cultural do mundo em configuração pós-segunda guerra mundial. O novo mundo que se arquitecta carece de posturas radicais e nas artes visuais transgridem-se as fronteiras disciplinares ao encontro de uma contínua subversão crítica.

O mercado, entretanto, trucidada muitas das ideias e energias surgidas, misturando-as com uma procura desenfreada da notoriedade fácil e prende as manifestações artísticas ao poder. O deslocamento do valor artístico, validado por um corpo fechado de sábios, mascara a observação do isolamento progressivo da arte, remetendo-a para um espectáculo onde a instituição a apresenta como consagrada e sua.

As súplicas pelo reconhecimento da existência na arte de hoje de posicionamentos fora, ou para além, da *arte contemporânea*, são ignoradas por um ditame que não consente nem a polémica recorrente nem presenças simultâneas que lhe contrariem o género.

Sem esquecer que os códigos actuais não concentram numa só definição ou modelo o que são ou devem ser as artes plásticas, que comportam diversos eixos, e que não isolam, como primordiais, a estética e o gosto, mas antes a classificação ontológica e cognitiva do que é ou não é arte, não podemos deixar de verificar que no esforço para entender a *arte contemporânea* como paradigma se remete, de modo intolerante, para o estigma da anormalidade tudo o que ela não abarca.

Se no campo das ideias é possível invocar o discernimento, produzir um resultado artístico desperta o receio de se repisarem desfechos e de os verificar inócuos. A tentativa constante de não realizar o inofensivo, de não efectuar o decorativo, de não originar apenas um valor de mercado, de não gerar um espelho de *Narciso*, converte a esperada tranquilidade do acto de pintar num controverso tempo de insatisfação. E é neste terreno inquieto que se evocam os afectos e que se convocam as possibilidades de que *o que se faz* estabeleça uma conversação, indizível por

outras linguagens, sobre o que se pensa e se sente, com as amizades, camaradagens e companhias, e, assim, se partilhe o conforto que esses afectos propagam; e, desse modo reunindo energias, se encontrem forças para a resistência à sedução de se remeter para o esquecimento a interpretação do tempo e das ocorrências sociais e se alimentem redobradas e infindáveis procuras de uma presença da arte na trajectória indefinida da humanidade.

O afecto aqui evocado não se isola no campo da camaradagem, mas entende-se como solto e difundido em esferas múltiplas e alargadas que forçosamente evocam a incompreensão e a incomunicabilidade próprias do acto artístico, mas também convocam a confrontação dos modos de olhar, sentir e ler, de Outros que, assim, se incorporam no Nós. O confronto pessoal dos vícios individualistas e do conforto da solidão com a participação em projectos de intervenção colectiva, onde se partilham inquietações, ajuda o entendimento individual sobre o lugar da arte, sobre o seu sentido, sobre as possibilidades de configuração dos desígnios projectados perante as situações que se criam. E esta contribuição, no contorno do registo ideológico desta tese, atrás descrito, tem uma dimensão ampliada por se preferirem palcos de intervenção artística em espaço público, entendidos como campos de diálogo com as populações.

É neste campo de conversa que as vidas de fora do atelier inundam esse meu espaço de solidão e onde recolho energia para lidar com as minhas angústias.

COMO DOCENTE

O meu gosto de ensinar e de vir a entender alguma coisa do que poderá chamar-se “educação” – sempre tão pouco partilhado pelos meus companheiros mais próximos, das letras, das artes – deve ter começado muito cedo. E quase com certeza confundido com a experiência de certas situações difíceis, a necessidade interior de viver com os outros (para os outros?) e uma ingénua pecha, tão vulgar, de “querer endireitar o mundo”...

DIONÍSIO, Mário. O quê? Professor?, Lisboa, Edições Abril em Maio, 2004, p.1

A noção de uma cidadania democrática radical revela-se fundamental, porque é susceptível de facultar uma forma de identificação que permita o estabelecimento de uma entidade política comum entre várias lutas democráticas.

MOUFFE, Chantal (1993): p 18

¿Por qué resulta que ideales tan espléndidos no pueden llevarse a la práctica?

EAGLETON, Terry (1996): p.101

It can be said that an artist is committed as a person, and possibly that he is committed by his writings, his paintings, his films, which contribute to a certain type of political struggle. An artist can be committed, but what does it mean to say that his art is committed? Commitment is not a category of art. This does not mean that art is apolitical. It means that aesthetics has its own politics, or its own meta-politics.

RANCIÈRE, Jacques (2000): p. 60

Aceitar a tendência dos meios de comunicação de massas para a nivelação da experiência como expressão do fim da história supõe ignorar a distinção entre representação e realidade efectiva.

JIMÉNEZ, José (1997): p. 16

Quando reduzimos a obra de arte ao seu conteúdo e depois interpretamos isso, domamos a obra de arte. A interpretação torna a obra de arte maleável, dócil.

SONTAG, Susan (1966): p. 16

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objecto, um ao outro.

FREIRE, Paulo (1996): p.31

Torna-se inevitável situar neste capítulo a exposição do sentido que a actividade que sempre esteve presente na biografia do autor desta tese tem na sua actividade artística. Trata-se de um caso onde essa actividade, permanente, se situa num plano de comunicação aberta com a prática artística, com a investigação e com o empenho cívico.

Como se irá observar no *estudo de casos* que se apresentam no próximo capítulo, o relacionamento com os estudantes, entendidos sempre na identidade singular de cada um, para fora do âmbito do espaço concreto de tratamento disciplinar e mesmo escolar, caracteriza a dimensão de como se entende a participação nos processos de aprendizagem que cada um deles vai construindo.

Ultrapassa-se a percepção de que ao docente compete apenas a transmissão de informação e acompanhamento crítico do seu trabalho criativo, para se procurar compreender, de modo cada vez mais apurado, que, em particular no *ensino das artes*, a *relação pedagógica* se extravasa para um mar sem terra à vista. Trata-se do assumir, numa coerência cuja dimensão esta tese configura, que *nada* é exterior à aprendizagem artística, que o estudante incorpora no seu crescimento global não só as aprendizagens académicas, técnicas, teóricas, laboratoriais e oficinais, mas também o seu confronto emocional e cognitivo com o outro e com o mundo.

Neste sentido entende-se que a missão da *Universidade* não se isola no conhecimento das narrativas da realidade, na sua permanente compreensão, mas, e particularmente, neste espaço das artes, na procura de outras edificações, resultantes da consciência crítica que se constrói sobre a actualidade.

Essa missão aloja-se na percepção de que a cada estudante é lançado um apelo para um conhecimento profundo e alargado do preciso e do global, que o acto docente se estende a partir do cumprimento exacto da estruturação de espaços de ensino e da promoção de estratégias de aprendizagem dos conteúdos programáticos, objectivos disciplinares e finalidades educativas, para a cumplicidade com o crescimento dos estudantes como unidades sociais.

Este dever do ministério docente só pode ser assumido como um desafio, em consequência do qual se enceta uma procura permanente, que tem, no caso específico do ensino artístico, um campo privilegiado e complexo.

O esforço por encontrar a arte da pedagogia evidencia a ineficiência do espaço escolar, a insuficiência dos programas, a ausência de tempo, o quase desconhecimento da personalidade dos estudantes de cada

turma, e impele para uma procura de lugares mais amplos e de confrontos não simulados com a arte e o outro, o campo da arte e o mundo. O esforço referido aloja-se na actividade de reflexão sobre os processos pedagógicos e, fundamentalmente, na investigação cruzada com o autêntico laboratório de experiências múltiplas e paradisciplinares que o movimento intercultural IDENTIDADES instalou no Nordeste do Brasil, em Cabo Verde, em Moçambique e em Portugal.

No terreno privilegiado que o IDENTIDADES semeou, a participação voluntária e militante de levas anuais de estudantes e grupos de artistas (ex-alunos), eventuais ou que se tornam permanentes, não se reproduzem situações nas quais o professor inicia uma conversa que não acompanha, antes se estabelecem relações onde se esbate a qualidade dos participantes, se anulam as relações hierárquicas e se instiga a aprendizagens onde cada um é confrontado consigo mesmo e as tem de procurar, por si e na relação social que estabelece. Porém a nitidez da opinião do professor, a armadura do seu conhecimento, não se esbate, confronta-se nesse todo, sem a advocacia da hierarquia do seu estatuto ou a autoridade artificial do seu saber.

Com os estudantes em África ou no Brasil, na sala de aula, ou onde quer que estejamos, entendo a incumbência social, assumida com a opção profissional decorrente da entrada na *carreira docente*, como de provocação permanente perante os caminhos de aprendizagem que constroem a arquitectura da identidade de cada um desses estudantes. Naturalmente que, para além desse espaço primordial, há a participação empenhada na vida da instituição e as responsabilidades de produção social de conhecimento que a Universidade assume perante a sociedade.

No caso particular do autor deste texto, a sua actividade docente invade o seu atelier, na mesma medida que o circundante, a consciência social, o trabalho de campo e a experiência laboratorial intercultural o fazem. É isto que se pretende tornar claro ao longo desta tese.

A porta da fábrica não é a mesma quando entro e quando saio, ou quando, depois, passo diante dela, desempregado.

DELEUZE, Gilles (1972-1990): p. 69

O professor deixa de ser o oficial de dia para se tornar o conselheiro e o assistente permanente.

FREINET, Celestin (1969). Pour L'École du Peuple, Para uma Escola do Povo, Lisboa, editorial Presença, 1973, p. 72

A consciência individual é, no nosso tempo, bombardeada, senão anulada, por uma quantidade enorme de informação organizadamente encapotada, cujo objectivo principal é produzir uma espécie de passividade colectiva aquiescente e inquestionada.

BARSAMIAN, David (2003):

DELEUZE, Gilles (1972-1990): p. 94

DESENVOLVIMENTO . desENVOLVIMENTO

(...) hoje, do ponto de vista da justiça e da relação entre os níveis de felicidade e de realização entre os povos e entre estes e o seu ambiente, estamos pior que há trinta anos atrás, quando o escândalo das desigualdades e do “subdesenvolvimento” de largas massas da população deste planeta fez soar as campainhas de alarme das instituições internacionais, nomeadamente da ONU que, na sequência desse alarme, instituiu, uma após outra, duas “décadas de ajuda ao desenvolvimento”, saldadas por evidentes e rotundos fracassos.

AMARO, Rogério Roque (1990). Desenvolvimento e injustiça estrutural, in COMMUNIO, ano VII 1990 • n. 5, pp. 448/459

Os antigos ricos precisavam dos pobres para fazê-los e mantê-los ricos. Essa dependência mitigou em todas as épocas o conflito de interesses e incentivou algum esforço, ainda que débil, de assistência. Os novos-ricos não precisam mais dos pobres. Finalmente a bem-aventurança da liberdade total está próxima.

BAUMAN, Zygmunt (1998): p. 80

Como a mosca ou o pássaro que esbarra contra a vidraça da janela fechada, somos apanhados pela armadilha da aparência e da transparência; esgotamo-nos na exaustão de não sairmos do mesmo sítio.

AUGÉ, Marc (2003): p 150

A palavra desenvolvimento tornou-se uma das mais repetidas no discurso internacional, desde que o conceito que encerra se associa às ideias de progresso e felicidade dos povos e, portanto, desenha a realização da justiça na caminhada da humanidade. Porém, o sentido positivo que o conceito de desenvolvimento transporta não permite iludir a sua nomeação como camuflagem para a manutenção das desigualdades entre pessoas, grupos sociais, países e regiões, perpetuando as dependências ao mercado globalizado. Os programas de desenvolvimento, independentemente das intenções que lhes presidem e do voluntarismo que por vezes comportam, não têm alterado o ritmo de crescimento do desnível entre os mais pobres e os mais ricos e têm erguido e perpetuado uma injustiça estrutural. As estratégias artificiais impostas ao desenvolvimento, sendo incapazes de articular e conjugar a dimensão da individualidade de cada um (o que o diferencia dos outros), a relação social (que os aproxima e solidariza com os outros diferentes) e a sua intimidade com a Natureza, para além de efeitos circunstâncias e imediatos, não têm obtido sucesso.

Nesta tese não se pretende dissecar a problemática do desenvolvimento, mas apenas distanciarmo-nos das práticas, realizadas e analisadas no capítulo *estudo de casos*, de propósitos desenvolvimentistas, de falsos altruísmos ou mesmo de religiosas caridades. E isto porque, os mais desatentos, muitas vezes, confundem os propósitos de relacionamento intercultural que o IDENTIDADES promove com as políticas e os projectos institucionais de desenvolvimento. Este afastamento não nega o efectivo relacionamento solidário intrínseco a um movimento intercultural que promove o crescimento individual e autoral de todos os participantes, mas que apenas nessa escala se concentra e opera. A sediação dos programas em comunidades carenciadas vincula de forma mais efectiva o afecto que se estabelece, irmana com as suas lutas e os seus interesses, mas não circunscreve o movimento a uma lógica programada de intervenção ao serviço de um desejado desenvolvimento local. O interesse especial do autor e do próprio movimento IDENTIDADES em dignificar o confronto e o diálogo entre artistas e comunidades não se instala num desígnio educativo, mas no estabelecimento de um laboratório intercultural que melhor questione a comunicabilidade da arte e a dificuldade de ela se entender para fora do seu campo.

É nesta urdidura, que exige o conhecimento e o reconhecimento das comunidades e dos intervenientes, na busca de um entendimento deste mundo, procurado em geografias afastadas, que se torna presente o desenho do seu futuro e se aborda o seu *desenvolvimento*.

Numa acepção complementar, mobilizam-se forças para uma arena cooperativa, onde o envolvimento individual se dilui num proceder colectivo, num debate partilhado, num enlevo emocionante, num estar pegado, de onde sobressaem experiências, aprendizagens, sinais claros e difusos, que cada um digere e incorpora a seu ritmo e segundo seus próprios interesses. Assim, a presença junto de comunidades, a partilha amiga dos anseios sociais dos que se tornam nossos amigos, permite acamaradar com os seus esforços e, com esse estatuto privilegiado de testemunha, ler como simulacros os programas de desenvolvimento tecidos no exterior.

(...) meu olhar está virado para o meu filho e para os sonhos que poderia ter tido, porque o futuro deixou de existir no dia, não muito distante, em que vi uma mulher, com o filho às costas, atirando-se aos testículos do controlador de senhas da cooperativa, exigindo que o homem distribuisse com dignidade as senhas para a compra do leite que tanta falta fazia ao filho, e as outras crianças cujas mães se encontravam na bicha, cansadas, nervosas, impacientes, mas esforçando-se ainda por rir do homem que gritava e chorava, pedindo aos presentes e ausentes que o acudissem, coisa que ninguém fez, e a mulher, irritada que estava, só os largou quando notou que os olhos do homem estavam a tomar rumos incertos. Deixei de ter futuro. Deixei de dar importância ao presente. Deixei de existir.

KHOSA, Ungulani Ba Ka (2002), No reino dos Abutres, Imprensa Universitária, Maputo, p. 34/3

Com o desenvolvimento do comércio de escravos, a guerra para fazer a caça aos cativos torna-se uma actividade mais lucrativa em África. Os Europeus contentam-se em vir comprar os escravos, deixam a intermediários o trabalho de os procurar. Dando-lhes armas de fogo, permitem-lhes desenvolver essa actividade.

PAIGC (1974), História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde, Afrontamento (1974), p.78

DESENVOLVIMENTO . SOBRE O CONCEITO

Se excluirmos as sociedades ditas primitivas, pode afirmar-se sem margem para grandes dúvidas que, até finais do século XVII, as diferenças entre os níveis de desenvolvimento económico e técnico eram pouco significativas.

BAIROCH, Paul, “Desenvolvimento/subdesenvolvimento”, in Enciclopédia EINAUDI, n. 7, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986, p. 364

As palavras e os conceitos são vivos, escapam escorregadios como peixes entre as mãos do pensamento. E como peixes movem-se ao longo do rio da História. Há quem pense que pode pescar e congelar conceitos. Essa pessoa será quanto muito um colecionador de ideias mortas.

COUTO, Mia (2005): p. 85

Se recuarmos um pouco na história da humanidade, para melhor fixar a questão, teremos absoluta dificuldade em determinar significativas diferenças entre os níveis de desenvolvimento económico das diversas sociedades não primitivas. Poderão ser apenas verificáveis diferenças consideráveis nas estruturas sociais e religiosas, e persistentes e significativas as diferentes realidades climáticas. De facto, as diferenças eram muito mais significativas dentro de cada país do que se comparadas entre vizinhos.

Durante muitos séculos, as proximidades entre os níveis de desenvolvimento económico prevaleciam, se esquecermos um sexto da população mundial o que corresponde às sociedades primitivas, e só recentemente a alteração sucessiva da importância da localização geográfica dos centros mais dinâmicos motivou e consentiu a evolução do nível de desenvolvimento económico e social dos países, uns evoluindo em ritmos diferenciados, outros regredindo.

A revolução industrial promoveu alterações profundas na rede social e iniciou a corrida ao desenvolvimento. Com o centro na Europa, estende-se, a partir dos finais do século XIX, para além do Atlântico através principalmente da emigração inglesa.

Em menos de dois séculos, o nível de vida nos países onde a revolução industrial chegou multiplica-se por quinze, o volume das trocas internacionais por mais de cem e a produção mundial de bens por mais de duas mil vezes. Esta expansão económica, técnica e industrial, incrementou a febre pelo desenvolvimento, favorecendo o crescimento económico que se assume, a partir do terço final do século XX, como o principal motor do crescimento.

Desde então o conceito de desenvolvimento é dominado pelo de desenvolvimento económico.

Esta é daquelas notícias que parecem eternas – todos os dias, quase mil milhões de pessoas acordam e adormecem com fome. Em 33 países, sofrem de inanição com uma enorme violência. Neles, as crianças empenham o seu futuro: devido à falta de proteínas em tenra idade, serão adultos com menor capacidade de trabalho. E o ciclo da pobreza perdurará.

FERNANDES, Ana. “Em 33 países do mundo, passa-se fome todos os dias”, in *Jornal Público*. 16. Outubro. 2008

A situação económica e social dos países que se chamaram então subdesenvolvidos, antes de os definir – que eufermismo! – em vias de desenvolvimento, tornou-se justamente o centro de maiores preocupações, o problema por excelência.

BAIROCH, Paul, “Desenvolvimento/subdesenvolvimento”, in Enciclopédia EINAUDI, n. 7, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1986

A partir do século XX, três quartos da humanidade, está remetida para a margem da revolução industrial, sofrendo os seus efeitos indirectos, através da colonização violenta. Esta colonização é o reverso da medalha do desenvolvimento do primeiro mundo e condição imprescindível do seu sucesso, remetendo os povos do terceiro mundo para a estrada do subdesenvolvimento.

A industrialização forçada e acelerada da URSS e a estreita correlação entre o nível de industrialização e o rendimento *per capita* suscitaram a esperança na existência de uma solução simples. Seria suficiente promover a industrialização. Os semi-sucessos e os semi-insucessos tentados pela via não capitalista (Cuba, Argélia, Vietname, Coreia,...), a recente viragem da China, evidenciam ser o aspecto político não determinante, por si próprio, do desenvolvimento. Sendo verdade que o nível de vida dos países subdesenvolvidos tenha progredido nalgumas situações, este progresso é eclipsado pelo desenvolvimento atingido no Primeiro Mundo. Depois da Segunda Guerra Mundial, o ritmo de crescimento é surpreendente. Entre 1946 e 1980 o volume total de bens e serviços dos países ‘ganhadores’ da guerra aumentou cinco vezes e o nível de vida cerca de três vezes e meia, ritmo de crescimento que correspondia ao conseguido anteriormente a cem anos.

Este ritmo acelerado de desenvolvimento comporta, em germe, a sua própria destruição, porquanto, ao não possibilitar um crescimento controlado, a necessidade incessante e progressiva de recursos não renováveis da industrialização coloca em risco imediato a subsistência de recursos naturais e a própria vitalidade do meio ambiente. Assim, o crescimento gera crises, e torna-se evidente que o desenvolvimento gera subdesenvolvimento, sendo relevante para a leitura da sociedade o estudo dos desníveis de desenvolvimento.

Se compararmos os estudos efectuados, em todas as perspectivas utilizadas, o aparecimento de desníveis de desenvolvimento consideráveis a

A verdadeira responsabilidade reside na indiferença dos que detêm o poder político e económico em relação ao destino daqueles que não contam, nem económica, nem política, sem socialmente.

BRUNEL, Sylvie (1997): p. 50

A Europa necessitou de mais de dois séculos para sustentar a sua experiência de estados-nacionalismo desde o seu início formativo – na maioria das explicações desde a Revolução Francesa – até chegar à conclusão de que este se aproxima do fim da sua vida útil. Mas parece que África conseguiu cobrir este espaço em apenas meio século.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 259

(...) a modernidade desenvolve-se e avança como um processo de tomada de consciência constante das insuficiências dos próprios projectos e práticas que dá à luz.

JIMÉNEZ, José (1997): p. 20

Os efeitos da colonização e da descolonização acumularam-se: a primeira degradou demasiado os poderes anti-gos para que estes possam remodelar-se sob um aspecto modernista; a segunda ainda não conseguiu provocar, para além dos limites étnicos e com suficiente intensidade, as alterações que fariam da nova estratificação social o único gerador da actividade política moderna.

BALANDIER, Georges (1967): p.172

À exclusão dos países mais pobres da esfera da prosperidade internacional que se desenha sob a égide de uma economia mundial desregada, responde a exclusão, no seio de cada nação, de largas camadas da população, sobreexploradas ou economicamente marginalizadas, entre as quais as mulheres são maioritárias.

CORDELLIER, Serge (1999): p.27

(...) nunca a solidariedade antes da crítica.

SAID, Edward (1993): p. 42

partir da revolução industrial ganha a fundamentação indispensável. O europeu médio, que viu o seu nível de vida crescer 1 300% em menos de três séculos, em paralelo, assistiu noutras sociedades a um crescimento de entre 30 a 60%. Todavia o enorme salto na percentagem dos rendimentos médios mundiais (500%) corresponde a um estágio em que metade da população mundial não vê melhorar os índices do seu nível de vida para outros diferentes do que eram há três séculos atrás. Outros indicadores conhecidos poderiam servir para reforçar as ideias anteriormente descritas, tais como a evolução diferenciada entre os níveis de mortalidade infantil, taxas de urbanização, rendimento agrícola, etc.

O que traz a questão do desenvolvimento a esta tese não é tanto o estudo da sua complexidade nem sequer o modo como arrasta consigo o subdesenvolvimento, mas sim o interesse em fixar a presença de pessoas reais, cada uma delas com um nome próprio, geralmente escondidas nas estatísticas. Sem iludir o interesse no estudo dos esforços realizados e da capacidade de no mundo se gerarem estradas comuns de felicidade, inscreve-se nesta tese a tristeza sentida perante a desigualdade testemunhada pelo envolvimento na vida de mulheres e homens menos afortunados, apenas por terem nascido em geografias onde a história do colonialismo e do liberalismo económico cavou o subdesenvolvimento e ergueu fronteiras de hostilidade ao desenvolvimento.

É esta visão sobre a primordial importância do sujeito, alcançada no envolvimento pessoal do autor deste texto em planos de desenvolvimento, que sustenta a crítica à artificialidade da maioria dos programas promovidos por instituições internacionais, que não os enraíza na participação directa dos homens e mulheres que constituem as comunidades, chamadas de *população alvo* e analisadas apenas como uma realidade estatística, com uma identidade observada como se não houvesse um pulsar próprio, contradições e ansiedades.

Onde se desenham projectos participativos, onde as populações estabelecem a identificação dos projectos, concebem os programas e os implementam, se tornam agentes de desenvolvimento e não são substituídas por técnicos e especialistas externos, mas apenas usam o saber e a experiência destes, o sucesso é certo, e as acções resultam em efeitos estruturantes e duradouros. Não se esboça aqui nenhuma solução milagrosa, apenas uma atitude de base que permita enfrentar as contradições e complexidades existentes entre a própria comunidade, resultantes das desconfianças recíprocas, próprias da conflitualidade entre a tradição e o novo, dos limites da experiência acumulada e da inadequação da forma-

ção profissional. O caminho é sempre de conflito, pode precisar de adubos importados, de ajudas externas, de contaminações progressistas, mas, para quebrar rotinas e criar diferença, terá sempre de começar nas comunidades locais e de ser promovido por cada um, mulheres e homens, cada cidadão como intérprete concreto da sua condição de vida, como construtor das decisões colectivas, como operacional dos projectos, como avaliador, como usufrutuário dos resultados.

ENVOLVIMENTO

Metas de desenvolvimento do milénio

1 Erradicar a extrema pobreza e a fome; 2 Atingir o ensino básico universal; 3 Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; 4 Reduzir a mortalidade infantil; 5 Melhorar a saúde materna; 6 Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; 7 Garantir a sustentabilidade ambiental; 8 Estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento.

in, http://www.webdianoia.com/contemporanea/ortega/ortega_cur.htm

Se não faltam recursos nem instrumentos científicos para se promoverem alterações profundas no relacionamento entre a humanidade de modo a se estabelecer um equilíbrio social saudável entre todos, o estado do mundo resulta da vontade de quem dele é beneficiário, que encontra no modelo globalizado de economia neo-liberal o instrumento que permite tornar perpétua a desigualdade.

Quando se evoca aqui o envolvimento, infere-se uma acção crítica e um posicionamento contra o modelo social vigente. E não se remete a mobilização pessoal para uma esfera isolada de intervenção cívica, no sentido mais estritamente político, mas alarga-se essa postura, num todo indivisível, para o espaço da intervenção artística e da função docente. Nessa perspectiva procuraram-se contextos sociais precisos, onde, estabelecendo relações interculturais, se promoveu uma aproximação epidérmica com o modo como os jovens estudantes de arte, os artistas emergentes, os agentes culturais e as populações lidam de modo isolado, em grupo e em comunidade, com os constrangimentos ao seu desenvolvimento (dessa aventura se apresentarão no ponto 5 desta tese os estudos). Nesta circunstância gera-se um conhecimento mais completo do mundo em que vivemos, nesse todo que se alarga por outras fronteiras, forta-

Falar de um projecto de sociedade é, antes de mais, deliberadamente, rejeitar uma concepção tradicional da sociedade, segundo a qual esta seria reprodutora de uma ordem ancestral, inscrita no seu próprio funcionamento.

BOUTINET, Jean-Pierre (1990): p. 137

(...) repare-se que a análise semântica da própria palavra “desenvolvimento” nos fornece algumas pistas sugestivas para reflexão. De facto, a palavra composta “Des-envolvimento” (com as equivalentes, “Dé-(en)veloppement”, “Des-arrollo”, “Ent-wicklung”) sugere: o processo de libertação ou de saída que cercam e prendem o ser humano e impedem a sua realização como ser individual, social e ambiental. (devo esta pista de reflexão ao Arq. José Pedro Barata, a quem ouvi uma vez em público esta decomposição da palavra “desenvolvimento”).

AMARO, Rogério Roque (1990). Desenvolvimento e injustiça estrutural, in COMMUNIO, ano VII 1990 • n 5, p. 456

(...) Acontece que temos um invulgar grau de liberdade nos Estados Unidos e, muitos de nós, privilégios. Isso confere enormes responsabilidades às nossas próprias acções e à nossa influência na política. Mesmo que não se desse o caso de este ser, de longe, o mais poderoso país do mundo, essa responsabilidade seria, ou deveria ser, a nossa principal preocupação.

CHOMSKY, Noan (2003): p. 49

A democracia radical exige que reconheçamos a diferença — o particular, o múltiplo, o heterogéneo —, tudo o que, na realidade, tenha sido excluído pelo conceito abstracto do homem. O universalismo não é rejeitado, mas particularizado; o que é necessário é um novo tipo de articulação entre o universal e o particular.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 27

Intelectuais livres de outrora viraram professores universitários, consultores de governo, especialistas e funcionários das burocracias militar ou previdenciária. O pensamento saiu de seu isolamento. E achou confortáveis, acolhedores os vários lares que hoje habita.

BAUMAN, Zygmunt (1991): p.102

(...) o desígnio fundamental de uma política antidemocrática é e foi sempre, e por definição, a despolitização, quer dizer, a reclamação incondicional de que “as coisas regressem ao normal” e de que cada indivíduo retorne o seu posto(...)

ZIZEK, Slavoj (2004): p. 35

lece-se o campo da solidariedade e esclarecem-se os desígnios em presença que, na intimidade de cada um dos artistas intervenientes, moldam as personalidades e, nesse sentido, vinculam a sua postura autoral.

Mas, para além desse relacionamento e dessa aprendizagem, tornam-se evidentes a importância do envolvimento de saberes pluridisciplinares nos programas de desenvolvimento e a necessidade de se encontrarem modelos que ultrapassem as fragilidades existentes e enfrentem as possibilidades criativas e utópicas do mundo contemporâneo. Os modelos de desenvolvimento estão gastos, principalmente porque subordinados a interesses adversos ao estreitar do fosso da desigualdade, e carecem de novos palcos onde as populações sejam os motores de progresso e gestores dos processos, onde a criatividade patente na luta pela sobrevivência crie *territórios inteligentes*, que de acordo com a identidade local, a força endógena e as capacidades de gerar competências e cooperação, apostem num modelo sustentável de economia criativa.

O programa de desenvolvimento integrado da comunidade de Lajedos, em Cabo Verde (que apresentaremos, entre outros, no *estudo de casos*) corresponde a um decurso exemplar, que promove cirurgias interventivas no tecido social e cultural, gerando sustentabilidade ao desenvolvimento rural/urbano, articulando actuações na educação, na cultura, na investigação, nas tecnologias contemporâneas, no direito e na cidadania. Como num laboratório, inventam-se projectos criativos onde a arte e a cultura jogam um papel central nas soluções. Este exemplo promove o envolvimento dos artistas para um papel de destaque, aceite pelo modo como se disponibilizam para a procura de novas respostas aos grandes problemas da nossa época, pela busca incessante de novas maneiras de pensar, pela abertura à realização de mudanças sociais, pela aceitação de novos paradigmas conceptuais, pela prática em lidar com metodologias de projecto e pela sua irreverência criativa.

O apelo ao envolvimento solidário de artistas e jovens estudantes de arte em programas de desenvolvimento, onde a participação das populações são o centro, para além do efeito interno nas suas identidades autorais, das experiências pessoais e aprendizagens que permitem, promovem um encontro imprescindível da arte com a cultura, ou a experimentação da arte como cultura, espaço onde o entendimento dos dilemas da arte contemporânea ganha a sua verdadeira amplitude.

Neste sentido evoca-se aqui a persistência do envolvimento na actividade artística, sem descuido pela necessária intimidade e autonomia autoral.

O ponto seguinte desta tese apresenta, em contextos precisos, o campo de experiências que o movimento intercultural abriu para a percepção consciente, quer das questões globais do desenvolvimento quer do espaço saboroso do envolvimento em situações concretas de desenvolvimento de instituições, grupos e comunidades.

O pessimismo é um luxo para os ricos.

COUTO, Mia. OS SETE SAPATOS SUJOS, Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM, *in* Vertical N° 781, 782 e 783 de Março 2005, disponível em <http://www.macua.org/miacouto/MiaCoutoISCTEM2005.htm>

TRABALHO DE CAMPO . ESTUDO DE CASOS

La idea de infinitud representa una extensión imaginada del presente en la que se revelará el sentido de todos los momentos pasados, presentes y futuros, y en la que todo encajará; todos los afanes darán sus frutos benignos o venenosos, los méritos serán recompensados y castigados los vicios; o, más bien, los actos se clasificarán como méritos o vicio en función de sus repercusiones, es decir, de sus consecuencias realmente transcendentales y definitivas.

BAUMAN, Zygmunt (2004): p.124

Mesmo que à altura dos hábitos de pensamento actuais nos pareça inicialmente paradoxal, a verdade é que a individualidade e a dependência social dum ser humano não só não são antagónicas com o cinzelamento único e a diferenciação das funções psíquicas dum ser humano, que se manifesta através da palavra “individualidade”, só se torna possível pelo facto de um ser humano crescer no seio de um colectivo humano, inserido numa sociedade.

ELIAS, Norbert (1987): p. 40

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é premeditada, preestabelecida.

FREIRE, Paulo (1996): p. 58

Neste capítulo vão ser apresentadas as reflexões isoladas perante diferentes eventos, ocorridos em geografias distintas. Organizam-se, separando os casos ocorridos em diferentes países, pela ordem cronológica de sua inclusão no IDENTIDADES, remetendo-se o estudo das ocorrências em palco nacional para um cortêz último lugar. O que se poderá assumir como análise conclusiva será apresentado apenas no ponto ‘*centrar no entendimento*’, onde se pretende verter as diferenciadas experiências para um entendimento globalizante, apresentado em diferenciados ângulos de análise.

O IDENTIDADES teve ao longo da sua história de mais de dez anos a possibilidade de estabelecer com distantes entidades vínculos relacionais centrados em propósitos negociados, adequados em cada situação aos interesses distintos dos seus protagonistas e aos contextos em que ocorriam. O facto de nunca se ter estabelecido um programa comum ou sequer uma postura definida gerou, nesse modo orgânico e relacional de evolução, uma diversidade de experiências, cada uma delas rica em acontecimento, contendo possibilidades de aprendizagem inesgotáveis. Alguma aparente similitude nos casos não corresponde, de todo, à diversidade das situações, aos distintos corpos envolvidos, nem a falsos nivelamentos.

O IDENTIDADES é um movimento artístico que participa nos conflitos da era pós-colonial, qualificando e acentuando o valor das relações culturais directas. Espalha-se por afastadas geografias, mas dentro de um mesmo mundo onde gostaria de ver a arte mover-se numa narrativa contemporânea que afastasse conceitos excludentes, ignorasse fronteiras e votasse ao absoluto desprezo ideias discriminatórias e, em simultâneo, revelasse com nitidez e visibilidade todas as produções artísticas e difundisse de modo desinibido a diversidade e a plenitude dos discursos culturais que compõem o nosso tempo.

Enquanto os seres humanos e as sociedades que formam não reconhecerem senão a cultura aparente, e evitarem considerar a cultura primária subjacente, isto terá apenas como resultado explosões imprevisíveis e violência. Penso que uma das inúmeras vias possíveis para resolver este problema passa pela descoberta de nós próprios: e não podemos realizar essa descoberta a não ser conhecendo verdadeiramente os outros e as suas diferenças.

HALL, Edward T. (1983): p. 17

IDENTIDADES

2. A resposta do Identidades ao apelo intercultural só se pode fazer, como é óbvio, a partir da sua posição cultural, e essa é a singularidade maior deste movimento, e até o seu enigmático encanto: é que tal posição cultural não preexiste ao movimento como seria de esperar, não o enquadra, é antes aquilo que precisamente o movimento se propõe construir, realizar.

MARTINS, Víctor (2006). 25 Teses sobre a Arte em Regime Intercultural, seguidas de 10 Teses sobre o "IDENTIDADES", in ID10, GESTO (2007), p. 92

Se a nova extraterritorialidade da elite parece uma liberdade intoxicante, a territorialidade do resto parece cada vez menos com uma base doméstica e cada vez mais com uma prisão — tanto mais humilhante pela intrometida visão da liberdade de movimento dos outros.

BAUMAN, Zygmunt (1998): p. 31

(...) substitui não mais o geocentrismo, mas sim o egocentrismo ingênuo, por uma visão global das inter-relações.

HEINICH, Nathalie (1997): p.87

Por isso não espanta que a arte contemporânea tenha passado do site para o contexto, e do físico para a situação social. O problema, tanto a etnografia quanto na arte contemporânea, é conseguir um modo de relação dialógico, uma negociação entre os diferentes participantes da situação, etnográfica ou artística.

DIAS, José António Fernandes (2004). O "Novo" na arte de hoje. Arte e construção da realidade, in MArte, n 1, Março de 2004., p. 08

No caminhar e nas várias geografias percorridas foram-se esclarecendo os interesses em presença, tendo adquirido clareza a intenção nossa de promover este movimento intercultural enquanto espaço de partilhas múltiplas que possibilitasse a cada um dos seus membros (em si) absorver as experiências vividas e entender os acontecimentos. Trata-se de dirigir os esforços colectivos de modo a que cada um dos intervenientes possa incorporar o vivido no seu repertório cultural e saborear uma maior consciência de si próprio perante um universo de conhecimento alargado a culturas que lhe são distantes. O movimento colectivista e funcionando na promoção de uma democracia participativa construiu-se, declaradamente, como um lugar egoísta, de aprendizagens pessoais, de experimentação individualizada, de confrontação cultural, de dádiva solidária e de apresentação.

Os intervenientes portugueses do IDENTIDADES são na sua maioria estudantes e um grupo de docentes da FBAUP, e um bom número de artistas, na maioria recém-licenciados naquela instituição. Constituem um grupo não homogêneo no que refere a interesses pessoais, posturas cívicas e personalidade autoral, mas, em comum e para além desta mesma pertença, edificam o seu perfil artístico no espaço cultural estilhaçado pelo Ocidente e interessam-se pela discussão e confrontação de ideias sobre a arte, particularmente localizada na problemática autoral. O seu interesse funda-se nessa essência, na procura individual de um sentido onde o devir artístico se argumente, e este centrar na arte assegura que é para além da arte que a arte se move.

Neste localizado espaço contemporâneo (demasiadas vezes julgado como o centro ou o exclusivo) onde os pensadores da arte a anunciam como estando em crise, deseja-se entender essa fraqueza de identidade, procu-

rando um sentido para que cada um dos intervenientes deste *movimento* se situe. E essa procura, que é uma busca contínua de entendimento, alarga-se para terrenos interculturais, onde os mesmos dilemas sobre a arte assumem uma dramática conflitualidade. Depois, essa procura, que tem como centro a arte, alarga-se para a cultura. E é nesse terreno intercultural e em geografias onde a história confere posturas próprias e um tempo particular perante o contemporâneo, onde o fluxo imperial da indústria cultural não esbate e ostracisa a dimensão plena da cultura, que o IDENTIDADES se entrega, virado que está para favorecer uma consciência plena nos seus intervenientes do sentido e valor a dar à vida, e das responsabilidades que cada um assume como artista e como cidadão.

Neste tempo de mundialização da indústria cultural, assusta a tendência avassaladora para se lerem como *universais* as ideias e as formas culturais dominantes e agressivamente difundidas. O IDENTIDADES pretende tornar visível a dissolução da singularidade e tornar possível o entendimento da cultura como um campo de diversidade que emana da presença da ancestralidade do homem no presente, da permanência do intraduzível nos comportamentos sociais, nos modos como a criatividade humana age perante o infortúnio, a sorte e o novo. Pretende ainda uma classificação positiva do que as ofensivas totalizantes desprezam como resíduo, incluindo, como integrantes deste tempo, saberes e conhecimentos há muito votados ao esquecimento. Não se anunciam os caminhos experimentados e ensaiados na gestão duma história secular de dominação cultural como miraculosos, antes se exibem as fragilidades e as fraquezas de quem sabe a arte morando na incerteza e comparece debilitado a uma partilha franca onde sabe poder vir a restabelecer-se.

Definido como um movimento de procura, que pretende remeter para o crescimento intelectual individual as leituras possíveis de extrair, o IDENTIDADES inventa-se, privilegia o campo da experiência, como modalidade que contraria a procura de respostas, inclusivé a própria concretização dos seus exercícios experimentais em '*obra*'. Mais importante é, assim, abrir as possibilidades de cada autor, de cada participante entrar nesse campo experiencial, de se sintonizar com vivências alheias, de as retomar, de as reviver.

O relacionamento intercultural que estabelece com culturas eruditas e populares, nativas das regiões onde se hospeda, permite aos interventores construir a sua própria identidade cultural, a sua individualidade artística.

Desde 1950 asiáticos, africanos, árabes orientales, isleños del Pacífico y americanos nativos han afirmado de diversas maneras su independencia de la hegeminía cultural y política de Occidente y han establecido un nuevo campo multívoco de discurso intercultural.

CLIFFORD, James (1998): p. 304

As questões são: "Em que consiste a nossa actualidade? Qual é hoje o campo das experiências possíveis?"; (...) nada está verdadeiramente enclausurado no mundo.

JIMÉNEZ, José (1997): p. 19

A recusa da identidade individual, o tornar-se nada e ninguém para poder ser tudo, o mimetismo trazido à identificação completa com o sentir dos outros, representam poderosos dispositivos de conhecimento do mundo e da realidade, para além das experiências inebriantes, excitantes, direi mesmo absolutamente vertiginosas, que, por um lado, permitem uma compreensão profunda dos aspectos muito inquietantes da loucura e, por outro, libertam da tristeza e do desespero de ser-se prisioneiro de uma identidade.

PERNIOLA, Mario (2006): p. 64

Nó e labirinto tornam-se assim a imagem estrutural do próprio saber: um saber aberto interdisciplinar, em movimento, sempre sujeito ao risco da perda de orientação.

CALABRESE, Omar (1987). L'Età Neobarroca, A Idade neobarroca, Lisboa, edições 70, 1999, tradução de Carmem de Carvalho, p. 151/2

A arte é uma forma não de acção apenas, mas de acção social. Porque a arte é um tipo de comunicação e, quando penetra no meio envolvente, surte os seus efeitos tal como outra forma de acção qualquer.

ROTHKO, Mark (2007): p. 62

As quatro geografias onde o movimento se instala correspondem a inconstantes intimidades artísticas, a abundantes distinções culturais e a diferenciadas realidades. Pretende-se nos quatro estudos de caso que se apresentam de seguida colher da imensidão dos acontecimentos e da infindável experiência partilhada uma leitura que, sustentada no capítulo seguinte (centrar o entendimento), fundamente as ideias apresentadas nesta tese.

EM MOÇAMBIQUE

EU O POVO

(...)

Eu, o Povo

Vou aprender a lutar ao lado da Natureza

Vou ser camarada de armas dos quatro elementos.

Eu, o Povo Moçambicano

Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas.

JOÃO, Mutimati Barnabé (1975). **Eu, o povo**, Contexto Editora, Lda (1984). pg 23

(...) as concepções de futuro desempenham um papel muito maior do que as ideias do passado nas actuais políticas de grupo, (...)

APPADURAI, Arjun (1966): p. 193

O facto do *estudo de caso* em questão nesta parte da tese se centrar na cidade de Maputo, capital de um dos últimos países africanos a tornar-se independente, corrigindo o desvio forçado pela política da ditadura colonial portuguesa no rumo que a história começara a trilhar na segunda metade do século XX, implica a necessidade de o envolver numa visão de conjunto da evolução do continente africano. A análise que se apresenta incide assim sobre o contexto político e cultural onde se estabelecem as relações interculturais promovidas pelo IDENTIDADES e que são o objecto do estudo.

ÁFRICA

(...) a sociologia política de África tem sido extremamente peculiar por si própria, mas não o é em nenhum outro sentido. A sua aparente excentricidade, inexplicabilidade ou imprevisibilidade só existe aos olhos daqueles que não a observaram com a devida atenção.

DAVIDSON, Basill (1992): 69

Na verdade, não existem povos crianças, todos são adultos, mesmo aqueles que não tiveram diário de infância e de adolescência.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1952): p. 27

Parece às vezes que o campo ocidental do globo gostaria de aplicar à África a fórmula que no seu tempo Bertold Brecht satirizava noutro contexto, e dissolver a realidade para inventar uma outra.

Esse manifesto desespero resulta da verificação de que as análises que se vão tecendo sobre a evolução dos países africanos não coincidem com o acontecido nem com o acontecimento. De facto, sempre tivemos muita dificuldade em entender os sinais confusos que a maioria dos países africanos emitem em matéria de evolução política, nunca conhecemos a com-

plexidade existente, tão-pouco as contradições cruzadas, e não entendemos muito claramente, nem digerimos com facilidade, as análises e as perspectivas dos seus pensadores e dos seus políticos. Da história de África conhecemos apenas o que escrevemos, sem sermos capazes, quase em absoluto, de conhecer o pulsar próprio das comunidades que, desde os tempos remotos dos povos das savanas do Sudão Central e Ocidental e das civilizações do vale do Níger e do povoamento de todo o continente até à chegada dos ‘descobridores’, criaram modos civilizacionais próprios, estabelecendo amplas relações comerciais, violentamente perturbadas e interrompidas pela dominação colonial, pela ‘conversão cristã’ e pela imposição do ‘comércio de escravos’, elevando a escravatura existente a um outro degrau de desumanidade. Da constituição de reinos e da dimensão de impérios, das invasões de territórios, do alastramento do islamismo, dos conflitos internos, das práticas de escravatura, da contínua miscigenação das populações, das misturas culturais, dos modos de sobrevivência, das migrações permanentes e dos regimes de transumância, reduzida presença habita nas simplificações rudes da história africana redigida no ocidente. Nem sequer foram observadas as semelhanças, existentes em vários sentidos, entre o tribalismo pré-colonial e o nacionalismo europeu do século XIX. A partir dos ‘descobrimientos’, a história de África que reconhecemos é escrita no Ocidente e, agora que declaramos aberto um tempo que apelidamos de *pós-colonial*, onde pretendemos expiar todas as nossas culpas, reencontramos o desconhecido e temos dificuldade em deixar que a sua história seja pensada e decidida pelos africanos. Em excesso de velocidade queremos ultrapassar as implicações directas que os impérios ocidentais coloniais, diversos países europeus e as grandes potências tiveram na definição das rotas tortuosas trilhadas. Preferiríamos que as realidades desse Continente fossem mais simples, que a ancestralidade das culturas que foram aí ganhando forma se diluísse num ápice e, como efeito de magia, aparecessem ‘novas sociedades’, integradas pacificamente no mercado internacional, aproximadas aos modelos de evolução de nós já conhecidos. A nossa pressa é tanta, que nem as lições que poderíamos retirar da formação dos estados-nação na Europa (questão ainda não completamente resolvida) utilizamos para entender os processos contraditórios em que foram criados e evoluíram os estados-nação em África. No entanto, e referindo como exemplo apenas um aspecto político, a esperança que acalentávamos de que a *sociedade civil* africana solidificasse uma exportada *democracia representativa* vai-se gorando ou permanecendo suspensa na expectativa estagnada de melhores dias.

Na África negra, para os países costeiros considerados como relativamente desenvolvidos, cujo produto médio per capita é da ordem de 200 dólares, as massas populares, que constituem 93% da população urbana (20%) e rural (73%), apenas recebem 55% do rendimento nacional.

AMIN, Samir (1973/5): p. 5

(...) não somos impunemente negros, e que sejamos franceses – de cultura francesa – ou que sejamos de cultura americana, há um fato essencial: a saber: que somos negros, é que isso conta. Eis aí a negritude. Ela afirma uma solidariedade.

CÉSAIRE, Aimé. Um poeta político, entrevista de François Beloux, in revista de cultura # 54, fortaleza, São Paulo – Nov/Dez de 2006 — <http://www.revista.agulha.nom.br/ag54cesaire.htm>

(...) enquanto a modernidade se constrói ainda com dificuldade em certas partes do mundo, é ultrapassada em toda a superfície do planeta por poderosos movimentos de aceleração e de excesso.

AUGÉ, Marc (1997): p. 27

O conhecido provérbio africano que diz que “a Terra não foi o que herdámos dos nossos antepassados, mas sim aquilo que pedimos emprestado aos nossos filhos” não deve ser utilizado contra os que o inventaram, recusando-lhes o direito ao desenvolvimento, quer dizer o direito a um domínio sempre crescente, quer do seu próprio destino, quer do mundo que os rodeia.

BRUNEL, Sylvie (1997): p. 69

A cultura africana não é uma única mas uma rede multicultural em contínua construção. Os teóricos e analistas afligem-se com esta indefinição. COUTO, Mia (2005): p. 79

Em concreto, a ajuda constitui um dispositivo para os que dizem ajudar se ajudam, com expressão forte na estilização das suas vidas proporcionada pelos salários de três, quatro e até mais de 5.000 dólares, viaturas de tracção integral para uso total, habitações confortáveis, viagens para os países de origem, criados e criadas para todo o serviço e sabe-se lá o que mais.

RIBEIRO, Fernando Bessa (2003). Cartas da periferia: Um antropólogo na terra dos heróis, Porto, Profedições., p. 35/6

(...) apesar das dificuldades, esta África emancipada é agora obrigada a encontrar sozinha o caminho da sua reconstrução.

CORDELLIER, Serge (1999): p. 201

No mundo acolchoado, maleável e informe da elite global dos negócios e da indústria cultural, em que tudo pode ser feito e refeito e nada vira sólido, não há lugar para realidades obstinadas e duras como a pobreza, nem para a indignidade de ser deixado para trás, nem tampouco para a humilhação que representa a incapacidade de participar do jogo de consumo.

BAUMAN, Zygmunt (2001): p. 59

Interferimos na sua história, entendendo a África por analogia e não no seu distintivo e, face aos desvios ao caminho que lhe traçáramos, temos dificuldade em entender o erro que cometemos. Desprezando o seu passado pré-colonial, incluindo exercícios de governação, os impérios europeus interromperam violentamente o percurso histórico que em África se realizava, de modos ricos e diferenciados, segundo modelos sócio-políticos gerados perante as complexidades existentes, resultantes das contradições e dos conflitos internos e de vizinhança. Durante séculos comandámos o seu destino, o que representou um novo desenvolvimento na ignóbil escravatura, estruturando o seu 'comércio', a dominação racista dos regimes coloniais organizados, desestruturando o tecido social e, mais tarde, *acompanhámos* a descolonização de onde resultaram *estados modernos* que, passada a fase entusiasta da independência, reproduzem condições de violência social, fome, desespero e desesperança. A Grã-Bretanha e a França, principalmente, fomentaram a criação de estados-nação, criados nas geografias geométricas e artificiais das fronteiras coloniais, como único caminho aceitável para o *progresso*, entregando o poder a *elites*, educadas no ocidente, entusiasmadas com o exercício popular da liberdade e motivadas pelo sucesso da luta anti-colonial, mas incapazes de se fundirem com as populações, por se encontrarem já afastadas da sua estrutura sócio-cultural e ofendendo, por vezes, os reconhecidos chefes tradicionais. Os governos formados receberam a *transferência do poder* existente, de facto, mais enquanto *transferência da crise*, face à desintegração social produzida pelos regimes coloniais. A Europa assistiu interessada e interesseira, mas serenamente, a essa transformação, perante os EUA preocupados fundamentalmente com o impedimento do alastrar da influência soviética na região. Assistimos serenos, concentrados que estávamos na manutenção das rotas comerciais e no acesso aos recursos naturais, ao enriquecimento desenvergonhado dos políticos e ao engrandecimento corrupto das elites económicas, resultado de processos escuros de negociação com os Governos Ocidentais e declaradamente com o interesseiro compadrio de empresários e directores de instituições internacionais. Em simultâneo, verificado o insucesso dos planos para obtenção de melhorias da realidade económica, assiste-se ao empobrecimento diário nos campos, improdutivos, e ao avolumar calamitoso do 'urbanismo indigente'. Os resultados da verdadeira corrida aos despojos, que a criação dos estados-nação possibilitaram, não foram os mais desejados, mesmo para as próprias *elites nacionais* que não conseguiram lidar com as contradições profundas, culturais, sociais e locais, que estalavam, nem com

o grassar da instabilidade política, soltando as rivalidades elitistas e tribais. As populações, do mesmo modo desiludidas, não sentiam substanciais melhorias nas condições de vida – eram obrigadas a deslocar-se perante as disputas guerreiras tribais ou *terroristas*, e a incerteza campeava, enevoando os destinos.

Hoje, o Ocidente quer ver África esquecendo a sua história. No mesmo sentido com que ignorou a história pré-colonial, quer votar ao esquecimento o tempo e o efeito do colonialismo, assim como quer alijar as suas responsabilidades e cumplicidade no desenrolar do processo de edificação dos países. Esta responsabilização Ocidental não permite excluir as responsabilidades nativas, que se enraízam no modo como os muitos africanos se envolveram no tráfico de escravos, e que se prolongaram até ao presente, onde o enriquecimento fraudulento, o prestígio artificial, a desenfreada luta pela propriedade e uma atitude social de ostentação são de facto as verdadeiras bandeiras que conduzem os actos, que não as palavras de muitos políticos, dirigentes, empresários,... Hoje, resultante das escolhas importadas e do esquecimento votado à cultura e à realidade, deparamos com movimentos sociais divergentes e contraditórios que o ‘tempo’ nunca serenou, como não poderia deixar de se verificar se nos recordarmos de como se constituíram as elites políticas e económicas; se atendermos a que todas as mudanças ocorrem num pequeno ápice de tempo; se atendermos à presença, em simultâneo e em sobreposição, de religiosidades diversas; à permanência do peso dos dominantes culturais ligados a práticas ancestrais, aos diferenciados costumes, aos vários modelos construídos de reprodução social, etc. ... Previmos que as relações de poder fossem encontradas e instituídas num quadro análogo ao que a história ocidental construiu e verificamos que vinga, de modo inesperado, um quadro divergente e para nós incompreensível, onde dominam relações clientelistas e, mesmo assim, não nos dispomos a abrir o campo da antropologia política e do abandono dos habituais *a priori* conceptuais.

(...) a concepção da experiência africana como sendo excepcional e exótica ou a sua absorção num corpo teórico vasto como rotineira e banal. Tanto uma como outra atitude são, em minha opinião, maneiras diferentes de ignorá-la. Eu, em contrapartida, procuro destacar a especificidade da experiência africana, ou pelo menos duma parte dela. Este argumento não é dirigido contra o estudo comparativo, mas sim contra aqueles que de-historiam os

A generalidade dos países africanos aderiu aos programas de reajustamento estrutural impostos pelo Banco Mundial, nalguns casos como condição única para a paz.

JOSÉ, Adriano Cristiano. Autoridades Arditosas e Democracia em Moçambique (2005) in: O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUO/FLUC, nº 1, 2006, <http://cabodostabalhos.ces.uc.pt/m1/ensaios.php>

nós estamos criando uma sociedade que produz desigualdades e que reproduz relações de poder que acreditávamos estarem já enterradas.

COUTO, Mia. OS SETE SAPATOS SUJOS, Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM, in Vertical N° 781, 782 e 783 de Março 2005, disponível em <http://www.macua.org/miacouto/MiaCoutoISCTEM2005.htm>

Em todo o continente, os discursos sobre feitiçaria e possessão entrelaçam-se com a mudança e a modernidade.

HONWANA, Alcinda Manuel (2003): p. 25

África não pode reduzida a uma entidade simples, fácil de entender. O nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimónios do nosso continente. Quando mencionamos essas mestiçagens falamos com algum receio como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos pura. Mas não existe pureza quando se fala da espécie humana. Os senhores dizem que não há economia actual que não se alicerce em trocas. Pois não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma.

COUTO, Mía. Economia- A FRONTEIRA DA CULTURA, texto apresentado na AMECON – AME, em 30.09.2003, disponível em http://www.macua.org/miacouto/Mi_a_Couto_Amecon

fenómenos por meio da descontextualização, quer em nome dum universalismo abstracto, quer dum particularismo íntimo para depois tentar compreendê-los por analogia. Eu procuro antes pelo contrário estabelecer a legitimidade histórica de África como uma unidade de análise.

Mamdani, M. (1996). Citizen and subject: Contemporary Africa and the legacy of late colonialism, Princeton University Press, pg. 16 (tradução de Elísio Macamo).

Nas últimas décadas os conflitos antropológicos e sociais sucederam-se em África, num ritmo nunca conhecido na história universal e, talvez por isso mesmo, o continente sofreu, o que é do conhecimento geral, grandes transformações políticas, de entusiasmo popular e de desesperança, de progresso social, de estagnação e retrocesso. Os recém criados estados-nação geram novos contextos históricos, onde se procura um novo quadro de revitalização da sociedade civil. Esta mudança instantânea, efectuada por transição geracional, em casos mais ou menos conturbada, mas no geral aceite, foi, na sua fase impulsionadora, promovida sem grandes conflitos. As populações, festejando a independência alcançada e inebriadas por 'palavras de ordem' que lhes abriam as portas de um futuro melhor, naturalmente tornaram-se cúmplices das transformações. No terreno político as contradições residiram em pequenas disputas entre as *elites* e em conflitualidades *tribais*, na maioria dos casos resultantes do confronto entre a *modernidade* e a *tradição* e da artificialidade dos desenhos de fronteiras traçadas e impostas pelos Impérios Coloniais e resultantes de antigos conflitos de vizinhança.

A mudança verificada foi geracionalmente contemporânea da acção desencadeada em busca da independência pelas lideranças políticas e são elas que, na transição para os novos regimes criados, se constituem e se legitimam como forças de poder. A evolução efectuada não se fundamentou num discurso próprio sobre um possível processo de democratização, mas evoluiu no consentido espaço do possível, criado pelo desenrolar das conflitualidades internas sempre muito condicionadas pelo relacionamento internacional. Neste movimento, onde se escolhem modelos estrangeiros como tentativa de obter o desenvolvimento, tornaram-se muito complexas as relações entre este poder político saído da luta pela independência e os chefes tradicionais, bem como se assiste a um progressivo afastamento dos agricultores que continuam a ser espoliados dos seus excedentes.

Se o facto de se constituírem governos legitimados pelas lutas de libertação e, em alguns casos, posteriormente, por processo eleitorais internacional-

mente validados, tranquilizou a opinião pública internacional, não encobre nem esbate, no entanto, a instabilidade social e política nem ameniza os dilemas culturais existentes. Tal instabilidade radica no rápido esbatimento da perspectiva político-económica de se criarem de imediato as desejadas melhores condições de vida para as populações que apoiaram a instauração da independência, e por não ser possível artificialmente cicatrizar as conexões do ancestral com a modernidade invasora. Não se reconheceu a necessidade de se afirmarem as características culturais identitárias das populações para, a partir daí e com elas, se desenharem os caminhos a percorrer, e escolheram-se rumos apressados, ditados pelo exterior apoio ao *desenvolvimento*. Os resultados, no que refere à promoção de melhores condições de vida e à instauração de instrumentos sociais para o exercício generalizado de cidadania, sendo positivos, são demasiado parcos e isolam a maioria das populações, que permanecem numa pobreza desumana, das elites que usufruem de condições desproporcionadas, imorais e muitas das vezes ilegais, de enriquecimento e aburguesamento.

Esta pequena abordagem não pretende analisar a complexidade da história recente da África, mas apenas situar o estudo do contexto político de Moçambique, onde se insere o laboratório de actividade artística e cultural onde o colectivo do movimento IDENTIDADES se instalou, desenvolvendo a actividade que é analisada nesta tese.

MOÇAMBIQUE

799 390 km² habitados por 20 530 714 pessoas
(Censo de 2007 – Fonte: INE)

<i>Taxa de analfabetismo</i>	<i>53.6 %</i>
<i>Esperança de vida ao nascer (anos)</i>	<i>47.1</i>
<i>Taxa de natalidade (per 1 000)</i>	<i>40.5</i>
<i>Taxa de mortalidade (per 1 000)</i>	<i>16.4</i>
<i>Mortalidade Infantil (per 1 000)</i>	<i>107.9</i>

Moçambique, independente apenas em 1975, é um caso particular no continente africano em plena transformação. Como país, ainda constrói o seu próprio sentido nacional, trilhando os seus primeiros passos para se afastar do contexto social herdado pelo colonialismo: pobreza profunda e extensa; fraqueza da consciência nacional; desestruturação das camadas sociais; modos de vida hesitantes entre o novo e a religiosidade/tradição; populações confundidas perante os desafios do desenvolvimento, da modernidade e da globalização...

Estamos num período impreciso, de onde decorre a fraqueza, porque as classes decompostas ainda não foram recompostas. Portanto, é um momento favorável a uma ofensiva do capital.

AMIN, Samir. A senilidade do capitalismo', Entrevista por Pedro de Oliveira, in <http://resistir.info> ., 29/Jun/02

Entretanto, as empresas multinacionais sul-africanas expandem-se agressivamente no continente nas áreas da energia, telecomunicações, construção, comércio e turismo. Ao contrário do que se poderia esperar de um governo do Congresso Nacional Africano (ANC) de Nelson Mandela, não as move o pan-africanismo. Move-as o capitalismo neoliberal puro e duro, imitando bem as concorrentes do Norte.

SANTOS, Boaventura. Des-democratização, in *Visão* (13 September 2007)

O novo deus é naturalmente o Ocidente.

SAID, Edward (1993): p.99

(...) a humanidade é uma máquina de criar diferenças.

WARNIER, Jean-Pierre (1999): p. 102

“(...) a eliminação das estruturas de opressão e exploração coloniais e tradicionais e da mentalidade que lhes está subjacente; a extensão e reforço do poder popular democrático; a edificação de uma economia independente e a promoção do progresso cultural e social; e edificação da democracia popular e a construção das bases material e ideológica da sociedade socialista”

(artigo 4.) – Constituição da República Popular de Moçambique de 1975

O desenrolar de uma guerra iniciada logo após a independência estabeleceu uma situação adversa que favoreceu e desculpou, durante muito tempo, o retardar dos resultados sonhados e desejados. No entanto, o país vai-se edificando, escolhendo caminhos controversos, promovendo profundas e inevitáveis alterações no seu tecido social, gerando grande turbulência social e cultural. É grandiosa a tarefa e os melhores caminhos são difíceis de encontrar neste tempo de globalização, onde os abutres internacionais nunca deixam de olhar para as possibilidades de pilhagem, e a tentação de enriquecimento rápido conquista os dirigentes que depressa remetem ao esquecimento os mais desprotegidos e, bem abastecidos, esbatem os desígnios nacionais proclamados durante a luta armada de libertação. Como se constrói um país?

Onde estão os representantes sociais reconhecidos pelas populações? nos partidos? nos eleitos por processos eleitorais? nos chefes tradicionais? no exercício da cidadania? ...

Onde estão as lideranças económicas? nos partidos? na estrutura financeira? nos políticos? nos organismos internacionais? no informal? nas empresas estrangeiras? nos espertos? nos sindicatos? ...

Onde estão os líderes de opinião pública? nos partidos? na governação? nos intelectuais? nos chefes tradicionais? na comunicação social? nas universidades? no exercício da cidadania?

Onde estão os profissionais qualificados? nos estrangeiros? nos partidos? a sair das escolas e das universidades? no exterior? na tradição? ...

Nunca tive a impressão, em África ou em alhures (...), de estar num mundo impenetrável.

AUGÉ, Marc (2003): p. 96

No quadro da turbulência por que passa o tecido social são reconhecidos os lentos avanços, ainda que considerados insuficientes e insatisfatórios para os seus cidadãos. A comunidade internacional, distante das dificuldades da população, elogia a estabilidade política, a melhoria dos *índices de desenvolvimento*, a proximidade a uma *boa governação* e até se premeia a *boa oposição*. Em muitos palcos internacionais, Moçambique é tornado exemplo a espalhar por todo o continente.

Pese embora a existência de condições objectivas para esses louvores, no entanto, deve ser tornado visível que o tecido social existente não

adquiriu nem sustenta valores contemporâneos, mergulhado que está na pacificação antropológica das contradições entre as culturas ancestrais que comporta e os desafios do *desenvolvimento* e da *globalização*. A pressão internacional (doadores, instituições internacionais, organizações não-governamentais, técnicos do desenvolvimento, cooperantes, etc.) pretende um ritmo e um rumo para o *desenvolvimento* através de modelos pré-formatados que respondam com prioridade aos interesses estrangeiros (da sociedade de mercado), embora também das elites que aspiram ao enriquecimento pessoal e pretendem integrar a classe dos *dominadores*, o que significa que esse caminho é traçado num quadro independente e isolado do pulsar interno de modernidade e evolução social. Assim, no quadro existente de pobreza desmedida, o desejável sentido de cidadania e o sentimento de Nação vão sendo construídos demasiado artificialmente e não permitem que se crie, por via de um desenvolvimento orgânico e pela digestão própria dos desafios da modernidade desejada, o novo quadro civilizacional nem se edifiquem os instrumentos que possibilitem o seu exercício.

A implantação em curso de um modelo político pluralista realiza-se num esforço de ‘construção do país’, desenhado na utopia da luta de libertação e convertido por imposição internacional à sociedade de mercado. Este ainda curto período de vida do País enfrentou já demasiados anos de guerra, de instabilidade política e económica, que se constituíram num primeiro obstáculo ao desenvolvimento e que desculpam, de algum modo, as ineficazes políticas de promoção de melhores condições generalizadas de vida.

No período pós-independência, foram ensaiadas tentativas de modernização com base num modelo ideológico socialista, sonhadas no quadro de luta de libertação e de consolidação de um país recentemente criado e tornado, face às primeiras dificuldades, num modelo de governação burocrático e afastado das populações. A linha política seguida, nos dilemas internacionais da ‘Guerra Fria’ foi combatida internacionalmente pelo *Ocidente*, particularmente através da *criação* da ‘oposição armada’, apoiada nas suas investidas desestabilizadoras guerreiras. Neste quadro controverso do panorama de reconhecimento internacional do país, a FRELIMO aceita a ‘nova política económica’, forçada pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional. Dessa mudança decorre o fim da guerra e a assinatura do acordo de paz, sendo estabelecidas outras condições políticas, que anunciavam condições favoráveis para a satisfação dos desejos da população de melhores condições de vida e de

A começar pelos senhores do império, passando pelas instituições do chamado “consenso de Washington”, e terminando nas que pululam em redor das Nações Unidas, sem esquecer as ONG, todas consideram Moçambique um “bom aluno”: aplicado, nunca ausente das aulas, fazendo sempre com rigor os trabalhos de casa.

RIBEIRO, Fernando Bessa (2003). Cartas da periferia: Um antropólogo na terra dos heróis, Porto, Profedições, p. 30

O que poderia ter acontecido se o desenvolvimento indígena tivesse continuado e se as estruturas pré-coloniais tivessem continuado livres, de modo a amadurecerem até se transformarem em estruturas modernas, é uma questão sem resposta.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 81

“A libertação não significa para nós simplesmente a expulsão dos portugueses; significa reorganizar a vida do país e lançá-la na via do sólido desenvolvimento nacional. Para isso é necessário tirar o poder político das mãos dos portugueses, visto que estes se opuseram sempre ao progresso social e estimularam somente aquele desenvolvimento económico que podia beneficiar a elite pequena e quase exclusivamente estrangeira. Mas o movimento de libertação não poderá reivindicar o êxito até que, através dele, o povo consiga que os portugueses lhe recusaram: nível de vida tolerável; instrução; condições de desenvolvimento económico e cultural; oportunidade de participar no seu próprio governo.”

MONDLANE, Eduardo Chivambo, citado in ZAWANGONI, Salvador André (2007): p. 15

(...) para se tornarem africanos civilizados eles tinham de deixar de ser africanos, mas para assegurar que assim seria de forma efectiva, e total nunca poderiam tornar-se europeus.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 53

prosperidade nacional. No entanto, os resultados evidenciam o pequeno efeito na pobreza extensa e na vida da grande maioria das pessoas, bem como a escolha da utilização de oferecidos e importados ‘modelos internacionais de desenvolvimento’ em detrimento de uma procura criativa e mobilizadora de um modo próprio de desenvolvimento nacional, utilizando os recursos existentes no contexto em que as culturas sabem gerar rupturas em presença dos desafios da actualidade.

UM POUCO DE HISTÓRIA

(...) 4

*Os retratos. Os velhos retratos de família,
lembrança acinzentada de gente
que noutros corpos existe, eles são
o sorriso congelado, o sabor antigo,
o bafio triste da sala sombria. O rosto
que não existe e foi outro tempo.
O espelho imobilizado sobre a imagem: a face
delida, o cabelo molhado, a risca
certinha, o olhar luminoso, o sorriso
branco. Antipáticos, os retratos.
Velhos têm o sorriso da juventude.*

(...)

KNOPFLI, Rui. Máquina de Areia (1964), in *Obra Poética*,
Imprensa Nacional Casa da Moeda (2003), p. 172

(...) e após cerca de 16 anos de guerra civil, Moçambique embarcou num programa de recuperação económica, com o apoio do BM e do FMI, com consequências devastadoras para muitas famílias moçambicanas – veja-se o número de empregos perdidos devido ao encerramento de praticamente todas as fábricas de processamento de cajú.

MOTTA, Helena (2001) in *Democracia e Desenvolvimento*, Maputo, Associação Joaquim Chissano, p. 65

A história de Moçambique só começa a ter presença no Ocidente a partir da colonização do seu território e centra-se na grande utilidade económica e política que acrescentou aos desígnios europeus expansionistas e em alguma curiosidade pelo exotismo africano. O facto de grande parte da população estar convertida ao Islão e de haver grande proliferação de entrepostos comerciais árabes, não impede, com a chegada de Vasco da Gama (1497), de serem os europeus que (para si) a descobrem. A partir de então, sob uma dominação agressiva e colonial, apenas aparecem na Europa registos dispersos de alguns momentos especiais da conflitualidade entre os indígenas e os estrangeiros, sendo dominante o relato do desenvolvimento provocado pela colonização. Das lutas de resistência pouco se escreve a não ser em episódicos casos, considerados positivos, transformados em relatos exemplares dos feitos coloniais. De resto, a interioridade da presença colonial é quase inexistente e só é

dado valor aos núcleos urbanos criados em volta dos interesses navais e comerciais. Nem mesmo as explorações de Serpa Pinto (1878 – 1879) de tentativa de unir num único império *transafricano* Angola com Moçambique alteraram o desinteresse pelo interior.

No século XX, regista-se uma alteração profunda, de um modo geral em todas as colónias europeias, pela corrida às matérias primas resultante das carências provocadas pela guerra. Salazar introduz as colheitas mercantis (algodão e arroz) e legisla que todos os homens com mais de 15 anos teriam de trabalhar pelo menos meio ano nas plantações públicas ou nas propriedades coloniais. Em 1951, face ao isolamento na ONU da política colonial portuguesa, Moçambique é declarada ‘provincia portuguesa’, num clima internacional de pós-guerra em que despontam em África os primeiros países independentes. A forte repressão do regime português a diversos focos de resistência à dominação colonial e ao regime de racismo e de exploração existentes gera mortes (cerca de 500 em Mueda em 1960, por exemplo) e descontentamento anti-colonial, o que fornece condições para a criação, com o apoio internacional, (em 1962, na Tanzânia) da Frente de Libertação Nacional – FRELIMO. A luta armada, desencadeada a partir de 1964 na região makonde, embora fortemente combatida pelo exército português depressa ganha expressão territorial. Em 1965 a FRELIMO já controla um quinto do território, criando as ‘zonas libertadas’.

Deve aqui reconhecer-se que, nas geografias do império português, as lutas de libertação desencadeadas tardiamente e de modo distinto dos espaços colonizados pelos ingleses e pelos franceses, foram dirigidas por forças políticas reclamadas do pensamento marxista-leninista (com a direcção de Samora Machel essa relação acentua-se ainda mais). Esta ‘coincidência’ não se encontra devidamente esclarecida e parece insuficiente estabelecer um quadro directo de resposta à repressão particular do regime colonial português. O ‘triumfalismo’ que marca todo o discurso da FRELIMO, desenvolvido perante a prova dada da capacidade de autodeterminação das recentes nações africanas, o apoio internacional e a missão assumida de luta pela independência de Moçambique num contexto geral de luta mais global pela autodeterminação de África, acrescentam uma linha de análise que alarga os campos de compreensão da referida ‘coincidência’.

“Praticamente nenhum país do continente africano anteriormente colonizado pelo Reino Unido se declarou um estado Marxista-Leninista. Por outro lado, praticamente

O regime colonial desenvolveu-se através de um sistema de domínio duplo e indirecto que incluía, por um lado, o poder central das estruturas estatais e, por outro, o poder local dos chefes tradicionais.

HONWANA, Alcinda Manuel (2003): p. 121

(...) são indígenas, nas respectivas províncias, os indivíduos de raça negra que, nelas tendo nascido ou vivendo habitualmente, ainda não possuem a cultura e hábitos individuais e sociais exigidos pela integral aplicação do direito público ou privado dos cidadãos portugueses”

Art. 2. dos Estatutos dos indígenas portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique – Decreto-Lei 39666 de 31 de Maio de 1954

Dando continuidade à experiência política das zonas libertadas, a FRELIMO pressupunha que o rumo ao socialismo exigia um processo de transformação radical da sociedade, contra o tribalismo, divisionismo, racismo obscurantismo e superstição, isto é, requeria destruição da sociedade “feudal-tradicional”, para a construção do “homem novo” e de uma sociedade sem classes, livre da “exploração do homem pelo homem”. A consolidação da unidade nacional foi sempre uma prioridade vital para a sobrevivência da FRELIMO e para a exequibilidade do projecto nacional.

JOSÉ, Adriano Cristiano. Autoridades Arditosas e Democracia em Moçambique (2005) in O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUO/FLUC, nº11, 2006, <http://cabodostabalhos.ces.uc.pt/n1/e/nsaios.ph>. p. 14

todos os países anteriormente colonizados por Portugal passaram pelo menos por uma experiência com o Marxismo-Leninismo ou chegaram ao ponto de adoptá-lo como ideologia oficial. Os países colonizados pela França encontram-se algures entre o paradigma anglófono (ausência de Marxismo-Leninismo) e o paradigma lusófono (abundância de Marxismo-Leninismo). (...) Até que ponto as diferentes políticas coloniais das três potências imperiais foram responsáveis pelas diferenças ideológicas pós-coloniais entre as suas antigas colónias? Por exemplo, terá sido a maior opressão do regime colonial português responsável pela maior radicalização ideológica das suas vítimas? Alguns quebra-cabeças históricos em África não são de resposta fácil mas uma repressão comparativa pode ser parte integrante do pano de fundo”.

Ki-zerbo, J; Mazrui, A.A.; Wondji, C. (in collaboration with A. Adu Boahen) (1993). “Nation-building and changing political values” in A. Mazrui. Unesco General History of Africa. VIII – Africa since 1935. Heinemann. California. p.496. (tradução de Elísio Macamo).

O discurso político que a Frelimo trazia da luta armada talvez não surpreendesse pelos grandes temas e mensagem, mas era nova a abordagem dos assuntos, nova a concepção de homem, de vida, de mundo e sociedade. (...) O homem trabalhador, operário e camponês, esse escravizado e oprimido de ontem pelo colonialismo, era apresentado como o real sujeito da História, o verdadeiro construtor do país e que então assumia os destinos da nação que se fazia.

MAZULA, Braço (1995): 21/22

A luta armada em Moçambique desenvolve-se no sentido de se transformar num “acto cultural”, conceito definido por Amílcar Cabral (político e pensador cabo-verdiano, considerado como o teórico mais completo do quadro da luta de libertação nas colónias portuguesas). Defende-se que a independência pretende ‘recriar’ o percurso da história de África, numa afirmação da cultura africana sempre latente e preservada nas regiões do interior, refazendo-a perante as lições retiradas dos dados novos trazidos pela intromissão da presença colonial, ainda que opressora.

Este sentido cultural da luta de libertação pode ser ilustrado pelo empenho pessoal de Eduardo Mondlane na concretização das resoluções do I Congresso da FRELIMO (1962), fundando com sua companheira Janet Mondlane (1964, na Tanzânia) o Instituto Moçambicano, vocacionado para o “Desenvolvimento da instrução, da educação e da cultura ao serviço da libertação e do progresso pacífico do Povo moçambicano” (Resolução 18º, do I Congresso da FRELIMO, 1962). Acrescenta-se ainda, no mesmo sentido, a informação da criação em 1970 da Escola Secundária de Bagamoyo, que substitui o Instituto Moçambicano entretanto encerrado, e a existência de centenas de escolas primárias criadas nas zonas libertadas.

É na organização da luta armada pela FRELIMO, no fortalecimento do

partido de Eduardo Mondlane (assassinado em 1970 na Tanzânia) e mais tarde de Samora Machel, na linha política traçada, no estabelecimento da sua direcção e dos seus quadros políticos que se enraízam os principais factores que configuram o modo como a independência se vai consolidar. Um dos factores determinantes do sucesso da luta pela independência reside no relacionamento intenso que se foi estabelecendo com as populações, fomentando o seu envolvimento progressivo nos ideais independentistas.

Interessa fixar que no processo de luta de libertação nacional a FRELIMO eleva as zonas entretanto libertadas (“zonas onde a totalidade da vida das massas depende da orientação da FRELIMO, onde no quotidiano se aplicam as nossas palavras de ordem.”) o paradigma da sua política e o sentido ‘marxista-leninista’ configura-se perante as experiências sociais produzidas nessas zonas, consideradas como ‘laboratórios científicos’, usando a designação de Samora Machel.

Na luta destacaram-se os quadros políticos, foi construída uma cultura e uma identidade independentista, estruturaram-se os circuitos sociais alternativos e de resistência ao modelo sócio-cultural imposto.

É num contexto vitorioso que se festeja a independência em 1975, e são os quadros políticos da FRELIMO que assumem o poder, são os intelectuais empenhados na luta pela independência que assumem os discursos dominantes, são as populações que a festejam.

O reconhecimento pelo Governo Português, saído da Revolução de Abril de 1974, da FRELIMO (acordos de Lusaka, Setembro de 1974), como ‘legítimo representante dos interesses anti-coloniais do povo de Moçambique’ é conseguido a partir do esclarecimento político da direcção do movimento anticolonial, do efectivo apoio popular e do transbordante entusiasmo político gerado na luta pela independência.

Proclamando o sucesso da luta popular de libertação e da experiência das zonas libertadas, forjado na luta e enraizado na aprendizagem trazida tanto do exterior como da militância clandestina exercida no interior do território, os quadros e militantes da FRELIMO difundem as orientações para a mobilização de todos na ‘construção do homem novo’ e instauram a República Socialista de Moçambique (25 de Junho de 1975).

O período político que se segue é impulsionado pelos entusiasmos da independência, e as opções tomadas decorrem da ideologia política dominante, que ganha apoios internacionais no quadro do bloco soviético, de Cuba e da China. O governo ‘colectiviza a agricultura’, ‘nacionaliza’ a saúde, a educação e a justiça.

Assim que a guerra libertava algumas áreas criavam-se escolas primárias com equipamentos rudimentar. Em 1966 havia já 100 destas escolas só na zona de Cabo Delgado, para 10 000 crianças.

ZAWANGONI, Salvador André (2007): p. 46

“Educar o homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria.”

MACHEL, Samora. Discurso no II Congresso da FRELIMO, 1968.

Os novos nacionalistas da década de 1950 acabaram por abraçar o nacionalismo como única fuga possível à soberania colonial. Esforçando-se por transformar os territórios coloniais em territórios nacionais, acabaram por considerar que a riqueza de culturas étnicas africanas era ao mesmo tempo perturbadora e difícil de incorporar nos seus esquemas.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 103

A nossa luta é justa. A nossa luta não visa só a libertação desta parte da terra que se chama Moçambique, mas ela integra-se também na luta universal para a liquidação completa da exploração do homem pelo homem.

MONDLANE, Eduardo (1966): p. 38

E queiramos ou não, na cidade ou no mato, o colonialismo meteu-nos muitas coisas na cabeça. E o nosso trabalho deve ser tirar aquilo que não presta e deixar aquilo que é bom. Porque o colonialismo não tem só coisas que não prestam. Devemos ser capazes, portanto, de combater a cultura colonial e deixar na nossa cabeça aquele aspecto da cultura humana, científica, que porventura os tugas trouxeram para a nossa terra e entrou também na nossa cabeça.

CABRAL, Amílcar (1974): p. 188

A aldeia comunal é a forma de organização da vida no campo que vai permitir à maioria do nosso povo o combate eficaz contra a fome, a nudez, a miséria, a ignorância e o obscurantismo. A aldeia comunal é essencialmente uma unidade de produção integrada na direcção planificação global da nossa economia. Ela contribui para a criação dos bens materiais essenciais à satisfação das necessidades do nosso povo e à melhoria das suas condições de vida. O engajamento cada vez maior dos camponeses na vida organizada das aldeias comunais (...) transformará a vida do campo (...) contribuirá cada vez mais para o reforço das relações entre o campo e a cidade, entre a agricultura e a indústria, concretizando, na prática da luta económica, a aliança operário-camponesa. *in* Diploma preambular do Decreto Presidencial n 1/78, de 2 de Março, que cria a Comissão Nacional das Aldeias Comunais. p. 75

As nacionalizações, o discurso cultural e a evolução política originam um abandono em massa de muitos antigos colonos, tendo o governo assumido a gestão de muitas empresas, através da implementação de sistemas de auto-gestão participados e estruturados em *comités* de trabalhadores, também chamados de '*grupos de dinamização*'. A igreja católica reage às *desprivatizações* e ao discurso *materialista* e posiciona-se num clima de animosidade e de crítica à decretada laicização do estado. Estas reacções visíveis, constituindo um sinal declarado, representam apenas um dos aspectos dos conflitos sociais deste período inicial na vida de Moçambique, situando-se porém os grandes problemas na incapacidade de se equilibrarem os desígnios traçados pela FRELIMO com a cultura das comunidades. Como em outros países, mais uma vez se descurou a cultura das populações, a sua estrutura económica e, em particular, a sua *religiosidade* ancestral, se desrespeitou a estrutura social em que as comunidades se estruturavam, e se desenhou uma estratégia política, racionalizada e imposta pelo Governo, que não espoleta a necessária mobilização das comunidades, mas antes semeou uma distância crescente para com um aparelho partidário, progressivamente *aburguesado* e burocrático.

A estrutura económica criada, com base nas Empresas Estatais (criadas com o objectivo de *assegurar ao povo os bens de primeira necessidade livres da exploração mercantilista*) e na sociabilização do campo (tentativa de promoção da produção agrícola) criando as '*aldeias comunais*', não geraram as desejadas melhorias na vida das populações e estabeleceram uma linha de ruptura com a cultura das comunidades, com a estrutura social existente, com a organização económica (na maioria dos casos de economia de subsistência), com os próprios modos de produção agrícola. No contexto complexo de construção do País, perante as pressões do mundo *ocidental* descontente com a aproximação a *leste*, a partir da completa desestruturação do tecido social e rotura económica herdada do colonialismo, as controvérsias redobram com a constituição da RENAMO (1979). Esta organização política foi criada na Rodésia, onde o regime de Ian Smith combatia a resistência interna, que operava com o apoio de rebeldes com base em Moçambique. Com a independência do Zimbabwe (1980) a RENAMO, com o aplauso dos USA, transfere a sua base para a África do Sul, onde o regime de *apartheid* instalado considerava como inconveniente a experiência socializante em curso em Moçambique. Neste mar de conflitos, os ataques *terroristas* lançados pela RENAMO a aldeias e infra-estruturas de Moçambique redobram de dimensão e de intensidade e o país mergulha numa guerra civil.

Entretanto Samora Machel morre (1986) num acidente de aviação e Joaquim Chissano substitui-o na direcção da FRELIMO. As contradições no seio da FRELIMO ganham grande dimensão política e ideológica, culminando as discussões no III Congresso, que afasta a FRELIMO do ‘*marxismo-leninismo*’.

As pressões internacionais e a guerra criam condições favoráveis à assinatura de um acordo entre o Governo, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (1987), que remetem a FRELIMO para um outro rumo político. A viragem para o ocidente que se produz é evidente na introdução do ‘*Programa de Reabilitação Económica*’, na revisão da constituição (‘*nova Constituição*’, 1990) e, finalmente, nas negociações iniciadas com a resistência armada. Em 1992 é assinado com a RENAMO, em Roma, o Acordo Geral de Paz que põe fim à guerra civil.

A partir da assinatura do Acordo Geral de Paz, a política do Governo/FRELIMO enceta um programa neoliberal, organizado no ‘PRE – Programa de Reestruturação Económica’, e envereda por um regime político pluripartidário, que realiza em 1994 as primeiras eleições.

... embora o progresso na redução das taxas de pobreza possa ser considerado impressionante, os níveis continuam altos. Mais de metade da população não chega a alcançar até mesmo os padrões de vida básicos empregues para projectar as linhas de pobreza. Deste modo ainda permanecem pela frente grandes desafios.

VIEIRA, Sérgio Pires. (2005) **Crescimento económico, desenvolvimento humano e pobreza**. Análise da situação em Moçambique. Colecção Documentos de Trabalho, nº 68, Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento do ISEG da Universidade Técnica de Lisboa (disponível em <http://www.iseg.utl.pt/cesa>)

OS DESAFIOS ACTUAIS

A maior desgraça de uma nação pobre é que, em vez de produzir riqueza, produz ricos.

COUTO, Mia (2005): p. 23

Hoje mesmo, dia em que escrevo esta parte de minha tese, entre telefonemas recebidos de Moçambique de amigos angustiados, estou con-

(...) Em Moçambique e em Angola, cerca de um milhão e meio de pessoas foram mortas e foram causados mais de sessenta milhares de milhões de dólares de prejuízos, só nos anos de Reagan, entre 1980 e 1988.

Esses são os anos daquilo a que se chamou “empenhamento construtivo”, numa altura em que a África do Sul era um aliado importante e o Congresso Nacional Africano de Nelson Mandela considerado um dos mais “significativos grupos terroristas”. (...)

CHOMSKY, Noan (2003): p. 62

A Heritage Foundation and The Wall Street Journal publicaram, esta semana, o seu 14.º relatório anual sobre o Índice de Liberdade Económica em 157 países. Moçambique ocupa a 96.ª posição.

H.F. Relatório, 22/01/2008

frontado por duas notícias editadas nos jornais de Maputo, de sentido aparentemente contraditório, mas que, de facto, só existem conectadas uma na outra:

Milhares de manifestantes contra a subida de preços de transportes na cidade e província de Maputo decidiram avançar para o coração da cidade, controlando, neste momento, grande parte das principais estradas da capital do país, Maputo. Vários estabelecimentos comerciais foram obrigados a encerrar as suas portas. As avenidas 25 de Setembro, Guerra Popular, Karl Marx., entre outras, já estão sob o controlo dos manifestantes.

Manifestantes “assaltam” a baixa de Maputo, O PAÍSONline, <http://www.opais.co.mz/>, 05/02/2008

O PRESIDENTE do grupo Banco Mundial, Robert Zoellick, que ontem terminou a sua visita de três dias ao nosso país, disse ter ficado impressionado com o progresso económico e social alcançado em Moçambique nos últimos anos. Para o dirigente daquela instituição financeira internacional, os progressos alcançados resultam fundamentalmente do processo de reformas bem sucedidas que têm vindo a ser implementadas pela liderança do país.

No final da visita a Moçambique: Presidente do BIRD aplaude crescimento da economia. Notícias, Maputo, Terça-Feira, 5 de Fevereiro de 2008. <http://www.jornalnoticias.co.mz>

(...) a ordem económica da República de Moçambique assenta na valorização do trabalho, nas forças de mercado, na iniciativa dos agentes económicos, na participação de todos os tipos de propriedade e na acção do estado como regulador e promotor do crescimento e do desenvolvimento económico e social (...)

Constituição da República de Moçambique, n. 1, art. 41

Em Maputo, no *cimento*, nas zonas urbanas onde se edificaram as embaixadas, onde estão as sedes das grandes empresas internacionais, os hotéis de cinco estrelas, onde habitam os políticos e os que têm nome, onde se instalam os *shoppings*, ... a evidência de riqueza afronta quem por lá passa, nunca indiferente aos sinais de ostentação exibidos. Nestes mesmo locais os vendedores de rua, os pedintes, os arrumadores, os cidadãos trabalhadores que por lá passam representam um outro lado do Maputo das periferias. Esse outro lado, onde *todos* têm também presença nas estatísticas, no recenseamento eleitoral, nas lógicas do consumo, *todos* são remetidos, como grupo de anónimos, para condições miseráveis de vida. O *todo* são demasiadas pessoas, fartas da exiguidade dos seus haveres, com vidas infra-humanas, para além de todos os mensuráveis índices de pobreza.

E há os que vivem fora do *grande Maputo*, noutras cidades, onde o problema se reproduz, ainda que a riqueza vista roupas mais equilibradas. E em particular há o interior, onde os agricultores desenraizados da sua ancestralidade, sempre desprotegidos, na sua sobrevivência são entregues apenas aos desígnios dos deuses que, a cada calamidade natural, a cada período de seca ou de cheias lhes trazem tão só a desesperança.

Ainda estão frescas as memórias do entusiasmo sobranceiro, da luta pela independência, do futuro melhor prometido e sonhado. É fresco o orgulho partilhado de pertença a um país independente, e quente o amor a Moçambique. Ainda são presentes os sacrifícios prolongados e a fome enganada, na expectativa de um outro destino a construir, melhor que este que se apresenta.

Mas a fome e a pobreza contínuas fragilizam a esperança. Os programas de desenvolvimento anunciados, os projectos de ajuda internacional, o *socialismo*, antes, e a *sociedade de mercado*, agora, cavam uma indignação crescente em quem tem de muito labutar para sobreviver.

O país está a crescer economicamente nos níveis de medição internacional e no respeito internacional. Muito mudou na sociedade moçambicana, particularmente na cidade de Maputo, onde a vida cosmopolita abre novas ilhas de ilusão vendidas pelos simulacros de felicidade consumista. Moçambique tornou-se um destino turístico de privilégio, uma boa oportunidade de investimento, perante um clima de paz que possibilita o usufruto das maravilhas da natureza e a qualidade das relações humanas da população. No entanto, o descontentamento e as incertezas são ainda demasiadas na população.

Os militantes da FRELIMO louvados e aplaudidos pela sua luta, respeitados e eleitos para a governação, não podem continuar indiferentes aos resultados das escolhas que fizeram e do presente que construíram.

Chamaram a si a definição dos modelos económicos e políticos, escolheram os aliados internacionais, estabeleceram o âmbito das suas parcerias. Fecharam-se em círculos onde os interesses dos mais poderosos estavam representados, e conseguiram progressos, mas cavaram as distâncias sociais que hoje fervilham nas ruas.

Naturalmente os problemas do presente são de grande complexidade e o caminho trilhado que afastou os dirigentes e as decisões políticas tomadas das comunidades e da sua cultura não consegue mobilizar os recursos sociais necessários para sarar a desintegração social e promover uma estrutura propiciadora de melhor futuro para todos os moçambicanos. O frágil tecido social, por ter sido deslocado das suas

Perto de seis milhões de habitantes sofrem de privações de alimentos no país segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística, tendo como base um relatório técnico sobre avaliação da segurança alimentar através dos dados do Inquérito aos Agregados Familiares realizado em 2003. “Seis milhões de pessoas sofrem privação alimentar”, *Jornal Notícias*, Maputo, 24 de Novembro de 2007

As massas que, em júbilo, celebravam a independência não eram inspiradas por uma “consciência nacional” de “reivindicação da nação”, tal como também não o tinham feito os camponeses romenos e os seus coevos nos estados-nação cristalizados a partir dos impérios internos da Europa, algumas décadas antes. Recebiam antes a sua inspiração da esperança em mais e melhor alimentação e abrigo.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 183

Uma causa específica de preocupação é a progressiva ruptura de comunicação entre as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais “localizada”. Os centros de produção de significado e de valor — o que não se aplica, porém à condição humana, à qual esses valores e significados devem informar e dar sentido.

BAUMAN, Zygmunt (1998): p.9

E segregam uma atitude passiva: a aceitação melancólica, resignada, da impossibilidade de ir mais além desses limites, do estado de coisas existente e autoritariamente estabelecido como representação.

JIMÉNEZ, José (1997): p. 12

Parece de fato evidente que o próprio objectivo da libertação nacional fracassa ao se realizar: vários países se tornaram independentes de seus antigos senhores coloniais apenas para entrar de imediato no campo de forças da globalização capitalista, sujeitos ao domínio dos mercados financeiros e aos investimentos estrangeiros.

JAMESON, Frederic (2001): p. 37

A pior “crise de valores” é a que não se vê. Ou se vê e nos deixa indiferentes.

LOURENÇO, Eduardo (2007), *A sombra de Nietzsche, in Que Valores para este Tempo? – Conferência Gulbenkian – Lisboa 25 a 27 de Outubro de 2006 – Fundação Calouste Gulbenkian/Gradiva – Publicações, Lda, p.32*

Implica encarar a cidadania, não como um estatuto legal, mas como uma forma de identificação, um tipo de identidade política. algo que deverá ser construído, e não empiricamente determinado.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 90

referências antropológicas para um campo onde se sente perdido e onde o exercício do poder, a coluna dos privilegiados e a falta de escrúpulos se apresentam como vitoriosos, não encontra um rumo mobilizador de solidificação dos pilares da cidadania.

Moçambique, como outros países africanos, pode num curto espaço de tempo, realizar-se como país. As oportunidades não podem, no entanto, ser desperdiçadas e o caudal de vitalidade demonstrado na luta contra o regime colonial e na independência não pode ser ignorado e dispensado. A vitalidade democrática da sociedade moçambicana, na sua fragilidade, apresenta críticas ao caminho percorrido nos últimos anos e desenha novos futuros e a sociedade torna-se positivamente conflituante. São discussões acesas ou tímidas, declaradas ou silenciosas, são indignações anunciadas que atravessam toda a sociedade. As contradições existem no seio da FRELIMO, entre os membros do governo, em toda a estrutura oficial. A discussão instala-se nas ruas, aparece nos jornais, é visível nos discursos da oposição política e ganha expressão pública entre os descontentes. Nas cidades é visível o estado latente de pequenas revoltas contra a carestia de vida que estrangula a ambição de melhores dias e desalenta os que os procuram pelo esforço do seu trabalho.

Só pela participação democrática, na confrontação de ideias podem ser encontradas, como a história da humanidade o demonstrou, melhores escolhas, e mobilizados os recursos sociais necessários para lhes darem corpo.

Ninguém nega a importância de se abrirem as portas à cumplicidade internacional para com os interesses nacionais, mas discutem-se os limites que devem ser impostos à ingerência e às ganâncias das potências apenas ávidas dos *mercados* e do domínio estratégico do globo. E discutem-se as benesses pessoais de quem negocia os acordos e de quem goza da presença nesses luxuosos circuitos internacionais. E sabe-se que ao lucro obtido correspondem contrapartidas, por vezes negativas para o país. Ninguém nega a importância de se aproveitarem as experiências de modernidade, de civilidade, de ciência, de cultura, ... que a globalização apresenta, mas discute-se a importância de serem sinceramente enaltecidos os saberes existentes, da própria história, da cultura, da tradição, da capacidade de inovação, da experiência,...

Talvez seja tempo de se fazer a paz com o passado e se fazer centrar na capacidade criativa das populações o elo fulcral na procura das melhores soluções para o futuro. Porque nesta procura se poderão encontrar respostas que nos sirvam também a nós, tão *internos do sistema* global e

desesperados perante o futuro que declaramos morto, como silenciados com medo do que as desejadas novas utopias possam desestabilizar.

A análise das contradições políticas existentes na sociedade moçambicana, apresentadas numa leitura pessoal e centrada no espaço predominantemente político, não é contraditória com o retrato que se faz dos dilemas que a arte e os artistas moçambicanos enfrentam na actualidade. Os tempos em que as comunidades legitimavam os autores e os produtos artísticos que *serviam* as populações, no dia-a-dia e nos rituais, nas suas relações com os antepassados e com o sagrado, estão perturbados pela presença, muitas vezes em sobreposição, de outras realidades quotidianas, resultantes do alastramento da escolaridade, das melhorias nas condições de saúde e no acesso mais alargado à medicina, da estruturação de novas lideranças locais, da experiência da democracia representativa, da difusão dos meios de comunicação, do turismo, do funcionamento de um outro modelo de mercado. Da arte tradicional resta hoje, na maioria dos casos e seguramente sempre nas cidades, uma memória que transporta as formas e a mente para a procura de uma estética evocativa do passado e fixadora de modelos de identificação cultural. Os turistas, os embaixadores e gestores de grandes empresas, os ‘agentes de desenvolvimento’, são os compradores ávidos que alimentam esta outra coisa que se produz e que apenas se assemelha na forma aos objectos da arte moçambicana.

Os artistas Moçambicanos que no tempo colonial se afirmaram, aproximando a correntes do modernismo ocidental uma temática local e com recurso a uma imagética historicamente advinda da tradição, ocuparam todo o espaço aberto com a independência, transformando-se nos *representantes* do novo país em crescimento, acentuando nos temas as ideias políticas dominantes e procurando criar bandeiras criativas dos novos desígnios nacionais. Da força das suas obras e do seu reconhecimento nacional e internacional resultam movimentos distintos: por um lado uma procura, manifesta nas obras de muitos dos novos autores, de continuar o caminho dos grandes mestres e, em simultâneo, o estabelecimento de um mercado fechado em volta destes autores; por outro, uma tentativa de procura de um novo espaço criativo, simultâneo com a percepção da necessidade de se provocar um rompimento num mercado viciado e acomodado. A problemática da arte na sociedade actual em Moçambique não se isola no interior das suas fronteiras, mas só tem sentido, e disso existe uma percepção crescente, se entendida de forma alargada e parte das polémicas da arte no mundo actual.

(...) é tempo de nos despirmos dos preconceitos e passarmos a encarar a medicina tradicional na sua real dimensão, combatendo, logicamente, os seus aspectos negativos (...) é preciso estudá-la na sua dimensão médica, cultural, antropológica, sociológica, psicológica e histórica, pois ela faz parte da identidade cultural deste País.

SIMÃO, Leonardo, Dr. (Ministro da Saúde do Governo de Moçambique), *Jornal DOMINGO*, Dezembro de 1990, p.8

O mesmo discurso fecha-se em si mesmo, negando-se ao diálogo cultural com tais sociedades, que são o Povo. Perante o encerramento e o radicalismo do Partido, as populações foram reagindo no silêncio, buscando formas de se refinarem nesse silêncio e na falta de alternativas viáveis do Partido/Estado. Facilmente as populações retomam a tradição da resistência passiva, como forma de preservar as suas culturas.

MAZULA, Brazão (1995): p. 132

A MUVART está condicionada a um “fazer” e “refazer” permanente da arte e das suas estratégias. Está condicionada a ser um movimento de mudança permanente.

DIAS, Jorge. *in*, <http://www.artecapital.net/opinioes.php?ref=26,2006-08-01>

IDENTIDADES EM MAPUTO

IDENTIDADE

cada um traz o melhor de si

RECONHECIMENTO

Cada um descobre o que há de melhor no outro

CUMPLICIDADE

Há agora um segredo entre eles.

texto de apresentação do IDENTIDADES, 1999

Não há um interesse suficientemente importante e consensual sobre a arte contemporânea africana na Europa. O interesse actual é uma consequência de acções individuais de artistas africanos que tiveram que se confrontar com os preconceitos e o sistema hermético da arte ocidental.

ALVIM, Fernando (2007).

<http://www.artecapital.net/entrevistas.php?entrevista=35&PHPSESSID=46da9908fbc365c980odb1a8f603edf6>

Nas noites do planalto dos Macondes, perto de Mueda, na província de Cabo Delgado, nasceu um dia uma menina que os deuses escolheram para contar histórias no barro. Desde cedo aprendeu ela em casa a trabalhar a massa com suas mãos pequeninas. a mãe fazia lindos potes e panelas em barro, que vendia na aldeia. E Reinata sempre ajudava.

NOGUEIRA, Teresa Sá. Reinata, in *Outras Plasticidades* (1999), Lisboa, Intituto Camões, 1999. p. 57

Nunca antes estivera em Moçambique, apenas em 1995 voei para o encontro com a imagem que fui criando depois da independência, acompanhando de modo interessado a sua evolução política. Em 1996 voltei como co-organizador de um evento de intercâmbio cultural, multidisciplinar, denominado de DESENCOBRIAMENTOS. Foi então que se estabeleceu um primeiro contacto com a Escola Nacional de Artes Visuais (ENAV), que conheci artistas moçambicanos, contactei com os jovens estudantes de arte e me aproximei do espaço da arte e da cultura em Maputo. Abriam-se possibilidades de passar para lá das fronteiras onde consideramos se move o centro da vida cultural mundial e se situam os palcos e arenas da nossa actividade artística, política e social. Novas hipóteses se ofereciam de se estabelecer um diálogo intercultural, espaço de compreensão comparativa perante outras sabedorias, realidades e experiências. Facilmente um grupo de estudantes e docentes da FBAUP respondem positivamente ao convite emanado da ENAV e assumem a organização de um 'intercâmbio artístico' a realizar em 1997, criando um colectivo que até hoje não mais teve descanso. Desde logo este movimento se caracterizou pela adesão dos seus participantes ser fruto exclusivamente da vontade de cada um, e o acontecimento ser gerado pela iniciativa dos seus intervenientes. Estava criado o IDENTIDADES e marcada a relação privilegiada, que se tornaria matriz de todo o projecto com a ENAV.

O interesse progressivo em estabelecer em Moçambique um laboratório intercultural que promovesse uma leitura vivenciada do modo como os estudantes e os professores de arte, os artistas, a cultura se comportam perante os dilemas actuais da arte, sustenta a decisão partilhada pelo colectivo IDENTIDADES de se querer mover nesse contexto social preciso, que acrescenta particulares marcas históricas e percursos distintos. A arte em Moçambique enfrenta os desafios dum tempo que é uno em todo o globo. Um tempo sincrónico onde, no entanto, se incorporam

memórias próprias, culturas profundas, vivências privadas e partilhadas, conceitos estagnados e propósitos abertos, hibridismos e miscigenações, escassez de recursos e inoperância de instituições culturais. Pese embora a inseparabilidade das histórias e a simultânea presença nos problemas comuns, a África transporta para o presente as suas vivências particulares. A presença dos modos ancestrais de relacionamento social da arte nas comunidades tradicionais, na mediação dos vivos com os seus antepassados, na produção de objectos cerimoniais, na mistura da arte com a vida, incorpora de modo determinante a tomada de consciência da arte em Moçambique construída depois da independência na procura da sua identidade. Há uma infinidade de objectos, transportados do passado e ainda hoje produzidos, do mais comum aos mais grandiloquentes, que compõem o seu património, com segredos ainda muito pouco desvendados. E há, em simultâneo, uma prática artística urbana, desenvolvida desde o tempo colonial, onde se procura encontrar num discurso próprio, comprometido com o sentimento e a luta anticolonial, a negritude e o 'novo país' em construção, colada a correntes estéticas do modernismo. Mas em Moçambique, como aliás em todos os países libertos do jugo colonial e do domínio da cultura ocidental, o futuro desenha-se numa pertença ao todo globalizado, na capacidade de encontrar uma narrativa contemporânea, que assimile o património mas se liberte da dicotomia entre o *nós* e *eles* e aceite a hibridez dos tempos e a integração da produção artística dos autores moçambicanos no campo internacional da arte. O dilema reside no modo como os artistas de Moçambique (como os outros) irão usar a sua própria cultura, que é simultaneamente de pertença e posse da de todo o mundo, numa actividade produtiva afastada da necessidade de afirmação da moçambicanidade, afirmando a negação de serem '*uns*' ou '*outros*'. A questão situa-se no modo de irradiar as capacidades criativas que, na procura individual de forjarem na memória colectiva e na experiência de cada um renovados discursos, questionem a arrogância cultural ocidental e afirmem a largura plena do mundo, numa amplitude verdadeiramente globalizante.

O IDENTIDADES envolve-se com os principais sujeitos da procura de um espaço tomado por cada um no campo da arte contemporânea, mergulhando nos problemas que são tanto dos portugueses como dos moçambicanos, investigando e vivenciando os conflitos latentes no contexto concreto de Moçambique. E este espaço concreto alarga o campo de análise porque se entrecruza, de forma redimensionada, directamente com o esforço de desenvolvimento do país, com a estruturação do ensino artístico, com a criação de estruturas de legitimação da arte, com

Foi necessário chegar-se às independências dos novos estados africanos para que a arte produzida em África se reafirmasse e passasse a ser entendida fora dos contextos antropológicos; mesmo assim a arte africana ainda continua secundarizada no mercado internacional de arte.

MIRA, Feliciano de. Alguns Aspectos das Artes e das Elites em Moçambique, in Camões, revista de Letras e Culturas Lusófonas, n. 6, 1999. p. 12

A universalidade significa correr o risco no sentido de ir para além das certezas fáceis que nos são fornecidas pelas nossas circunstâncias, pela língua e pela nacionalidade, que tão frequentemente nos protegem da realidade dos outros.

SAID, Edward (1993): p. 16

O cultivo do autoconhecimento é um dos objectivos mais antigos da filosofia.

BORRADORI, Giovanna (2003): p. 85

Uma cultura não pode viver nem transmitir-se independentemente da sociedade que a alimenta.

WARNIER, Jean-Pierre (1999): p. 10

Alimentar uma ideia que não é partilhada é uma audácia lisonjeira e estimulante, mas que bordeja demasiado a loucura para dar um conforto espiritual completo.

BAUMAN, Zygmunt (1991): p. 254

Vendo um ano tão cheio reduzido a tão poucas páginas, o autor ficou impressionado. Decerto que devem ter-se passado muitas outras coisas. Ei-lo à procura delas. Porém, encontra apenas nevoeiros. Então para disfarçar o embaraço, assume o tom de pedagogogo.

MICHAUX, Henri (1929): 155

O Instituto Nacional de Cultura (INAC) ao realizar, entre 31 de Outubro e 20 de Novembro de 1977, um programa de recenseamento dos artistas das várias expressões culturais, com vista ao seu aproveitamento e consequente desenvolvimento das actividades artístico-culturais, tentara dar início à execução desta política.

Sopa, António (2003). Psikhelekedana: Uma afirmação da criatividade popular. In: Exposição Moçambique: Vida e história em Psikhelekedana. Centro Cultural Franco Moçambicano.

a ampliação dos espaços de cidadania. É neste terreno aberto que se instalou na ENAV a sede de toda a acção desencadeada, desde 1996.

A ENAV

Não tenho ilusões: o aparelho universitário continua a fazer-se sentir, é tudo muito pesado, mas há qualquer coisa que tento sacudir, fazer mexer em mim, tratando a escrita como um fluxo, e não como um código.

DELEUZE, Gilles (1972-1990): 18

Em 1977 foi criada em Moçambique a primeira instituição educativa na área artística – o Centro de Estudos Culturais – vocacionado para a formação de animadores nas áreas da dança, música, teatro e agentes de preservação cultural. No ano seguinte inicia as actividades a Escola Nacional de Artes Visuais que, a partir de 1983, passa a dedicar-se à formação técnico-artística na especialidade de Cerâmica, Gráficas e Têxteis. A ENAV acompanha a evolução do ensino nacional e, a partir de 1989, passa a graduar os seus alunos com o nível médio, primeiro na área das Artes Gráficas e, seguidamente, na Cerâmica e nos Têxteis. Apenas em 1991 a ENAV vê publicado o Diploma Ministerial que aprova o seu estatuto orgânico. (DM n. 43/91 de 22 de Maio do Ministério da Cultura). Quando em 1996 visitámos a escola em Maputo, encontrámos uma instituição transbordante de carências, de equipamento, de recursos físicos, de insuficiência orçamental e de recursos humanos qualificados. Mas, em contraponto, enamorámo-nos da vitalidade e dedicação da sua direcção, do empenho de um grupo de professores, da ansiedade pelo conhecimento dos alunos e da sua entrega à aprendizagem. A ENAV realizava perante obstáculos diversos a sua missão educativa e, em simultâneo, estendia a sua actividade para a cidade, intervindo positivamente no panorama cultural existente, tornando-se parte activa da sua vida artística. Esta postura granjeava-lhe o reconhecimento público e possibilitava a mobilização de apoios internacionais. O seu esforço permanente e postura de luta criativa contra as dificuldades foram permitindo solidificar a instituição e incorporar modos de resistência ao isolamento institucional e de superação da falta de recursos. Ligada organicamente ao Ministério da Cultura, área menor nas prioridades governamentais, a ENAV nunca teve um apoio oficial correspondente ao nível de desempenho de sua missão educativa e cultural, pesem embora os discursos de reconhecimento público usuais.

Foi com esta instituição educativa, centrada na arte, que, em 1996, desenhámos um espaço onde se passaram a cruzar os seus destinos com este movimento IDENTIDADES, ainda nascente, mas interessado na descoberta e partilha de valores culturais entre os protagonistas. Com ele permitia-se, numa procura consciente, o encontro de experiências deslocadas para fora da escola de onde partiam os protagonistas portugueses – a FBAUP, a procura de novos estímulos e desafios em espaços pertencentes a culturas diferentes das nossas. Foi com a vontade de compreender melhor a arte e o mundo, que se estabeleceu esta arena de comparação, em circunstâncias interculturais, num esforço de atenção sobre as identidades em presença, vocacionada para permitir a cada um dos intervenientes melhorar a sua própria maneira de proceder, como artista, como estudante, como docente, como cidadão.

A ENAV concentrou aí grande parte das energias despendidas, por se ter entendido que o envolvimento dos protagonistas do IDENTIDADES na *vida escolar* mobilizavam um maior esforço de entendimento da arte e dos processos de aprendizagem do ensino artístico (mesmo considerando o nível secundário em que se insere, não deixa de ser relevante o facto de ser a única instituição de ensino das artes visuais no país). Em paralelo, encontraram-se na escola os parceiros e os anfitriões para o contacto com o pulsar artístico, cultural e social propiciado pela postura promovida de não se isolar a actividade nos muros da escola. Passámos assim, de modo gradual e na escala do aumento do nível de confiança partilhado, a fazer parte dos destinos da ENAV, a sofrer os seus problemas, a procurar soluções em conjunto, a repartir alegrias e desânimos, a presenciar os seus ritos, a testemunhar o sentido de suas vidas e de sua arte, a desnudarmo-nos de certezas e a reconhecerno-nos de novo, a mostrar e a descobrir as nossas hesitações.

DE 1996 PARA CÁ

Temos necessidade de saber mais sobre o modo de pensamento próprio a cada cultura, ou seja, sobre o modo como nas diferentes culturas, os indivíduos organizam e compreendem os conceitos que utilizam, sobre aquilo que eles entendem, e portanto sobre aquilo que, pelo contrário, não têm em conta.

HALL, Edward T. (1983): p. 107

Com responsabilidades acrescidas e apesar dos recursos continuarem a ser limitados, a Escola de Artes Visuais mantém as condições de ingresso acessíveis à grande maioria dos interessados. Consciente dos desafios a Escola prepara-se para desempenhar o seu papel nos novos tempos. (...) Como única instituição de formação do género em Moçambique, a sua responsabilidade é grande e ainda maior porque não pode furtar-se a participar também na reflexão sobre o seu papel num mundo em que praticamente não há certezas.

COSTA, Alda (2003), 20 ANOS DE TRABALHO, in ENAV, 20 anos, Maputo.

Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

BARBOSA, Ana Mae (1998). Tópicos Utópicos, Editora C/Arte (2007), p.16

Foram 20 anos de muita actividade e muitos desafios. A contribuição marcante no movimento das artes plásticas no País, a aceitação dos seus graduados no mercado de trabalho e a participação na formação de professores de Educação Visual e Ofícios para leccionarem nas Escolas do Ensino Primário e Secundário são, igualmente, pontos de destaque na actividade da escola.

SALA, Victor (2003). DEDICATÓRIA (BEM) MERECEDA, PARABENS!, in ENAV, 20 anos, Maputo.

(...) ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

FREIRE, Paulo (1996): p. 30

Trinta e dois anos, na vida de uma nação, são trinta e dois dias na vida de um homem. Na verdade, nunca há um momento em que uma nação se caracteriza cem por cento: ela está sempre em transformação. Em Moçambique, mais que em transformação, a nação está em formação.

CABAÇO, José Luís (2007). História e memória na voz do sociólogo moçambicano, in Revista Crioula, n. 2, S. Paulo. p. 3.

O velho Tobiyasi Tilika maxiyana sentado atrás de nós à volta dele. Muito. Contou-nos aquilo que foi a terra de Matalana. Olhem, não nasceu de qualquer maneira. No antigamente de muito antes mesmo nem nome tinha. havia só uma pequena lagoa chamada Xitalana.

PATRAQUIM, Luis Carlos. Malangatana e o lago prodigioso, in Malangatana de Matalana a Matalana, Lisboa, Intituto Camões, 1999. p. 44

Iniciados os primeiros contactos em 1996 e esboçado o futuro relacionamento, o *movimento* ganhou sentido e nunca mais viu interrompido o laço de amizade estabelecido.

Em Março de 1997, parte para Moçambique a primeira *delegação* do IDENTIDADES. Desembarca em Maputo carregada de equipamentos, entusiasmo, materiais, expectativas, livros, ... e muita ansiedade. Durante vinte dias estabelecem-se espaços de partilha entre estudantes, docentes e artistas, portugueses e moçambicanos, centrados em oficinas diversas (escultura, pintura, cerâmica, artes gráficas, técnicas de impressão e fotografia) localizadas na ENAV e no Núcleo de Arte. Num dos fins-de-semana, todo o grupo sobrelota dois *machimbombos* e parte pela estrada 1, rumo a Inhambane: paragem no Guilundo onde é recebido pela Orquestra de Timbilas de Venâncio M'Bande e pela comunidade, mergulhando no interior da cultura moçambicana numa aproximação tímida, com a fusão inevitável na sua música entre a dança, o corpo, a comunidade e o território; provada a *sura*, é retomada a estrada a caminho de uma terra de paraíso (Inhambane), ao encontro de um grupo de artistas e escritores que na "Xipepho, Associação Cultural" nos espera e com quem partilhamos conhecimentos e artes. Coincidindo com o dia de Páscoa, deslocámo-nos também a Matalana, respondendo ao convite do pintor Malangatana para partilharmos a festa que se organizava no Centro Cultural de Matalana: participámos na Missa Local, assistimos ao preparar do boi morto, participámos na pintura de um mural colectivo, instalámos um 'objecto escultórico', ouvimos o grupo coral e assistimos a uma apresentação de dança local; mergulhámos noutras realidades e partilhámos da utopia de um grupo de anciãos de Matalana de aí ter um Centro Cultural.

Estas viagens permitiram tornar mais nítida a ideia esboçada sobre a presença no interior da força de uma cultura profunda, menos corrompida e mais visível do que a presenciada no Grande Maputo. Com esta viagem inaugural foram abertas as portas que nos permitiram de modo intenso e continuado estabelecer contacto com Moçambique e desenhar as geografias e os campos de intervenção.

A partir de então (1997) o IDENTIDADES alojou a sua base de trabalho em Moçambique na ENAV, escola que passou a integrar o *movimento*.

Gradualmente estabeleceram-se entre os protagonistas elevados níveis de confiança e uma sólida amizade que soldou a presença, particularmente de alguns docentes da FBAUP, no quotidiano da ENAV.

O esforço hercúleo da direcção daquela escola, que enfrentou as restri-

ções do período de guerra e as dificuldades posteriores de pobreza generalizada, em promover e dignificar a vida pedagógica e cultural, em criar condições para a empregabilidade nos seus alunos, gerou em quem com ela se cruzou um envolvimento profundo nos seus problemas. Nesse estado de partilha, o IDENTIDADES envolve-se completamente na escola, num nível pleno de cumplicidade e passa a integrar de modo solidário as perspectivas de futuro que se desenham. A partir de momentos de colaboração, estabelecidos por negociação, e de trabalho conjunto com a direcção, com as estruturas educativas e com os seus docentes, rapidamente se passou para uma intervenção mais estruturada e democrática. Em 2002 é aprovado o *'Plano de Desenvolvimento Estratégico da ENAV'*, culminando numa discussão participativa da comunidade escolar, que retrata a instituição, redefine a sua missão face ao desenrolar da evolução sócio-política nacional, estabelece as linhas de orientação pedagógica e determina as alterações a introduzir na vida escolar.

Entendido o PDE como um instrumento estruturante da escola, o IDENTIDADES adopta-o como orientador da sua cooperação. Nesse sentido, toda a actividade desenvolvida com a escola se inscreve, a partir daí, no esforço de concretização das medidas lá preconizadas, passando a ser do quotidiano a proximidade com a direcção da escola e com um significativo grupo de professores, a colaboração estreita nas áreas pedagógicas, administrativas e de gestão escolar: desenho curricular; elaboração e gestão dos programas das diversas disciplinas da área artística; planificação pedagógica; didácticas específicas; metodologia escolar; formação de professores; ...

Esta participação nos destinos da ENAV, tornando-se volumosa em termos da actividade do IDENTIDADES em Moçambique, não representa, contudo o espaço essencial da sua presença. De facto é a partir da escola que se estabelece a teia de relacionamento que sustenta o *movimento*, mas ele incide para lá do envolvimento mais declaradamente escolar, ele escolhe como zona de privilégio os momentos promovidos de *intercâmbio artístico*. Ele interessa-se, de facto, pela promoção de interrelações culturais, de acolhimento, que não de conquista, estabelecidas não para que cada um apresente a sua própria afirmação, exponha as suas distinções, mas, pelo contrário, procure a recepção, a abertura plena ao diferente, busque uma confirmação de si através dos outros.

Desde 1997 até esta data foram inúmeros os *momentos de intercâmbio artístico* realizados (em Moçambique e em Portugal), com a presença de estudantes, professores da ENAV e artistas convidados, ganhando cada um deles a sua fisionomia, mas todos eles criando conflitualidades de

Os problemas de ensino têm relação com toda a estrutura herdada e também com a produzida nos primeiros anos da independência, posto que vinculados ao tal cordão umbilical do colonialismo. Só agora isso está diminuindo, pouco a pouco. Esse processo tem que ser feito com maturidade e não com violência.

CABAÇO, José Luís (2007). História e memória na voz do sociólogo moçambicano, in Revista Crioula, n. 2, S. Paulo, p. 25.

O historial da ENAV revela a sua presença no esforço educativo nacional e um forte contributo para o fortalecimento da cultura e dinamização do campo das artes em Moçambique. Este sentido positivo efectua-se em permanente luta, contra as condições objectivas de grande fragilidade que não permitem a rentabilização plena de todos os potenciais humanos, culturais e educativos existentes.

ENAV, 20 anos, Maputo, 2003

A evolução da ENAV evidenciou no dia a dia da sua actividade necessidades de reformulação da sua estrutura curricular e ajustes da sua prática lectiva face ao desenvolvimento da sociedade moçambicana.

No contexto das actividades de intercâmbio do projecto Identidades, tornou-se possível organizar um momento de reflexão tendente à elaboração do Plano de Desenvolvimento Estratégico da ENAV.

Documento de trabalho, Maputo, 2000

As tradições mudam e nesse processo de mudança tornam-se modernidade.

HONWANA, Alcinda Manuel (2003): p. 26

Moçambique não precisa apenas de caminhar. Precisa de descobrir o seu próprio caminho num tempo enevoadado e num mundo sem rumo. A bússola dos outros não serve, o mapa dos outros não ajuda. Precisamos de inventar os nossos próprios pontos cardeais. Interessamos um passado que não esteja carregado de preconceitos, interessa-nos um futuro que não nos tenha desenhado como um receita financeira.

COUTO, Mia. OS SETE SAPATOS SUJOS, Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM, in Vertical N° 781, 782 e 783 de Março 2005, disponível em <http://www.macua.org/miacouto/MiaCoutoISCTEM2005.htm>

Entretanto, oito dos catorze estudantes da Escola Nacional de Artes Visuais do Grupo Locações de Maputo encontram-se desde o passado dia 23 em Portugal, onde estão a participar numa acção artística denominada Arte Pública, que é uma manifestação que ocorre em espaços abertos.

Projecto IDENTIDADES leva Moçambique a Portugal, Maputo, Notícias, 2006

O facto de vários dos membros fundadores serem professores na única escola de arte existente—a Escola Nacional de Artes Visuais (ENAV)—muito tem contribuído para o alargamento do interesse pela arte contemporânea. Desde 2003 os trabalhos dos finalistas do curso médio de Cerâmica e a exposição de fim do ano que a ENAV organiza anualmente reflectem a procura de novos meios expressivos e de novas linguagens e as múltiplas escolhas ao alcance dos alunos.

COSTA, Alda (2005). 10 artistas do MUVART. <http://www.artafrica.info>

interpretação e realização confluentes com o sentido que o movimento tomou. Num arrastar de presenças sucessivas ganha-se o tempo necessário para se reconsiderar o que se vai fazendo, retomando o feito de outro modo, recomeçando, insistindo; também o lugar, o espaço físico onde trabalhar, o estar frente-a-frente, lado-a-lado, o viver com os outros e senti-los como eles são, visitá-los em suas casas e recebê-los nas nossas, e saborear os silêncios entre os encontros, os segredos que se vão repensando e refazendo. É neste patamar de cumplicidade, nesta riqueza relacional, que se estabelecem os *intercâmbios artísticos*.

As oficinas e as salas de aula da escola reorganizam-se e incluem os intervenientes chegados da europa e os artistas convidados da terra. O desafio, no entanto, parte regularmente para outros territórios exteriores, para a malha urbana da periferia de Maputo, ou mesmo para fora dela. Espalham-se pela cidade, alojam-se em Hulene, na Matola, em Matalana, em Inhambane e na Beira. Interligam-se com artistas e com instituições culturais como o Museu Nacional de Arte, o Núcleo de Arte, o Centro Cultural de Matalana, a Casa da Cultura da Beira, a Associação Cultural Xiphefo, o MUVART.

Os caminhos trilhados resultam do cruzamento entre a partilha dos dilemas da produção artística (concepção, projecto, tecnologias, processos,...) em contexto de oficina, com a realização de projectos de intervenção em espaço público, desenhados como meio de questionamento das possibilidades de a arte escapar à nulidade cultural, de se sintonizar com experiências e vivências de outras culturas, de modo a sentir o que as torna culturalmente significativas. Longos processos de reflexão e de discussão atravessaram as experiências realizadas, em particular o calcetamento do passeio público nas portas do Museu Nacional de Arte em Maputo, e a execução do *portal de entrada* no bairro de Hulene.

E não só no campo das artes visuais se centrou o IDENTIDADES: a literatura, a música e a dança, o teatro, a gastronomia, foram disciplinas constantes na programação, descentrando as atenções para uma visão transdisciplinar da arte e para o campo da cultura.

Mais de dez anos de presença constante em Moçambique permitiram a cada um dos intervenientes um crescimento cultural ímpar, dimensionado na escala da incorporação que cada um foi capaz de realizar a partir das vivências partilhadas, do trabalho produzido, do estudo, do debate e da reflexão permanentes.

APRENDIZAGENS

(...)
 O melhor ainda, o mais velhinho
 e garantido é começar pela palavra
 eu. Será umbilicalista, egoísta,
 eu sei cá, mas é pequenina e humilde
 e não diz mais do que diz, não tem
 mais responsabilidades do que as que convém
 seu minúsculo e modesto universo. Para quê
 querer incendiar os astros se, dentro de nós, ainda não
 acendemos todas as luzes?

KNOPFLI, Rui. ARS POÉTICA 63, “Mangas Verdes com Sal”
 (1969) in Obra Poética, Imprensa Nacional Casa da Moeda
 (2003). p. 192

Todo o estudo que se apresentou foi realizado a partir do permanente quadro de discussão aberta promovido pelo IDENTIDADES, filtrado pelo cunho pessoal do autor desta tese e, particularmente, pelos resultados da investigação por ele tecida que será, sempre, parte do espelho do que o move, do que o anima e entusiasmo, daquilo que ele é capaz de valorizar. O sentido envolvente e vivencial de toda a actividade observada e a sua natureza englobante perturbam a intenção de focar a atenção em pontos mais ou menos precisos do alargado panorama, que mais de dez anos de actividade multicultural instalaram numa larga geografia e experienciaram. Essa focagem e esse isolamento permitem tornar mais nítidas as observações realizadas, ainda que possivelmente estilhaçadas, sempre passíveis de serem lidas como pertença de um todo.

Na parte mais final desta tese, em particular no capítulo *centrar no entendimento*, apresentar-se-ão, de modo mais incisivo e conclusivo, as verificações e leituras emanadas do *estudo de casos* apresentados.

Neste primeiro conjunto de aprendizagens, emanado da reflexão sobre o vivido em Moçambique, chama-se a atenção para aspectos que poderiam, com sentido análogo, decorrer dos acontecimentos apresentados no estudo em Cabo Verde, no Brasil, ou mesmo em Portugal. O mesmo poderá, aliás, acontecer nas leituras que se apresentarão mais à frente. No entanto, considera-se que ‘em Moçambique’, sendo o primeiro caso, terá justificação realizarem-se leituras que, uma vez apresentadas, estarão presentes na leitura dos seguintes, sendo ainda possível tomar os quatro conjuntos de *aprendizagens* como uma reflexão que se comple-

Uma obra “*in situ*” produz o lugar que ela mesma ocupa e se confunde com ele. Essa vinculação a define enquanto “*obre site specific*”. Portanto, o que importa para a definição não é o sítio que teria uma especificidade notável, nem tão pouco a obra, mas o vínculo entre os dois.

CAUQUELIN, Anne (2006): p. 74

A arte é o terreno da incoincidência, repito.

DIONÍSIO, Eduarda. (2000). Artes para que vos quero, Abril em Maio, p. 20

À primeira vista poderia parecer que as afirmações do Eu e do Nós tinham um carácter estático. Eu, poderia dizer-se, sou sempre a mesma pessoa. Mas não é verdade.

ELIAS, Norbert (1987): p. 207

menta e permite melhor entender o modo como os eventos analisados e o próprio movimento IDENTIDADES se associam como constituintes da personalidade artística do autor.

Neste capítulo, ‘em Moçambique’, as aprendizagens retiradas, agrupam-se em leituras (13) resultando de um modelo que isola cada uma delas do contexto global das relações interculturais vivenciadas, para um registo mais destacado, ainda que fragmentário, modo de evidenciar o seu efeito no crescimento pessoal e de possibilitar reflexões infundáveis sobre o que somos, o todo que nos cerca e o modo com operamos a nossa cidadania.

Cada uma das leituras apresentadas não apagará, de qualquer modo, a totalidade do acontecido, apenas lhe prestando uma atenção isolada, precisa, uma observação de um determinado ponto de vista.

A ordenação apresentada é arbitrária como as aprendizagens, não as hierarquiza, nem as avalia.

LEITURA 1. DIFERENÇAS ?

Deixamos de escutar as vozes que são diferentes, os silêncios que são diversos.

COUTO, Mia (2005): 123

Estas viagens só por si são um marco. A oportunidade de estar em contacto e, inevitavelmente, em confronto com outras culturas são a melhor forma de abrir horizontes e alargar o nosso conhecimento a respeito da humanidade, do ser e da presença do “outro”.

FARIA, Mónica, Identidades/Porto.

Quando nos sentimos invadidos pelo o ar doce, húmido e quente, como a realidade tem um sabor diferente dos mitos que culturalmente fomos construindo sobre a longínqua África!

Em primeiro lugar, e essa foi a grande revelação, as semelhanças predominam: as mesmas pessoas, as mesmas fraquezas, os mesmos conflitos, as mesmas ansiedades, as memórias que se reencontram. E, sem contradição alguma, a noção de nossa incompletude perante a dificuldade em apreciar o outro, o deslumbramento perante os mil perfumes que se abrem, a percepção dos impedimentos culturais que nos afastam dos novos paladares que se nos oferecem, as novas sensações trazidas pelo simples respirar desse ar quente e húmido, a brisa leve do Índico, uma outra poesia no viver.

A esta leitura ligeira, não queremos sobrepor, para não lhe retirar a importância que a simplicidade transporta, a retórica pós-modernista e os discursos pós-coloniais que, na tentativa de esvaziar a história, transportam a anulação do conceito de *novo* e o esbater da *diferença*, apelando para a presença da simultaneidade, onde as abordagens geograficamente distantes e autenticidades particulares são niveladas por um hipó-

crito pluralismo que apenas uniformiza a partir do mesmo *centro* de sempre...

Durante estes anos nunca deixámos de discutir, entre nós, a promoção do respeito e do reconhecimento entre todos e a capacidade de, num envolvimento democrático, nos apresentarmos como somos, na veracidade do que pensamos, na confrontação aberta das ideias e dos sonhos e, assim, identificar as diferenças que se apresentavam, a dimensão dos nossos cúmplices de múltiplas aventuras.

Esse saber apreciar o que nós não somos que fomos aprendendo de modo progressivo, foi permitindo completarmo-nos, através de uma visão mais ampla do universo e de nós mesmos, onde fomos bebendo, contemplando e analisando as particularidades existentes e a diferença. Não tentámos confundir-nos com o outro, ser o outro, apenas partilhámos as nossas vidas, discutimos as nossas preocupações, tornámo-nos cúmplices em projectos colectivos, ensinámo-nos a reparar para além de nós.

LEITURA 2. SENTIMOS?

O primado do sentir sobre o pensar e sobre o agir configura-se assim como um primado do já sentido sobre o já pensado da ideologia e sobre o feito da burocracia, fenómenos que já se manifestaram e afirmaram claramente no século XIX e atingiram o seu apogeu na primeira metade do século XX.

PERNIOLA, Mario (1991): 17

Ninguém nos culpa por sermos indiferentes aos acontecimentos mais ou menos catastróficos que nos cercam, somos mesmo remetidos ao papel de inocentes pelas narrativas que expedem a realidade para um ecrã onde tudo foi já preparado, dramatizado, analisado, narrado, ... enfim, já sentido. Neste tempo estético onde o não cognitivo é dispensado, o sentir transporta-se da relação com os objectos, com as pessoas, com os acontecimentos, para um enamoramento com a imagem, já sentida, apresentada numa determinada tonalidade emocional.

Ora, se nos comportamos neste mundo num quadro onde, para além das contradições que lhe são próprias, apenas nos é reservado este espaço de consumo do próprio acto de sentir, nas viagens realizadas, particularmente a Moçambique, somos presentes a um outro tempo ainda existente onde o espaço do sentir se esplanha plenamente. Há a presença de uma cultura profunda que funde a estética com o positivo,

Do fundo do meu coração sinto que dei um salto qualitativo na minha vida desde que entrei para a ENAV e consequentemente me relacionei com o Identidades.

ZANDAMELA, Célia.
professora da ENAV/ Identidades.

com o *desenrascar da vida* e com o belo, e integra o conceito de diferença isento de culpa histórica, soltando o sentir de encontro à experiência e libertando-o para um acto de irregularidade. Descobrimo-nos a valorizar o sentir num retorno a uma ancestralidade que ainda vive em nós e que nos completa e entendemos melhor as restrições ao uso de nossas capacidades biológicas no quotidiano que nos ocupa a vida.

LEITURA 3. O OLHAR

... não, não, já não somos nós quem olha – há agora, sim, um olhar que prevalece sobre o nosso, um olhar que nos obriga a segui-lo e a esquecer o que olhávamos, um olhar que dirige o nosso...

MARTINS, Vítor (2005). PENSEM NISSO..., texto publicado no catálogo da exposição 'José Paiva . pintura', realizado na Serpente Galeria de Arte Contemporânea, em 2005.

(...) no que diz respeito á área em que participei (Pintura) tudo correu muito bem, (...) para ambas as partes (Portugal/Moçambique) este intercâmbio foi algo de muito marcante, jamais poderei esquecer aquelas pessoas, aquelas cores, foi de facto algo de mágico e muito enriquecedor. (...)

SIMÕES, Sílvia, *Identities/Porto*, 1997.

Nas deslocações realizadas, particularmente no primeiro contacto com cada outro lugar, é usual deparar com uma incapacidade de olhar sem transformar tudo e todos em elementos coisificados, provando o desconforto de não se conseguir superar a cultura primária construída no Ocidente colonizador, independentemente de toda a militância política anticolonial exercida. Só a partir do desconforto provocado pela verificação dessa incapacidade de ver o que se apresenta, da resistência ao desarrumar das narrativas pré-construídas, se consegue retirar os filtros implantados e fruir, deslumbrados, essa outra realidade que temos diante dos olhos. Nesta alteração passámos também a sentir-nos observados, a reconhecer a reversibilidade do olhar como um estatuto principal. Descobrimo-nos a gostar de ser observados, a entender o olhar na sua plenitude, enquanto partilha intercultural.

Reconheço que fiquei perturbado com a percepção de que o rosto do outro que vemos nos fita e de como sabe bem sentirmo-nos penetrados pelo olhar de quem observamos, numa partilha de comunicação plena. Foi com o sentido nesta presença do observado em quem vê que realizei a minha última exposição de pintura, profundamente marcada pelo relacionamento multicultural que estabeleci em Moçambique e que terá comparência nesta tese no capítulo *centrar no entendimento — na solidão do atelier*. Aí se ilustrará como é saboroso e completo descobrir que pertencemos ao olhar de quem olhamos.

LEITURA 4. A TENTAÇÃO DO BRANCO E DO VAZIO

A aventura formal da arte moderna foi sempre tentada pela ausência, pelo silêncio, pela página branca, entendidas não como falhas, mas como realizações absolutas de um querer sentir só o essencial.

PERNIOLA, Mario (1991): 57

Nas viagens que realizo para Moçambique acompanhado com grupos de estudantes, professores e artistas portugueses, no âmbito do movimento intercultural IDENTIDADES, por diversas vezes me surpreendo perplexo perante o panorama visual que se depara, logo no aeroporto, na viagem para o centro e, em particular na malha citadina de Maputo. Variadas vezes, entre o grupo se conversa sobre as dificuldades sentidas perante o aparente caos visual e como custa lidar com a normal facilidade com que os estudantes da ENAV, os seus professores e muitos artistas moçambicanos, não reconhecem a presença do vazio como linguagem plástica e contrariam a ordem compositiva que uma formação académica e plástica ocidental organiza e incrusta nos nossos subconscientes.

No Ocidente a aprendizagem académica e a narrativa cultural mergulham profundamente nas alterações provocadas a partir do final do século XIX na sociedade que se organiza com a industrialização num regime capitalista, em particular as mudanças que vão sendo registadas no campo da arte. Reagindo ao sentir burocrático da época, o artista distancia-se, valorizando o seu mundo interior e opondo à ritualização impessoal uma estética da vida e uma estética da forma, a abstracção, a vontade da arte. Na pintura, em particular, a recusa de ser considerada como um instrumento de representação das suas exterioridades, elevou o valor da forma a limites plásticos, tendo situado valores como o vazio e a ausência no mesmo patamar de quaisquer outros. Nesta escola do silêncio representativo, a tentação pelo branco e a procura do vazio dificultam um relacionamento visual tranquilo com o ruído e sente-se perturbada pelo exagero visual da paisagem circundante.

Se considerarmos o legítimo desarrumo visual da paisagem urbana que se depara, percorrendo cidades como Maputo, que contraria e fere o classicismo compositivo presente na nossa formação visual, não se entende como usualmente rotulamos de poluição visual as imagens que nos surgem e nos recusamos a ler essa condição como qualidade intrínseca de um outro olhar, fundado num outro passado cultural.

O intercâmbio cultural é uma das melhores forma de aprender.

GARRADAS, Cláudia. Técnica de Museologia da FBAUP/Identities.

LEITURA 5. O CONFRONTO COM A TRADIÇÃO

(...) a tradição e a modernidade são sentidos como elementos distintos, por vezes mesmo contraditórios, mas interdependentes e em permanente cumplicidade no processo de construção de identidades sociais.

HONWANA, Alcinda Manuel (2003): 11

A palavra “marca” está associada a algo permanente. Nunca me dissocio da ideia de tatuagem, não como operação iniciática, mas como testemunho de uma aprendizagem. Cada experiência vivida nestes países, por insignificante que seja, corresponde a uma marca. Já conto com milhares de marcas e a acumulação de todas elas desenha o mapa que dirige as minhas vivências.

VILAVERDE, Maria Jorge,
Porto/Identidades.

Que sentido pode ter a defesa de uma tradição que origina violência sobre, por exemplo, uma mulher? Ainda recentemente, a discussão entre um grupo constituído por estudantes da FBAUP e da ENAV, na preparação de uma ‘oficina de vídeo’, para a qual escolheram como tema para um documentário a realizar o ‘curandeirismo’, assumiu um forte tom de polémica entre o respeito por um saber tradicional de cura em simultâneo com a presença do avanço do conhecimento das ciências médicas e uma visão mais entregue a um reconhecimento da tradição. O interessante na evocação desta discussão reside na verificação das perplexidades, fruto de um conhecimento frágil que nós transportamos das culturas tradicionais (das africanas e das nossas, que se assemelham) que se transformam num deslumbramento perante o seu encanto, nos ofuscam o entendimento da complexidade de uma sociedade em que a presença da tradição e da modernidade coexistem e são presentes no social, nunca deixando de ser um foco de tensão cultural.

O dilema, nas discussões fomentadas no IDENTIDADES, centra-se particularmente entre o grau de respeito cultural, religioso e ético que se deve verificar pelas vontades e opiniões que evocam e se argumentam na tradição. No entanto, sendo o movimento intercultural de partilha e de aprendizagens cruzadas, tanto como de confronto de ideias e de discussão aberta, prefere-se fomentar os conflitos de ideias naturais entre posturas diversificadas sobre as *ideias do nosso tempo*, sobre o respeito pela tradição identitária, sobre o valor das *raízes nacionais* de cada um, como modo de se estimular a construção das personalidades cívicas e de autor de todos os intervenientes.

O discurso da sinceridade obriga a um permanente confronto de ideias e se o respeito por cada um é devido, tem sido salutar a percepção desta conflitualidade que valoriza a história, a diferença, a personalidade de cada um, mas confronta-a com a dialéctica inesquecível que o contemporâneo sempre comporta.

O movimento intercultural é de partilha e de aprendizagem cruzada com o parceiro, tanto como de confronto de ideias e de discussão aberta. E,

assim, registam-se amiúde os conflitos naturais entre posturas diversificadas sobre *as ideias do nosso tempo*, sobre o respeito pela tradição identitária, sobre o valor das *raízes nacionais* de cada um na construção das personalidades cívicas e de autor.

LEITURA 6. A ARTE CONTEMPORÂNEA EM MOVIMENTO

Não há um interesse suficientemente importante e consensual sobre a arte contemporânea africana na Europa. O interesse actual é uma consequência de acções individuais de artistas africanos que tiveram que se confrontar com os preconceitos e o sistema hermético da arte ocidental.

ALVIM, Fernando. (2007). <http://www.artecapital.net/entrevistas.php?entrevista=35&PHPSESSID=46da9908fbc365c980odb1a8f603edf6>

Já expus em Maputo. Apresentei uma exposição, mais à frente referida (*centrar no entendimento — na solidão do atelier*), que me confrontou com o meu discurso nos debates contínuos com muitos artistas em Moçambique, nas aulas que orientei na ENAV, em muitas tertúlias promovidas e em algumas conferências em que participei. Frequento o mais possível o calendário expositivo de Maputo e acompanho a presença em Portugal dos artistas de lá vindos. Sou amigo de muitos deles. Nesse contexto tenho muita intimidade com o aparecimento da conflitualidade das artes plásticas em Moçambique e do seu desenvolvimento, hoje centrado no MUVART. Nesse relacionamento acendem-se polémicas, confrontam-se posicionamentos críticos, encontram-se espaços de partilha de experiências e de partilha de produção artística, procura-se conhecer e reconhecer o que se faz e o que se pensa, apresentar o que se faz e defender o que se pensa. Identifico uma grande inquietação entre alguns artistas de Maputo, nascida no contacto progressivamente desenvolvido com o ‘mundo globalizado da arte’. A maioria são professores na Escola Nacional de Artes Visuais, ou graduados por essa escola. Sentem insuficientes as práticas criativas dos artistas consagrados, perante as inquietações decorrentes do fervilhar da procura de uma presença plena da África no global. Procuram afinadamente uma renovada postura artística que alicerçam no que colhem em algumas exposições recentes organizadas e trazidas para Maputo (que promoveram o discurso pós-colonial), também nas poucas viagens que realizam ao exterior e perante a reduzida informação teórica disponível.

Em todo o meu percurso na faculdade estar ligada ao grupo deve ter sido o mais importante e significativo, pela relação estabelecida com os meus colegas e com os meus professores, o grupo sempre foi um espaço de partilha saudável, despreocupado (no sentido em que não existiam tensões ou pressões de maior) e muito rico, onde em conjunto trabalhávamos com o mesmo fim, com um propósito, onde a discussão e pensamento faziam parte do processo, levando todos os seus elementos a reflectir, concluir, desenvolver raciocínios, e isto pode parecer básico, mas para mim foi muito importante, por que me abriu ou “arejou” a cabeça.

SANTOS, Tatiana, Porto/Identidades.

Os nomes dizem tudo: religam países e continentes, Europa, África, América Latina – Portugal, Moçambique, Brasil. A mesma língua em diálogo, narrando-se, em identidades plurais.

Por desatenção do projecto IDENTIDADES tive o privilégio de ser convidado e de participar em iniciativas no Recife e no Mindelo, Cabo Verde.

Relembro Olinda, a Caruarú natal de Álvaro Lins, os debates na Universidade de Pernambuco e na Fundação Joaquim Nabuco. Aceno ao Sidney, miúdo de São Vicente, a perguntar se Moçambique tinha muita água.

Aprendizagens directas com o povo dos subúrbios e a arte do encontro, como dizia Vinicius. José Paiva, discreto, essencial, dinamizador não impositivo, igual entre iguais, atento, sabedor e amigo. Com o seu gesto pude conhecer gente boa e, sobretudo, aprender. José Paiva, canteiro, sabe que na pedra que desbasta está a inteira catedral a erguer. Cioso de nos dar os seus amigos e, com isso, contribuir para um amplo território de cumplicidades, sem dogmas políticos nem excessos de retórica, o professor da ESBAP implica-se e implica-nos num cometimento concreto de relação com os lugares e as instituições. Pedra a casa, ideia a livro, mão na mão – juntamon, claro! – com José Paiva entramos nos teatros do mundo para neles participar. Este o bernal que trago comigo e que lhe devo.

PATRAQUIM, Luís Carlos. escritor moçambicano, Identidades, 2008

Este grupo de artistas de uma geração distante dos nomes que se tornaram emblema da arte moçambicana, unidos no MUVART, procura o seu espaço, mistura de compreensão teórica e postura conceptual, de prática artística e de lugar no mercado internacional da arte. Desenham-se, num sentido pós-colonial, espaços de dualidade entre uma postura mimética à cultura colonial e o encontro de novas identidades fluídas nos novos processos de afirmação nacional nos terrenos expositivos locais e nos grandes acontecimentos artísticos internacionais.

Para além dos problemas que identificamos no nosso relacionamento com o campo da arte, maiores são as complexidades que encontram estes artistas, tentados por curadores internacionais que deles se querem servir para melhorar a amplitude globalizadora e pós-colonial das suas carteiras, seduzidos por um mercado internacional que na maioria das vezes apenas pretende com o seu colorido exótico ganhar espaço de mercado e legitimar o centro decisor de sempre, cercados por conservadorismo e imobilismo intelectual.

A tensão existente, a procura incessante de um caminho universalista para a sua arte, a busca de definição de uma presença genuína da personalidade autoral contemporânea, o movimento produzido e a partilha dos conflitos são exemplos vivos de uma vivacidade louvável e exemplar que, certamente, dará resultados.

A camaradagem com as suas procuras, a participação em muitas das discussões, o confronto permanente de ideias possibilitam uma maior compreensão dos extensos problemas do mundo da arte, do labirinto criado e de onde todos não sabemos como sair ou, mesmo, se há interesse em dele sair.

Uma abordagem inicial deste assunto, localizada no *estudo de caso — em Moçambique*, não impede a sua presença na parte conclusiva desta tese, onde se funde a aprendizagem aqui referida com o entendimento globalizante que induz o autor para a sua prática artística e lhe molda o sentido crítico perante o mundo da arte.

LEITURA 7. QUE BOM VIAJAR COM ESTUDANTES

(...) o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida há inacabamento.

FREIRE, Paulo (1996): 56

Todo este projecto comprova a eficácia nas relações de ensino e de aprendizagem que a partilha intensa e plena com os estudantes pro-

move. Só provocando momentos especiais de encontro colectivo em volta de eventos participados se permite concentrar as energias exigidas e toda a atenção necessária para elevar as relações académicas do quotidiano a um patamar distinto, à cumplicidade e, assim, estabelecer um espaço de magia onde as aprendizagens brotam por si e a interiorização das experiências marca de modo inesperado os processos individuais de construção das personalidades autorais e cívicas.

Estas deslocações com os estudantes propiciam, em condições ímpares, a superação das viciadas relações de ensino e de aprendizagem que se isolam nos muros da escola e as demasiadas dificuldades que se encontram para relacionar o que lá acontece com o mundo. E como as hierarquias se diluem e o ensino se cruza, de todos para todos, onde não se regista nenhuma prisão por inexistência de qualquer exterioridade!

LEITURA 8. ARTE DE INTERVENÇÃO PÚBLICA

(...) não ideias justas, só ideias. Porque as ideias justas são sempre ideias em conformidade com significações dominantes ou palavras de ordem estabelecidas, são sempre ideias que verificam alguma coisa, ainda que seja alguma coisa por vir, ainda que seja o porvir da revolução.

DELEUZE, Gilles (1972-1990): 61

O uso do conceito de arte pública, mesmo na precisão da utilização de uma designação mais aberta de *arte no espaço público*, não satisfazia os questionamentos transversais a toda a discussão sobre os projectos desenvolvidos, que se centravam sempre no campo de relacionamento possível de estabelecer com o *público* envolvido em cada uma das intervenções. O entendimento do espaço, encontrado para cada intervenção, como um contexto preciso, na sua ampla dimensão antropológica, urbana, social, representava já uma evolução correspondente ao sentir do movimento que não se enamorava do sentido físico dos espaços, mas lhe preferia o sentido social. No entanto, no IDENTIDADES foi ganhando significação positiva o propósito de tecer com as comunidades modos participativos nos projectos, de molde a estabelecerem-se os possíveis espaços de interacção. A escolha deste caminho, com os seus inevitáveis insucessos e insatisfações, pressupõe, contudo, que não se confunda a proposta de acção laboratorial com qualquer projecto de produção de objectos artísticos, apenas permitia um jogo de aproximação dialogante entre um grupo externo, estudioso e erudito, com comunidades distan-

Acreditar sempre nos sonhos. A sobrevivência do Identidades está dependente nessa crença por parte dos seus membros, por vezes os projectos parecem um pouco utópicos ou apenas boas ideias que ficam um pouco à margem, compete a este grupo manter sempre o optimismo e a força que têm vindo a demonstrar. Por vezes a dedicação é tanta e a recompensa é tão insignificante que desmorona um pouco esses sonhos, e a grande virtude do Identidades é essa, não deixar apagar a chama.

GRANJO, Joana, Porto/Identidades, 2006

tes das narrativas artísticas e mergulhadas nos seus intensos e dominantes problemas de sobrevivência.

A enorme experiência já recolhida apenas condiciona as propostas em curso, cada vez mais exigentes e complexas.

A aprendizagem aqui apresentada representa um dos aspectos que mais atenção exigiram ao longo do seu percurso em Moçambique, como no Brasil e em Cabo Verde e, também, em Portugal. Por isso, aparecerá de novo durante o estudo de casos, e, de um modo mais conclusivo, no ponto *centrar no entendimento — arte em espaços públicos*.

LEITURA 9. HIV – SIDA

Estamos administrando anti-retro-virais a cerca de 30 mil doentes com SIDA. Esse número poderá, nos próximos anos, chegar aos 50 000. Isso significa que cerca de um milhão quatrocentos e cinquenta mil doentes ficam excluídos de tratamento. Trata-se de uma decisão com implicações éticas terríveis. Como e quem decide quem fica de fora? É aceitável, pergunto, que a vida de um milhão e meio de cidadãos esteja nas mãos de um pequeno grupo técnico?

COUTO, Mia. “OS SETE SAPATOS SUJOS”, Oração de Sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM, in Vertical N° 781, 782 e 783, Março 2005

Embarquei' na 'aventura' que é o IDENTIDADES por influência dos amigos (vou ser-lhes eternamente grata por isso). Hoje sinto-me aliviada por ter aceite o desafio. Conhecer outros 'mundos', outros pontos de vista, outras realidades é, agora para mim, fundamental do ponto de vista humano.

FERNANDES, Cátia. Docente na ENAV, Maputo/Identidades.

Confesso que o efeito devastador da SIDA nunca me ocupou a atenção e nunca tinha medido a dimensão avassaladora da doença, nem medido a hipocrisia com que se inventam campanhas de informação quando se negam os devidos cuidados médicos de tratamento dos doentes infectados. Como enriquecem os laboratórios especializados, as empresas farmacêuticas e se ultrapassa a imperiosa necessidade de tratamento massificado de todos, digo todos, os doentes portadores. Como são distintas a esperança de cura de um contaminado com posses económicas, de um cidadão europeu com nome próprio, de um pobre ignorado e de um ser socialmente excluído.

Numa reunião no Ministério da Educação e Cultura, realizada em Maputo para tratar da integração da ENAV no sistema de ensino profissional, foi estupefacente a afirmação proferida de que um dos objectivos fundamentais da política educativa em Moçambique era o combate à proliferação da *sida* na classe dos professores. A elevada percentagem de

mortes de professores devido a este flagelo constitui, de facto e objectivamente, um forte retrocesso no esforço de formação e recrutamento de quadros neste país tão carente de qualificação para a proliferação do ensino e do conhecimento. Esta reunião rotineira, constituiu um sinal de viragem na percepção que tinha sobre este sofrimento da humanidade. Para mim tornou-se um problema presente, não apenas da África, dos grupos de risco, dos outros, mas também meu. Todas as campanhas que se multiplicam, a acção das ONGs, com resultados insignificantes face ao avanço deste flagelo, ganharam a dimensão exacta da sua extensão e do efeito social que não conseguem provocar. A hipocrisia das campanhas fomentadas do exterior, face à ausência de uma política mundial de medicação extensa e gratuita, revela-se em todo o seu esplendor de crueldade perante os números que não param de assustar, em Moçambique, em África, na Europa,...

LEITURA 10. CIDADANIA

Se a sociedade politicamente organizada não accionar processos de re-democratização, pode estar em causa a sobrevivência da democracia. O que vem não será uma ditadura. Será uma ditamole ou uma democradura.

SANTOS, Boaventura. Des-democratização, in *Visão* (13 Setembro de 2007)

Como se pode entender o exercício da cidadania nos subúrbios de Maputo, sabendo da dificuldade das famílias para serem alimentadas, conhecendo a ameaça constante da violência no espaço público, assistindo ao afastamento generalizado da actualidade? Como podem estruturas de bairro criadas na época da democracia participativa do tempo de Samora Machel, constituir-se em centros locais de um regime que se alterou profundamente e onde o associativismo foi afogado pela corrupção e pelo imobilismo social?

No entanto, nas periferias urbanas de Maputo, entre o caos des-urbanizado e o desespero, vive uma população afável que procura saborear a sua vida, que sabe lidar com o *desenrasca* no dia-a-dia, que encontra na família e na vizinhança os elos de solidariedade, que se mobiliza para a luta quando já não aguenta (como no caso do aumento do preço dos *chapas*). A serenidade desta população deslocada para um território sem estrutura social, afastada dos laços profundos que ligavam cada família a suas terras e a seus antepassados, presente na edificação do desenvolvimento do país,

Em especial o fim-de-semana de Páscoa em Matalana, onde se assistiu a uma perfeita comunhão de respeito e “amor” entre todos que participavam no *Identities* e a população de Matalana. Comunicando de uma forma suprema através da arte.

NAZARETH, Adriano,
Identities/Porto

nos processos eleitorais, não deixa de revelar uma postura cívica, ainda que suspensa num equilíbrio instável, rara em países recentemente nascidos. Do contacto com as pessoas deslocadas, que habitam as periferias urbanas da grande cidade de Maputo, emanam um sabor relacional amável e um saber tranquilo e fundado num tempo profundo — que delicia por contraste com a desordenação e a violência urbana —, a carência de condições de dignidade humana e a sua pobreza. Não se trata de uma visão romântica ou neo-realista, mas da leitura objectiva, ainda que enamorada, de uma complexidade social que propicia a instalação, no âmbito do relacionamento do movimento IDENTIDADES com a ENAV, de um projecto de intervenção pública no Bairro do Aeroporto (onde se vai construir o novo edifício para a ENAV). A experiência realizada já no Bairro de Hulene, transposta para uma realidade social semelhante mas distinta, desenha o campo de atenção para um trabalho que pretende estudar os espaços de comunicabilidade entre artistas e uma população promotora do seu próprio desenvolvimento.

LEITURA 11. NUNCA UMA SIMPLES ÁRVORE

Não se tratava de um olhar inocente, mas de um projecto. A natureza dava-se apenas através de um projecto de quadro, e nós desenhávamos o visível com o auxílio de formas e de cores retiradas do nosso arsenal cultural.

CAUQUELIN, Anne (2008): 20

O Identidades é isso, UMA PORTA DE OPORTUNIDADE PARA SEMEARMOS AMIZADES E CRIAR num ambiente de comunidade alargada na qual o EU é suplantado pelo NÓS porque a identidade que existe quando nos encontramos é a nossa e não do português, do moçambicano ou ... MUTHEWUYE, Marcos. Professor da EVAV, Moçambique/Identidades

Transportamos sempre para o que vemos referências diversas e dificilmente saberemos apreciar uma árvore sem lhe associarmos as representações que nossa memória aviva. Contemplamos sempre a natureza como uma paisagem. A memória dos exercícios de desenho, o gosto pela pintura naturalista e impressionista, a apreciação pelo exercício de Mondrian, ou mesmo pelas deslocações de Alberto Carneiro, impedem-nos de ver a natureza como ela é, para além de nós, do nosso conhecimento, do presente. Também o discurso ecológico, a literatura recordada, dificultam-nos saborear o prazer das sombras das árvores, pelo que elas são, pela simples frescura.

Em Moçambique, em 1997, fomos recebidos numa sessão de boas vindas, onde Mia Couto nos brindou com uma narrativa sobre um outro valor contido na árvore (tema transversal escolhido para todas as oficinas que iríamos realizar no momento de intercâmbio artístico preparado). A árvore como centro de ligação da vida com o passado, com os antepassados, com o equilíbrio, com a esperança. A árvore como organizadora do terreno, do tempo, dos conflitos...

Esta visão, pertença dos africanos, sugerida por um Biólogo diplomado, com prestígio internacional, deixava-nos, a nós portugueses, hesitantes: tratava-se do campo mágico que a árvore emana e possui. Não voltámos a discutir, de modo organizado, questões como estas que se atravessam a todo o momento no convívio de uns com os outros e no cruzar da natureza, mas, estou certo, nunca mais uma árvore deixou de ser respeitada pela entidade que é, pelo modo como se ergue e se pavoneia ao vento, indiferente ao que pensamos dela.

LEITURA 12. INTERDISCIPLINARES

(...) as diferenças culturais operam dentro das nossas sociedades e não apenas entre as sociedades.

WIEVIORKA, Michel (2000): 31

Não causou nenhuma estranheza o título de ‘O SOM como Outro’ escolhido para o II Debates Interculturais da FBAUP, realizados na ESMAE no Porto, com a presença de músicos de Moçambique e do Brasil, um dançarino caboverdiano e estudantes de artes plásticas portuguesas, por ter já o IDENTIDADES adquirido um âmbito interdisciplinar. Aliás, outra coisa não seria de esperar de um movimento artístico que se situa no cultural, que integra o conjunto de instituições participantes no anual Festival Recifense de Literatura, que editou uma ‘Antologia de Literatura Moçambicana’ e o livro ‘IMAGEM passa PALAVRA’ onde se publicam originais de escritores de língua portuguesa realizados a partir de imagens originais de artistas plásticos. Outros exemplos se poderiam evocar, dos diversos realizados (que se indicam no livro anexo a esta tese) que ilustram a aversão à gaveta das disciplinas que empurrou o movimento IDENTIDADES, desde a primeira hora, para uma linha de intervenção que rompe com as amarras ancoradas às artes plásticas e estende a sua atenção para a vida, no seu sentido globalizante, tentando absorver a imensidão que se apresentava em cada deslocação, em cada evento. Os nossos amigos, numa rede que alastra de forma aberta, transportam para os encontros constantes as suas *especialidades* — musicais, do teatro, da escrita, da dança, da museologia, da animação cultural — provocando um relacionamento criativo intercultural e simultâneo, que nos permite sentir o inventar permanente da arte como cultura, experienciar outras linguagens e entender a presença na formação de um outro modo, aberto, de revitalização das relações interculturais.

A arte deixa de fazer sentido sem o contacto, sem o trabalho de negociação de discursos. Tantas vezes me debati com esse confronto entre espaços do existir e do poetizar. De forma vívida marcou-me a percepção de que um projecto artístico comporta tanto de poesia, de filosofia como de política. A democratização das práticas artísticas deverá gerar indubitavelmente a generalização da vulgarização da cultura.

ALVES, André. Porto/Identidades

LEITURA 13. FORA DA CIDADE

*De um povo subjugado pelas armas nasce
irremediavelmente um novo povo, um
novo comportamento cultural. É uma questão de
tempo entre os vencedores, os vencidos, a terra
e as mulheres. O resto é obra dos filhos.*

CRAVEIRINHA, José. Poemas de Prisão (1998), Ndjira (2003). p. 90

No início de 2000 o Projecto Identidades lançou-me o desafio de coordenar uma colectânea de literatura moçambicana, que veio a chamar-se “Colectânea Breve de Literatura Moçambicana”. Este desafio tem os seus efeitos até hoje, pois me vi obrigado a conhecer a literatura moçambicana de trás para frente, não só como um mero leitor, porém, mais como um buscador de singularidades, nos territórios de um país que afinal me era desconhecido (e continua desconhecido) que se revelam nas culturas, nas cores, nos cheiros... mas que só me foi possível descobrir ao fazer a travessia através desta ponte de afectos que se estabeleceu e nos pede para continuarmos a usá-la para olhar o que está lá do outro lado. Dentro do mesmo projecto juntaram-se gentes de Recife, Brasil e enriqueceram mais ainda este encontro de sensibilidades. Estou desde 202 em contacto com escritores recifenses, onde tenho amiúde participo em festivais de literatura, e no último ano alargaram-se para S. Paulo, onde também se juntou o teatro. MANJATE, Rogério. Escritor, actor e encenador de teatro, Moçambique/Identidades

Na chegada, a cidade de Maputo oferece-nos uma visão plena dos efeitos de uma desastrosa política centralista, herdada da organização colonial e tornada desesperante pela concentração de milhares de pessoas fugidas da guerra, que a RENAMO, em nome dos interesses internacionais, infligiu durante 14 anos e logo após a Independência. O caos, a quantidade impressionante de moradores nas periferias desurbanizadas da cidade, a implantação urbana caótica, fruto do modo espontâneo como se ergueu, o trânsito, o ruído, o calor e a humidade, antecipam a entrada na *cidade do cimento*, onde o luxo colonial da elite branca, as avenidas guarnecidas de jacarandás lilazes e de acácias rubras, foi ocupado pela população nativa que a vive do modo como quer e pode.

Maputo, Moçambique, África na sua verdade inteira apresenta-se-nos, encanta-nos, amedronta-nos. No entanto, só viajando para fora da capital, para o mato, para outras povoações, se sente a dimensão verdadeira desse outro mundo, onde o espaço não se estreita, onde a natureza se afirma, onde a doçura dos homens e das mulheres se apresenta na sua verdadeira grandeza.

Temos essa sorte, de percorrer as matas de Matalana, a aldeia do Guilundo, a cidade de Inhambane e da Beira, entrando nas casas de mãos dadas com os nossos amigos moçambicanos que desde Maputo nos guiaram as emoções, mediaram os imprevistos e nos franquearam o conhecimento através dum relacionamento fraternal. Com esta sensação de proximidade, no esquecimento de toda a condição de turista, vivemos a África, saboreámos numa latitude amena e avassaladora, a dimensão deste nosso mundo, uma pequena bola perdida no espaço, tão uno, tão diverso e tão rico.

EM CABO VERDE

Nós não lutamos contra o povo português, nem contra os portugueses; nós lutamos contra o colonialismo português, contra os colonialistas portugueses.

CABRAL, Amílcar. **Alguns Princípios do Partido**, intervenção proferida no Seminário de quadros do PAIGC em Novembro de 1969, in **P.A.I.G.C. – Unidade e Luta**, Publicações Nova Aurora (1974). p. 147

Por outras palavras, em fins de 1972 os povos da zona (Balantas e grupos vizinhos) já se governavam a si mesmos, sem intervenção portuguesa, há bastante mais de sete anos.

DAVIDSON, Basil (1974): p. 35

Na minha primeira viagem aérea fiz uma escala curta, numa quente madrugada de Junho, no aeroporto do Sal, em Cabo Verde, em 1972. Metido num avião das Forças Armadas, fui enviado para a Guiné ao serviço do exército colonial português. A necessidade de aterrar em Cabo Verde apenas para abastecimento do avião militar revelava a importância estratégica destas ilhas e, em simultâneo, a directa ligação história com a Guiné-Bissau. Os dois anos seguintes da minha vida ocorridos em Bissau permitiram-me testemunhar e dar sentido quer à importância estratégica do arquipélago de Cabo Verde quer ao modo como a história misturava os povos que habitavam nessas duas geografias.

Arquipélagos de pedras e vento, juguete de forças vulcânicas e coloniais, Cabo Verde encontrou em si próprio recursos insuspeitados que lhe permitiram ser hoje aquilo que é.

Cabo Verde, Edição da Solidariedade Socialista (Bélgica) e do Atelier Mar (Cabo Verde), por ocasião das Jornadas Caboverdianas de Bruxelas, Maio de 1989. p. 4

Referida hoje a presença de civilizações diversas no agrupamento de ilhas existentes ao largo da costa ocidental africana, quando os portugueses (1460 – Diogo Gomes) lá, por mar, chegaram, estas encontravam-se desertas. As ilhas consideradas geograficamente relacionadas com o promontório — *cabo* pleno de *verde* — encontrado no continente africano (Dakar), são, nesse enquadramento, nomeadas de Ilhas de Cabo Verde. Logo após a sua *descoberta* começaram a ser utilizadas (inicialmente a ilha de Santiago, depois, gradualmente as outras) para entreposto do comércio de escravos. O seu povoamento efectiva-se com a fixação de parte dos escravos trazidos da costa de África que aqui são mantidos, garantindo a plantação de algodão, cana-de-açúcar e fruta, dirigidos por um regime implantado de *capitanias hereditárias*. A importância estratégica destas ilhas, que ligam Portugal a África e ao Brasil, enquanto entreposto comercial e de aprovisionamento, torna-se gradualmente reconhecida, atizando a cobiça quer de piratas quer dos crescentes impérios de vários países europeus. Nas ilhas de Cabo Verde se ensaiou a grande colonização do Brasil, experimentando a fixação de portugueses em terras tropicais e testando a aclimação de várias espécies agrícolas e animais.

(...) a classe média emergiu no fim da escravatura, entre, por um lado, a classe dos altos funcionários coloniais e os donos de terras, e, por outro, os camponeses e serviçais saídos da escravatura sem eira nem beira, acossados pela falta de chuva para a maior miséria física, porque mais difíceis eram os primeiros anos de alforria.

TOLENTINO, André Corsino (2006). **Universidade e Transformação Social nos Pequenos Estados em Desenvolvimento: O Caso de Cabo Verde**, Fundação Calouste Gulbenkian (2007).
pg. 206/207

Com a abolição do tráfico de escravos a sua importância decresceu, mas estava criada uma realidade política, marcada por um povoamento que aglomerou e miscigenou diversos povos africanos (Balantas, Bafadas, Felupes, Olofes, Mandingas, Papéis, Soninques, Sussos, ...) e europeus, numa geografia hostil ao desenvolvimento mas de relevante importância geoestratégica. A insularidade e as estiagens com vagas periódicas de grandes fomes fizeram do arquipélago uma terra de fome e de emigração, onde sempre se questionou a possibilidade de sobrevivência de um país.

Cabo Verde é um arquipélago constituído por 10 pequenas ilhas montanhosas de composição vulcânica, situadas por sortilégio no meio do Oceano, entre as Américas e a África, na cadeia insular do Atlântico, da Islândia às Malvinas. Um lugar de paradoxo, onde a água é uma raridade nos 4.033 km² de território terrestre, numa geografia rodeada de grande extensão de água (750.000 Km² de mar).

Sua história, desde o povoamento por portugueses e africanos, centrou-se no aproveitamento das suas condições geo-estratégicas, no quadro da expansão económica e política da Europa colonial, desfavorecendo as condições de vida das suas populações. As adversidades e o quadro de quase abandono administrativo, a falta de visão dos governos coloniais portugueses e a incapacidade de governação da realidade árida desta colónia, fustigada por cíclicas estiagens, reservaram um destino amargo a uma população resistente, apenas sobrevivente enquanto incansavelmente lutadora contra as agruras do clima.

País independente desde 1975, fruto de uma política traçada com clareza por Amílcar Cabral, efectuada numa luta vitoriosa e esclarecida movida pelo PAIGC, que soube unir a realidade da Guiné-Bissau com Cabo Verde. A sua capacidade de saber desafiar o destino vai construindo,

A seca viaja continentes, talvez na cauda dos ventos, talvez na testa do deserto — a do Sahel alcançou a costa e conquistou o oceano, muito para oeste do brilho do Sahara.

MENDES, Pedro Rosa (2002): p. 23

(...) de acordo com as estatísticas, cerca de um em cada sete escravos embarcados para as Américas morria antes do termo da viagem.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 30

Se bem que o número nunca tenha sido precisado, os escravos e os emigrantes voluntários chegados às ilhas de Santiago e Fogo entre a primeira metade do século XVI e o século XVII pertenciam às diversas etnias da zona compreendida entre o rio Senegal e a Serra Leoa — Balantas, Bifadas, Bijagós, Felupes, Olofes, Mandingas, Papéis, Soninques, Sussos, etc. este conjunto de etnias da costa guineense constitui o fundamento ancestral da ocupação humana das ilhas de Cabo Verde.

PAIGC (1974): p. 8

(...) uma terra só é libertada de verdade se se conseguir tirar toda a dominação estrangeira sobre a economia do país, se conseguirmos de facto libertar a economia do país de toda a exploração estrangeira.

CABRAL, Amílcar (1974): p. 156

desde a independência, um país pleno de complexidade, onde a unidade nacional resulta de uma contínua pluralidade de identidades insulares e de uma enorme diáspora espalhada pelo mundo.

Resultante do seu processo de povoamento e do modo como o seu povo circula pelo mundo, Cabo Verde torna-se num caso específico de miscigenação étnica e cultural, onde o cruzamento do africano e do europeu rapidamente fez emergir o mestiço, que se torna o elemento socialmente dominante. Um país, verdadeira interface humana, onde a África se diluiu para se apropriar de valores europeus e desta forma se integrar e se diluir no mundo.

GUINÉ E CABO VERDE

A ausência de qualquer “opção reformista”, que noutras zonas teve tão grande papel formativo no desenvolvimento do nacionalismo africano, tem de ser vista como um dos principais factores na escolha da resistência armada, pois a situação existente apenas permitia uma alternativa: ou a guerra, ou a continuação de uma atitude de rendição, e isto numa altura em que os territórios periféricos tinham adquirido já, ou estavam em vias de adquirir, a independência política (...)

DAVIDSON, Basil (1974): 14/15

Capturados nas respectivas aldeias, ao longo da costa ocidental de África, estes homens e mulheres outrora vigorosos tinham sido arrastados para as prisões de escravos na costa, para barracões infames onde, bem guardados pelos captores, tinham conseguido subsistir durante semanas, ou meses, até chegar finalmente um navio de escravos destinado à América que ancorava o tempo suficiente para os comprar aos captores.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 29

Entre 1550 e 1879, os territórios da Guiné e as ilhas de Cabo Verde estão submetidos à dominação portuguesa através de uma mesma organização e administração. Esta unidade de governação vincula estas duas realidades geográficas a um destino partilhado. A utilização administrativa de caboverdianos para mediar a colonização portuguesa na Guiné-Bissau, a sua presença no tecido comercial e funcional em Bissau e nos principais núcleos urbanos como elite sócio-cultural, e a partilha dos infortúnios sociais resultantes da exploração colonial, forneceram as condições para se criar a unidade entre os povos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, que permitiu concentrar na luta armada desencadeada apenas na Guiné-Bissau, a guerra de libertação dos dois, hoje, países soberanos.

O desencadear da luta armada no continente africano mobilizou os principais quadros políticos caboverdianos e registou, como reforço da linha de *unidade e luta* do PAIGC, a organização de uma oposição política per-

manente em diversas ilhas de Cabo Verde, a partir do proletariado criado pelas actividades portuárias e das elites intelectuais democráticas, de onde resultaram greves, lutas e oposição pública numa imprensa activa, reprimida com prisões e deportações.

Com um solo pobre, sem recursos naturais e um regime político desinteressado da pobreza das populações, o povo caboverdiano bem cedo entendeu que só a independência poderia trazer melhores dias, ainda que algumas elites sociais defendessem que um regime de autonomia progressiva ou a adjacência poderia ser favorável ao seu destino.

A defesa da independência como destino para Cabo Verde ganhou consistência num processo de amadurecimento das ideias das elites cultas e de um significativo proletariado urbano, envolvidos nas lutas contra o desrespeito dos governos coloniais portugueses pela população das ilhas, empobrecida, resistente às adversidades do clima e empurrada para uma emigração vil para S. Tomé e Angola, ou para Portugal, ou ainda por melhor sorte para a América e Europa.

No sentido estratégico da luta política contra o colonialismo, Amílcar Cabral e os quadros políticos que fundam o PAIGC entendem estabelecer uma unidade de princípio entre a independência da Guiné e de Cabo Verde, forjada nas relações que o próprio regime colonial estabeleceu e nas condições de vida miseráveis das populações continentais e insulares.

A visão erudita de Amílcar Cabral define, num ímpar discernimento político da complexidade da história de África, a luta de libertação entendida como um *determinante de cultura*, e nessa consciência ideológica e nessa prática quotidiana, trilhada por vários caminhos: um campo de luta armada conduzida debaixo da bandeira da unidade na Guiné; um espaço clandestino de luta política anticolonial desenvolvido em todo o território; e um trabalho de relacionamento internacional que isolou o governo português e permitiu o substancial reconhecimento internacional da Proclamação da República Popular da Guiné-Bissau (1973).

A bem interpretada realidade histórica que permitiu forjar a *unidade* entre as duas geografias distintas resultou num percurso de fortalecimento da luta pela independência de dois países, que soube transformar em arma a utilização instrumental pelo colonialismo português dos caboverdianos deslocados para a Guiné como seus representantes na organização económica e administrativa. A gradual fraqueza e isolamento internacional do governo português, a solidificação da normalidade da vida nas zonas libertadas da Guiné-Bissau e a luta democrática em Portugal vão culminar na revolução de Abril, que consagra a independência da Guiné-Bissau (1974) e de Cabo Verde (1975). Criados os dois países,

(...) viajam às escondidas, muitas vezes ilegalmente, às vezes pagando por uma terceira classe superlotada num fedorento navio sem condições de navegar mais do que outros pagam pelos luxos dourados de uma classe executiva — e ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não são presos e deportados ao chegar.

BAUMAN, Zygmunt (1998): p. 98

Mas nós podemos lutar em todas as colónias portuguesas e até ganhar a nossa independência, mas se a África continuar com o racismo na África do Sul, com os colonialistas a mandar ainda, directa ou indirectamente, em muitas terras de África, não podemos acreditar numa independência muito séria em África.

CABRAL, Amílcar (1974): p. 104

(...) Estas estratégias agruparam-se em torno do que o seu memorável filósofo político Amílcar Cabral, que também foi um memorável homem de acção, chamou “um determinante de cultura”, de cultura sociopolítica, de cultura moral. Neste aspecto reside a sua grande originalidade.

DAVIDSON, Basil (1992): p. 289

Os acordos de Londres e de Argel (26 de Agosto de 1974) conduzirão ao reconhecimento pelo Governo português do Estado guineense e do direito do povo caboverdiano à independência; reconhece igualmente o P.A.I.G.C. como único e legítimo representante do povo do nosso país.

ANDRADE, Elisa, Cabo Verde: Do seu achamento à Independência Nacional — Breve resenha histórica, in <http://www.ic.cv/Word/historiaCV.doc>

estabelece-se uma unidade binacional entre eles de pouca dura. Novas questões se colocam nos destinos da Guiné-Bissau que decide isolar o seu destino. Mas as independências estão conquistadas.

Cabo Verde como país resulta da certa visão política do PAIGC, que congregou a estratégia de luta armada instalada na Guiné, e sabiamente estabelecida no princípio da unidade, com a luta política esclarecida nas ilhas e com o intenso relacionamento internacional que isolou completamente o regime colonial português e cativou o movimento democrático de Portugal que fez a Revolução de Abril de 1974.

CABO VERDE INDEPENDENTE

Assim, nós Povo das Ilhas, quebramos as cadeias da subjugação colonial e escolhemos livremente o nosso destino Africano. E a História reterá que filhos do nosso Povo glorioso de Cabo Verde, que se bateram com valentia na frente da luta armada na Guiné, estiveram prontos e decididos para o combate armado em Cabo Verde também, se tal viesse a revelar-se como única via para a libertação das nossas queridas ilhas.

Povo de Cabo Verde

Hoje, 5 de Julho de 1975, em teu nome, a Assembleia Nacional de Cabo Verde Proclama Solenemente a República de Cabo Verde como Nação Independente e Soberana.

Enquanto a Guiné-Bissau, como consequência de uma luta armada altamente desenvolvida, se criou um Estado, e uma Assembleia Nacional Popular livremente constituída pôde proclamar a existência desse estado, nas ilhas de Cabo Verde, ainda totalmente dominadas e controladas pela administração colonial portuguesa, a luta encontra-se ainda no plano da acção política clandestina.

PAIGC (1974): p. 49

A minha passagem breve pela Ilha do Sal, em 1972, não construiu nenhuma imagem, por nada ter observado nessa escura madrugada e por não ter estabelecido nenhum contacto com quem não estivesse como eu fardado de militar do exército colonial e revoltado pela condição política com que tinha sido obrigado a entrar no avião militar estacionado a nosso lado. Foi na Guiné e em Bissau, onde aquartelei durante dois anos, que li os romances de Manuel Lopes e de Baltasar Lopes, “Os Flagelados do Vento Leste” e “Chiquinho” e que ouvi as quentes mornas de B.Leza. Foi aí que acamaradei com alguns e conheci muitos caboverdianos e guineenses descendentes de caboverdianos, alguns no exército português, outros como eu professores na Escola Comercial e Industrial de Bissau, ou companheiros nas escondidas tertúlias em cafés da cidade e em algumas casas discretas. O relacionamento directo com os meus alunos do ensino primário (educação de adultos) mediou também uma aproximação com a pobreza gerada pela política colonial portuguesa.

Sem o desejar fui criando uma imagem daquelas ilhas distantes, presas à sempre evocada *sodad* dos que a ela pertenciam e ao apego às famílias que lá resistiam contra a seca, a fome e as injustiças sociais. A consciência política formada na militância contra a ditadura portuguesa antes do embarque, transportada para África onde se clarifica a pessoal postura anti-colonial, vai gerar uma aproximação com militantes do PAIGC. Com eles se define uma narrativa sobre a complexidade dos destinos da Guiné-Bissau e se constrói uma imagem de uma maior proximidade de Cabo Verde.

Em Bissau partilhei as informações radiofónicas da *'maria turra'*, a ansiedade dos soldados portugueses, o quotidiano urbano da população multiétnica, foi aí que partilhei a festa da revolução de Abril, a vitória do reconhecimento da independência da Guiné, um novo futuro para novos países.

Mais tarde, integrando uma *missão da UNESCO para a reorganização do ensino artístico*, desloquei-me a Cabo Verde (por duas vezes — 1985 e 1986), respirando o aroma doce do ar da ilha de S. Vicente.

Encontrava-se, nessa data, o país num processo de reorganização do ensino, tentando sair da organização ainda marcadamente herdeira do sistema de ensino português dos tempos coloniais. Nesta missão trabalhei com a grande maioria dos professores de educação visual, de oficinas, de *formação feminina* (ainda decorria o Curso de Formação Feminina), com os artistas plásticos da cidade do Mindelo, artesãos, com empresários de pequenas indústrias e com os alunos da Escola Comercial e Industrial de Mindelo. A vida cultural na cidade, a plenipresença espontânea da música, a afabilidade das suas gentes, a presença da política no dia-a-dia e o exercício da democracia, a luz coada e a cor da terra e do ar, a persistência otimista contra o infortúnio do clima e da vida, sobrepuseram-se aos esboços desenhados anteriormente e formaram uma imagem mais plena e declaradamente cativante deste país. Na fluidez dos dias, saboreando o tempo presente mesmo no afã do trabalho programado, fui-me apercebendo da particular solidez histórica deste país e da sua complexidade, onde a tradição funde a África ancestral com um Ocidente vivenciado, onde a modernidade se instala organicamente através do cruzamento da erudição intelectual com a experiência contemporânea comunicada pela diáspora e uma abertura cultural ímpar, resultado do processo de miscigenação e do relacionamento permanente com a diferença.

A partida transporta a *sodad* e desenha projectos. Não tarda que se venha a estabelecer com uma das estruturas mais dinâmicas e interes-

Após a Constituição de um Governo de transição (composto por caboverdianos e portugueses) presidido por um Alto Comissário nomeado por Portugal e representando a soberania portuguesa, o povo caboverdiano elegia meses depois (30 de Junho de 1975) uma Assembleia constituinte — composta por 56 deputados e 72 suplentes) com a participação de 84% dos eleitores. A lista única proposta por esse Partido recebeu 92% dos sufrágios expressos. Esta Assembleia viria a proclamar a Independência da República de Cabo Verde a 5 de Julho de 1975 e promulgar uma lei sobre a Organização Política do Estado que fez as vezes de Constituição até a aprovação desta na IX sessão legislativa de 5 de Setembro de 1980.

ANDRADE, Elisa, CABO VERDE: DO SEU ACHAMENTO À INDEPENDÊNCIA NACIONAL — BREVE RESENHA HISTÓRICA, in <http://www.ic.cv/Word/historiaCV.doc>

A mestiçagem autoriza, com efeito, a produção, e não apenas a reprodução ou a sobrevivência da diferença

WIEVIORKA, Michel (2000): p. 95

Benvinda fala muito alto. Tem esse direito. “Eu nunca fui à escola mas sempre pensei que colocaria os meus filhos a estudar, nem que fosse numa casa isolada. Todos os meus filhos foram admitidos na escola”. teve três, “dois em França”. Eleutério é o mais novo, o “codé”. Levou longe a ambição da sua mãe. É professor no Cancelo, Achada Fátima, a poucos quilómetros de Pedra Badejo.

MENDES, Pedro Rosa (2002): p. 79

Esse Cabo Verde idílico e essa “forma transnacional de ser-se cabo-verdiano” são, sem dúvida, sustentados pelas redes de sociabilidade em jogo que se proliferaram com os grupos e actividades associativas, como as produções culturais, desde a música, gastronomia e literatura. Em suma, este conjunto de práticas performativas ajudaram a criar uma consciência de pertença, e a sua consequente celebração, no seio dos imigrantes cabo-verdianos e seus filhos, é garantida pelas narrativas de “sodade” da terra mãe.

RAMOS, Max Ruben. SO ORIDADES DE AFIRMAÇÃO: OS FILHOS DE CABO-VERDIA OS EM PORTUGAL, in <http://www.xconglab.ics.uminho.pt/ficheiros/o696.pdf>.

Desaparecidas, todas as esperanças, enganadas, as promessas de chuva. De todas as ribeiras a notícia que vinha era a mesma. Não se colheria um grão de milho, e dos feijoeiros nem falar, que a lestada de Novembro crestara tudo.

LOPES, Baltazar (1947). Chiquinho. Lisboa, Livros Cotovia, 2008, p. 238/9

Em Cabo Verde o povo vive a sua curta existência sujeito à balança de ter água (chuvas) ou secas, de ter comida ou de ter falta de comida.

DUNCAN, Bentley, *The Portuguese Atlantic Islands, O Tráfico de Escravos em Cabo Verde*, tradução e adaptação de LEITE, Rendall, in P&V n. 4, Mindelo, Agosto/Setembro de 1983. p. 15

santes no panorama cultural de Cabo Verde, o Atelier Mar, um quadro de relacionamento pluridisciplinar, de partilha e cumplicidades. O IDENTIDADES entretanto constituído alastra para o Mindelo e entrecruza-se com o desenvolvimento em curso no país.

Em Cabo Verde o tecido social não tinha sido desestruturado por nenhuma guerra e correspondia a uma sociedade razoavelmente articulada, se bem que a pobreza fosse demasiado extensa e a incapacidade de contrariar as dificuldades naturais e climáticas gerasse a fome.

A miscigenação ocorrida em Cabo Verde, a imensa diáspora espalhada pelo mundo e o sentido verdadeiramente transnacional e pós-étnico da sua população, com uma história de resistência e afirmação identitária que edificou uma cultura de participação política e de valorização da instrução pública e do conhecimento, constituem-se em condições adequadas à criação da sociedade democrática que hoje, na conflitualidade social própria, procura as decisões a tomar na encruzilhada do contemporâneo.

A independência foi marcada por um processo eleitoral onde o PAIGC se apresentou como único partido concorrente. A constituição aprovada em 1980 que institui um regime de partido único é revista em 1990, introduzindo o multipartidarismo e em 1992 ajusta-se aos valores da democracia parlamentarista. Em 1991, nas primeiras eleições democráticas o recém formado MpD (Movimento para a Democracia) ganha e constitui Governo. Nas eleições seguintes volta a ganhar o renomeado PAICV. O Presidente da República é eleito por sufrágio directo e as autarquias regem-se, de igual modo, por processos eleitorais participados. O modelo político democrático, eleitoral e pluripartidário, assimilado do modelo europeu, funciona com absoluta normalidade revelando uma consciência democrática das populações e um bom exercício de cidadania.

Quem atravessar as deslumbrantes e inquietantes montanhas das ilhas de Cabo Verde pode assistir à tenacidade com que o agropastor vence as agruras da natureza, e de seu suor retira a sobrevivência. As secas sucessivas, a escassez de água frente ao paradoxo do imenso mar salgado que cerca as terras, a geografia rude e a utilização de técnicas rudimentares de trabalho, acrescentam a este povo sorridente e afável, leal e criativo, adjectivos de admiração do modo como edifica as suas vidas. O vasto mar que cerca as ilhas é o espaço privilegiado de comunicação, de interligação das populações que sempre se cruzaram e dos estrangeiros que chegam e partem, e gera a economia do movimento portuário. O mar é

uma importante fonte de recursos, fornecendo a água para consumo urbano e oferecendo o peixe que se come fresco e em conserva, e é-o também a brisa fresca que ameniza o ar e ilumina as paisagens.

A economia resulta, principalmente, do sector terciário e da cooperação internacional, e regista progressos nos índices de desenvolvimento, elevando o país ao patamar internacional do *desenvolvimento humano médio*. A indexação da moeda caboverdiana ao Escudo português e recentemente ao Euro, bem como um exemplar desempenho democrático, argumentaram a integração na área de influência da União Europeia. As remessas financeiras dos emigrantes espalhados por todo o mundo e o turismo são hoje parte substantiva nas receitas de Cabo Verde.

A evolução económica e política verificada neste pequeno estado insular ganha todo o sentido no estreitar da relação entre o conhecimento, o poder e o desenvolvimento, dependente que está da capacidade de a população saber converter em vantagem a adversidade da sua pequenez física, da dispersão pelas dez ilhas e do seu isolamento. O perfil transnacional de uma população afro-europeia propensa à inclusão, unida num forte sentimento de pertença e desígnio comuns, representam vantagens civilizacionais, em particular para o relacionamento internacional, exemplo de união entre povos, culturas e civilizações.

Retomando o sentido do *nativismo claridoso* o projecto caboverdiano legitima-se na confrontação social democrática, através do exercício da liberdade individual, da participação cívica e do recurso privilegiado à educação e ao conhecimento.

MINDELO

(...) O Mindelo é um daqueles casos raros onde o urbanismo conta tanto como tudo o resto. No Mindelo não há arquitectura monumental, o que não quer de forma alguma dizer que não há arquitectura de qualidade ou interessante, a qual, não está apenas na cidade consolidada e não é necessariamente da autoria de arquitectos.

ROSSA, Walter (2007). *Algumas reflexões em torno do que já se sabe*, in *Reabilitação Urbana do Mindelo*, ECDJ.10, Março de 2007. p. 42

A tradição das boas relações de vizinhança dentro de um grupo parece ser consequência das condições de vida, pois essas pessoas, que habitam quase umas em cima das outras, vêem-se forçadas a reconhecer que estão efectivamente todas nas mesmas condições. As relações com vizinhos que utilizam a mesma retrete tornam-se forçosamente íntimas.

HOGGART, Richard (1957): p. 97

(...) as raízes do problema da identidade caboverdiana estão profundamente no passado, especialmente da escravatura e no tráfico de escravos, quando a característica da sociedade caboverdiana tomou forma, e um molde especial de relações sociais emergiu progressivamente.

DUNCAN, Bentley, *The Portuguese Atlantic Islands, O Tráfico de Escravos em Cabo Verde*, tradução e adaptação de LEITE, Rendall, in P&V n. 4, Mindelo, Agosto/Setembro de 1983. p. 15

A cidade do Mindelo, na ilha de S. Vicente, parece ter honrado o nome que o Marquês de Sá de Bandeira sugeriu à rainha D. Maria II para lembrar a vitória dos liberais sobre o absolutismo em 1833. Uma cidade

S. Vicente é uma das ilhas mais pobres e pequenas do pobre e pequeno arquipélago de Cabo Verde. Não fosse o seu amplo e defendido Porto Grande estaria condenada a permanecer inabitada como, aliás, o são ainda hoje as suas vizinhas a sul: Santa Luzia e os ilhéus Raso e Branco.

CORREIA, António Leão e COHEN, Silva e Zelinda. Rotas trans-atlânticas e movimento sociais, in *Kultura: Cabo Verde*, n. 1, Setembro 1997, p. 69

(...) as culturas estão demasiado misturadas, os seus conteúdos e histórias são demasiado interdependentes e híbridos para que seja legítima uma separação cirúrgica em oposições vastas e maioritariamente ideológicas como Oriente e Ocidente.

SAID, Edward (1993): p. 15

A revista *Claridade*, de Cabo Verde, surgida em Março de 1936, constitui a primeira mudança importante no panorama da literatura insular, pelo seu carácter grupal e de caboverdianidade.

LARANJEIRA, Pires. As certezas da *Claridade* e as influências na sombra, in *P&V* n. 15, Mindelo, Outubro/Dezembro de 1985, p. 25

virada para o futuro, acolhedora, e singular espaço de criatividade desde a sua fundação.

A cidade, beneficiando de um porto de águas profundas (Porto Grande) que recebe navios transatlânticos de todas as nacionalidades, encontrou uma prosperidade não equiparada nas outras ilhas. Aqui se respira uma positiva atmosfera cosmopolita partilhada pelas suas gentes hospitaleiras. O clima ameno, pautado por uma temperatura suave de dia e de noite, facilita o encontro com o seu património urbano de influência pombalina, de ausência de monumentalidade mas de um equilibrado traçado arquitectónico, com bons exemplares de *sobrados* e de edifícios públicos, onde se instala uma vida cultural intensa. Através da sua música, da oferecida gastronomia, do canto e da oralidade do *crioulo*, da literatura, do sentido de família e de pertença identitária, da *morabeza* nascida nesta cidade, torna-se visível a impregnação africana e europeia (particularmente portuguesa e inglesa), revela-se a presença da tradição na modernidade.

O crescimento da cidade, hoje com cerca de 70 000 habitantes (em 1819, 120), gerou um cerco por periferias agressivas, que apresentam uma harmonia interna interessante na paisagem que oferecem, mas encerram caóticas infraestruturas e uma completa desurbanidade do espaço público. Uma visita mais detalhada à cidade permite verificar a invasão da lógica da periferia para o centro, onde a falta de um plano e de um conceito de urbe favorecem a voracidade de interesses especulativos.

O primeiro impulso para o seu desenvolvimento foi dado com a presença dos ingleses que aqui se instalaram a partir de 1851 para o fomento do comércio entre a Europa e as Américas, aproveitando as favoráveis condições do Porto Grande, hoje reconhecida como uma das mais belas baías do mundo. Com apenas 416 habitantes em 1850, a vila de Mindelo – cidade a partir de 1879 – rapidamente se transforma num centro cosmopolita por excelência e o mais importante centro económico do arquipélago. Nos anos que se seguiram, até vésperas da segunda Guerra Mundial, a presença inglesa, à qual se juntou a de comerciantes de várias origens: italianos, judeus de Marrocos, gregos, portugueses metropolitanos, dos Açores e da Madeira, foi marcante na vida económica, social e cultural da ilha. Hoje, Mindelo ainda se caracteriza como um cadinho de povos e culturas em permanente simbiose e agitação criativa.

Na década de 1930, uma plêiade de jovens intelectuais, escritores, poetas, músicos e artistas plásticos destaca-se nesse universo insular, imprimindo

à cidade do Mindelo uma vida cultural e política singular, sintonizada com as grandes correntes da modernidade ocidental. Nomes como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Jaime de Figueiredo, Manuel Velosa, António Aurélio Gonçalves, B. Léza, fizeram desta cidade um laboratório de excelência e um importante legado da caboverdeanidade.

É nessa tradição de modernidade que o Atelier Mar se funda e se desenvolve e o projecto de criação da M_EIA (MINDELO_Escola Internacional de Arte) se insere e se justifica para oferecer à actual geração mais uma opção de formação de grau superior.

O ATELIER MAR

O mundo não é. O mundo está sendo.

FREIRE, Paulo (1996): 79

O Atelier Mar é uma organização autónoma criada em 1979 na ilha de S. Vicente, vocacionada para a promoção da cultura caboverdeana, centrada, na sua fase inicial, na revalorização da cerâmica. Através de iniciativas de animação cultural e de formação profissional, desde sempre se vinculou ao estímulo de jovens, interligando em práticas interculturais a arte, a cultura e o desenvolvimento.

Em 1987 foi reconhecido como organização não governamental (ONG) sem fins lucrativos, e alargou a sua área de actividades, estreitando a sua ligação com o desenvolvimento comunitário, ampliando a sua vocação formativa e abraçando novas tecnologias (serigrafia, carpintaria, audiovisual, design gráfico e de equipamento, design de habitação e fabricação de materiais de construção com tecnologias adaptadas).

Dispondo de um Centro de Formação na cidade do Mindelo, aí tem formado, ao longo da sua actividade, dezenas de artesãos oriundos de várias ilhas do país, nas mais variadas tecnologias.

Não concentrando a sua acção na cidade do Mindelo, nem apenas na Ilha de S. Vicente, o Atelier Mar transporta-se para a ilha de Santo Antão, passando a desenvolver o artesanato e outras áreas de produção alternativa, implementando actividades para valorizar as potencialidades locais, numa perspectiva de economia solidária, que responda com benefícios sociais e culturais aos problemas da pobreza, da exclusão e marginalização, que afectam uma significativa parte da população.

Um dos projectos mais relevantes que o Atelier Mar promove situa-se na povoação de Lajedos na ilha de Santo Antão. É uma comunidade rural,

(...) não vale a pena, num país independente, revolucionário e democrático, que a miséria cada vez maior da maioria engrosse a fortuna de uma minoria, em tão pouco lapso de tempo, só porque o explorador vive na própria terra ou é nosso compatriota.

Auto-Colonialismo, in P&V n. 8, Mindelo, Março/Abril de 1984. p. 33

Mais do que recuperar e promover as artes e ofícios de Cabo Verde, o Atelier Mar (onde Leão Lopes é um dos mentores desde o seu início) desenvolve um trabalho exemplar junto da população mais carenciada, não só de São Vicente mas também na ilha de Santo Antão, no Concelho de Porto Novo, em Lajedos. A formação, integração social, preservação dos recursos hídricos e ambientais e a preservação da cultura e identidade das populações rurais são algumas das iniciativas que esta ONG desenvolve.

'Atelier Mar – Centro de Artes e Ofícios', in <http://nhaterraz2005.blogspot.com>, 24 de Setembro de 2007

O futuro é uma ideia e pode começar numa casa. Pode até começar com a morte. Aliás: uma ideia pode ser uma casa para a morte. É quando o futuro começa por uma ideia de cemitério. Em Lajedos, nos desfiladeiros de Santo Antão, aconteceu esse princípio. “Não havia terrenos e as pessoas não podiam enterrar os mortos longe. O cemitério era a sua prioridade”. “Fizemos todos o levantamento de carências da freguesia, identificámos problemas, necessidades, recursos”, conta Mami, do Atelier Mar do Mindelo. “Realizámos todo o trabalho de negociação e criámos uma comissão para realizar a obra. “Os vivos, de repente, despertaram para si e repararam que estavam vivos.

MENDES, Pedro Rosa (2002): p. 117

chuva

(...)

Plantas. Animais. Pedras.

Vozes e gestos ansiosamente inquietos. Em todos o receio de mais um desfecho de mentira.

LOPES, Baltazar, chuva, in P&V n. 4, Mindelo, Agosto/Setembro de 1983. p. 14

Agora é tempo de agir local e globalmente. Este encontro de Lajedos representa uma equação de reflexões que atravessam hoje várias regiões do mundo.

BASTIN, Jacques (2005). Encontro Internacional sobre Cultura e Desenvolvimento – Lajedos, in novo Viver na Terra, n. 2, Mindelo, Abril de 2005.

que se dedica essencialmente à agricultura de subsistência e aos trabalhos de construção de estradas, diques e outras obras de Emprego Público no âmbito das Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-obra, (FAIMO). As famílias são numerosas, de 7 a 11 elementos cada, os jovens vivendo sem emprego, as mulheres chefiando cerca de 47% das famílias; estes e muitos outros problemas sociais presentes, que condicionam o desenvolvimento local, tais como a gravidez precoce, o abandono escolar, o alcoolismo e o desemprego, caracterizavam o contexto no momento em que surgiu o projecto de desenvolvimento comunitário, há 20 anos. A população enfrenta ainda vários problemas de ordem social, cultural e económica, resultantes do desemprego, da escassez das chuvas e também do fraco nível de organização, pois não há na localidade autoridades administrativas, e para aqueles que eram considerados autoridades morais, ao falecerem, não surgiram substitutos.

A comunidade de Lajedos está situada na zona que protagoniza o romance “Os Flagelados do Vento Leste”, do escritor caboverdeano Manuel Lopes, que retrata a aridez, a escassez da água e as suas consequências na pobre agricultura local, a fome que caracterizou a década de 40 e foi vivida e sofrida pelo povo. Todos estes factores estão ainda muito presentes na memória colectiva.

Em Lajedos, num processo de envolvimento democrático da população, o projecto de desenvolvimento integrado foi construindo os instrumentos de organização comunitária adequados às respostas possíveis face aos anseios colectivos e às infindáveis carências sociais. Hoje a população reconhece que usufrui de melhores condições de vida e sente-se mobilizada e organizada para enfrentar novos desafios.

Dos projectos em curso salienta-se, por estruturante do futuro, o trabalho realizado no campo da educação básica. Criada há mais de catorze anos e em pleno funcionamento, encontra-se a Escola Comunitária de Lajedos, experiência de educação global, enraizada no local e inserida no sistema educativo nacional. A escola tem capacidade para 60 alunos em cada ano lectivo e por ela já passaram várias centenas de crianças que concluíram os 5º e 6º anos do Ensino Básico Integrado.

A promoção do artesanato, através da realização de formação contínua, permitiu criar fontes de renda para a comunidade e desenvolver uma expedita rede de promoção e comercialização, em diversas tecnologias. Na comunidade está criado e em pleno funcionamento produtivo um Estaleiro (Materiais e Tecnologias de Construção Civil) de pesquisa aplicada e formação de artesãos para a valorização e aplicação sustentável de materiais locais e soluções construtivas na construção civil.

O projecto é direccionado para a população de S. Pedro, uma aldeia piscatória (cerca de mil pessoas, distribuídas por uma centena de famílias), com prioridade para as mulheres chefes de família e jovens sem emprego.

in, Projecto Integrado de Desenvolvimento Sócio-Comunitário de S. Pedro, Mindelo, 2004

Nenhuma tradição pode afirmar-se como uma réplica exacta de uma prática anterior, porque as tradições são criadas e recriadas através de um processo histórico.

HONWANA, Alcinda Manuel (2003): p. 24

O vento e o sol em Cabo Verde são das nossas constantes mais certas. Como outras certas nesta terra tanto o vento como o sol é pouco explorado no que toca às suas potencialidades, como forças energéticas, para além de centenárias utilizações que estão na tradição caboverdiana.

LOPES, Leão. Energia Eólica/Energia Solar, in P&V n. 13, Mindelo, Janeiro/Março de 1985. p. 25

Uma participação artificialmente organizada com referência a desígnios pouco compreensíveis para aqueles que se pretende mobilizar, arrisca-se quase sempre a se tornar fictícia e até a minar a confiança que esses outorgam aos artesãos de um projecto de desenvolvimento ao invés de reforçá-la.

HERMET, Guy (2000): p. 121

intitulado de *Projecto Integrado de Desenvolvimento Sócio-Comunitário de S. Pedro*, promoveu-se o melhoramento das infra-estruturas comunitárias, da comunicação e a sensibilização para a participação cívica, a formação e o apoio ao desenvolvimento de actividades económicas, a mobilização social para a promoção do associativismo e para melhorar de modo integrado as condições de vida da povoação.

Projecto semelhante está em curso na comunidade piscatória de Salamansa, também na ilha de S. Vicente. Com estes programas e com estas populações piscatórias, o IDENTIDADES tem-se cruzado, como será descrito mais à frente.

Outro espaço de intervenção continuada incide na utilização da pedra, recurso natural e de ricas propriedades físicas e ornamentais, através da promoção de acções de formação profissional no trabalho daquele material, com tecnologias contemporâneas e dirigido a jovens. Na perspectiva de valorização deste vasto recurso natural para a produção de um artesanato viável, tanto do ponto de vista económico como estético, esta área funciona em paralelo com a Cerâmica, em circunstâncias semelhantes e realizada em adequadas oficinas instaladas na sede do Atelier Mar, no Mindelo.

Esta ONG vocaciona o seu trabalho, num programa intitulado de *Sensibilização e Metodologias de Acção Social*, para o apoio a projectos de associações, nomeadamente culturais, de professores, de pequenos agricultores e colabora também com o *Programa de Luta Contra a Pobreza* desenvolvido na ilha de S. Vicente.

Entidade profundamente enraizada no contexto sócio-económico e cultural de Cabo Verde, prestigiada no país e no estrangeiro, com um amplo conjunto de parcerias estabelecidas com organizações nacionais e internacionais, o Atelier Mar, hoje, actua na região norte do país, defendendo e acompanhando a realização de projectos associativos e de colectivos da sociedade civil que trabalham no desenvolvimento das suas localidades. Desde sempre envolvido com a educação, campo onde tem fomentado acções no sector da educação básica, concebido programas para o ensino secundário e formação profissional, constituiu-se em entidade promotora de uma escola superior de arte, a M_EIA (MINDELO_Escola Internacional de Arte).

M_EIA, MINDELO_ESCOLA INTERNACIONAL DE ARTE

É que o tempo pede a todos os que até agora tinham sido reprimidos que se ergam. Lutamos para que eles passem a ter uma maior consciência de si enquanto seres humanos.

Para a exaltação das famílias, das comunidades, das cidades e dos povos. Para um novo cânone ético e estético para o século XX.

LOOS, ADOLF (1926): p.270

Cabo Verde, pelas suas singularidades geográficas e antropológicas, congrega um conjunto de particularidades que lhe conferem condição privilegiada enquanto espaço laboratorial para o exercício das confrontações culturais que, no contemporâneo, atravessam os desígnios profundos dos artistas. O País tem percorrido um caminho de desenvolvimento que lhe põe questões de vária ordem, uma das quais é o papel da cultura e o que dela se espera para melhor o enquadrar nos desafios e conflitos da modernidade e do globo. No campo da arte persistem presenças presas numa modernidade prolongada e manutenções tradicionalistas, tanto no que respeita aos produtos gerados e às teorias sustentadas, como quanto à sua importância como meio de conhecimento e de procura das potencialidades nacionais com vista a um desenvolvimento que reverta para a boa qualidade de vida dos cabo-verdianos e para a boa realização dos seus desígnios transnacionais.

Vários componentes do desenvolvimento do país têm nos últimos anos conhecido significativo crescimento, tanto na organização política da nação, na economia e na justiça, como na educação e na saúde. Na educação, embora se tenha introduzido há já alguns anos a disciplina de *educação artística* no sistema nacional de ensino, o país debate-se seriamente com a pertinência, ou não, de uma educação categorizada em práticas artísticas no contexto do desenvolvimento global das ilhas. O Atelier Mar, com 29 anos de experiência nessa área de intervenção, chamou a si a responsabilidade de dar uma contribuição à problemática do ensino artístico no arquipélago e criou uma Escola Internacional de Arte, situada no espaço da formação universitária. Um projecto que tem sido longamente amadurecido, com a clara intenção da internacionalização do intento, projectando-a para parcerias e cumplicidades científicas com o tecido universitário com afinidades, de modo a promover o desenvolvimento criativo e qualificado de Cabo Verde, marcando presença no mundo, no campo das escolas de arte.

O eixo do projecto sustenta-se no princípio de que a cultura e o desenvolvimento se condicionam mutuamente. Assim a M_EIA assume a arte como plenitude humana, a cultura como pressuposto de qualidade de vida, valorização pessoal e social: como pólo de desenvolvimento do turismo qualificado e como estruturante do tecido social. Dá especial

Cabo Verde terá, em breve, a sua primeira escola Internacional de Arte, com sede na cidade do Mindelo, São Vicente. A ideia é de Leão Lopes que conta já com apoios científicos imortantes protocolos com algumas universidades estrangeiras. “Funcionará em semestres intensivos com uma matriz curricular de três anos para as licenciaturas, para além de cursos livres e especializações”, declarou Leão Lopes ao A Semana, (...)

Jornal 'A Semana', Praia, 8 de Fevereiro de 2002.

g. Contribuir, no âmbito das suas actividades, para o desenvolvimento do País, na cooperação internacional e na aproximação dos povos, com especial incidência nos países de língua portuguesa.

Objectivos da M_EIA

Da mesma forma, o processo de globalização, entendido como um processo de destruição de identidades tradicionais e, simultaneamente, de criação de novas diferenças, tem profundas implicações, quer no modo de entender a unidade de estudo tradicional da antropologia, a comunidade local, que pede que se considerem não só as suas determinações internas, como também os processos regionais, nacionais e globais que a atravessam, e em relação aos quais ela se coloca, adoptando e/ou resistindo, fazendo-se o que é, quer levando, noutras casos, à separação entre identidade/comunidade e um território, com o aparecimento de instituições e redes translocais e dispersas, ou ainda conduzindo a uma reformulação nas concepções das identidades nacionais, quer nas antigas metrópoles coloniais europeias, quer em antigas colónias, que põem em causa a sua homogeneidade interna, substituindo-a pelo que se tem chamado multiculturalidade.

DIAS, José António B. Fernandes. "Arte e Antropologia no Século XX: modos de relação", in *Etnográfica*, Vol. V (1), 2001, p. 114/115

Como professor crítico, sou um "aventureiro" responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha actividade docente deve necessariamente repetir-se.

FREIRE, Paulo (1996): p. 55

(...) a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção...

HALL. Stuart (2003): p.43

atenção ao papel das indústrias culturais como motores de desenvolvimento, riqueza e emprego e promove a cultura artística contra a exclusão, numa perspectiva pedagógica.

Pretendeu-se instituir uma educação em arte que propicie o desenvolvimento do pensamento artístico divergente, mas que caracterize um modo particular de dar sentido às experiências pessoais ou colectivas, ampliando a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Os cursos habilitam os que buscam conhecimentos pedagógico-artísticos, preocupados em estimular a capacidade humana de criar, numa perspectiva interdisciplinar que qualifica, actualiza e integra, e permite-lhes adquirir instrumentos para uma maior participação com ética e cidadania, em questões sociais, políticas, artísticas e culturais do contexto em que estão inseridos.

Está presente a contribuição da diáspora caboverdiana que, dispersa por todo o mundo, congrega no arquipélago uma vivência transcultural e multilinguismos excepcionais que lhe conferem um estatuto privilegiado. A natureza amável e afável da população, contrastando com uma paisagem árida, criam ambientes propiciadores de estudo e práticas criativas, para além de um bom relacionamento com a comunidade.

Acresce a esta argumentação, que situa esta instituição no arquipélago, com sede na sua 'cidade das artes', a justeza de instalação desse projecto cultural, entendido declaradamente como de desenvolvimento, e nesse sentido proclamador das novas e ampliadas funções da arte e da cultura no progresso dos povos, na valorização reconhecida das suas identidades. Os desafios que a cultura e civilização caboverdianas suscitam no contexto transnacional justificam o projecto de internacionalização da Escola num momento em que as nações, instituições políticas, educativas, culturais e outras se confrontam com inquietações de toda a ordem, reelaborando novos conceitos de interpretação dos problemas, face às grandes e aceleradas transformações sociais e económicas que se operam no mundo. Neste particular e para além do seu projecto educativo inspirado pela Declaração de Bolonha, que prevê o reconhecimento automático dos cursos ministrados em Cabo Verde por instituições homólogas e parceiras internacionais, a mobilidade e empregabilidade dos diplomados e ainda a competitividade dos sistemas de formação superior, a M_EIA propõe a criação de um Centro de Estudos Transculturais para cumprir este seu desígnio. A participação da diáspora cabo-verdiana, dos parceiros internacionais e de artistas convidados nos seus corpos de gestão, no seu corpo docente, no grupo de discentes e nos

núcleos de investigação, é um objectivo particular e de extrema importância para a internacionalização da Escola.

A minha relação pessoal com Leão Lopes e Maria Estrela possibilitam a partilha das suas utopias, evocadas nas caminhadas pela beira mar, em volta de um *cleps* na Laginha, ou percorrendo os trilhos de Lajedos em Santo Antão. O desenho da M_EIA foi assim esboçado, na fluidez da amizade, na partilha de desígnios comuns.

Considero, pela ligação estreita com a ideia, o projecto e a realidade entretanto construída, pela entrega às noitadas de trabalho, às viagens exclusivas, ao envolvimento directo com a projectação, com a programação, com o funcionamento, que a M_EIA é, também, a minha escola. E estou orgulhoso disso.

A escola tem quatro anos de funcionamento. Graduou um primeiro grupo de estudantes como professores de educação visual, que se encontram a leccionar espalhados pelas diversas ilhas de Cabo Verde e comprovam aí a boa formação recebida. O Ministério da Educação do governo de Cabo Verde reconheceu a escola, legítima a sua formação. No corrente ano iniciaram-se as licenciaturas em Artes Visuais e em Design (ramo de Equipamento e de Comunicação).

O conjunto de professores residentes e convidados, as instituições universitárias internacionais que por protocolo assinado se tornaram parceiras do projecto constituem a base do seu sucesso educativo, estabelecido num projecto educativo contemporâneo, criativo e pleno de responsabilidade pelo futuro das artes lançadas de Cabo Verde para o mundo.

IDENTIDADES E O ATELIER MAR

Quando Leão Lopes comprou o Lar do Marinheiro, depois da independência de Cabo Verde, recolheu um grupo de crianças de rua e foi com elas que realizou o primeiro projecto de formação artística — treze “meninos socialmente desenquadrados” em regime de internato. O cineasta trabalhou com esses meninos um conto tradicional da ilha de Santo Antão, o boi Blimundo, (...)

MENDES, Pedro Rosa (2002): 91

Em Outubro de 1996, o IDENTIDADES parte para o Mindelo. Um grupo de estudantes e quatro docentes da FBAUP embarcam no Porto, um grupo de alunos e dois docentes da ENAV, de Moçambique, percorrem uma

A Educação para o Desenvolvimento visa a mudança, a transformação do mundo em que vivemos, que hoje é o planeta e todo o espaço que o envolve.

Educação para o Desenvolvimento: Evolução Histórica do Conceito, *in* <http://www.cidac.pt/>

Gostaria de começar por felicitar, na pessoa de meu amigo Leão Lopes, e Mindelo Escola Internacional de Arte, o Atelier Mar e o Centro de Estudos de Arquitectura da FCT da Universidade de Coimbra, por esta interessante e oportuna iniciativa. Audácia que tenho o prazer de saudar.

PIRES, Pedro (2006). Sessão de abertura do Seminário Internacional de Reabilitação Urbana do Mindelo, *in* ECDJ.10, Coimbra, Março de 2007.

Todas as culturas, dada a universalidade do facto dos contactos culturais, são, e, graus diversos, culturas “mistas”, feitas de continuidades e de descontinuidades.

CUCHE, Denys (1999): p. 100

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.

FREIRE, Paulo (1996): p. 33

Para o intelectual, um deslocamento para o exílio significa ser libertado da carreira habitual, na qual “ter sucessos” e seguir o exemplo dos veneráveis são os marcos principais. O exílio significa que iremos ser sempre marginais e que o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado, na medida em que não podemos seguir um caminho prescrito. Se conseguirmos viver esse destino, não como uma privação ou algo lamentado, mas como uma espécie de liberdade, como um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com o nosso próprio padrão, à medida que vários interesses despertarem a nossa atenção e segundo o objectivo particular que nos impusemos: trata-se de um prazer único.

SAID, Edward (1993): p. 61

Dizer produção de cultura equivale a dizer produção da vida cotidiana – e sem isso um sistema econômico não consegue continuar a se implantar e expandir.

JAMESON, Frederic (2001): p. 60

rota longa até aterrarem na ilha de S. Vicente (Maputo, Joanesburgo, S. Paulo, Sal, S.Vicente). No Mindelo, o Atelier Mar sedia um programa pluridisciplinar que integra a participação de artistas e professores cabo-verdianos. Em volta de um conjunto de oficinas artísticas (cerâmica, serigrafia, xilogravura, desenho, artes digitais, vídeo, fotografia, batick e pedra), trocam-se conhecimentos, partilham-se processos produtivos, revela-se a criatividade. Destas oficinas resulta uma escultura em pedra e cerâmica que se instala na Praça fronteiriça à Câmara Municipal (parceira do programa). Em paralelo debatem-se, em *tertúlias* públicas, temas de interesse comum (“Alinhar o Desenho”; “Pedra e cerâmica em S. Vicente – é tudo uma questão de cozedura”; “os meios de comunicação e os fins”; “Arte? Diz lá tu!... — questões da arte pública”; “O espaço da cidade”). Uma exposição colectiva de artes plásticas (*7+7 serigrafias*) é oferecida no Centro Cultural do Mindelo.

Uma iniciativa transversal, em que todos participam, organizada pelo Atelier Mar e inserida no seu programa de intervenção na comunidade, assume um carácter exemplar e entusiasmante, denominada “*vamos cair S. Pedro*”. Diariamente um grupo desloca-se à aldeia piscatória de S. Pedro para realizar exercícios de *desenho* e, nesse pretexto, aproximar-se da população envolvendo-a numa acção de intervenção sobre as suas próprias casas. A proposta consiste em cativar a comunidade para que sejam pintadas as casas (auto-construídas e nunca finalizadas, apresentam um *ar descuidado* e não aconselhável do ponto de vista de saúde pública). A Câmara Municipal fornece os materiais e as tintas. Como acção exemplar todo o grupo IDENTIDADES se desloca num dia de Sábado para a aldeia a fim de pintar a escola primária. É um dia de festa, de trabalho, de contacto com a população, de aproximação às suas problemáticas sociais e políticas. No dia seguinte realiza-se, na escola primária da comunidade, uma exposição de fotografias e apresentação de um vídeo-reportagem do acontecido. Esta grande acção do IDENTIDADES, marcou o início do alastramento para Cabo Verde do *movimento*, centrando num contexto distinto um espaço entrecruzado de partilha multicultural. Crescia-se em capacidade de envolvência com entidades diversas, com modos particulares de entender o contacto da arte com o presente.

No mesmo ano, promovemos no Porto o “I Debate Intercultural da FBAUP”, nomeado de “*ideias em contraste*”, em que participou Leão Lopes, acrescentando a um painel alargado de oradores, a experiência de Cabo Verde. A partir desta data tornou-se frequente a presença do Atelier Mar no Porto, cruzando-se com iniciativas diversas do IDENTIDADES e parte do seu programa.

As oficinas de Cerâmica, de Pedra e de Técnicas de Impressão do Atelier Mar, no Mindelo, foram utilizadas diversas vezes por alunos e docentes da FBAUP, em visitas que se tornaram assíduas. O desenho do projecto M_EIA, desde o ponto zero (Cursos Livres de Agosto – a partir de 2002), a sua configuração identitária, orgânica e funcional foi participada pelo nosso *movimento*. Participámos na construção dos cursos, no seu perfil, no elenco programático, na elaboração dos programas, na escolha de metodologias. Acompanhámos a planificação disciplinar, leccionámos unidades de ensino e de aprendizagem. Estivemos envolvidos no seu dia-a-dia.

A M_EIA não é uma mera escola de artes remetida ao isolamento insular, mas antes uma instituição destemida que soube, no contexto concreto de Cabo Verde, erguer-se como a primeira a dar formação de grau superior no espaço da arte e, no seu tempo, tecer uma rede de cooperação internacional que remete o seu futuro para dentro dos desafios globais da formação artística e da investigação. O IDENTIDADES, que participou orgulhoso no seu esboço, na sua construção, na luta pelo seu reconhecimento oficial, no esforço inicial de tornar o sonho realidade e acompanhou os primeiros passos, faz parte, hoje, desta escola. Nesse caminho promoveu-se um protocolo de colaboração com a FBAUP, já assinado, que a integra no Conselho Científico e na procura permanente de qualidade educativa e de profundidade na investigação.

Com a M_EIA e com a actividade do Atelier Mar, com os seus programas integrados de desenvolvimento, em Lajedos e em S. Pedro, envolvemo-nos, aproveitando para deles colher aprendizagens ricas e neles confrontarmos nossos dilemas de artistas que procuram sentido para os seus itinerários artísticos e conteúdo para as suas produções. Muito se poderia descrever do acontecido; considera-se no entanto mais profícuo nesta tese condensar as aprendizagens retiradas de tão ricas experiências.

APRENDIZAGENS

O Caboverdiano pila o seu grão com instrumentos europeus e africanos; marca ritmos africanos com ferrinhos portugueses; cultiva uma planta americana, o milho, com métodos africanos em terrenos preparados de acordo com métodos portugueses: Ainda as suas histórias populares, o astuto e intrigante lobo da lenda europeia aparece com uma máscara semi-africana, como um louvável patife tocador de viola, enquanto no dialecto crioulo, a alma africana encontra a expressão na língua portuguesa.

Parcerias e Participação: dar voz e vez sobretudo às pessoas marginalizadas para que em conjunto esses grupos se juntem, trabalhem para o mesmo lado e com o mesmo fim.

AMARO, Roque (2005). Encontro Internacional sobre Cultura e Desenvolvimento – Lajedos, in novo Viver na Terra, n. 2, Mindelo, Abril de 2005.

As pessoas ficam imediatamente extasiadas perante o propalado bom som de um Stradivarius ou de um Amati, som que só um ouvido especializado consegue distinguir do de um violino moderno, esquecendo-se de escutar a composição e a execução das quais ainda se pode extrair qualquer coisa.

ADORNO, Theodor W. (2003): p. 30

A minha proposta é fixarmos a partir de agora na hipótese da escola de arte que te falei em Novembro passado, o antigo projecto do Atelier Mar que queremos repegar e ancorar todas as acções futuras.

LOPES, Leão. correspondência com o IDENTIDADES/Porto, Mindelo, 7.5.01.

Convencer os pais da necessidade absoluta de os seus filhos e filhas frequentarem as escolas, mas organizar a actividade dos alunos de maneira a também serem úteis nas suas casas, a ajudarem a família.

CABRAL, Amílcar (1974): p. 50

Podemos alimentar a perspectiva segundo a qual uma discussão suficientemente longa e exigente desembocará sistematicamente no triunfo do melhor argumento?

WIEVIORKA, Michel (2000): p. 78

Mesmo vivendo na mesma época, nem todos os homens vivem no mesmo tempo.

JIMÉNEZ, José (1997): p. 39

Cabo Verde, Edição da Solidariedade Socialista (Bélgica) e do Atelier Mar (Cabo Verde), por ocasião das Jornadas Caboverdianas de Bruxelas, Maio de 1989, p. 25

As vivências em Cabo Verde, no contexto preciso que o estudo anterior evoca, correspondem ao acompanhamento e à participação do IDENTIDADES em acontecimentos grávidos, plenos de exemplaridade no que refere ao modo como a cultura preenche e qualifica esforços concretos de desenvolvimento experimentados numa realidade insular perdida no meio do Atlântico. O sucedido nas montanhas de Lajedos e na ilha de *Saocente* permite, para além do *estudo de caso* anteriormente apresentado, acrescentar outras lições às aprendizagens presentes no capítulo em Moçambique, acrescentando-lhes novos pontos de vista. As finalidades gerais do IDENTIDADES, as preocupações que moveram os intervenientes deslocados para Cabo Verde são as mesmas, ainda que se alojem numa geografia precisa e numa realidade que lhe é própria, resultante da qualificação cultural e utópica dos actores locais que promovem a sua própria história.

Como no capítulo anterior, a investigação realizada no quadro desta tese, de sentido pessoal, bebe directamente dos debates permanentes promovidos pelo IDENTIDADES, da discussão entre os seus membros, do trabalho de envolvimento com as populações e na partilha com os artistas, artesãos, responsáveis e técnicos de desenvolvimento do Atelier Mar. O agrupamento em 13 leituras corresponde ao modelo anterior, apresentado com a mesma falta de ordem entre eles, pelos motivos alegados. A repetição deste número apenas sublinha o equilíbrio entre os casos e a consideração devida à totalidade do acontecido. O cruzamento de ideias, naturalmente, é provocado e aconselhado.

LEITURA 1. INSEPARÁVEIS

Numa conferência em que participei na Europa, alguém me perguntou: o que é, para si, ser africano?

E eu perguntei, de volta: E para si, o que é ser Europeu?

COUTO, Mia (2005): p. 18

Chegar de avião a Cabo Verde é chegar a África sem nunca sair da Europa. De facto, estamos num outro país, num outro continente: perante outros aromas, uma luz coada pelas poeiras que do Saara atra-

vessam o mar e dominam a atmosfera, um outro tempo que se afirma lentamente, o crioulo que se mantém, uma amabilidade humana constante, outros corpos que se exibem, a sonoridade da morna desejada e a memória de Mestre Travadinha, misturada com novos ritmos híbridos, o mar que sempre nos rodeia, os sabores do cozinhado milho pilado e do atum, a memória das leituras de seus escritores, o mito de Cabral cedo desaparecido, ... mas, no entanto também estamos em casa: nos ritmos do quotidiano, no Café Lisboa, na malha ordenada da cidade do Mindelo, na arquitectura adaptada dos sobrados e nos reutilizados edifícios de ostentação do poder colonial, na familiaridade da língua portuguesa, na fácil evocação do que se passa na Europa, testemunhada por muitos ou relatada por familiares imigrantes, na moeda indexada ao Euro, no sistema bancário e no VISA, no sistema de ensino, mimético do nosso, no acompanhamento dos resultados do futebol, na SIC sintonizada por todo o lado, no gosto pela retórica, pela história cruzada, ... Como em qualquer outro país de África, ainda que de modo mais peculiar, em Cabo Verde torna-se patente a interdependência com o Ocidente. As suas histórias são inseparáveis e a partilha cultural de sempre fundou identidades relacionadas. Esta proximidade funda-se na história, pelo modo com o império colonial português usou as Ilhas de Cabo Verde, para entreposto nos trajectos de circulação de escravos, de apoio à frota inglesa a caminho da África do Sul, na administração da Guiné, na organização das safras de cana em S. Tomé, nas condições administrativas especiais como representavam o poder colonial nas Ilhas e colaboravam no exercício das políticas coloniais. Funda-se no facto de o caboverdiano se expandir pelo mundo, onde residem grupos flutuantes de emigrantes, representando cerca de um terço de uma população que se cruza regularmente com os residentes.

O cruzamento especial de circunstâncias moldaram no caboverdiano capacidades de relacionamento cultural ímpares e invejáveis neste pequeno globo tão desfronteirizado como discriminatório e fechado para o Outro, viva ele a nosso lado, num gueto de excluídos ou afastado das centralidades da economia mundial. A facilidade de comunicação, a versatilidade no uso de variadas línguas, a *morabeza* no relacionamento interpessoal, a mestiçagem intrínseca, a ausência de fronteira simbolizada pelo mar que é o caminho de sempre, a rectidão e a desconfiança, são algumas das modalidades que incorporam este povo, que se nos oferece para nosso deleite e aprendizagem, e que é inseparável de nós e de todo o mundo.

Não tenho dúvidas de que as “aprendizagens” feitas no contexto do Identidades pertencem essencialmente ao domínio do emocional. Com o Identidades percebi que não é possível aprender ou descobrir o “outro” sem estar disposta a abrir os braços e “viajar de caixa aberta”; essencialmente deixar que as coisas venham ao meu encontro.

VILAVERDE, Maria Jorge,
Porto/Identidades.

LEITURA 2. TRANSNACIONALISMO

(...)

*Mar e morada di sodadi**el ta separanu pa tera lonji**el ta separanu d'nos mai nos amigos**sen serteza di torna enkontra.*

(...)

B. Leza, letra de uma morna

Também eu com esta experiência perdi o medo de que a cultura e a arte 'perdessem' ao ser usada como troca honesta e produtiva entre gentes. Só assim consigo desmantelar o lugar estático onde me encontrava antes do Identidades me encontrar.

ALVES, André. Porto/Identidades

Repare-se em alguns factos que coexistem na história de Cabo Verde: ilhas desertas visitadas esporadicamente por povos viajantes; povoamento por escravos africanos e por representantes da governação portuguesa; gerações de portugueses residentes, de responsáveis pelos interesses coloniais e a mestiçagem daí decorrente; quadros administrativos que se dividem para a Guiné e para S. Tomé; levadas sucessivas de emigrantes que fogem da fome e se espalham por Portugal, pela Europa e pelas Américas; emigrantes que regressam e se integram no tecido empresarial; ...

Haverá algum país no mundo onde não se encontrem caboverdianos, um povo que na sua diáspora tem mais de um terço da sua população? e haverá em Cabo Verde alguma família que não se alargue para o estrangeiro? e que não fale mais de uma língua? e onde não seja regra a mestiçagem? e onde não domine o desejo de partida? e o controlo da *sodad*? Na discussão de um texto de apresentação da proposta de criação da M_EIA, onde se procuram as argumentações para a criação de uma escola *internacional* de arte no Mindelo, tornou-se claro para mim que neste país e nesta cidade em particular, por ser um verdadeiro centro de arte e cultura, coincidem características únicas para se entender o que pode ser uma escola internacional, no que refere à circulação de estudantes e de docentes, particularmente por ser aí natural o tratamento de uma consciência transnacional, sintonizada com o reconhecimento do local com o presente e o envolvimento nos dilemas do contemporâneo.

LEITURA 3. A LUZ

A nossa arte é ser cego pela verdade; a luz sobre o rosto recua.

Só isso é verdadeiro, nada mais.

KAFKA, Franz (2007): p. 14

A luz distingue o lugar. No Mindelo o sol intenso é sempre amenizado, penso que por respeito pela personalidade amável do caboverdiano, graças a uma miríade de poeiras que percorrem o ar, balançadas pela brisa que refresca os temperamentos e embala os pensamentos numa *morna* sem fim. As poeiras resultam da fragilidade da terra, sedenta de chuva, solta entre aglomerados rochosos esfriados depois de convulsões vulcânicas, vincando a presença do terreno nos ares, onde se misturam partículas de fina areia viajante que, pelos ares marítimos do Atlântico, encontra companhia desde que abandonou o deserto do Saara. Esta mistura, por vezes repousada nas encostas onde, envaidecida, deslumbra com seu alvor, acrescenta à luz coada o sentimento africano e a parcela internacional, primeira realidade deste Arquipélago, povoado por estrangeiros que se tornam emigrantes quando dele se soltam para ganhar as suas vidas. Nesta luz especial, as colinas áridas preenchem-se de cores terrosas, interrompidas agressivamente por pinturas escaldantes de cores fortes, aliviadas com um sabor a pastel por quem não consegue usar a pureza das cores primárias, que contrariam a miscigenação reinante e o gosto delicado pela melancolia ritmado por um sol quente mas nunca abrasador.

LEITURA 4. A ARTE INVISÍVEL

(...) a marca de um escritor não é mais do que a marca da sua ausência (...)

FOUCAULT, Michel (1969): p. 36

A Xiquinha cola o rótulo num frasco escolhido, cheio de compota de papaia fatiada, com o devido cuidado para não lesar o posicionamento estudado e respeitar a imagem final do produto, e sem levantar os olhos sorri quando lhe digo que que ela tem nas mãos a melhor compota do mundo. Somos conhecidos faz tempo, intimidades de quem já dormiu na sua casa e conquistou a amizade do projecto de desenvolvimento local de que esta mulher, dos campos áridos onde sobrevivia, se tornou líder reconhecida da comunidade. Da sua cozinha cuidadosamente limpa observa-se o trabalho cooperativo de grupo de produção de blocos para pavimento, usando uma tecnologia adaptada ao meio, que usa a *poselana* (matéria prima existente em abundância na localidade, testada e estudada em Lajedos e hoje utilizada na indústria de Porto Novo) e logo em frente o pioneiro painel solar que fornece energia ao projecto, à escola da comunidade ali perto construída e ao centro interpretativo do Sítio Museológico de Lajedos. Os programas em curso, que constituem

(...) exercitar a flexibilidade e permitir leituras de diferentes pontos de vista do mundo. Esta é para mim, a essência do IDENTIDADES. Mas outras pessoas terão outras leituras. o IDENTIDADES não tem uma doutrina.

FERNANDES, Cátia.
Porto/Identidades

(...) pôr sempre em causa as ideias preconcebidas, sobre as outras culturas que nos são "fornecidas" pelos media. NAZARETH, Adriano.
Porto/Identidades

o Projecto de Desenvolvimento Comunitário de Lajedos, são infindáveis: Escola Comunitária, Sítio Museológico; Projecto de Desenvolvimento Rural; Rede de Economia Solidária; Babilónia — TurismoSolidário; Produção e comercialização de produtos agrícolas e transformados. Sempre que retorno a Lajedos, nas encostas de Santo Antão, oferecidas ao olhar distante do Mindelo, sinto sempre a mesma estranheza por respirar um aroma, ainda que conhecido, que impressiona, emanado de um projecto cultural enraizado no tornado orgânico processo de desenvolvimento dos seus habitantes, que se tempera na criatividade e numa utopia que na arte tem a sua morada. A entrega persistente e permanente de um artista que do alto de sua casa por si desenhada pinta, nesse conforto burguês, não a representação de uma paisagem impressionante que se oferece à contemplação, mas realiza a própria natureza no que ela oferece aos habitantes que a compõem.

LEITURA 5. EXCESSO

Todas as sociedades desperdiçaram, delapidaram gastaram e consumiram sempre além do estrito necessário, pela simples razão de que é no consumo do excedente e do supérfluo que, tanto o indivíduo como a sociedade, se sentem não só existir, mas viver.

BAUDRILLARD, Jean. La Société de Consommation, A Sociedade de Consumo, Lisboa, Edições 70, 1991, tradução de Ana Mourão, p. 38

(...) no Identidades não se recolhem aprendizagens, o facto de estar no grupo j a   uma grande aprendizagem, para vida pessoal e escolar na altura.

SANTOS, Tatiana, Porto/Identidades.

Em Lajedos, como poderia dizer em Conceição das Crioulas, sentimos de forma violenta a sobrecarga que nossas vidas transportam, inundados pela sedução plenipresente da sociedade de consumo, sempre em busca dos sublimes objectos de desejo. Rodeados de excesso de artefactos poderosos, mobilizados na construção de personalidades cativantes, tentando deter um confortável e louvável *estilo de vida*, preenchendo uma narrativa artificial mas sedutora, encontrando uma identidade de interacção com o contemporâneo, na ilusão da escolha pessoal afo gamos nosso tempo (e nosso espaço) dno excesso.

Consideramos que não há outra escolha e nem entendemos o excesso como excessivo, nem o desperdício como perda. Nas montanhas flageladas pelos ventos de Lajedos em Cabo Verde ou no Sertão de Pernambuco, na escassez de uma pequena loja que venda água, ou na periferia de Maputo, onde o dinheiro não povoa o bolso de cada um,

face aos modos de vida simples e quase despovoados de posse, melhor entendemos as injustiças da globalização e a falta de responsabilização de todos pela felicidade humana e pelo futuro da humanidade. Que bom sentimento registámos quando nos sentimos livres do pesado fardo do excesso com que asfixiámos o nosso quotidiano.

LEITURA 6. INTIMIDADE

Nenhum falou estaticamente, dissociando a palavra do seu corpo. Nenhum disse a sua palavra para que fosse apenas escutada. Na África a palavra é também para ser “vista”, envolvida no gesto necessário.

FREIRE, Paulo (1977): p. 70

A afectividade generalizada das gentes do Mindelo, terra da *morabeza*, como noutras latitudes, mostra como o viver é partilhado e participado e ensinou-me a sentir em conjunto, ao mesmo tempo, numa embriaguez colectivamente vivenciada que provoca a diluição do individual e, em simultâneo, lhe desperta outras capacidades. Foi a reflexão sobre a estranheza da minha conduta usual que me fez entender o quanto nos afastamos da capacidade de sentir e como artistas nos adaptamos ao exercício contido e solitário, na exigência da impessoalidade pelo entendimento do valor transcendental da arte.

Acordar numa outra cama como se fosse a nossa e reparar na estranheza de me sentir incorporado numa comunidade rural, com a naturalidade com que todos os dias se prepara o café da manhã para iniciar um dia, naturalmente de trabalho, permite entender a dificuldade que temos em conversar de nosso trabalho criativo, nas inibições que temos de o mostrar, a não ser em espaços que o sacralizam, e que nunca serão ingénuos e inócuos. E ainda me falta experimentar a sensação de acordar no mar, num barco de um dos pescadores da aldeia de S. Pedro.

LEITURA 7. O CORPO

Nas outras culturas, a relação com o mundo é de corpo inteiro, integrado no ciclo das metamorfoses e em inteligência com o mundo.

BAUDRILLARD, Jean (1997). *Le Paroxyste Indifférent, O Paroxista Indiferente*, Lisboa, Edições 70, 1998, tradução de Joaquim Alberto Ferreira Gomes. p. 119

(...) fez com que, a partir daí, estivesse muito mais atento a tudo o que se passa, não em Moçambique, Cabo Verde ou Brasil, mas essencialmente em África, (...)

MARQUES, Carlos. Professor da FBAUP e da ESAD, Porto/Identities

E aprendi a coragem para assumir, sem fugir ou fingir. Porque no confronto das minhas experiências pessoais, com a forma de ver o mundo de outras pessoas, surgiram algumas respostas às questões que me inquietavam.

FALCÃO, Raquel, Porto/Identities

Por toda a África onde nos deslocamos, deslumbramo-nos com a relação que os africanos estabelecem a partir do seu corpo com o mundo. Nem é preciso evocar a dança, conceito onde o corpo e o seu movimento se fundem num só, sendo suficiente observar o quotidiano. Nos espaços de trabalho onde intervimos, assiste-se frequentemente aos limites da participação do grupo português, incapaz de se entregar de modo pleno ao relacionamento com os materiais, à interacção com o grupo, recorrendo sempre a invocações racionalizadas para superar a incapacidade de usar o seu corpo de modo directo. O nosso modo de agir, a inteligência moderna e racional move-nos para comportamentos técnicos e impede-nos, hoje, de sermos plenos.

Também em S. Vicente ou em Santo Antão, perante o modo como o corpo medeia a relação dos caboverdianos com o mundo, à semelhança da forma como circula pelas encostas íngremes e caminhos áridos das ilhas, se sente uma perda, a separação entre o corpo e o cérebro que nos proíbe, a nós ocidentais, de usufruir da dimensão plena do ser e nos faz esquecer a amplitude de sensações e estímulos que ele nos oferece. E poderia ainda referir o quanto o corpo nos apresenta e como por ele poderemos tornar os relacionamentos amplos e sinceros, sem a obrigação de os filtrar por narrativas estruturadas e discursos arredondados.

LEITURA 8. ENVOLVIMENTO

Esboça-se assim a possibilidade de uma nova utopia, uma utopia planetária. Neste planeta utópico, mas que é o nosso, cada um pertencia efectivamente à sua região, ao seu país e ao seu planeta.

AUGÉ, Marc (2003): 127

(...) pensa-se, planeia-se, questiona-se, projecta-se durante muito tempo e, na altura do confronto físico com a situação, muitas vezes apercebemo-nos que não temos controlo sobre ela e o problema continua a ser pensado numa espiral infinita.

Vive-se num esboço permanente que nunca vai chegar ao desenho final.

O projecto confunde-se com o problema, as soluções são relações, (...)

ASSIS, Tiago. Assistente da FBAUP, Porto/Identities

O nosso projecto cruzou-se com a actividade que o Atelier Mar desenvolve junto da aldeia de S. Pedro, na ilha de S. Vicente e com a comunidade de Lajedos, na ilha de Santo Antão. O Atelier Mar coordena aí *espaços de acontecimento*, onde as populações são os agentes do seu próprio desenvolvimento.

A proximidade que estabelecemos ao longo dos anos com os intervenientes directos nestes programas de desenvolvimento sustentado permite-nos apreender a importância que tem o envolvimento das populações nas acções que se desenrolam e que clarificam o seu papel, não de beneficiários, mas de agentes do seu próprio futuro. Desvendamos ainda como este envolvimento funda as lideranças decorrentes da

participação efectiva nas acções e nas capacidades que se constroem ao longo das actividades. Como se evitariam desperdícios, insucessos e desânimos se os projectos de desenvolvimento de alojassem neste conceito que impõe a activa participação das populações e se os *agentes de desenvolvimento* deslocados não se assumissem como meros patrões ou funcionários!

Mas, a aprendizagem que se solta da nossa participação nos programas referidos tem ainda uma outra direcção, se atendermos ao modo como a criatividade, forjada no estatuto de um artista e de uma educadora, promove um plano integrado de melhoria das condições de vida, de edificação cultural das pessoas, de crescimento identitário, de modernidade, de acerto tecnológico com a actualidade, de optimismo, de valorização do património, de auto-confiança, de promoção turística, enfim, num todo que desenha o seu sucesso.

Todo este processo permite-nos alimentar o desejo de poder vir a estabelecer um sentido para as nossas angústias que se prolongam pela dificuldade de encontrarmos uma capacidade de comunicação entre a actividade artística de cada um, para fora do nosso campo, que sabemos fechado e ridiculamente afastado de experiências como a que se desenrola, nestes casos expostos, no meio do mar.

LEITURA 9. ESCOLAS

Nas nossas sociedades, o estado contribui numa medida determinante para a produção e para a reprodução dos instrumentos de construção da realidade social.

BOURDIEU, Pierre (1994): p. 86

Durante a viagem que fiz desde Porto Novo, com a professora, para a escola da comunidade de Lajedos, o entusiasmo com que ela narrava o sucesso do seu trabalho correspondente à entrega das crianças às actividades educativas que promovia, revelava que o seu apego não era fruto apenas de uma dedicação ética e profissional, mas da sua integração no projecto da própria comunidade, e que partilhava o seu desenrolar. A escola pública local, criada por exigência da comunidade, funciona como imprescindível instrumento do desenvolvimento do território, participado pela população.

Sempre fui um defensor da escola pública, e partilho os resultados e o efeito de produção social que as escolas promovem e realizam. Seja em Lajedos, em Moçambique, na comunidade de Conceição das Crioulas, na

(...) encontrei a minha utilidade na ligação à pedagogia e formação de professores, onde me integrei para trabalhar no desenvolvimento do processo criativo individualizado, na formação de atitudes e valores.

ALÍRIO, Emília.

artista plástica e professora, Identidades/Porto.

aldeia de de S. Pedro, onde é fácil identificar a sua função social, seja em Portugal ou em qualquer lado. Considero que compete ao Estado fornecer a todos os cidadão condições de singrarem na vida, portadores de uma sólida formação para o exercício da cidadania e de participação activa no tecido social, de um desenvolvimento harmonioso das suas capacidades físicas, cognitivas e sensoriais, e de competências para o exercício de uma actividade profissional decorrente das suas vocações. Esta opinião comporta a consciência de que assim se permite aos Estados criar as suas Escolas, onde se podem preparar criaturas do Estado, tornando os cidadãos dóceis e diplomados.

Nas escolas onde trabalho e naquelas em que exerci a docência, sempre assumi uma postura que contestava e tentava contrariar a instituição como reprodutora, e as escolas que se cruzam no IDENTIDADES são, na quase totalidade, escolas públicas.

Em Cabo Verde, a ONG — Atelier Mar, para além da participação nas escolas públicas de Lajedos, de S. Pedro e de desenvolver trabalho no sistema de ensino nacional, criou uma escola privada, de ensino superior artístico, ligada internacionalmente a uma rede de universidades, onde se incluiu a FBAUP, a que estou directamente ligado e de onde sou militante. Não sendo uma oposição à escola pública, esta instituição, reconhecida oficialmente e apoiada pelo estado caboverdiano, constituiu-se como uma possibilidade de exercitar modelos organizacionais e pedagógicos alternativos, mais soltos das amarras estatais e destinada, neste caso concreto, à criação de condições científicas, pedagógicas e didácticas orgânicas, dinâmicas e adaptadas ao desenvolvimento do esforço educativo e de investigação que se realiza.

Na minha última deslocação ao Mindelo conversei com alguns dos primeiros graduados pela M_EIA que testemunharam a qualificada diferença que estão a promover nas escolas onde estão colocados, no que respeita à aprendizagem da 'educação visual'. A iniciativa de criar a M_EIA começa a espalhar os frutos sociais que amadureceram durante um curso onde, para além dum considerável número de professores não-residentes, vinculados a diversas instituições universitárias europeias, africanas e americanas, se propiciaram abordagens diversificadas a diversificadas disciplinas, num espaço educativo metadisciplinar em relacionamento forte com o tecido cultural envolvente.

A experiência ainda está no início mas revelam-se características inovadoras que permitem melhor entender, por comparação, a prisão regulamentar e centralista que impede as nossas instituições universitárias de se soltarem para a colaboração no crescimento de seres pensantes, críti-

cos e intervenientes no social e no estabelecimento de linhas de investigação produtivas, no entendimento dos grandes questionamentos que o contemporâneo acrescenta no campo das artes e na sua comunicação com o todo social.

LEITURA 10. DEMOCRACIA

A democracia encontra-se em perigo não apenas quando o consenso e a fidelidade aos valores que ela encarna são insuficientes, mas também quando a sua dinâmica combativa é travada por um aparente excesso de consenso que, normalmente, mascara uma apatia inquietante. É igualmente posta em perigo pela crescente marginalização de grupos inteiros, cujo estatuto de “subclasse” praticamente os coloca fora da comunidade política.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 17

Independentemente da controvérsia suscitada aquando da Independência, Cabo Verde é um exemplo positivo no quadro dos processos análogos, pois centrou em eleições a formação do primeiro governo constituído. Numa das primeiras viagens que fiz ao Mindelo, na década de 80 do século passado, assisti a um debate na ‘*Alternativa*’, pequeno espaço cultural no centro da cidade. O próprio nome indicava como era consentida a discussão política, perante os comportamentos conhecidos dos países de *partido único*, e desse ambiente democrático surgiu o MPD, Movimento para a Democracia, que iria ganhar as eleições, e outras forças políticas ganham presença, contribuindo para um regime pluripartidário, que dinamiza a vida democrática no País. Por diversas vezes me cruzei com processos eleitorais e testemunhei quer o clima democrático existente quer a elevação cívica da discussão, pese embora se verifiquem, como em Portugal e no mundo, os efeitos devastadores da presença da manipulação dos meios de comunicação resultantes de um sistema que privilegia o espaço do político reservado para os políticos, que o preenchem com acções repletas de espectacularidade e populismo, e anula o significado da participação democrática cívica. A estabilidade política deste País com escassos recursos naturais tem, de facto, permitido ampliar a admiração internacional pelo regime existente e possibilitado um desenvolvimento que, ainda que insuficiente e lento perante os níveis de pobreza existentes, se destaca quando comparado com o de outros países recentes.

o Identidades doou-me uma riqueza de carácter humano. O contacto com outras pessoas, independentemente das suas culturas, tornou-se o elemento fulcral no meu ponto de vista. A partilha de ideias, sabedorias, crenças, ideologias. A partilha e o convívio ... foram as grandes recompensas.

GRANJO, Joana, Porto/Identidades, 2006

LEITURA 11. TECNOLOGIA

A nossa luta é baseada na nossa cultura, porque a cultura é fruto da história e ela é uma força. Mas a nossa cultura é cheia de fraqueza diante da natureza. É preciso saber isso.

CABRAL, Amílcar (1974): p. 121

O que eu levo do identidades, é a aprendizagem de como não estamos sós neste mundo, não temos todos as mesmas possibilidades e que temos de lutar para as ter.

PAULINO, Sérgio. Porto/Identidades (23.set.08)

Na escola comunitária de Lajedos, as crianças estão empenhadas numa oficina de iniciação à programação digital, ministrada por um artista sulafricano, utilizando energia solar transformada no local. Alguns pais produzem blocos de um composto *inventado* localmente com base em *poselana* (matéria prima local), utilizando uma máquina produzida por eles. Ao lado, uma senhora, num pilão tradicional, prepara o milho para a *cachupa*. Na agricultura, usando a técnica de gota-a-gota, as colheitas melhoraram e foram introduzidos novos produtos. As frutas, num bom ano de chuva, produzem excesso, hoje aproveitado pela confecção e comercialização de gostosas compotas e pela sua venda depois de secas ao sol. O gado faminto de subir e descer montanhas áridas é alimentado com um complemento fabricado localmente. A vida colectiva anima-se nos fins de tarde no novo espaço urbano construído na aldeia e aos sábados há agora feira onde cada um vende o seu pequeno lote de artigos. Os exemplos da complexidade tecnológica que atravessa a pequena população de Lajedos não acabariam de ser relatados, mas os exemplos evocados permitem ilustrar como aquilo que poderiam ser contradições entre a tradição e a inovação se funde num procedimento orgânico, criativo e utilitário. As novas tecnologias são encaradas com a simplicidade de quem pensa que, se delas houver proveito para o projecto comunitário e estiverem encontradas as condições objectivas para a sua integração, então sejam bem vindas. Sem ansiedades pós-modernistas, sem se criarem falsas expectativas sociais e individuais, o projecto de desenvolvimento de Lajedos vai-se tornando um exemplo impressionante de incorporação da novidade tecnológica na pacata vida da sua população, tranquila na luta diária pela sobrevivência, aberta à inovação mas agarrada aos saberes tradicionais que conferem um grau elevado de solidez aos avanços que se vão verificando.

LEITURA 12. PA NU PAPIA KRIOLU

Uma língua jamais é falsa. Apesar de tudo, podemos dizer também que o inglês é uma língua falsa; e que o francês,

no início, deve ter sido um espantoso saber de contrabando. Não... O francês deve ter começado como o crioulo, depois conquistou suas cartas de nobreza. O crioulo se tornará uma verdadeira língua no decorrer da evolução da história; ela não é tocada por uma marca original, (...)

CÉSAIRE, Aimé. Um poeta político, entrevista de François Beloux, in revista de cultura # 54, fortaleza, são paulo – novembro/dezembro de 2006 —
<http://www.revista.agulha.nom.br/ag54cesaire.htm>

Nas escolas públicas o português é a língua oficial e, naturalmente, as aulas decorrem em português. Assisti a muitas aulas e, sempre que é preciso chamar a atenção para contrariar a desatenção ou indisciplina, ouvi o professor recorrer ao crioulo. Também nos círculos onde se cruzam caboverdianos com portugueses, o português utilizado na conversa cruzada é substituído pelo crioulo se a conversa se centra entre apenas caboverdianos. Sem artificialismos, defesa de quaisquer segredos ou ostentação vaidosa de nacionalismo, a utilização do crioulo toma o valor de resistência identitária. Tornaram-se infrutíferas as ofensivas coloniais e de alguns sectores caboverdianos que pretendiam erradicar o crioulo, língua construída por uma cultura de oralidade que adapta termos de procedência linguística distinta. As tentativas para que as elites usassem o português como ostentação de pertença a uma classe distinta da dos iletrados pobres que apenas eram capazes de adulterar a língua de Camões, misturando-a com as línguas trazidas de África, não foram capazes de contrariar a poesia das mornas, a sonoridade da conversação, o sentimento de pertença identitária que o crioulo tece em volta de uma população que sabe ter aí um elo de ligação simbólica entre os elementos da sua diáspora e de personalização de sua presença independente no mundo.

Parece um lugar comum, mas a arte tem esse imenso poder de transformar utopias em realidades, e no Identidades assistimos e fizemos parte de muitas destas realidades: um matadouro que se transformou num “Nascedouro”, como foi o caso do Nascedouro de Peixinhos próximo do Recife no Brasil ou o Centro Cultural de Matalana – Moçambique, terra do pintor Malangatana, um sonho que caminha lento mas firme. A M-EIA, uma escola internacional de arte no Mindelo – Cabo Verde...Estaria aqui muito tempo a enumerar outros sonhos e realidades que partilhamos.

VILAVERDE, Maria Jorge,
 Porto/Identidades.

LEITURA 13. VIAGEM ENTRE ESPAÇOS DISTINTOS

Uma só verdade diz respeito à relação entre espaço, estabilidade e reprodução cultural. Há uma necessidade urgente de focalizar as dinâmicas culturais naquilo a que hoje se chama desterritorialização.

APPADURAI, A. (1997). *Modernity at Large*, Minneapolis, University of Minnesota Press, p. 49. referido por SILVANO, Filomena (2001): p. 89

IDENTIDADES é um universo de palavras, do saber ser, ao saber dar.

Na cumplicidade do diálogo existo eu e tu.

Somos o esboço do passado no presente.

Indignado pergunto-me: Se fossemos iguais?

Porquê eu, não tu? Porquê tu, não eu?

Somos membros do Arco Íris, abertos ao embrião colorido do mundo real. Formando viagens, testemunhos, lembranças vivas, produto da eternidade, indispensáveis ao horizonte cultural de povos irmãos.

D|J|V|E, Samuel, Maputo/Identidades, 10/03/2006

O avião não existe como espaço, afasta-me demoradamente de um lugar que reconheço e onde lido com as dificuldades de lhe pertencer, para um vazio onde não sinto a distância, onde não existe paisagem e não se estranha a indiferença. Por isso vegeto nesse tempo, espécie de hibernação de refúgio à espera de um sol libertador.

Em Cabo Verde o espaço é próprio, reconhecível, ainda que diverso, nascido de matérias físicas espalhadas por um mar imenso. Cabo Verde é não só as ilhas, mas o mar que as isola e as aproxima. As viagens de barco entre as ilhas constituem um mesmo espaço de pertença ao arquipélago. No barco, a existência transitória dá-se no mesmo espaço da ilha de partida ou de chegada.

Todas as teorias contemporâneas sobre o espaço se confundem aqui, não porque não existam os espaços sagrados, reservados e interditos, mas porque os espaços se fecham e simultaneamente se abrem, numa identidade partilhada que consente as identidades singulares não aprisionadas.

A mobilidade dos caboverdianos, presenças mais exteriores ao seu território do que nele vivendo, transfere o fora para dentro, anulando e misturando essas diferenças. Os visitantes não transportam para Cabo Verde as agressões e as suas fantasias que, como turistas ou imigrantes, usualmente espalham por todas as latitudes por onde andam.

NO BRASIL . CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

“Sabe, eu achava que era preta, que não ia ter amizade com ninguém... Eu tinha uma coisa comigo, eu tinha vergonha da cor, porque era preta ... muitas vezes, aconteceu de eu sentir assim na pele que as pessoas desfaziavam da cor ... eu tinha medo, eu não era de fazer amizade de jeito nenhum, eu era igual a um bicho do mato. Então, eu conheci este pessoal, sabe eu senti que eles faziam muita conta de mim, eles davam muita atenção, então foi aonde eu passei a me sentir como gente.” (Cida, Mulher, ‘bóia-fria’, negra)

Silva, Maria Aparecida de Moraes (1999). Errantes do fim do século – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, p. 273

Toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução.

CUCHE, Denys (1999): p. 98

O imenso Brasil não deveria ser aqui convocado por se isolar numa minúscula parcela do seu vasto mapa o ponto cartograficamente não mencionado do território de Conceição das Crioulas, onde acomodámos o nosso projecto intercultural.

Este isolamento não remete para um encerramento solitário, antes transporta e aviva a grande contradição cultural existente entre o global e o local.

“O Brasil não é um país pobre, é um país injusto”

LULA da Silva, na campanha eleitoral (2006), citado in BRUNEL, Sylvie (1997)

No que a cidade e o sertão não se dão entendimento: as regalias da vida, que as mesmas não são.

ROSA, João Guimarães (1988): p. 104

“Eu sempre penso que a escravidão ainda não acabou. O povo fala que sim, mas eu acho que não.” (trabalhador negro)

Silva, Maria Aparecida de Moraes (1999). Errantes do fim do século – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, p. 244

Do Brasil, potência económica mundial e detentora de invejáveis recursos naturais, mapa cultural infinito, paraíso turístico abençoado, colhe-mos as riquezas de sua história, presenciámos a sua arte, devorámos as inovadoras respostas artísticas encontradas, desde o seu modernismo e tropicalismo à presença no mundo da arte contemporânea, respirámos o ar doce e perfumado. E, com esse todo, deslocámo-nos para o sertão onde partilhámos os anseios de uma população pobre mas optimista, lutadora incansável pelo progresso de seu território e por melhores condições de vida para a comunidade.

É nesse pequeno ponto perdido no vasto mapa que entendemos plenamente a dimensão do Brasil, a sua complexidade política, económica e cultural.

DESCOBERTA DO BRASIL

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

CAMINHA, Pero Vaz de, Carta a Manuel I de Portugal, datada de 1 de Maio de 1500.

Sou dos que cresceram com uma imagem do Brasil feita de afectos diversos e entrecruzados, desenvolvida através de conversas difusas sobre laços familiares afastados e do que se conseguia saber através da ultrapassagem dos circuitos informativos oficiosos e do regime de censura existente. Só depois da Revolução de Abril se criaram outros espaços informativos e o conhecimento (também) sobre o Brasil se pôde expandir e ser conferido. A minha primeira viagem ao Brasil, realizada em 1992, levou-me ao Recife, em representação da GESTO Cooperativa Cultural e em companhia da ACERT de Tondela, junto da Fundação Joaquim Nabuco, directamente com o seu presidente, Fernando Freire e com a equipa responsável pela área cultural com a missão de estabelecer um programa de intercâmbio artístico e cultural. Deste encontro, promovido pelo encenador Moncho Rodrigues, resultou o projecto cumplitIDADES, que em 1993, 1994, 1995 e 1996 promoveu dezenas de eventos culturais por Portugal e nos Estados do Nordeste do Brasil. Deste acontecimento retenho para esta tese apenas o encantamento pessoal profundo que o contacto directo que tive com a sua cultura produziu, e a marca real que provocou na imagem do Brasil que tinha construído, rectificando muita da informação obtida e ampliando, em particular, a admiração pelo abnegado optimismo do *nordestino*. Noutros espaços desta tese refiro a importância que a proximidade com culturas diferenciadas têm na construção da minha personalidade e no trabalho autoral que realizo. A dissertação que elaborei no mestrado que apresentei publicamente em 2001, com o título de *'a magia da imagem'* concentrava uma observação cuidadosa das experiências artísticas e culturais do movimento antropofágico do modernismo brasileiro, do *tropicalismo* e outras lições de como se pode incorporar na produção artística o conhecimento de outros modos de 'ver', de 'sentir', de 'ser', ... De todas as imagens que preservo ressalta a percepção da tensão trans-

(...) as emoções são culturalmente construídas e socialmente situadas (...)

APPADURAI, Arjun (1966): p. 196

Acedeu o Brasil à Independência no primeiro quartel do século passado quando surgiram, como o desmoronamento e fragmentação do império espanhol nas Américas, nada menos de doze nações soberanas (que mais tarde vieram a ser dezoito), em função dos ventos emancipacionistas que sopraram no que é hoje a América Latina, na esteira da Revolução Americana, da Revolução Francesa e do fenómeno napoleónico.

ALVES, Dário Castro (1998). A Propósito do Achamento do Brasil, in Revista do Instituto Ceará, 1998. p. 228

"Vários estudos mostram que onde houve escravidão, houve quilombos. Por isso é que temos tantos quilombos no País", revela Ubiratan Castro, ex-presidente da Fundação Cultural Palmares, ligado ao Ministério da Cultura. 2006, in <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

“Somos uma das primeiras comunidades a se formar no Estado, há mais de 200 anos, e também uma das pioneiras no processo de auto-reconhecimento. Fomos reconhecidos como quilombo em 1998 e recebemos a titulação de quilombo em 2000” (...) “Isso graças a nossa capacidade de organização e mobilização”. Givânia Silva, liderança da AQCC, 2007, in <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

A presença no contemporâneo da tradição antropofágica é visível através do trabalho de grande parte dos artistas brasileiros consagrados internacionalmente e de um conjunto de acontecimentos artísticos neste virar de século, como testemunham os artistas presentes nas manifestações internacionais de arte e, por exemplo, o actual movimento “CanibaliAfectiva” que se assume como herdeiro das práticas de canibalismo cultural, no contexto transcultural do virar do milénio.

PAIVA, José (2000). A Magia da Imagem, tese de mestrado Curso de Arte Multimedia da FBAUP.

versal na sociedade brasileira, que a atravessa desde o século XIX cosmopolita, face à reivindicação de cada sujeito de preservar a sua autonomia e individualidade frente às forças sociais fundadas na herança histórica, numa sociedade edificada sobre o trabalho escravo de negros africanos e de seus descendentes nascidos no Brasil, chamados de crioulos, e que promovia o trabalho do emigrante branco europeu como base da modernização, da urbanização e da industrialização.

O Brasil fornece uma tão vasta riqueza cultural quanto extensa é a sua geografia. Da sua história, da sua cultura e dos contributos vertidos para a Era Pós-colonial e para a arte contemporânea, ainda não verdadeiramente assimilados, isolamo-nos, no âmbito do estudo de caso presente, fechado nas terras inóspitas de Conceição das Crioulas, no sertão pernambucano, sem que esta focagem necessária remeta para o esquecimento os ensinamentos retirados do estudo e do contacto com o ‘Movimento Antropofágico’, com o ‘Topicalismo’ e com tantos outros artistas contemporâneos com quem nos cruzámos.

O relacionamento com os artistas plásticos de Recife, e com a comunidade da área da arte da Universidade Federal de Pernambuco, paralelo a esta ‘aventura no sertão’, não isola as aprendizagens daí retiradas, mas melhor permite usar os seus enquadramentos no contexto concreto da arte pernambucana contemporânea, para um mais alargado conhecimento das deslocações que efectuámos.

Isolados no sertão, não deixaremos nunca de evocar o que consideramos serem os mais inequívocos manifestos do sentido intercultural que a arte deve incorporar.

IMAGEM DO NORDESTE DO BRASIL

Sim, senhores, precisamos, muito mais do que de reformas políticas, de reformas sociais, sobretudo de duas grandes reformas; a abolição completa, civil e territorial da escravidão, que é o meio da integração da nossa pátria, e o derramamento universal da instrução. (Aplausos.)

NABUCO, Joaquim (1884), Segunda Conferência no Teatro Santa Isabel, a 1 de Novembro, in CAMPANHA ABOLICIONISTA NO RECIFE [ELEIÇÕES DE 1884], Edições do Senado Federal – Vol. 59 – Brasília – 2005, p. 48

O êxito alcançado pelo novo cinema brasileiro em festivais europeus, em particular do filme censurado no Brasil, “Rio 40º” (1955), de Nelson

Pereira dos Santos e a difusão nos meios cine-clubistas dos filmes de Glauber Rocha, “Deus e o diabo na terra do sol” (1963) e “Terra em transe” (1967), muito contribuíram para o aprofundamento da imagem do Nordeste brasileiro que a difusão da literatura brasileira na segunda metade do século XIX estava a construir em consideráveis sectores da sociedade portuguesa de então. Com facilidade, mesmo considerando a censura e a repressão exercida pelo poder salazarista, havia acesso, através dos livros de Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, João Cabral de Mello Neto, Jorge Amado, José Lins do Rego, Josué de Castro, Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz, a diversificados relatos críticos ficcionados e poéticos do universo social do Nordeste do Brasil e com eles se erguia, no espaço político da oposição ao regime português, um sentimento de solidariedade para com o povo nordestino. Do mesmo modo, a divulgação, entre outras composições poético-musicais, do disco “Sertão e Favelas” de Zélia Barbosa, acrescentou ainda a essa dinâmica imagem do sertão nordestino, a objectividade e o doce sabor da sua música e da sua cultura.

É perante a imagem do Nordeste do Brasil, construída a partir do acesso a abordagens cinematográficas, literárias e musicais, que se projectam, no contexto político referido, como sendo nossos, os infortúnios do povo sertanejo, se alimenta uma postura de cumplicidade com os esforços pela melhoria das condições de vida das famílias nordestinas e se assume uma postura de solidariedade com as suas lutas contra a prepotência senhorial dos fazendeiros, coronéis e políticos corruptos.

A resistência dos pobres a um mundo que lhes é adverso sempre acompanhou a humanidade, embora a história tenda ao seu esquecimento e à sua desvalorização, e o conforto e o egoísmo burguês de cada um evite dedicar-lhe demasiada atenção. No Nordeste do Brasil, desde o início do período colonial, no século XVI, verificaram-se lutas contra o regime de escravatura em vigor. A concentração fundiária das terras nas mãos dos *senhores de engenho*, animados por uma vontade determinada para enriquecerem entre o dia e a noite, bem sucedida principalmente através da produção maciça de cana-de-açúcar, utilizando a mão-de-obra escrava, em condições brutais de desumanidade, originou os primeiros focos de resistência. A desorganização dos mercados causada pela invasão de Pernambuco pelos holandeses (1630) provocou desequilíbrios regionais que contribuíram para a criação de condições políticas mais favoráveis às latentes revoltas de escravos.

É conhecida, nessa conjuntura, a fuga de um grupo de escravos para o

Cada um que lê reúne-se a uma imensidade pensante, em repouso, quem lê está em estado de levitação, pertence a uma imagem pairante.

MOLDER, Mara Filomena (1999): p. 17

Uma constante revolução agita o par compreender-ver. Compreendo por aquilo que vejo, e enquanto vejo, mas eu só vejo através e com o auxílio daquilo que compreendo que devo ver naquilo que vejo.

CAUQUELIN, Anne (1998): p. 64

(...) Só falava artes compridas, idéia de homem, coisas que boi nunca conversou.

ROSA, João Guimarães. Sagarana. 31 ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 319.

Não há, senhores, no mundo inteiro atualmente um ponto onde se esteja realizando uma obra maior, mais universal, mais cheia de interesse para a humanidade do que a que empreendemos no Brasil em favor da liberdade de um milhão e quinhentos mil escravos.

NABUCO, Joaquim (1884), Terceira Conferência no Teatro Santa Isabel, a 16 de Novembro, in CAMPANHA ABOLICIONISTA NO RECIFE [ELEIÇÕES DE 1884], Edições do Senado Federal – Vol. 59 – Brasília – 2005, p. 95

A palavra quilombo tem origem nos termos kilombo (kimbundo) ou ochilombo (umbundo), presente também em outras línguas faladas ainda hoje por diversos povos Bantu que habitam a Angola, no continente africano. Originalmente, a palavra designava apenas um lugar de pouso utilizado por populações nômades ou em deslocamento. Passa a designar também as paragens e acampamentos das caravanas que faziam o comércio de cera, de escravos e de outros “produtos”.

in <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

(...) os movimentos, sertões adentro ou rio Amazonas acima, de negros fugidos, representavam quase arrojo igual ao dos bandeirantes paulistas ou dos povoadores cearenses.

FREYRE, Gilberto (1933): p. 55

Quilombo dos Palmares, na região da Serra da Barriga (Alagoas). Este movimento de rebeldia chega a concentrar nesse quilombo mais de vinte mil pessoas, criando um foco de conflitualidade social e de exemplaridade que o governo de Pernambuco combateu durante muitos anos. No contexto da luta contra a escravatura, a criação do Quilombo dos Palmares é exemplar, efeito ampliado pela transformação do seu líder, Zumbi dos Palmares, num símbolo, resultado de ter sido degolado em 1695, com a cabeça exposta na praça pública na cidade do Recife. Este movimento de fuga ao regime de escravatura e de procura de liberdade e terra, espalhado por todo o Brasil, não mais vai parar e constituiu-se num catalisador histórico para o futuro das comunidades pobres, em particular das Comunidades Quilombolas que se vão criando em todo o Nordeste brasileiro. Para além de movimento social, os quilombos, desde o início tendem a resgatar a ancestral cultura africana, agora liberta e mantida enquanto resistência durante o tempo de escravidão. É nessa postura de vitalidade social, de sentimento de comunidade, de construção identitária, que as Comunidades Quilombolas se desenvolvem resistindo à desertificação da região, originada pelos fluxos migratórios de fuga às condições insuportáveis de vida geradas pelo flagelo das secas prolongadas.

A este movimento nas zonas rurais corresponde nas cidades, a permissão dos negros se associarem a irmandades religiosas de negros, remetidas para áreas alagadiças e zonas de pasto de usos comuns das periferias.

Assim, ao representar um espaço de relativa autonomia negra em uma estrutura escravista, uma irmandade permitia a construção de identidades sociais significativas, ainda que muitos dos brancos a percebessem simplesmente como um mecanismo de domesticação, ou mesmo clivagens e diferenças étnicas relacionadas às “nações” africanas estivessem na base ou perpassassem a sua constituição.

Cruz, Alline Torres Dias da. Tese de mestrado, intitulada ‘Suburbanização e racismo no Rio de Janeiro: uma leitura de Madureira e Dona Clara no contexto pós-emancipação (1901–1920)’, defendida no IPPUR-Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 17/5/2007.

A vida das pequenas comunidades quilombolas desenrola-se longe dos núcleos urbanos, sendo estruturada como economia de subsistência com base na solidariedade familiar e de vizinhança. Estas comunidades são maioritariamente constituídas por negros de ascendência africana das mais diversas etnias, que no Brasil desenvolvem uma cultura de miscigenação com índios e brancos, alojadas em territórios inóspitos, povoados pela caatinga, resistindo a um clima tropical semi-árido, com chuvas muito escassas e longos períodos de estiagem. Situam-se nos índices mais baixos de pobreza, revelando os piores indicadores socioeconómicos do Brasil.

A abolição oficial da escravatura (13 de maio de 1888) não alterou a vivacidade social destas comunidades, que encontraram na sua dinâmica política um modo digno de vida, dando à sua evolução um sentido novo que ultrapassa agora a relação restrita com escravos fugidos, e se estende para um âmbito alargado. Nestas comunidades vão-se fixando também negros libertos que vão adquirindo pequenas propriedades ou ocupam terras abandonadas, dando origem ao conceito abrangente de remanescentes de quilombos.

Estas comunidades, na sua maioria isoladas no interior, sempre ficaram distantes dos efeitos de modernização, acelerados no Brasil a partir de 1950, e mesmo das Ligas Camponesas criadas em 1956, que nenhuma mudança lhes trouxeram.

“Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”.

(art. 68 / ADCT / CF1988)

A grande questão que se coloca a estas comunidades, violadas em seus direitos constitucionais, e que gradualmente foram afastadas dos terrenos mais férteis que cultivavam, é a da legitimação da posse da terra, correspondendo à legislação recentemente aprovada. De facto a evolução recente da política no Brasil, pesem embora as insuficiências apontadas pelas Comunidades Quilombolas e por outros movimentos sociais, criou condições legislativas que conferem a ‘posse da terra’ a estas, como a outras, comunidades, condição necessária para a consolidação dos projectos de desenvolvimento que cada comunidade foi planificando ao longo da sua história de luta.

A partir do Decreto Lei 4887/2003, assinado pelo Presidente Lula, foi

É verdade que muitos dos colonos que aqui se tonaram grandes proprietários rurais não tinham pela terra nenhum amor nem gosto, pela sua cultura.

FREYRE, Gilberto (1933): p. 35

(...) a escravidão, palavra que os brasileiros não deviam mais pronunciar porque queima como ferro em brasa a consciência humana, deve ser banida para sempre das nossas leis.

NABUCO, Joaquim (1884), Discurso Proferido num Meeting Popular na Praça de São José de Ribamar, a 5 de Novembro, in CAMPANHA ABOLICIONISTA NO RECIFE [ELEIÇÕES DE 1884], Edições do Senado Federal – Vol. 59 – Brasília – 2005, p. 56

Para os Estados Unidos sai mais barato o ferro que recebem do Brasil ou da Venezuela do que o ferro que extraem do seu próprio subsolo.

GALEANO, Eduardo (1998): p. 200

Segundo relatos dos quilombolas, os conflitos agrários começaram no século XIX, quando as terras da região foram doadas pelo imperador Dom Pedro II ao Estado da Paraíba, que as arrendou a posseiros. Na metade do século passado, esses intrusos decidiram vender as terras e expulsar os quilombolas que viviam ali, iniciando uma batalha que já está na terceira geração.

Comunidade de Gurugi – PB, 2007, in <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

A minha terra era assim, era da minha avó, do meu pai, e agora é dos filhos. Então, a terra vai passando. Uns tinham documentos, outros não ... Vieram aqui fazer medições, mas tinha dinheiro pra pagar o registro pra fazer o documento certo, é pouca gente. A maioria não tem. Mesmo que mediu, não registrou, porque o dinheiro era muito pra pagar o documento ... (Sr. Joaquim, negro),

Silva, Maria Aparecida de Moraes (1999). *Errantes do fim do século* – São Paulo: Fundação Editora da UNESP., p. 54

Na escala da exclusão no Brasil, os quilombolas ocupam o primeiro lugar. São dois milhões de pessoas, espalhadas por cerca de três mil comunidades. Uma população remanescente do passado escravista brasileiro, que ainda se ressentem do fato de a Abolição ter ficado incompleta: livres desde o século 19, mas, como diz um poeta, com uma liberdade que veio “sem asas e sem pão”.

BESSA, Silva, “QUILOMBOLA os direitos negados de um povo”, in *Diário de Pernambuco*, 7 de Janeiro de 2009.

Um grande criador de gado do sul do país, Vargas não cultivou a clientela de uma população operária minúscula naquela época a não ser para melhor garantir, através da popularidade conquistada nesse meio circunscrito a algumas cidades, os interesses da oligarquia do interior do país Nada mudou para os milhões de camponeses sem terra nos campos imensos.

HERMET, Guy (2000): p. 57/58

concedido a estas populações o direito à auto-atribuição, tendo como fundamento a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que se centra no direito à auto-determinação dos povos indígenas e tribais. Diz o Decreto que “*São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, económica e cultural.*”

Das quase oitocentas Comunidades Quilombolas registadas no Brasil pela Fundação Palmares do Ministério da Cultura, num universo que se estima em cerca de três mil – Secretaria Especial Para a Promoção da Igualdade Racial (Seppir), já se encontram em decurso de regularização fundiária cerca de 300 processos, envolvendo quase 400 comunidades distribuídas por 21 dos estados brasileiros.

No entanto, as políticas locais, a capacidade de manobra política e o tráfico de influências movido pelos ‘fazendeiros’ e ‘coronéis’, levado a extremos de violência, impediram, até ao momento, a verdadeira ‘posse’ das terras onde as comunidades vivem. O seu território, hoje, inclui os terrenos férteis entretanto anexados pelos ‘fazendeiros’.

Esta questão da ‘posse da terra’ gera contradições de grande complexidade quando, para além da luta entre comunidades e fazendeiros, implica em alguns casos, a relação de fronteira com territórios de índios, também eles lutando pela posse das suas terras, ou ainda a presença de ‘sem terra’.

A questão fundiária no Brasil ainda hoje é um grande desafio político, tendo em vista que os sujeitos envolvidos (indígenas, quilombolas, sem terra, acampados) estão sob constante ameaça de invasores (fazendeiros, políticos e mesmo autoridades) que têm forte capacidade de pressão nas esferas do poder do estado. De entre esses sujeitos, os quilombolas têm empreendido uma forte luta para que o estado cumpra com o estabelecido no Artigo 68 do ADCT, ou seja “emitir os títulos às comunidades quilombolas.”

Estão assegurados na Constituição Federal Brasileira, em Decretos Lei e portarias, os direitos das comunidades quilombolas no que se refere ao acesso, titulação e posse da terra. Entretanto algumas comunidades, mesmo tendo título, não têm tido a posse da terra, pois existem conflitos que mobilizam muitos interesse com outros sujeitos não quilombolas presentes no território.

A amplitude geográfica do grande Brasil corresponde à complexidade múltipla das questões locais, cada uma delas com particularidades e contradições intrincadas, resultado do modelo de desenvolvimento

seguido que se estabeleceu sobre uma oligarquia formada pela força das armas, da mentira e da usurpação dos direitos e das propriedades coletivas dos índios e, mais recentemente, das comunidades remanescentes de quilombos. A superação dos grandes problemas nacionais, em particular a pobreza urbana e rural de extensão desmesurada, herdados de sucessivos governos submetidos a interesses externos e de minorias nacionais, já de si de difícil sucesso, enfrenta grandes dificuldades em contornar os interesses de fazendeiros locais e de políticos duvidosos, arreigados a ideias conservadoras e à defesa dos seus privilégios. A capacidade de luta das centenas de pequenas comunidades quilombolas, de populações indígenas e do movimento dos *sem-terra* tem conquistado importantes vitórias políticas e legislativas que não resultaram ainda na sua plena aplicação pela contrareacção violenta e corrupta dos velhos e novos *coronéis*. A persistência das populações pobres na defesa da sua própria dignidade superará, por certo, o constante aliciamento político, a violência das armas e a corrupção.

CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

O quilombo emerge como uma categoria metafórica de força política, como a bandeira de um movimento social que está emergindo desde a década de 1970. Enquanto a Constituição de 1988 está sendo escrita, a categoria quilombo não é mais do que isso: ela é uma metáfora que fala numa reparação em termos históricos.

ARRITI, José Maurício, Recuperação da memória do lugar auxilia laudo antropológico, in ComCiência – REVISTA ELETRÔNICA DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 2008,
<http://www.comciencia.br/entrevistas/memoria/arruti.htm>

A sorte levou-me e levou-nos (IDENTIDADES) um dia a Conceição das Crioulas, onde viemos a estabelecer uma nova centralidade no movimento de intercâmbio artístico, tão fecundas se apresentaram as possibilidades de relacionamento com a comunidade e tão atraente e complexa a sua dinâmica social. Nenhuma semelhança com o que fizéramos já, em Moçambique e em Cabo Verde, tão distinta era a realidade social resultante da luta persistente de uma população pobre pela posse da sua terra, tão deslumbrante a cultura respirada por uma comunidade que valoriza o seu passado e na identidade procura criar a sua marca de progresso colectivo e de gestão de seu território.

“Fiquei sabendo que venho de uma família de negros que resistiram bravamente durante a escravidão. Isso me dá um orgulho muito grande e sei que preciso continuar lutando em nome dos meus antepassados”.

Antônio Arnaldo da Silva, 27 anos, liderança de base da comunidade de Alto Alegre, Horizonte – CE, 2007, in <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

A partir das 16:00, 17:00 aumenta novamente o movimento no centro de Conceição, agora relacionado à hora do banho. Como não há água encanada, o banho acontece no açude. As crianças geralmente são as que chegam primeiro acompanhadas das mães que também lavam a louça e as roupas...
 SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e (1998). Relatório de Identificação da comunidade negra de Conceição das Crioulas.

Mas o que é certo é que ainda há cerca de 800 milhões de malnutridos ...

BRUNEL, Sylvie (1997): p. 71

Mapeamento quilombola realizado pelo CCLF inspira caderno especial do Diário de Pernambuco. (...) A originalidade da reportagem destaca-se em dois pontos: ela evidencia uma discussão étnica pouco abordada pela grande imprensa e vincula os quilombolas à questão dos direitos humanos.

<http://www.cclf.org.br/>

Recife sim
da coragem Caneca
da conscientização neológica
das lutas ligas lentas
do sempre
não.

Não o Recife sem literatura
no papo raso da elite vesga
a vida mole e a mente dura.

BRITTO, Jomard Muniz de (2001).
Vocação do Recife, *in*

<http://fredbar.sites.uol.com.br/recife.html>

Fundada em 17 de junho de 2000, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos. Nasceu a partir da necessidade de intensificar a luta pelo bem comum de Conceição das Crioulas, tendo como objetivo o desenvolvimento da comunidade.

Para isso, leva em conta a sua realidade e história, a valorização das suas potencialidades, a conscientização do povo negro oara construção de uma sociedade justa e igualitária e a quebra da barreira do preconceito e da discriminação racial.

texto de apresentação da AQCC, 2006.

Que distantes e desorientados nos sentíamos perante a possibilidade de participar como artistas nos destinos desta comunidade, que enamora-mento se teceu entre todos a partir do primeiro encontro.

Do Recife, onde criámos as primeiras oficinas artísticas em comunidades da periferia urbana, de 1998 à primeira visita a Conceição decorreu apenas o tempo suficiente para o IDENTIDADES amadurecer os seus interesses e descobrir que aqui, no cenário sertanejo e isolado onde os dilemas da arte contemporânea não penetram, poderíamos instalar um dos nossos melhores laboratórios de investigação, procurando, como sempre, um melhor entendimento dos nossos próprios dilemas autorais e, neste caso, também, a possibilidade de poder partilhar com uma abnegada população a construção do seu destino.

É neste complicado contexto político do Brasil que encontramos (no âmbito das relações estabelecidas pelo IDENTIDADES a partir do Centro de Cultura Luiz Freire) a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Conceição das Crioulas é um concelho pertencente ao município de Salgueiro, situado a cerca de 600 km da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, no Brasil. Concelho povoado pelo menos desde os tempos ancestrais em que foram deixadas as inscrições rupestres nos sítios de Serra das Letras, Pedra da Mão, Pedra de Abelhas e Sítio Paula. A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, segundo relato dos moradores mais velhos, resulta da fixação de seis negras livres guiadas pelo escravo fugido Francisco José de Sá, ocorrida no início do século XIX. Com o resultado da venda, na cidade de Flores, da produção e fiação de algodão, conseguiram arrendar uma área de 3 léguas em quadra, (mais de 300 km²) que permitiu a implantação desta comunidade rural. Logo em 1802 as crioulas residentes receberam a escritura da posse da terra entretanto adquirida, documento passado com o carimbo da Torre (alusão à Torre do Tombo em Lisboa, para onde eram remetidos os documentos do Império) e dezasseis selos, pelo escrivão do cartório de Flores, um tal José Delgado. Esta história é confirmada nos mais diversos sítios, sendo sempre ligada à identidade quilombola das crioulas que, com o seu abnegado trabalho, conseguiram adquirir as suas terras. A história refere que o escravo Francisco José tinha trazido consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição que originou a construção de uma pequena capela, dedicada à acolhida como santa padroeira da comunidade e de onde nasce o nome do povoado.

A comunidade floresceu, agrupando-se em diversos sítios deste amplo território, composto por árvores de pequeno e médio porte, como jua-

zeiro, baraúna, jurema preta, arueira, caroá e catulé. Até finais do século XIX, o algodão foi o sustentáculo da economia quilombola, mas viria a enfraquecer progressivamente com o ataque da praga do bicudo e o aparecimento das fibras sintéticas. A decadência do comércio do algodão fez descer a capacidade económica da comunidade, que se virou para uma agricultura de subsistência, dedicada ao plantio do milho, feijão, mandioca, jerimum e melancia e ao recurso à criação de animais ovinos, caprinos, bovinos e suínos. Entretanto, aproveitando apadrinhamentos políticos locais, fazendeiros abastados e coronéis foram tomando posse 'legal' das terras quilombolas, remetendo as populações para terrenos menos férteis. A dificuldade das comunidades rurais em contrariar esta expropriação apoiada nos 'senhores da lei' gerou a injusta situação de as populações ficarem sem as suas terras, o que constitui actualmente o principal foco da sua luta. Hoje a área de que a comunidade dispõe, com uma população de cerca de 3 800 moradores, confina-se a cerca de 70% do seu território e às terras mais improdutivas.

Contrariando outras comunidades que invocam o seu reconhecimento como sendo 'remanescente de quilombos', esta população invoca a sua identidade como resultado da autonomia com que construiu a sua história colectiva e da capacidade de articulação dos diversos sítios no reforço da unidade e da sua capacidade política-organizativa.

Essa consciência política levou a comunidade, em 1995, a oficializar perante o Governo Federal o pedido de regularização fundiária do território e, desde então, a integrar a CONAQ (Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas).

Em 1996, a Fundação Palmares do Ministério da Cultura, atendendo às reivindicações da comunidade, elaborou o seu laudo antropológico, que foi aprovado pelo Governo Federal. Em 1998, a área que compõe o território quilombola de Conceição das Crioulas foi reconhecida, através da publicação no Diário Oficial da União, como pertença do Povo remanescente de Quilombo, baseado no artigo 68º do 'Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT', onde consta: *“aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”*.

No ano 2000, a Fundação Cultural Palmares tituló a área de 16 865,0678 hectares; no entanto, não regularizou ainda as questões fundiárias. A não resolução desses procedimentos formais permite a permanência de intrusos no território, o que tem suscitado conflitos permanentes, dado que a teimosia e prepotência dos fazendeiros conti-

Onde tudo germinava com exuberante vigor, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixou rochas estérteis, solos lavados, terras erodidas.

GALEANO, Eduardo (1998): p. 85

(...) não consta assim que foi registada num tribunal, é aí assim como tem uns sabidos que juntam papel, aí junta com os cartórios, passaram as escrituras mas, não sendo assim um negócio fixo. Como justamente como tem uma fazenda, arrendada a dois quilómetros, vieram arranjar uma escritura já muito cá, ficaram aí, depois de muita sabedoria (...)

VIRGÍNIO (1998), depoimento recolhido pela antropóloga Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza, para o 'relatório de Identificação da comunidade negra de Conceição das Crioulas.

Um dos maiores problemas encontrados aqui em Conceição das Crioulas é o não acesso à terra, pois temos o título, mas não temos *acesso* a todas as áreas, porque ainda não foi feita a desapropriação e indenização dos fazendeiros, por isso fica difícil de desenvolver a agricultura e geração de renda. Grande parte da matéria prima se encontra nesses espaços ocupados e são justamente nesses espaços onde poderíamos fazer: escolas, quadras de esporte e lazer, creches, roças... Temos enfrentado conflitos em algumas áreas no nosso território (...)

AQCC (2007). Nova Cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil – Quilombolas de Conceição das Crioulas, Brasília DF.

A primeira Biblioteca Afro-Índígena do Brasil foi inaugurada no dia três de maio em Conceição das Crioulas durante a realização do II Encontro das Comunidades Quilombolas de Pernambuco. O espaço é fruto de reivindicações da comunidade por entender que os currículos vivenciados nas escolas não contemplam de maneira satisfatória essas etnias, fato que dificulta a apropriação da história e da cultura dos quilombolas e indígenas e a valorização de suas identidades e elevação da auto-estima.

AQCC /2003. Educação é um direito de todos, in, Crioulas n. 2, agosto de 2003, p.3

(...) a primeira, como sabemos, é elitista, na medida em que postula que a maioria dos eleitores só almeja, no final de contas, deixar-se governar por uma minoria de profissionais para que possa ocupar-se com toda a tranquilidade dos seus assuntos privados; a segunda é participativa, em nome do princípio segundo o qual uma democracia digna de tal nome exige o compromisso permanente de um número suficientemente apreciável de pessoas comuns nos assuntos públicos e uma redução, o mais completa possível, da distância que os separa dos especialistas que fizeram da política seu ofício.

HERMET, Guy (2000): p. 58/59

O artesanato de Conceição ganhou mais espaço depois do projeto de valorização realizado em 2001, oela AQCC e com o apoio da prefeitura de Salgueiro, da Universidade Federal de Pernambuco e do SABREAE. Nesse projecto, aconteceram oficinas para melhoramento dos produtos (...)

AQCC /2003. Artesanato, in, Crioulas n. 5, agosto de 2004, p.3

nuam a criar conflitos, na esperança de impedir que seja feita justiça e retomada a posse das terras pelos seus legítimos proprietários – a comunidade quilombola.

No estado de Pernambuco, Conceição das Crioulas é uma das comunidades pioneiras na organização, mobilização e articulação das lutas quilombolas, sendo uma referência nos âmbitos regional, nacional e internacional. Exemplo disso é a participação na III Conferência Internacional contra o Racismo, Xenofobia e Intolerância Correlatas, Seminário de lançamento da Campanha Nacional pela regularização das Terras de Quilombos, onde esteve presente um relator da ONU.

Desde então foram criadas, nos diversos sítios do concelho, associações locais, que geraram a criação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). Fundada em 17 de Julho de 2000, a AQCC é uma sociedade civil sem fins lucrativos, composta pelas dez associações de produtores e trabalhadores rurais existentes, provenientes dos diversos sítios que compõem o povoado. Esta Associação, nascida da necessidade de intensificação da luta pelo bem comum, está vocacionada para a promoção do desenvolvimento da comunidade, levando em conta sua realidade e a sua história, a valorização das suas potencialidades, a conscientização do povo negro da sua importância para a construção de uma sociedade justa e igualitária, a quebra da barreira do preconceito e discriminação racial. No momento, o maior empenho da AQCC é a batalha pela posse da terra, na perspectiva do desenvolvimento sustentável. A estrutura de funcionamento organiza-se através de uma Coordenação Executiva e de comissões formadas pelas lideranças da comunidade. A AQCC vive com o trabalho voluntário dos seus sócios, não possuindo recursos financeiros suficientes para permitir uma maior eficácia da sua acção.

Em Junho de 2001 a Universidade Federal de Pernambuco, em parceria com a SEBRAE, inicia em Conceição das Crioulas o Programa Imaginário Pernambucano, que através da implementação de oficinas, de métodos de gestão de qualidade e de consultorias de design desenvolvem a produção de mais de 30 artigos manufacturados e que passam a constituir a imagem da AQCC. Desde aí a AQCC, fruto de seu trabalho exemplar, enraíza parcerias com a OXFAM e com o Centro de Cultura Luiz Freire, ampliando o espaço de intervenção para as áreas de gestão, educação e comunicação.

Hoje, o artesanato produzido pelos seus artesãos, em barro, fibra de caroá, palha e imbirá, gera renda para a comunidade. As peças do artesa-

nato local, contam a história e reafirmam a identidade étnica da sua população. Através da produção artesanal, a luta pela posse efectiva da terra, tem conquistado apoios e alcançou um elevado prestígio nacional e internacional.

Com o sucesso da acção voltada para a valorização e desenvolvimento do artesanato, três recursos naturais ganharam destaque: o caroá, o barro e o catulé.

Iniciado em Junho de 2001, este projecto promove não só a geração de trabalho e renda na comunidade, mas também a inclusão social, por meio da valorização da identidade cultural, da capacitação e do desenvolvimento de novos produtos. Resultados facilmente percebidos ao levar-se em conta que, desde a sua implantação, o projecto envolveu um bom grupo de artesãos e já alcançou a marca de 30 novos produtos, com 1 500 peças comercializadas.

Esta acção foi definida a partir da negociação com a comunidade e do estudo das potencialidades da região, e tem como objectivo promover Conceição das Crioulas através do reconhecimento e valorização da sua cultura, visando o desenvolvimento sustentável.

Como metas alcançadas, apontam-se o oferecimento de oficinas que envolvem design, gestão de qualidade e desenvolvimento de novas técnicas; a participação da comunidade em eventos do sector artesanal que contribuem para a divulgação e comercialização dos produtos. As novas metas estabelecidas visam a consolidação e a ampliação do projecto. Para tanto, investimentos necessários em infra-estrutura, equipamentos e consultorias estão sendo buscados para garantir a demanda do mercado.

Recentemente, este projecto concorreu ao Prémio Banco Mundial de Cidadania 2002 e alcançou o 3º lugar, sendo seleccionado entre os 100 melhores. Também foi premiado na II Feira Nacional de Negócios do Artesanato – Fenneart 2001, na galeria de Produtos Artesanais Revitalizados – Categoria Utilitário.

Em Maio de 2002, durante a realização do Encontro Nacional de Experiências Sociais Inovadoras, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC conquistou o I Prémio Banco Mundial de Cidadania, em reconhecimento ao projecto de valorização de artesanato da comunidade, desenvolvido pelo Imaginário Pernambucano. Com os recursos advindos deste prémio, a AQCC adquiriu sede própria.

A comunidade, centrando as suas energias na luta pela posse da terra e pelo reconhecimento cultural de sua história e identidade, não negligên-

Está acontecendo desde ontem a Primeira Conferência de Promoção da Igualdade Racial. O governo do Estado colocou as comunidades quilombolas num alojamento muito fora do local onde decorre o encontro e além disso o local não oferecia as condições necessárias para o descanso e alimentação. Os meninos da oficina de vídeo registraram tudo e hoje de manhã estavam com tudo em cima para mostrar à comissão organizadora... Esse registro pode se transformar numa boa matéria.

SILVA, Delma. CCLF, e.mail 28 de maio de 2005

Nesta caminhada conseguimos importantes parcerias e muitas conquistas alcançamos. A luta pela reconquista do território, fortalecimento institucional, comunicação, educação, geração de trabalho e renda a partir da produção artesanal são temas em que temos atuado frequentemente.

A mais recente conquista é o apoio que iremos ter no campo da Agroecologia, com a chegada de um cooperante que irá residir em Conceição das Crioulas, por um período de dois anos.

MENDES, Maria Aparecida (2007). Cooperante moçambicano chega à comunidade, in Crioulas n. 11, agosto de 2007

(...)mesmo assim estamos tocando a bola para a frente, fazendo produções para a comunidade e para outras pessoas da cidade de Salgueiro e Mirandiba, e em breve estaremos recebendo outros equipamentos, através do 'Ponto de Cultura' que vai ser implantado em Conceição das Crioulas.

JOSÉ, Adalmir. Crioulas Vídeo. e.mail enviado para Identidades/Porto em 1 de Nov. de 2005.

(...) ainda temos muito a conquistar. Um exemplo, é a inclusão de mais jovens na discussão das questões sociais, de atuação da juventude na comunidade.

DADE. Editorial, in *Crioulas* n. 4, agosto de 2006

cia a melhoria das condições de acesso à saúde e à educação, sendo precursora nas discussões que propõem uma educação diferenciada para populações quilombolas. A riqueza cultural desta comunidade, o exercício da democracia participativa, o modo orgânico como se estabelece a sua estrutura social cativaram definitivamente o IDENTIDADES.

IDENTIDADES NO SERTÃO

A pesquisa arqueológica ou etnográfica mostra que certas civilizações, contemporâneas ou desaparecidas, souberam, ou sabem ainda, resolver melhor do que nós alguns problemas, ainda que nos tenhamos dedicado a obter os melhores resultados (...)

LÉVI-STRAUSS, Claude (1955): p. 366

O identidades enamorou-se da população de Conceição das Crioulas, mesmo sem a conhecer bem. A maioria de nós apenas ouviu pronunciar o seu nome, escutou relatos encantados da Iva e da Mónica, tornados encantatórios e inquietantes, viu avidamente fotografias, pesquisou na internet, fascinou-se. Mas o que conhecemos realmente nós, de tal comunidade? que queremos nós?

IDENTIDADES/Porto. Proposta de Programa, 2004

A identidade constrói-se, des-constrói-se e reconstrói-se segundo as situações. Está em movimento incessante; cada transformação social leva-a a reformular-se de maneira diferente.

CUCHE, Denys (1999): p. 137

O IDENTIDADES enamorou-se no primeiro momento da população de Conceição das Crioulas, mesmo antes de a conhecer bem. O fascínio do envolvimento na história de Conceição das Crioulas e com a sua comunidade está já transformado em camaradagem. O estudo que realizei, para a minha tese de mestrado, sobre o movimento antropofágico, o tropicalismo e os artistas que fui conhecendo, despertaram em mim um apetite voraz de me aproximar das iguarias culturais que o Brasil oferece, não como relíquias etnográficas guardadas museologicamente, mas como incorporações na modernidade e no desenvolvimento. A ida para o Sertão ocupava um desejo.

O IDENTIDADES hoje já se sente como parte da comunidade de Conceição das Crioulas, considerando o relacionamento estabelecido nos últimos anos e o apreço que temos por uma população que, de forma exemplar e decidida, luta pelo justo direito à terra, pelo seu reconhecimento cultural e pela melhoria das condições de vida.

A AQCC é a instituição representativa da comunidade de Conceição das Crioulas com quem organizámos nossas intervenções. O Centro de Cultura Luiz Freire é uma estrutura que apoia regularmente a comunidade, que partilha os seus destinos, que nos apresentou a AQCC e enquadra as nossas actividades. O CCLF foi fundado em Olinda, em 1972, em plena ditadura militar, por pessoas empenhadas na luta pela restauração da democracia, através da promoção de actividades culturais e de projectos de desenvolvimento comunitário. Desde então continua com a sua acção a estimular os avanços democráticos para além do funcionamento regular das instituições políticas formais e a empreender

acções para as transformações económicas, políticas e sociais que tenham como referencial uma nova cultura de relacionamento entre os seres humanos e destes com a natureza.

Desde 1993 que pessoalmente participo em acções de intercâmbio cultural com o Nordeste do Brasil, organizadas pela GESTO Cooperativa Cultural, pela ACERT de Tondela e pela Fundação Joaquim Nabuco. De 1993 a 1996 foram vários os programas de intercâmbio cultural realizados sob a designação de CumpliCIDADES, além mar e em Portugal, em disciplinas diversas, como o teatro, as artes plásticas, a arqueologia e a história da arte, a música, a literatura e a antropologia. A Fundação de Cultura da Cidade do Recife, parceira dos eventos interculturais promovidos, funcionou a partir daí como ponte para novos projectos e, em particular, o poeta recifense Pedro Américo de Farias e a investigadora (também da cultura portuguesa) Maria Alice Amorim foram os impulsores do relacionamento intercultural que se veio a estabelecer de modo contínuo. Todas essas actividades permitiram criar profundos laços entre artistas e instituições sempre disponíveis para encontrar e desenvolver as relações iniciadas.

O IDENTIDADES já tinha história em Moçambique e em Cabo Verde quando, aproveitando as relações pessoais que se haviam criado e o apoio da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, se estendeu para o continente americano, alojando no Nordeste do Brasil um novo centro de acção, a partir das relações existentes com algumas organizações culturais, com artistas plásticos, escritores e agentes culturais, com forte enfoque no desenvolvimento de trabalho junto de comunidades. De todas as comunidades com quem o IDENTIDADES estabeleceu parcerias, a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas representa um valor de experiência dominante, por estabelecer um relacionamento duradouro e permanente.

Em 2003 estabeleceu-se o encontro que se transformou num relacionamento contínuo com a comunidade de Conceição das Crioulas, concentrando-se no seu território as energias mobilizáveis para uma forte experiência intercultural. Uma comunidade economicamente pobre, mas inesgotável na luta optimista com que prepara o seu futuro, encontra um grupo de portugueses, artistas, interessado em se entender perante os seus próprios dilemas, da contemporaneidade e da globalidade do mundo, no palco concreto do confronto cultural e social que no Sertão se estabelece. Como **conhecer** as pessoas, a complexidade da vida e da luta da comunidade? como se deveria apresentar o grupo?, como ganhar a sua **con-**

A consciência de ser ao mesmo tempo singular e como os outros parece-me ser o que define o mais alto grau que possamos conceber de consciência individual e social.

AUGÉ, Marc (2003): p. 91

4. encontro com escritores, poetas e outros artistas, professores, pesquisadores, imprensa, comunidades, grupos de leitura, centros de cultura afro. A acontecer em locais estratégicos, como: UFPE (Centro de Artes, Letras, Antropologia, História), Oficina Cerâmica Brennand, Centro Luís Freire (Olinda – Organização não Governamental = ONG), Escolas Pe. João Barbosa e Júlio Vicente (Morro da Conceição), Daruê Malungo (Chão de Estrelas – ONG), Centro Religioso Chambá, jornais, emissoras de rádio e TV, Bloco Carnavalesco Banhistas do Pina, Faculdades de Letras de Caruaru e de Nazaré, João Pessoa-PB.

FARIAS, Pedro Américo de (2001). Proposta de programa 'Identidades no Recife'

Naquela semana sentiu-se uma agitação na comunidade não só pela chegada dos coordenadores das oficinas e a sua realização, mas também porque estas estavam a decorrer numa data especial: a festa de Nossa Senhora da Assunção.

CORREIA, Iva (2003) *in* relatório Identidades

Fomos alojados em casa da Aparecida Mendes, pois em a casa de Valdeci estaria com problemas de abastecimento de água. A água é um problema quotidiano desta população, tendo o seu pequeno posto de tratamento e canalização directa às habitações – sendo que esta água é apenas para uso doméstico – nem sempre chega aos depósitos. Relatório Identidades/Brasil, 2006,

O eu é sobrecarregado com a tarefa impossível de reconstruir a perda integridade do mundo; ou, mais modestamente, com a tarefa de sustentar a produção da sua identidade; de fazer por si próprio o que antes era confiado à comunidade nativa. BAUMAN, Zygmunt (1991): p. 107

“Nossa luta é para que haja uma educação diferenciada, para crianças, jovens e adultos em todos os quilombos do País”, (...) “Aqui em Conceição nós trabalhamos desde 1995 com essa proposta educacional.”

Givânia Silva, liderança da AQCC, in <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

Para a socióloga Delma Silva, do Centro de Cultura Luiz Freire, de Pernambuco, os quilombolas têm uma característica em comum. “Do mesmo jeito que a ausência de direitos é histórica, a resistência do povo quilombola em lutar por ela também é”, conta.

“Uma História se conta”, in, <http://ombudspe.org.br/quilombos/>

fiança?, que projectos de trabalho edificar? como conquistar a **cumplicidade** da população para participar em intervenções artísticas? eram as principais questões que se nos colocavam.

Desbravando incertezas, em 2003, criámos a primeira oficina de artes plásticas e uma oficina de teatro ministrada pelo actor moçambicano Rogério Manjate, sabendo que o nosso projecto só com o tempo ganharia a sua dimensão. No primeiro momento, de imediato se verificou a disponibilidade das pessoas, em particular das crianças e das professoras, para participarem, e criou-se um clima de relacionamento aberto. A exposição que montámos numa sala de aulas da Escola, intitulada ‘Pano para Mangas’, apresentava os elementos do IDENTIDADES, os presentes e os que não viajaram, através das fotografias por si produzidas. A população abriu-nos as portas de suas casas e de sua intimidade e o nosso enamoramento pela comunidade e o interesse que ela nos despertava forjaram a solidez do relacionamento a partir de então estabelecido. No ano seguinte voltámos ao sertão para conversar com as pessoas e com as lideranças. Queríamos saber da resposta ao nosso anunciado interesse em sediar lá um projecto duradouro, que parcela a parcela edificasse a sua cumplicidade, para experimentarmos produzir uma intervenção artística no território, participada pela população e interligada com a sua luta. Depois de muita discussão, de desnudamento dos nossos interesses, aprovámos um desenho de programa a realizar nos anos seguintes. Assim, em 2005 voltámos, depois de acertos de programas por *e.mail*, para iniciar o programa intitulado *deslocações*. A partir dessa visita e do acerto realizado no programa, nossa presença anual centrava-se em espaços claros de intervenção: Vídeo e *Webdesig*; Cerâmica; Educação Visual e Expressão Plástica; Animação Cultural; Arte no Território.

Uma primeira formação de nove dias dada a seis jovens escolhidos na comunidade permitiu criar de imediato o colectivo Crioulas Vídeo. Desde a nossa chegada, com um computador, uma câmara de vídeo pessoal e um microfone, ao nosso regresso um ano após, este grupo realizou, em plena autonomia técnica e narrativa, um conjunto de documentários em vídeo, de apoio à luta da comunidade e de divulgação de aspectos diversos de comunidades vizinhas. O grupo institucionalizou-se e respondeu a encomendas, mostrando pela aplicação da aprendizagem recebida, como o nosso trabalho tinha sentido naquela realidade. A comunidade tinha adquirido mais uma ferramenta para divulgação das suas narrativas identitárias e de luta. A partir de então, não mais fazemos que dar apoio e profundidade ao trabalho deste colectivo. Em 2007 sentimos

interesse em promover um espaço na *Internet* de divulgação do trabalho realizado. Dois jovens do colectivo Crioulas Vídeo participam numa formação, utilizando *software* livre, e configuram o seu espaço virtual (www.crioulasvideo.org).

A Cerâmica é uma tradição na comunidade que assiste inconformada ao seu declínio, face ao envelhecimento das suas artesãs. Numa oficina realizada em 2007 tentámos dinamizar o aparecimento de outras pessoas interessadas em se dedicarem à cerâmica. O trabalho foi iniciado mas está ainda por concluir.

Por diversas vezes realizámos oficinas na comunidade (produção de maquete da *Vila Centro*, técnicas de impressão, educação visual) mas a questão centra-se sempre na dificuldade de preparação das professoras para integrarem nas aulas a Expressão Plástica e a Educação Visual. Entendido o problema, o nosso apoio, a partir de agora, centra-se no trabalho com as professoras, no sentido de elas adquirirem as competências mínimas necessárias referentes àquelas áreas, e na estruturação de conteúdos programáticos a serem integrados no programa de aprendizagem dos alunos.

Muitos eventos culturais se realizaram, criando com a nossa estada um clima de festa e confraternização.

O projecto principal de nossa ida para o sertão centra-se, no entanto, num campo que ainda não percorremos. Considerando que teríamos de ganhar previamente a confiança da população, depois de por ela sermos conhecidos como artistas, só agora solicitamos a cumplicidade das lideranças para se iniciar a preparação do envolvimento da população numa intervenção artística colectiva no seu território. Desta experiência, porém, ainda é cedo para tirar os devidos ensinamentos, mas estão confirmadas as nossas teorias de que a recusa assumida de produção de um objecto (seja ele de que natureza for) para colocar num qualquer lugar, só tem sentido se resultar no estabelecimento de um processo longo de enamoramento dos artistas com a comunidade, de procura de sintonias e, acima de tudo, do estabelecimento de uma comunicação clara, bi-direccional, entre os artistas e a população. O nosso método, elaborado gradualmente ao longo de muitas discussões e de análises das diversas experiências vividas, que apelidamos de '*múltiplos cês*' (conhecimento, confiança, cumplicidade, comunidade/construção, crítica, conhecimento), mostra-se adequado, permitindo já antever o seu sucesso.

Para além desta tese, que não realiza mas apenas analisa o percurso das actividades promovidas pelo IDENTIDADES e tece uma investigação a partir delas, estão a ser construídos *conhecimentos* e realizadas *obras* que, por

Os navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também a sua personalidade, a sua maneira de ser e de se comportar, as suas crenças.

VERGER, Pierre Fatumbi (2002): p. 23

A arte das mais antigas perpetua-se pela delicadeza das mãos hábeis.

AMORIM, Maria Alice (2006). Pernambuco feito à mão, Recife, SEBRAE. p. 117

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.

FREIRE, Paulo (1996): p. 36

É que o modo como consideramos os artefactos não ocidentais não é independente das concepções ocidentais de arte. Os modos europeus de ver, de avaliar e de classificar os objectos exóticos, e as transformações por que passaram ao longo dos últimos cinco séculos que marcam o tempo da globalização, mas também da construção de um domínio artístico específico e relativamente autónomo, espelham as nossas noções de arte e as transformações por que estas passam, também, no mesmo período.

DIAS, José António B. Fernandes. "Arte e Antropologia no Século XX: modos de relação", in *Etnográfica*, Vol. V (1), 2001., p. 107

Que sentido tem fazer um documentário sobre Lisboa se o resultado visível não for perceptível como algo fundamentalmente diverso daquele que é feito por miúdos que têm nas mãos uma câmara de vídeo?

PERNIOLA, Mario. (2006): 63

si, libertam energias criativas individuais nos seus intervenientes, em cujo futuro, estou confiante, florescerá a grande vitória deste movimento. E, principalmente, a comunidade de Conceição das Crioulas contará brevemente com melhores condições para o exercício de sua cidadania plena, saídas de sua luta. E o IDENTIDADES tornou-se seu cúmplice.

APRENDIZAGENS

Há, de facto, sem dúvida, toda uma floresta em meu redor. Mas as minhas veias cantam no pino do calor. Canção bem monótona. Por outro lado, canção bem minha, e ouço-a todo o dia.

Quando o sol se põe, corre um pouco de brisa; mas nesse caso é noite e nada mais se deixa ver.

MICHAUX, Henri (1929): p. 144/5

A experiência Identidades potenciara diferentes momentos, de intervenção pedagógica e intervenção artística. Todas essas práticas profundamente habitadas por uma dimensão do social, do sentir o próximo, de uma forma extremamente generosa. No sentido de cumplicidade e no sentido de abarcar a complexidade. É nesse envolvimento que facilmente se percebe o valor potencial da troca, da arte como valor de troca em simultaneidade com a arte como processo e resultado.

ALVES, André. Porto/Identidades

Depois de se apresentar o estudo sobre os casos ocorridos em Moçambique, em Cabo Verde e no Brasil, e as leituras extraídas dos dois primeiros casos, neste ponto de reflexão suplementar sobre o vivido no recôndito lugar de Conceição das Crioulas, no interior do Sertão pernambucano e no Recife, capital cosmopolita de todo o Nordeste do Brasil, apenas se acrescentam as *aprendizagens* que não repetem as anteriormente escritas, mesmo quando o verificado as salientam. No entanto, o voltar a alguns pontos já referidos antes, apenas resulta de uma intenção de reforço do seu significado na exposição dos contextos que se apresentam como âncora das narrativas criadas no *estudo de casos*. O seu reaparecimento na parte mais final da tese, com um outro sentido mais conclusivo, também se justifica pelo espaço que as *aprendizagens* apresentadas, na sua simplicidade vivenciada, ocupam na investigação realizada.

Apresentam-se aqui 13 leituras, derivadas do cruzamento das discussões participadas, com a interiorização pessoal e com a investigação efectuada, construídas no mesmo modelo das anteriores e, de novo, não hierarquizadas.

LEITURA 1 . COMUNIDADE

Em termos simples, a tarefa de produzir localidade (como uma estrutura de sentimento, uma propriedade da vida social e uma ideologia de comunidade situada) é cada vez mais uma luta.

APPADURAI, Arjun (1966); pg. 251

A viagem até Conceição das Crioulas, realizada por fases, vai preparando a chegada e permite incorporar gradualmente uma capacidade de absorver a novidade: o desembarque no aeroporto do Recife; a tomada do *ônibus* e a viagem noturna para o sertão; a chegada à cidade de Salgueiro, os primeiros abraços de quem nos recebe lá, na madrugada de um novo dia, e nos transporta pela estrada de terra batida para a comunidade. As emoções prepararam-se nesse cansaço, assistindo a uma radical mudança de paisagem, nesse caminhar para o que se segue, nesse deslizar que afasta da Europa, separada por tantas águas, e da grande cidade cosmopolita de Manuel Bandeira, para uma pequena povoação rural e *perdida* no meio do grande sertão nordestino.

Abandonando o mundo hostil onde vivemos constantemente amedrontados e inseguros, e permanecendo em tranquilos lugares como a Vila de Conceição das Crioulas, muitas são as diferenças que se deparam, aqui, perante este grupo social, comovedor em suas convicções, ainda que historicamente isolado e remetido ao ostracismo pela *sociedade maior*. Encontramos, porém, uma população que assume plenamente o conceito e a vivência de comunidade, presente e afirmada no seu discurso político, que estabelece um sentido pleno na proximidade a um tempo onde o conforto das relações naturais teciam o modo como tudo se inter-relacionava. São visíveis os sinais dessa cumplicidade, latente e espontânea, prolongada para uma vivência em que se não distinguem as famílias, e os vizinhos nunca são estranhos; onde a entreatajuda não precisa de ser solicitada. O ritmo do tempo regulado pela natureza, a rotina emanada da tradição. A vivência que partilhamos permite-nos ser bafejados pela percepção do sentido ancestral do conceito de comunidade, medir-lhe o sentido positivo e reapreciar a sua presença nas utopias contemporâneas. O encantamento pela proximidade a esse *paraíso perdido* desta pequena população rural repleta de criatividade social não afasta o entendimento das contradições existentes no seu território. Lugar onde se afirma o apego ao modo como se vive em comunidade, devido, por um lado, à necessidade de enfrentamento da violência política a que é

No meio de pretextos artísticos e tecnológicos as criações, transformações, recreações etc. são mais profundas nas pessoas envolvidas do que os espaços onde têm lugar. As reuniões em Conceição das Crioulas sempre foram muito intensas e por várias razões difíceis de explicar, a reunião da constituição do primeiro grupo do Crioulas Vídeo está marcada e permanece como um dos momentos que mais me transformou.

ASSIS, Tiago. Assistente da FBAUP, Porto/Identities

sujeita e, por outro, à memória viva desse ainda existente *círculo aconchegante*. Este apego ao valor de comunidade não ilude o presente, e a população ganha consciência crescente das contradições que encerra e enfrenta as agitações culturais internas no seu território, resultantes principalmente das interferências dos fazendeiros ocupantes das suas melhores terras, mas também das alterações sócio-culturais que vão sendo absorvidas e são desejadas.

Na pequenez da comunidade, reconhece-se a presença do presente como de um tempo já fruído, evidenciando uma aposta de abertura ao mundo. É o esforço que o IDENTIDADES partilha para dotar a população de instrumentos de comunicação e de informação, utilizando os meios contemporâneos e, em particular, o vídeo e a *internet*, permite-nos testemunhar como a utilização na narrativa do conceito de comunidade não prende a população a um passado já ausente nem a um isolamento mortífero para os esforços de desenvolvimento, não deixando de se constituir como mais um instrumento de uma identidade, que permanentemente se edifica. Como poucas, reconhece esta comunidade a impossibilidade de responder pelo individual aos constrangimentos impostos pelo cruel mundo globalizado.

LEITURA 2 . OPTIMISMO

Não se pode “ficar parado” na areia movediça.

BAUMAN, Zygmunt (1998): p.86

(...) um cruzamento possível para enriquecer o meu crescimento nas práticas artísticas.

RAINHO, Rita. Depoimento realizado no âmbito do Identidades

Esta leitura liga-se directamente à efectuada antes, dado que o optimismo, que se revela de forma clara no modo como a população se une em volta de um quotidiano de combate, se forja no sentido de *comunidade*. O sorriso no rosto das pessoas que vamos conhecendo irradia um sentimento de pertença a um lugar onde habita a sua história e se perspectivam as expectativas de melhores dias.

Perante uma evidente insegurança social, face a uma constante e violenta desmaterialização dos caminhos desejados para o futuro melhor da população, diante da incerteza sobre as condições de sobrevivência e ao descontrolo sobre cada presente, a arma de unidade e luta utilizada torna-se orgânica face à natureza como se edificou a consciência colectiva que, por inerência a essa qualidade, encara com optimismo o desenvolvimento da sua terra e o melhorar de suas vidas.

Partilhar esse clima irradiante de optimismo, verificar como se resiste ao infortúnio, como não se desespera perante os dissabores constantes,

como se mobilizam esforços para a construção de instrumentos que apressem um futuro melhor e solidifiquem a coesão do território, representa uma aprendizagem profunda impossível de não colher. E este optimismo, que ressalta para a abertura à experimentação, para o conhecimento do externo, é endógeno e educativo para quem transporta amiúde a insatisfação e o imobilismo face às mais pequenas dificuldades. E fornece outra leitura, se entendido como cimentado no respeito pelo lugar, pela valorização da pertença ao território, contrastando com a *irrelevância do lugar* na cultura ocidental, que nos remete para seres extra-territorializados, inseguros e angustiados.

LEITURA 3 . RESPIRAR A POLÍTICA

A necessidade do aprofundamento radical da corporização democrática só poderá ser atingida no âmago da sua vertente antagonista, encetando todas as possibilidades em aberto para a consecução de um objectivo explícito: a ultrapassagem da vertigem liberal em torno do apagamento do político e da preponderância económica.

A questão que fica é: como transportar para a prática artística todas estas preocupações políticas?

PEREIRA, Fernando José (2005). Diagnóstico: fractura exposta, in ID10, Porto, Gesto, 2007. p. 75

Foi surpreendente, nesta última estada em Conceição das Crioulas, ainda que confirmação de leituras já efectuadas em anos transactos, o modo como a comunidade se relacionava com as eleições locais em plena campanha. Não se tratava de uma adesão ao folclore eleitoral, mas a presença efectiva na discussão dos interesses da comunidade e a consciência da importância social que os resultados podem gerar. Conhecíamos a consciência da população, que no dia-a-dia reconhece a plenipresença da política na sua vida e a mobilização generalizada para a causa pública comum. Participámos em discussões sobre o projecto educativo das escolas da comunidade, assumidas como discussão política, de luta pelos interesses identitários da comunidade. É fácil encontrar quem converse, com conhecimento e opinião, sobre a postura governamental sobre a Terra e a sempre adiada Reforma Agrária, sobre a questão Indígena, sobre a afirmação cultural da *negritude*, sobre os problemas dos *quilombos*, dos *sem terra*. No nosso relacionamento com a população, em situações abertas e ocasionais e em situações institucio-

Levou-me a conhecer outras realidades e culturas, outras pessoas que sendo tão diferentes, a cada novo contacto percebia como somos tão parecidos enquanto seres humanos, com semelhantes desejos, anseios, preocupações, objectivos.

Sinto que a minha experiência com o Identidades tornou-me numa pessoa melhor, as alegrias e tristezas, os sucessos e insucessos de alguns projectos, enfim tudo vivido apenas contribui para eu crescer como pessoa.

SANTOS, Tatiana, Porto/Identidades.

nais, reconhece-se uma capacidade ágil de discernir, perante questões aparentemente laterais (no conceito que transportamos de remeter a política a uma esfera reservada de nossas vidas), como quando na área restrita do vídeo, ou no campo da Educação Visual, o modo como tudo interfere no percurso de luta da comunidade em defesa de um tempo menos áspero e de justiça. Respira-se política e essa naturalidade torna ilegíveis as recusas que transportamos de o admitir.

LEITURA 4 . DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

O pluralismo encontra-se no próprio núcleo da democracia moderna; caso desejemos uma sociedade mais democrática, necessitamos de aumentar o pluralismo e arranjar espaço para uma multiplicidade de formas de associação e comunidades democraticamente geridas.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 133

Não tenho dúvida, com todas estas vivências, demos o primeiro grande nó deste laço de amizades.

CORREIA, Iva, Identiddaes/Porto, 2002

Numa das primeiras deslocações efectuadas por uma equipa do IDENTIDADES a Conceição das Crioulas deparou-se-nos um problema simples. Para participar numa primeira oficina de vídeo que iríamos realizar a pedido da comunidade, estavam à nossa espera doze pessoas. O equipamento que transportávamos (nossa oferta) consistia num computador, uma câmara de vídeo, um microfone e respectivos cabos. A duração prevista da oficina seria de nove dias. Facilmente se percebeu que, para a oficina resultar e os participantes adquirirem autonomia na utilização da tecnologia e das linguagens, o grupo teria de ser reduzido, pelo menos, para metade. Colocava-se a questão de identificar quem seriam os seis jovens escolhidos para frequentar o pequeno curso. A escolha foi realizada numa discussão aberta e participada por todos, sem dramas e em plena democracia. Nem as responsáveis da associação (AQCC) presentes forneceram qualquer indicação na escolha. O resultado da escolha responsabilizou os participantes na oficina perante a população e o grupo empenhou-se afincadamente na aprendizagem, tendo obtido um inegável sucesso. O grupo do IDENTIDADES assistiu incrédulo à utilização de um método simples na resolução de um problema – a democracia participativa. Foi uma das primeiras lições de democracia que recebemos em pleno sertão. Não mais deixámos de presenciar o envolvimento da população nas decisões da comunidade e certificámo-nos, em momentos especiais e no quotidiano, como este processo eticamente atraente resulta em envolvimento da população na resolução dos seus problemas e em unidade da comunidade.

LEITURA 5 . NA AMÉRICA LATINA

Agora, a América nada mais é, para o mundo, do que os Estados Unidos: nós habitamos, no máximo, uma sub-América, numa América de segunda classe de nublada identificação.

GALEANO, Eduardo (1998): p. 12

A língua portuguesa ali falada dificulta a percepção de estarmos no continente americano quando nos movemos no Brasil. Iludidos pela usurpação pelo norte do continente da nomeação de *americanos* não reparamos suficientemente no facto de estarmos num continente Latino, na América do Sul, espaço habitado por uma diversidade de povos com personalidade própria, com uma história precisa e diversificada. A pluralidade de nações existentes consentem uma observação englobante, quer pelo passado comum de delapidação do seu património e destruição de grande parte das culturas nativas pelos invasores europeus quer pela resistência persistente contra as prepotências coloniais e contra a exploração imperialista de matérias primas.

Este sentido continental, cada vez mais presente no panorama político mundial, é evocado aqui para tornar evidente o reconhecimento que uma observação mais cuidada e um estudo mais intenso da arte deste continente permite distinguir: a presença da crítica, do humor e mesmo da ironia perante o que muitas vezes se tomava como modelo da modernidade europeia ou norte-americana. Em Borges, na literatura de Gabriel García Márquez ou de Mário de Andrade, no movimento antropofágico e no tropicalismo, na música genial de Villa-Lobos e de Caetano não faltam exemplos dessa arte de gerar uma actividade criativa que marca o local de onde emana, afirma a sua actualidade e seu sentido universal e, em simultâneo, glosa com ironia a modernidade Ocidental, que aprecia, incorpora e usa a seu bel-prazer.

O reconhecimento dessa ironia criativa pelo Ocidente não é suficiente para romper o egocentrismo desmedido com que nele sempre se apreciaram as artes que lhe eram externas e que remetiam, por tradição, para um capítulo lateral na história da arte.

O ruído espalhafatoso dos grandes acontecimentos artísticos que se realizam maciçamente pelo mundo e o cruzamento de presenças de todo o lado em todo o lado, se confundem a visão descrita, pouco lhe alteram o sentido, apenas pretendem o alargamento do mercado da arte, ainda que suscitem contaminações incontroláveis.

O resultado da produção do vídeo é sem dúvida uma conquista extremamente importante e que deve desencadear novas perspectivas, considero que os ajustes técnicos virão com o desenvolvimento da prática e com o exercício do olhar crítico no processo de produção.

SILVA, Delma, CCLF, *Identities/Brasil*, 2005

O contacto que adquiri com a arte do Brasil e de África argumentam a esperança no poder intrínseco dos seus artistas para a perturbação do mundo da arte.

LEITURA 6 . A BELEZA

Nada tem a ver, diremos, com uma construção mental. A paisagem tem as propriedades da eternidade da natureza, um “sempre já lá”, anterior ao homem e, sem dúvida, posterior a ele. Numa palavra a paisagem é a substância.

CAUQUELIN, Anne (2008): p. 30

a grande essência do
Identidades é essa, a busca
de uma singularidade no
colectivo, isso fascinou-me
muito.

GRANJO, Joana, Porto/Identidades,
2006

Precisamos saber afastar as inibições culturais que transportamos, formadas no estudo erudito da arte, no afastamento crítico do naturalismo, no horror às banalizadas imagens românticas da paisagem e aos olhares embebecidos do turista, para nos abirmos para a contemplação simples da natureza que se nos apresenta na sua completude. O crescimento selvagem da vegetação rasteira, dos cactos e das árvores que resistem à falta de água e ao intenso calor, o horizonte que se alarga, as cores distintas desta geografia, o céu que irradia um azul inimitável, nuvens desenhadas e noite de estrelas luminosas. Os precisos segundos em que o sol se inclina e nos irradia com seus ultra-violetas, entre as nuvens escuras de trovoada anunciada, esses, destroem todas as inibições culturais e apelam para um silêncio que dá a cada um de nós a capacidade plena de saborear a emoção que a beleza nos oferece.

LEITURA 7 . ANTROPOFAGIA

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de Senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

manifesto antropofágico, 1922. in <http://www.puc-campinas.edu.br/centros/clc/jornalismo/projetosweb/2003/Semanade22/manifesto.htm>

A partir da tese de mestrado que defendi e do estudo que me acompanha das artes brasileiras tornou-se mais evidente a importância do movimento antropofágico. Não se trata apenas de um estudo teórico de entendimento de um importante movimento do modernismo mundial,

registado no início do século XX no Brasil, mas do aproveitamento desse estudo para a compreensão das possibilidades que o contacto com experiências externas ao nosso lugar fornecem para a digestão dos ‘nossos problemas’ (que afinal não serão nunca apenas os *nossos* problemas) e para o conhecimento do mundo.

As limitações culturais e a incapacidade de vencer o preconceito na hora de fruir a novidade, e isso é notório em todas as viagens que o IDENTIDADES realiza, impedem a optimização da aprendizagem possível de efectivar perante a intimidade com que nos relacionamos com modos distintos de ver, de sentir, entender a arte e produzir cultura.

Muitas vantagens teríamos se soubéssemos imitar o movimento antropofágico, sabendo deixar irradiar a sua autonomia irónica, e deglutíssemos as experiências existentes no outro cultural. E, sentindo o calor tropical, entendéssemos, como o fizeram os jovens irreverentes do Tropicalismo, como se podem saborear todos os paladares existentes, beber os aromas infindáveis que ignoramos, para enriquecimento da nossa capacidade de percepção do mundo e ampliação do nosso repertório cultural e criativo.

Será preciso acrescentar que as inibições culturalmente impostas correspondem à persistência de um sentimento europocêntrico, incapaz de ver no outro um igual, reconhecendo e respeitando integralmente as suas identidades.

No entanto, e o Brasil é apenas um excelente exemplo disso mesmo, a capacidade para integrar no quotidiano o que se observou é tão intensa, que nos avassala no relacionamento que lá estabelecemos e até origina situações para nós inóspitas e inesperadas, como quando nos interrompem com estranheza, referindo:

— Como você fala bem o português?

LEITURA 8 . PÓS-COLONIALISMO

A verdade só surge quando se renuncia a toda e qualquer ideia pré-concebida.

SHOSEKI, mestre Zen. citado em HALL, Edward (1983): p. 38

Seria bonito, neste mundo que se anuncia como do pós-colonialismo, viajar pelas antigas colónias e não esbarrar, com demasiada frequência, com a permanência das suas mais antigas e intoleráveis pechas. O racismo, em particular, tarda em desaparecer, ainda que vista hoje a camuflagem da miscigenação e do hibridismo, e se esconda em formas

Fazendo eu parte do grupo “Identidades” desde 1996, a primeira coisa que me ocorre referir é que este é um projecto cheio de “coisas boas”, com as quais me identifico bastante.

GRALHEIRO, Raquel,
Identidades/Porto, 2001

Este tipo de acções tem vindo a desaparecer um pouco por toda a parte, engolido pela ganância e ignorância que ainda domina (e dizima) o Homem; participar nele foi, pois, um privilégio e uma forma de revitalizar laços culturais que, se não unem Brasil, Moçambique e Portugal, pelo menos estendem entre eles uma fabulosa ponte cultural preñe de interesses comuns e muita amizade: prova de que vontade e energias para levar avante tão bela, significativa e compensadora missão, não faltam.

NGOMANE, Nathaniel, escritor moçambicano, *Identidades/Brasil*, 2001

mais brandas e não assumidas. Uma simples leitura estatística da diferença percentual entre a população negra e a sua presença em lugares de responsabilidade empresarial e institucional tornaria clara a dificuldade em se criarem relações sinceramente modernas e democráticas. É fácil para quem é branco ou está no poder referir que o racismo foi erradicado, sem atender à realidade que afasta os índios e os negros dos bons empregos e do acesso democrático à escolarização qualificada.

A questão da posse da terra pode ser lida ainda como um outro exemplo de como a espoliação da propriedade realizada pelos colonos invasores ainda impera, não permitindo que as populações de índios e de quilombos usufruam da parte das terras a que têm direito..

Se no Brasil o afastamento de um quotidiano colonial é mais acentuado que noutros países com a Independência celebrada mais tarde, é preciso ainda libertar uma vontade política mais declarada e assumida para se ultrapassarem os quadros de baixa democracia que vigoram e se estabelecerem relações de cidadania plena que marquem a ruptura com a situação colonial que imperou durante demasiados anos.

LEITURA 9 . VIAJAR?

Descobrir um novo mundo não é habitá-lo; mas sim alargar o seu horizonte e, para o artista, vir a ser convocado, talvez, para novas aventuras.

DUFRENNE, Mikel (1976) — (I Vol): p. 35

(...) acredito que cada um de nós é o reflexo das suas experiências fruto dos caminhos que foi tomando. sinto que, não foi coincidência entrar na faculdade do Porto e consequentemente no IDENTIDADES. A pessoa que sou hoje é a consequência da 'coincidência'. Não me imagino noutro lugar, noutro papel. O que significa que estou satisfeita com o caminho que tomei.

FERNANDES, Cátia. Porto/Identidades

Faço a mala tantas vezes ao ano que se torna banal e sem qualquer emoção o gesto rápido de ensacar as poucas roupas que o calor que me espera exige. A família despede-se sem dramatismo nenhum, com um até breve. Hiberno desde que entro no aeroporto, seja ele qual for, onde posso ensanduichar sempre o mesmo *menú* e percorrer as mesmas rotinas onde apenas sou um passageiro despersonalizado. Apanho o avião, onde adormeço para evitar a observação impaciente e ritualizada do percurso virtual mapeado no ecrã que se oferece em frente a todos. As mesmas hospedeiras desconhecidas servem-me o *catering* do dia ou da noite, as mesmas revistas, os mesmos imprevistos e ocorrências. Não saio da casa onde me sei enraizado, nem procuro roteiros vagabundos nem ampliar o meu léxico de turista global nem quero angariar imagens de comprovação perante os amigos. Apenas me desloco. Movo-me do lugar que deixo vazio para um outro que não ocupo e onde não pertenço. Desloco-me para encontrar a minha utilidade, para me entender, para

conhecer esse desconhecimento que se me apresenta e que mobiliza a acção e o movimento. As deslocações também permitem acompanhar a tensão exercida pela geografia entre os discursos pós-coloniais proferidos na Europa e a narrativa local sobre a percepção da actualidade que se constrói na consolidação da independência conquistada.

À chegada há sempre uma outra exaltação, não me espera uma *suite* num qualquer *hilton*, nem sequer um serviço eficiente de *transfer*. Um grupo de interlocutores tornados camaradas arranca-me as bagagens das mãos e espalha abraços-de-boas-vindas, e o momento aquece mais que a temperatura exterior.

Em cada desembarque há sempre coisas novas que aguardam e coisas novas para surpreender. É sempre um reencontro não de repetição mas de movimento. E não são verdadeiramente os acontecimentos exteriores que me cercam que me fascinam e me perturbam, mas é a possibilidade de reconhecer no agir e no pensar as projecções dos impulsos pessoais reprimidos e desconhecidos. Nos palcos onde actuo exponho-me, não no debitar de narrativas autoritárias mas na fragilidade de quem reconhece a sua incompletude e se quer orientar nas encruzilhadas. Simplesmente se procura o exercício de um diálogo transnacional.

LEITURA 10 . ARTE

(...) arte é uma palavra e uma categoria europeia, que está geralmente ausente da maioria das línguas e das culturas não-ocidentais.

DIAS, José António B. Fernandes. "Arte e Antropologia no Século XX: modos de relação", in *Etnográfica*, Vol. V (1), 2001, p. 106

Desde os primeiros contactos, sempre os diversos grupos do IDENTIDADES que se deslocaram a Conceição das Crioulas se apresentaram perante a população como artistas. Não houve nenhuma estranheza perante essa particularidade até porque os projectos em que nos envolvemos instalaram-se em volta de 'oficinas artísticas': expressão plástica; técnicas de impressão; cerâmica; desenho; vídeo. Conquistada ao longo dos anos a confiança entre *toda a gente*, as conversas desfilaram para o nosso interesse em instalar na comunidade um projecto de intervenção artística colectiva com a população, sendo esta parte integrante de todo o trabalho. Adquirida a cumplicidade, o programa está a ser desenhado em conjunto com a população da pequena aldeia de Vila União e com a de Vila Centro, aglomerados urbanos situados no território quilombola de Conceição das Crioulas.

Outro objectivo proposto, que ultrapassou as minhas melhores expectativas, foi o lançamento da “Colectânea Breve de Literatura Moçambicana”, assim como a participação dos escritores moçambicanos, quer nos debates sobre literatura, quer no debate sobre teatro, organizado pelo Rogério Manjate, que na minha opinião, proporcionou um dos momentos mais interessantes deste intercâmbio. Penso que, no geral, a recepção da “Colectânea” foi positiva, sublinhando um vez mais o interesse em realizar um segundo volume.

ANTÃO, Natacha, *Identities/Porto*, 2001

Quer este projecto quer o programa que iniciámos com as escolas da comunidade, com a finalidade de integrar a área das expressões artísticas nos currículos educativos, evidenciam a ausência da arte na comunidade, onde o conceito (que construímos na Europa) não aparece e onde não se afirmam artistas. O artesanato ganhou expressão, como fonte de renda e como afirmação cultural identitária e as artes populares (dança, música, culinária,...) diluem-se no quotidiano.

Nesta realidade sócio-cultural aprendemos a distância que separa, persistentemente ampliada, a arte (no conceito erudito e cosmopolita que se utiliza nas sociedades urbanizadas) de grandes parcelas da humanidade. E se a arte apenas faz a falta que faz, para nós, professores e estudantes de arte e artistas portugueses, a consciência dessa distância também significa, num elevado grau de complexidade, a dificuldade e o desinteresse que existe no estreitamento dessa separação. E é no sentido de melhor entender esse beco de incomunicabilidade que as deslocações que realizámos se tornam importantes na gestão individual da incomodidade que essa verdade causa.

LEITURA 11 . BARULHO

Na sociedade moderna, as estradas e as auto-estradas, as pontes e as ruas, as praças e os descampados transformam os nossos hábitos, regulam ou interditam a marcha, originam alguns dos nossos gestos tornados habituais e condenam outros.

CAUQUELIN, Anne (1998): p. 58

(...) para me orientarem a nível pessoal. Perceber e tomar consciência do acto de comunicar. Perceber e combater as fronteiras que existem socialmente. Perceber e assistir, fazendo parte, às mudanças orgânicas dos vários encontros. E, perceber o exercício constante de renovar constantemente aquilo que se julga que se percebeu.

FARIA, Mónica, *Identities/Porto*.

As deslocações ao Brasil presenteiam-nos com duas atmosferas sonoras completamente contraditórias, que nos permitem entender a dificuldade que temos em lidar com o silêncio, familiarizados que estamos com a presença permanente de algum ruído de fundo.

No interior sertanejo, a contemplação dos sons da paisagem ou inerentes ao movimento da população mistura-se com os ruídos sonoros que distribuem a *música* pelo território, tentativa de ocultar a privacidade do lar (demasiado encostado para quem ainda se recorda do isolamento rural). É um contraste que não permite indiferenças, afirmando um silêncio estranho para quem se transporta dos ambientes urbanos de ruído permanente, e também sons estridentes desconhecidos da natureza ou propagados pelas *altruístas* colunas de som. No Recife, na zona comercial da baixa da cidade, o despique promocional gritado por fortes colu-

nas de som de cada casa comercial situa-nos num caos sonoro que, se irritante, apenas o é pela diferença de decibéis do ruído de fundo que sempre nos acompanha na nossa vida urbana.

A naturalidade com que apreciamos o barulho que quotidianamente nos cerca, quase nos faz esquecer a sua artificialidade e leva-nos a não estranhar a dificuldade que temos de lidar com o silêncio ou com a simplicidade da natureza.

LEITURA 12 . A NARRATIVA

AMOR DAS PALAVRAS

*Amo todas as palavras, mesmo as mais difíceis
que só vêm no dicionário.
O dicionário ensinou-me mais um atributo
para o sabor dos teus lábios.
São doces como sericaia.
Faz-me pensar ainda se a tua beleza não será
comparável à de huris prometidas.
No dicionário aprendi que o meu verso é
por vezes fabordão e sesquipedal.
Nele existe o meu retrato moral (que
não confesso) e o dos meus inimigos,
rasteiros como seramelas sepícolas
e intragáveis como hidragogos destinados à camua.
O dicionário, as palavras, irritam muita gente.
Eu gosto das palavras com ternura
e sinto carinho pelo dicionário,
macio e baixo e pelo seu casaco, azul
desbotado, de modesto erudito.*

KNOPFLI, Rui (1959). O País dos Outros, in *Obra Poética*,
Imprensa Nacional Casa da Moeda (2003). p. 49

Pesem embora sucessivos adiamentos, ainda mantemos a vontade de produzir um evento que junte autores de diferentes *especialidades* e de diversos países, para se confrontarem os modos como a *narrativa* está presente nos processos criativos e nas obras de cada um. Este interesse nasceu da evidência dessa importância tornada consciente nas conversas cruzadas com diversos escritores, no Recife em pleno Festival Recifense de Literatura (onde constituímos pertença regular), sobre as

(...) é importante estar disposta a desaprender. Um pouco como diz um dos meus poetas favoritos – Manoel de Barros (uma das muitas descobertas preciosas que fiz), no seu “O Livro das Ignorâncias”: “desaprender oito horas por dia ensina os princípios.”

VILAVERDE, Maria Jorge,
Porto/Identities.

preocupações transversais do trabalho que o movimento IDENTIDADES promove. E, mais tarde, de modo mais intenso, nas polémicas com o poeta Pedro Américo de Farias e com a investigadora Maria Alice Amorim. Também em Maputo, conversando com Mia Couto sobre esse cruzado interesse, fomos remetidos para a exigida proximidade do tema com a arte Makonde, onde a narrativa é a realidade que se torna em objecto escultórico. São demasiadas as ligações estabelecidas com escritores e eventos relacionados com a literatura para que não se torne claro o espaço existente de cruzamento de experiências e saberes, neste caso concreto, em volta da presença da narrativa na arte.

Esta leitura apenas pretende registar o campo que o relacionamento interdisciplinar efectivado fornece para o desenvolvimento de novas reflexões de onde se pretendem, como sempre e apenas, retirar experiências pessoais para que cada um as possa incorporar na sua personalidade e na sua acção.

LEITURA 13 . TÃO PERTO E TÃO LONGE

A incredulidade de S. Tomé está definitivamente ultrapassada. Acreditamos nos milagres não por lhes tocarmos, mas sim se alguém no-los vem contar: por isso ao retardador.

CALABRESE, Omar (1987). L'Etá Neobarroca, A Idade neobarroca, Lisboa, Edições 70, 1999, tradução de Carmem de Carvalho, p. 68.

A pele escura e brilhante que se expõe e passeia orgulhosamente pelos caminhos de Conceição das Crioulas corresponde a uma consciência partilhada do valor cultural da negritude, presente na sua luta prolongada pela dignidade, pela democracia pluralista e contra a segregação. A história desta comunidade retoma a luta contra a escravatura e manifesta a importância de se reavaliarem, reconhecerem e entenderem os percursos levados ao esquecimento pelas proibições coloniais, pelo despotismo, pelo medo e pela vergonha.

Numa das conversas com uma professora da comunidade quilombola estudada foi-nos revelado (na primeira pessoa) como o estudo da história da negritude tinha afastado a vergonha da cor da pele, para o assumir de um orgulho pessoal, sustentado no reconhecimento de uma pertença ao seu grupo social, dignificado pela verificação da sua dimensão cultural e identitária. A negritude, a condição concreta de discriminação e a clareza da necessidade de corrigir as insuficiências da democracia, são assunções claras desta comunidade. Essa consciência remete forçosa-

mente para África, sempre evocada como laço estreito de ligação ao passado, de proximidade emocional e transcendental que afirma a sua presença na religiosidade, na música e na dança, na comida, no corpo. Há, no entanto, um profundo desconhecimento do que se passa nas áfrias de hoje, decorrente dos processos de construção dos países que a Independência do jugo colonial permitiu, ignorância das grandes transformações culturais em curso, do despertar dum pensamento contemporâneo, do eclodir de novos artistas, ... Mesmo no que hoje perdura das suas tradições, do modo de relacionamento com a morte e com os antepassados, do que da música e da dança que permanecem se funde com a vida, muito se desconhece e, aliás, pouco interesse se manifesta em conhecer, para além de um apego mitológico a uma imagem de África que não existe.

A acção missionária no Brasil, o afastamento geracional do tempo dos antepassados africanos e a modernidade cavaram uma distância natural que exigiria um estudo profundo para medir as proximidades, entender as presenças e as pertenças identitárias de uma africanidade desejada. A minha presença regular em África e no Brasil permite-me entender o que descrevi, sem no entanto constituir mais do que uma *leitura* que remete para uma investigação ainda quase nada realizada, mas imprescindível para a clarificação desse afastamento mais do que presença.

Entrei em contacto directo com o Projecto Identidades em 1997 ou 98. Durante um certo tempo era quase que como espectador porque a projecto ainda actuava mais na área das artes plásticas. Eu sempre trabalhei no teatro e com grandes interesses na escrita.

Mas já neste período inicial encontrei pessoas com quem nunca teria tido oportunidade de encontrar se não fosse neste intercâmbio. Mantive, ainda mantenho, uma relação bastante para mim, quer como homem, quer como artista; ainda que não seja fácil valorar ou enumerar os seus efeitos. São os pequenos acréscimos inclusive imperceptíveis que o simples encontro entre pessoas de diferentes sensibilidades sempre implica. Estabeleceram-se pontes de afectos que duram até hoje; cada vez que os atravesso, exercito o olhar, apreendo novos olhares. Este encontro com o outro serviu de cama para algumas formulações futuras.

MANJATE, Rogério. Escritor, actor e encenador de teatro, Moçambique, Identidades .

EM PORTUGAL . ALENTEJO

Pensa-se que a memória já não serve para grande coisa, o que é mau. O tempo gera acumulação de experiência e de sabedoria. Está a deitar-se para o lixo o produto desse lento aumento, que levou séculos a formar. Com tudo o que isso implica de aprendizagem desperdiçada.

MATTOSO, José, entrevista – História, Fev. 2000

A vila é cal e pedra sobre água. Doura-a a luz. Vem do céu e da cal. O xisto é uma cintura de fogo. O olhar resguarda-se na penumbra, assombra-se das janelas e das portas. A madeira sustém o lume.

Aproximamo-nos por terra. Mértola olha-nos do alto, das frestas caiadas abertas na muralha. Subimos e surpreendemos o rio. Vemo-lo dos morros, dos muros, das ruas, das casas; festejamo-lo do eirado da mesquita e da torre de João Fernandes, mestre da Ordem de Santiago.

COELHO, António Borges (2001). Mértola. Museu Islâmico, in Museu de Mértola: Arte Islâmica, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2001, p. 11.

O Campo Arqueológico de Mértola é uma associação cultural e científica sem fins lucrativos de utilidade Pública que tem como objectivos estatutários o 'Fomentar o levantamento, o estudo e pesquisa do património da região de Mértola e a sua conservação e salvaguarda, podendo, para tal, cooperar com entidades públicas ou privadas em acções científicas ou de promoção cultural e social'.

Texto de apresentação, 2007, in <http://www.camertola.pt/>

Foram apresentados anteriormente estudos de três casos, tomando como objecto observado o trabalho desenvolvido no âmbito do movimento IDENTIDADES em Moçambique, em Cabo Verde e no Brasil. Contrariando o sentido dos casos anteriores, o estudo aqui alojado não se confina às actividades daquele movimento de intercâmbio artístico, mas reporta-se à investigação realizada, a partir de contactos directos com um dos exemplos mais complexos e reveladores da força dinamizadora da cultura na evolução de um local — Mértola. Esta preferência, descentrando a análise das acções realizadas pelo movimento, mesmo as ocorridas em terras do Alentejo, na cidade do Porto, em Tondela ou em outros locais, tem como motivo a utilização da experiência do CAM — Campo Arqueológico de Mértola. Trata-se de um caso exemplar de actividade científica, alojado num tempo de desenvolvimento local e entendida como integrada no espaço de luta pelo progresso sócio-cultural e de resistência à desertificação e despovoação do interior. O distanciamento do estudo da actividade concreta realizada, é compensado por uma abordagem, a partir de uma investigação centrada num caso exemplar, sobre os conceitos e as práticas de desenvolvimento e, particularmente, acerca dos esforços para a sua comunicabilidade e interacção com as populações.

A leitura deste caso limita-se ao decorrido apenas depois da Revolução de Abril, focando assim toda a atenção na fase actual de participação nos destinos da Região de Mértola, do campo de investigação e de trabalho criado e desenvolvido do CAM, e da actividade cultural por si promovida. Acrescenta-se a este estudo sobre o CAM um apontamento sobre um outro caso, apresentado como exemplo, por acrescentar um outro ângulo do envolvimento de artistas e de agentes culturais no rumo do desenvolvimento local.

Desde muito antes da criação do IDENTIDADES cruzei a minha vida com os destinos de Mértola, participando e colaborando em muitas iniciativas

organizadas pelo Campo Arqueológico de Mértola, a maioria das vezes na companhia dos alunos de então. Esse envolvimento militante, fruto da adesão à política cultural seguida pelo CAM, dotou-me de uma experiência constituinte da personalidade e inspiração para muitos dos meus passos. O IDENTIDADES é criado num impulso que muito deve a esse envolvimento, que lhe bebe a experiência e que se prolonga no presente.

MÉRTOLA . UM EXEMPLO

A história do Mediterrâneo é afinal uma história fantástica de saber olhar, de saber ver o “outro”, de respeitar o diferente. É a história de uma cultura milenar onde é vital o equilíbrio hábil de tensões e de saberes.

TORRES, Cláudio (2008). Camponeses e mercadores no Mediterrâneo, in *Arqueologia Medieval*, n. 10, Fev. 2008, p. 11.

A vila de Mértola, transformou-se em *Vila Museu*. Quem hoje entra em Mértola reconhece que a vila se apresenta na riqueza de sua história, oferecida numa quase ostentação patrimonial. A população incorpora um sentimento saudável de vaidade e responde ao visitante com uma sabedoria colhida no seu relacionamento com a permanente pesquisa arqueológica, com o conhecimento que se vai produzindo, com a abertura de um e mais outro núcleo museológico, com as iniciativas culturais abundantes, com a valorização do seu território.

No passado remoto, Mértola, porto fluvial de ligação do Mediterrâneo para Norte, teve particular relevância social e económica enquanto importante posto comercial da região. O pequeno burgo, onde se construíram imponentes muralhas, ocupando um cerro íngreme cercado pelos rios Guadiana e Oeiras, garantiram excelentes condições de defesa. Com a situação geo-estratégica existente, tornou-se facilmente numa importante cidade romana, depois capital dum reino taifa, e ainda primeira sede dos cavaleiros da Ordem de Santiago.

No passado longínquo, as comunidades agro-pastoris proto-urbanas, que se instalaram no território em torno do I milénio a.C., desenvolvem um profundo sentido de aproveitamento dos recursos endógenos e, em particular, da exploração dos afloramentos metálicos extraordinariamente ricos em cobre, ouro e prata.

Os Fenícios, por volta do Século VII a.C., em busca das riquezas metálicas do sul da Ibéria, impulsionam o comércio no Sudoeste peninsular, criando em Mértola um entreposto comercial de importância regional.

(...) penso que o dever do professor é fornecer informação e conhecimentos, transmitir aos estudantes coisas que anteriormente não conheciam.

BARSAMIAN, David (2003): p. 93

Foi descoberto, em Mértola, um mausoléu do século VI d.C. “único no Ocidente”, que terá servido para sepultar “pessoas importantes” de origem grega. Esta descoberta arqueológica testemunha a presença de orientais em Mértola antes da islamização. (...) Trata-se de “um mausoléu fantástico, absolutamente fora de série” e “o único edifício mortuário do género achado em todo o Ocidente do Mediterrâneo, onde, até agora, não há nenhum parecido”, afirma Cláudio Torres.

in <http://www.camertola.pt>, 2009.

A basílica paleocristã de Myrtilis foi lugar de doutrina e culto e foi escola e cemitério. Podemos admitir que grande parte da vida da cidade, nesta época, gravitou à volta desta instituição que, pela acumulação de todas estas funções, desempenhou um importante papel social na comunidade.

FERREIRA, Maria Luiza Estácio da Veiga Silva (1993). Prefácio, in *Museu da Basílica Paleocristã, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola*, 1993, p. 19

Se fôssemos acreditar na historiografia oficial que, durante o regime anterior ao 25 de Abril, impôs a sua lei e que ainda hoje domina parte do nosso ensino universitário e vocifera no pequeno ecrã, teríamos forçosamente de concluir que os cinco séculos do Islão em Portugal se resumem ao prefixo *al* e ao perfume da flor de laranjeira. Passados dez anos de aturada investigação, Mértola pode mostrar não só a mais significativa colecção de arte islâmica portuguesa, com o seu conjunto cerâmico que ombreia com as mais importantes colecções mundiais, como despertou o interesse científico por este período da nossa história medieval.

TORRES, Cláudio (1989). Mértola Vila Museu, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, p. 50.

Desde a década de 70 presenciei, em sucessivas visitas às instalações da recém encerrada Mina de S. Domingos, incrédula e revoltada, o lento e irresistível processo que levou à ruína de uma das mais vastas e significativas paisagens industriais da Europa.

ROSENTHAL, Gisela (2006). Olhares sobre um Lugar. Catálogo de exposição itinerante, 2006/2007.

Passados 150 anos, pouco mais sobra que a memória. Homens e mulheres que ainda guardam dentro de si, cada instante desses tempos que são a história da terra.

REGO, Miguel Luís Vieira (2004). Mina de S. Domingos, 150 anos de História, Mértola, Câmara Municipal de Mértola.

Mas é no período de ocupação romana que *Myrtilis* se constitui como um núcleo aglutinador de toda a vasta região vizinha e vê florescer a actividade comercial e portuária. Com o desmoronamento do Império Romano (séculos IV e V), todo o conventus de Pax Júlia, de que Mértola assume o papel de porto fluvial de ligação ao Mediterrâneo, acompanha a transição do paleo-cristão para o período muçulmano.

No século VII *Mārtula* é sede do reino Taifa e o mais importante centro regional, mesmo considerando a proximidade de Beja, na época acompanhando a queda do Califado de Córdoba. As estradas construídas no período romano, que ligam a navegabilidade do Guadiana até Mértola e daí até Beja e Évora, permitem um crescente florescimento mercantilista, um desenvolvimento urbano e uma evolução civilizacional, verificada no património construído, na evolução da língua e nos modos de vida. A conquista de Mértola por D. Sancho II (1238) vai ser precedida de alterações políticas e religiosas (a vila é doada à Ordem de Santiago). As elites comerciais são expulsas para Sevilha ou para o Norte de África e verificam-se modificações profundas na estrutura fundiária e na base económica. A actividade mineira sofre uma recessão substituída por uma actividade agrícola já em decadência. A região perde a sua importância geo-estratégica. Desde então, remetida ao ostracismo, raramente verifica o dinamismo de outrora. No século XV e XVI, ainda assiste a um acréscimo de importância, sendo o seu porto utilizado para o escoamento de produtos de aprovisionamento das tropas portuguesas instaladas nas praças fortes marroquinas. Mas, de novo volta a um adormecimento urbano e demográfico, apenas perturbado pela exploração mineira da Mina de S. Domingos por consórcios internacionais (séculos XIX e XX). As campanhas do trigo (1906–1950) e o desenvolvimento latifundiário desertificam ainda mais os solos e geram o abandono das populações que rumam para a periferia industrial de Lisboa ou emigram. O encerramento da Mina (1966) representa mais um cataclismo na região, que assiste, a partir de então, ao despovoamento dos *montes* e da vila e convida a um adormecimento prolongado na beira do rio.

As informações vinculadas pelo Instituto Nacional de Estatística mostram uma evolução positiva do povoamento concelhio até 1950: 9 617 habitantes em 1801; 10 757 em 1849; 18 910 em 1900; 23 310 em 1930; 29 353 em 1950, e do posterior despovoamento: 26 026 em 1960; 14 385 em 1970; 11 693 em 1981; 9 805 em 1991; 8 712 em 2001; 7 996 em 2004. À diminuição dos habitantes corresponde ainda uma gradual subida do índice de envelhecimento, registando em 2003 valores do segundo concelho com maior índice na região do Baixo Alentejo. Este envelhecimento

corresponde à baixíssima taxa de natalidade resultante dos fortes movimentos migratórios de várias décadas que quebraram os laços de hereditariedade e afastam a população em idade activa do concelho.

Resultado de políticas de desenvolvimento desastrosas, o isolado concelho de Mértola, com poucos recursos endógenos qualificados e afastado dos eixos de comunicação, foi remetido a um profundo esquecimento, onde a baixa densidade populacional e o envelhecimento progressivo da população contribuem para o adormecimento da própria auto-estima promovido pela política nacional centralizadora. O poder popular saído da Revolução de Abril ainda ateou um considerável ânimo social, mas a persistência em políticas governamentais continuadas de ostracização e desertificação do interior alentejano não permitiram fazer inverter a tendência para a desvalorização socioeconómica da região.

Mértola, se esquecida durante muitos anos, e adormecida, não esteve por isso sujeita a intervenções profundas na malha urbana medieval, e a teia habitacional tradicional, sobreposta ao antecedente, prevaleceu imaculada durante muitos anos. Esta particularidade permitiu preservar intactos os vestígios do seu passado, mantendo viva a possibilidade de um estudo profundo de uma das épocas mais ignoradas e deturpadas da nossa história — o período islâmico e o tempo da conquista cristã. Foi com esta percepção que o arqueólogo Cláudio Torres, na época professor na Faculdade de Letras de Lisboa, se desloca para o Alentejo a convite de um seu antigo aluno, então Presidente da Município, o malgrado Serrão Martins e inicia o trabalho que vai levar à fundação do Campo Arqueológico de Mértola.

O CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

O mundo medieval, enleado no romantismo oitocentista, foi durante largas dezenas de anos o pântano propício às mais descabeladas justificações nacionalistas. Hoje ainda o tropear de cavalgadas e o rasto espumante das caravelas perpassam heróicos pelos comissariados comemorativos e bancos universitários, enquanto no nosso pequeno ecrã de todos os dias, os pequenos comerciantes da feira das histórias murmuram tristemente sobre o passado perdido. Contudo, em tempo de novas identidades, são lançados olhares curiosos sobre espaços periféricos, sobre as zonas movediças do quotidiano. Neste espaço, o de bermas imprecisas, as guerras e os castelos esbatem-se na penum-

Com o objetivo de estabelecer uma “ponte” entre as gerações do início e do final do século, professores e alunos da Escola EB2,3/ES se S. Sebastião de Mértola, recriaram, na antiga Rua Larga (actual Rua 25 de Abril), o ambiente vivido por altura de uma tradicional feira de S. Mateus. Uma feira que servia para trocas comerciais, para as jovens mostrarem os seus vestidos e para reencontro de familiares.

PEDROSA, Nélia e MATEUS, Rui (2000). A Feira do tempo dos nossos avós.

in Mértola, Revista Municipal, n. 2, 2. semestre de 2000, p. 40.

O Alentejo encontra-se entre as regiões mais pobres da Comunidade Europeia. Esta condição radica, naturalmente, em múltiplos factores de ordem histórica, geográfica, climática, económica, social e cultural.

QUINTAS, Célia (2000). O Mito da interioridade – Desenvolvimento Local no Alentejo, Actas do IV Congresso Português de Sociologia, in http://www.aps.pt/cms/docs_priv/docs/DPR462dede3445do_1.pdf.

Mértola manteve, desde o período pré-romano, um papel de relevo na animação dos circuitos económicos do Sul de Portugal e na ligação desta região com outros pontos do Mediterrâneo e com a costa atlântica de Marrocos, regiões entre as quais existiu tanto um milenar trânsito de pessoas como uma longa prática de intercâmbio económico e cultural.

MACIAS, Santiago (1996): p. 37

Meio escondida no borrar e tão escura como ele, a bojuda e a simples panela, tal como a luxuosa tigela de “corda seca”, pode mostrar-nos a organização interna de uma casa de habitação nos recônditos da dispensa ou nos reluzentes pavimentos do salão, pode falar-nos da vida familiar e comunitária do pequeno artesão, ou do senhor da guerra.

TORRES, Cláudio (1987). Exposição de Cerâmica Islâmica Portuguesa — Catálogo, Mértola, CAM, 1987.

bra de uma outra história, para cuja abordagem, além do discurso escrito, convergem os gestos e os sons da etnografia, as redes metodológicas da sociologia e do frágil artefacto arqueológico. A história moderna começa a curvar a cabeça, para entrar na casa camponesa e ver, com o olhar etnológico, o fundo da alcova e o recanto da lareira. Depois das cantarias e balaústres, dos veludos europeus, sente-se a aspereza dos surrubecos, toca-se o tijolo cru e a terra pisada.

TORRES, Cláudio (1991). *Palavras Prévias*, in *Arqueologia Medieval*, n.º 1, Edições Afrontamento (1992), p. 3

Constituído como uma associação cultural e científica de Utilidade Pública, o CAM inscreve nos seus estatutos a sua missão: ‘Fomentar o levantamento, o estudo e pesquisa do património da região de Mértola e a sua conservação e salvaguarda, podendo, para tal, cooperar com entidades públicas ou privadas em acções científicas ou de promoção cultural e social’.

Desde a sua criação em 1978, o CAM desenvolve uma investigação científica multidisciplinar com um interesse directo pela História e Arqueologia. Os seus grupos de trabalho têm vindo também a dedicar-se à História Local, ao património histórico, à herança artística e cultural, à Museologia e à Antropologia Física.

A leitura arqueológica do legado existente, a partir das escavações realizadas na vila de Mértola e em outros locais da região (Alcáçova do Castelo de Mértola, Rossio do Carmo, Mesquita de Mértola, Castelo de Mértola, Achada de S. Sebastião, Cine-Teatro Marques Duarte, Hospedaria Beira Rio, Biblioteca Municipal, etc), o levantamento da Carta Arqueológica do Concelho e toda a investigação científica desenvolvida geraram um entendimento profundo quer no percurso histórico da localidade quer na revelação de uma leitura contemporânea do espaço das culturas do Mediterrâneo e, em particular, do Islamismo, na História da Humanidade em geral, e na de Portugal em particular.

Durante anos a fio, o CAM realizou uma militante pesquisa arqueológica e uma investigação profunda, que lhe granjeou uma respeitabilidade científica e potenciou o desenvolvimento progressivo de projectos de pesquisa, a publicação contínua do resultado da investigação, a organização de acontecimentos científicos de âmbito internacional. Hoje, concentra uma invejável capacidade de investigação, organizada através da união numa única Unidade de Investigação, partilhada com o Centro de

Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, destinada a potenciar e estimular o estudo histórico, artístico e arqueológico numa perspectiva pluridisciplinar, e dispõe de vários gabinetes de trabalho e investigação (Gabinete de Materiais não Cerâmicos; Gabinete de Cerâmica; Gabinete de Antropologia Física; Gabinete de Desenho; Centro de Documentação).

A partir das escavações arqueológicas, iniciadas em 1978, centradas nos terrenos da antiga alcáçova, de um esforço permanente de revitalização do Património Arquitectónico e de toda a investigação realizada, foi-se erguendo o Museu de Mértola que compreende hoje um conjunto de vários núcleos temáticos, situados em diferentes pontos da vila e que apresenta publicamente o valioso património e uma narrativa coerente da identidade local. A visão multidisciplinar do projecto, não fechou em si o estudo arqueológico e histórico, mas envolveu-o num sistemático levantamento etno-antropológico, que permitiu esclarecer dilemas interpretativos das campanhas arqueológicas e do estudo dos artefactos encontrados e que resultou no enriquecimento do Museu de Mértola, da Oficina de Tecelagem, da Oficina do Ferreiro e tornaram visível o valor patrimonial de actividades estruturantes do tecido cultural, como a pesca, a gastronomia, a agricultura, a joalheria e a relação com a natureza.

Mértola lava os olhos no rio, hoje como há dois milénios, embora não seja possível, como disse o grego Heraclito, banhar as mãos duas vezes nas mesmas águas que correm. Hoje, como há dois milénios, o rio alteia ou recolhe o seu curso ao ritmo das marés.

COELHO, António Borges (1992). Sobre Mértola e o Guadiana, *in* Arqueologia Medieval, n. 1, p. 203.

Na etapa embrionária do trabalho instalado em Mértola, nas primeiras campanhas arqueológicas, grupos estivais de jovens universitários juntavam-se a jovens locais. Esta presença apenas cíclica, de gente de outras culturas na terra, não permitiu consolidar um projecto de intervenção que sempre se adivinhou dever ter maior fôlego e que criava alguma estranheza na população. Desde logo foi entendido que o projecto teria de se consolidar através da criação de um corpo de investigadores e de técnicos dedicados exclusivamente a este trabalho, o que foi possível fazer-se devido aos investimentos que se logrou captar, com a cumplicidade da Câmara Municipal, no âmbito da adesão de Portugal à

(...) na génese deste projecto esteve sempre uma vocação multidisciplinar que procurou a chave da solução interpretativa para as expressões quotidianas — materiais e imateriais — numa saudável mistura de disciplinas e metodologias científicas, partindo de um pressuposto inicial de que a abordagem de uma realidade complexa seria desta forma beneficiada, quer em termos de obtenção de dados quer, o que é mais significativo, em termos de construção de uma grelha interpretativa para a estruturação do território e suas localidades.

MATEUS, Rui (1998). Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local. o caso do Campo Arqueológico de Mértola, *in* Mértola, Revista Municipal, n. 2, 2. semestre de 2000, p. 16/7

Mértola é um sítio arqueológico vivo, no qual continuamente está a ser desenvolvidos trabalhos de pesquisa arqueológica que, habitualmente, fornecem novos achados. É de prever que a colecção de cerâmica islâmica do Museu de Mértola venha a crescer nos próximos anos (...).

Museu de Mértola: Arte Islâmica, Catálogo, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2001. p. 107

A basílica paleocristã de Mértola, cuja escavação se iniciou em 1880, constitui um dos primeiros sítios em Portugal onde foi possível, ainda que com fortes limitações, proceder ao estudo de um local de culto de época paleocristã com utilização simultânea como espaço funerário.

MACÍAS, Santiago (1993), *in* Museu da Basílica Paleocristã, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1993, p. 31

Basado, em grande parte, nos materiais exumados e classificados, ao longo de muitos anos, pela equipa de arqueólogos que trabalha no Campo Arqueológico de Mértola e da qual ele faz parte, Santiago Macías soube utilizar da melhor maneira as fontes que o labor daquela equipa tornou disponíveis, desvendando perante nós, através delas, algumas interessantes facetas do quotidiano da Mértola medieval e islâmica.

GONÇALVES, Iria (1996), Prefácio, *in* MACÍAS, Santiago (1996)

O CAM e o Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto uniram-se na criação de uma única Unidade de Investigação destinada a potenciar e estimular o estudo histórico, artístico e arqueológico numa perspectiva pluridisciplinar.

Projectos de i+d,2006, *in* <http://www.camertola.pt/>

Comunidade Europeia (1986), dos apoios concedidos a projectos pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e da reorganização resultante do IV Congresso Internacional de Arqueologia Medieval do Mediterrâneo Ocidental (1987). Em simultâneo foi reconhecida a importância da interligação entre o trabalho científico e a realidade etno-antropológica local, estruturada numa metodologia de envolvimento com os esforços de desenvolvimento local.

Os abundantes materiais recolhidos nas primeiras campanhas, o tratamento dos artefactos e a organização da documentação existente, bem como o manancial inesgotável de 'achados', gradualmente destacou a equipa que veio a constituir a Associação de Defesa do Património de Mértola (APDM), de onde se vai autonomizar a secção de Arqueologia e História que se vai designar Campo Arqueológico de Mértola. A dimensão da responsabilidade científica impulsionada pelas primeiras campanhas e a presença então assídua dos investigadores e técnicos na localidade tornaram visível a identificação política e a necessidade de seu envolvimento na vida e nos interesses da comunidade. A autonomização funcional do CAM e da ADPM permitiu concentrar as atenções devidas, por um lado, para se permitir o crescimento, para se criarem as adequadas condições técnicas (espaços, equipamentos, etc.), para tornar mais densa a investigação histórico-arqueológica e dedicar o devido esforço ao Património Arquitectónico, e, por outro lado, permitir os necessários esforços ao Património Natural, implementar programas de intervenção social (destaque para a formação) e incentivar os estudos de cariz etnológico. Esta separação, sem dúvida, pois possibilitou a produção dos resultados científicos tornados gradualmente públicos, bem como o desenvolvimento de um vasto programa de valorização do património cultural e natural, não foi correspondida pela necessária coordenação entre os dois campos estabelecidos e tidos como complementares.

O fluxo de crescimento e o êxito alcançado até 1992, galardoado publicamente, foi interrompido pelas dificuldades geradas pelo inexplicável atraso na transição entre o I e o II Quadro Comunitário de Apoio. O reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e em curso não correspondeu ao devido carinho das instituições oficiais que não quiseram criar as necessárias condições de estabilidade da equipa de investigadores e de sustentação dos projectos de musealização em curso. Este período (1992–1995) provocou oscilações severas em todo o projecto, particularmente no modelo e métodos de gestão, ainda hoje sentidas, e só não liquidou todo o trabalho encetado graças à abnegação militante dos seus investigadores e técnicos e ao apoio do Município. No rescaldo desses

tempos, a partir da ADPM é desenvolvido, com o apoio de inúmeras instituições nacionais e estrangeiras, a constituição do Parque Natural do Vale do Guadiana (1996) que se torna num dos elementos fundamentais da estratégia de desenvolvimento local, potenciando os recursos endógenos da qual o rio é o elemento dorsal.

A povoação do espaço urbano como Vila-Museu, com diversos Núcleos dedicados aos principais períodos históricos ou conjuntos patrimoniais relevantes da sua herança, fechou um primeiro ciclo, permitindo utilizar novos recursos na luta contra a emigração massiva e a decadência de Mértola. Neste período (1991) foi constituída em Mértola uma delegação da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, que permitiu fixar na terra os seus melhores alunos e a atrair outros jovens da região.

No início do novo milénio, Mértola via concluído o grande conjunto de novos espaços museológicos projectado e dispunha de condições ímpares para o desenvolvimento de actividades económicas associadas ao turismo cultural. Numa comunidade pobre, desanimada e sem recursos financeiros, foi possível encontrar uma estratégia de captação de recursos e criar uma equipa de trabalho pluridisciplinar, em paralelo com um trabalho militante e abnegado de investigação histórica, etnográfica e antropológica, realizado em simbiose com a valorização de um património cultural riquíssimo. Esse caminho percorrido foi acidentado, os investigadores e técnicos tiveram de ser em simultâneo muitas outras coisas, acompanhando as obras de requalificação, montando exposições, estruturando processos para concursos a apoios financeiros, gerindo orçamentos, organizando eventos culturais e, ainda e em simultâneo, completando graduações de mestrado e de doutoramento. Hoje Mértola detém um impressionante *ratio* de doutorados — onze por habitante — o que a dota de condições especiais para se alargarem os campos de investigação e para atrair novas gerações de investigadores e de técnicos. Disso é nota indicial o funcionamento do Curso de Mestrado em Economia Regional e Desenvolvimento Local da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve.

UM EXEMPLO DE DESENVOLVIMENTO

É cada vez mais uma antropologia “do nós”, que assume como objecto próprio os desníveis da cultura da sociedade de pertença, estudando o conjunto das situações de alteridade e diversidade onde quer que elas se manifestem, interessando-se pela vida quotidiana, pela sociabilidade, pela

A criação de uma área protegida associada ao rio Guadiana foi uma das opções claras que a partir daqui começou a ganhar corpo através dos estudos efectuados que, não só confirmaram, como justificavam a premência desta necessidade.

OLIVEIRA, Rosário (2000). O contributo da ADPM, in Mértola, Revista Municipal n. 2, 2. semestre de 2000.

O museu de Arte Sacra de Mértola assume nesta viragem de milénio num papel insubstituível na dignificação de uma região raiana que tem sido particularmente depauperada pelo desinteresse oficial e pelo estigma da desertificação. Assim, poderá ser útil e interventivo, como mais-valia cultural, enquanto instrumento de conservação da memória identitária, de alargamento da sensibilidade estética de salvaguarda do património comum.

PEDROSA, Nélia (2001), Inaugurado Museu da Porta da Ribeira / Arte Sacra, in Mértola, Revista Municipal, n. 3 (1. semestre de 2001), Câmara Municipal de Mértola, p. 17

cultura e pelas relações simbólicas que dão sentido à vida dos grupos, distanciando-se das realidades institucionais para se abrir a problemáticas novas à medida que vai descobrindo os princípios de organização da sociedade que estuda (por exemplo, uma comunidade rural, um bairro urbano, um grande complexo hospitalar, uma fábrica, um sector de trabalho, uma prisão, etc.). E fá-lo, olhando não só para o que é a permanência e equilíbrio, mas também para o que é dinamismo, ruptura, infracção, oposição.

Instituto Ernesto de Martino (2002). Uma antropologia do “nós”, in Esta Gente reunida, Lisboa, Abril em Maio, p. 68

(...) a existência de uma continuidade civilizacional, mais do que rupturas, entre as duas civilizações em presença. a cristã e a islâmica.

MATEUS, Rui (1996). Mértola – Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local, in Actas do Encontro Cem Anos de Arqueologia, ed. Câmara Municipal de Vila do Conde (1998), p. 110.

(...) o profundo conhecimento existente sobre o passado e o presente da localidade resulta também dos esforços de outras áreas científicas, particularmente da investigação histórico-documental, que tem permitido aprofundar principalmente o período entre o século XIV e o XVIII; e da investigação etnoantropológica, cujos estudos sobre usos sociais e tecnológicos das antigas comunidades têm permitido avaliar as continuidades e rupturas no que ao momento presente concerne.

MATEUS, Rui (1996). Mértola – Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local, in Actas do Encontro Cem Anos de Arqueologia, Câmara Municipal de Vila do Conde (1998), p. 110.

O impacto positivo verificado pela implantação do projecto cultural transdisciplinar de Mértola, para além do prestígio nacional e internacional granjeado pela divulgação da investigação realizada e do aumento da auto-estima da população, pode ser dimensionado de várias formas: o grau de resistência demográfica verificada, particularmente por contrariar a tendência para o abandono das camadas mais jovens, ampliação do tecido económico local e o forte aumento do turismo interno e estrangeiro. A partir da investigação científica, assumida como a actividade central de todo o projecto, e em volta de um projecto de requalificação urbana e de valorização do Património Arquitectónico, Cultural e Natural, que transformou a vila velha em Vila Museu, teceram-se as principais linhas do desenvolvimento de Mértola. Hoje, vaidosa de seu passado, capaz de comunicar a História que testemunhou, preservado, consolidado e vivenciado o seu núcleo antigo, encontra-se dotada de melhores estruturas para que a sua população melhore as suas condições de vida. Hoje, capaz de atrair um número considerável de visitantes, filhos da terra, estudiosos e turistas, inscrita num roteiro qualificado que pretende partilhar o seu património e o seu destino, Mértola saberá colher os benefícios económicos e sociais que se lhe apresentam, desenhando um destino que forçosamente terá de manter o esforço de valorização e preservação patrimonial e, assim, será melhor.

Contra as amarguras ocorridas durante a sua execução e os constrangimentos criados pela incompreensão do seu valor por parte do poder político, o projecto soube estabelecer uma relação saudável, dinâmica e conflituosa, entre o necessário sentido interno, de estudo e investigação, e o pendor mais externo, de comunicação do trabalho produzido e de envolvimento com a população. É nesta metodologia de integração com o desenvolvimento local, nesta visão pluridisciplinar, que se aloja o seu

sucesso e que reside o que detém de mais exemplar. E é na leitura das contradições existentes no seu processo que se podem encontrar as âncoras para os caminhos que urge desenhar para as novas etapas que se apresentam.

Como tornar os investigadores e técnicos residentes e os novos que hão-de integrar o projecto, vindos de outros mundos, respeitados e reconhecidos como tal pelos mertolenses? que espaço de comunicação se pode estabelecer entre eles? como se incorporam os 'filhos da terra' nesse espaço erudito de trabalho? como digere a população o conhecimento que vai sendo produzido? como evolui na sua leitura do seu património? como age perante ele? como o integra? que melhorias objectivas os tempos trazem para os pequenos comerciantes? que emprego para os jovens? que avanço na cidadania?

Naturalmente, e o passado já o demonstrou, as dependências financeiras do projecto, o diálogo necessário e as contradições entre a ideologia do projecto e as políticas nacionais e locais, as interdependências que obrigatoriamente têm de ser estabelecidas com as instituições locais, nacionais e internacionais, interferem no rumo do próprio projecto, que terá de continuar a reunir no seu sentido utópico as forças e o devir para os desafios permanentes dos amanhã.

E os perigos são muitos, que a tentação e a pressão de interesses egoístas continuarão a persistir no aproveitamento do trabalho realizado para, embarcando na moda do turismo cultural, rentabilizar apressadamente para proveito próprio (político, económico e social) as grandes potencialidades que Mértola apresenta. A população de Mértola e as suas instituições terão de se consciencializar dos perigos existentes e têm de se mobilizar contra as tentativas de deixar refluir o ímpeto da investigação científica e enveredar pela promoção ruidosa de festivais folclorizados, de uma política de conservação de fachada, de eventos artificializados de rememorar a história.

Os investigadores e os agentes de desenvolvimento precisam de contribuir com o seu discernimento, preparação técnica e esforço para, junto das populações e, com elas, afirmar que a herança patrimonial de Mértola é um componente do seu desenvolvimento, e, como tal, a garantia a longo prazo do seu futuro.

UM OUTRO EXEMPLO

*A inoportuna viagem
poupa-te o que fazem os milícias*

O que nos parece hoje mais ou menos seguro é que o processo de islamização atinge a Península sem ser pela chegada massiva de populações — nunca perceberemos até hoje qual a lógica que teria, do ponto de vista concreto, a vinda de contingentes da Síria e do Líbano para, aqui chegados, se dedicarem a plácidas tarefas de agricultura e de pastoreio. Também aqui muitas das imagens que se criaram do processo de islamização tombam, com frequência, no exótico, na criação mítica de um mundo de odaliscas, turbantes, poesia e tapetes voadores com escassa cor-respondência na vida real.

MACIAS, Santiago (2005). Islamização no território de Beja — reflexões para um debate, in *Análise Social*, vol. XXXIX (173), 2005, p. 814.

A recuperação da Ermida de S. Barão foi recentemente concluída, a tempo da realização da festa consagrada ao Santo, que de novo se realizou no seu local de origem: A grande ligação das gentes das aldeias das redondezas, em particular da Corte da Velha, a esta tradição, foi motivo para abençoado convívio, que se iniciou bem cedo e se prolongou pela noite dentro.

MATEUS, Rui (2001). Inauguração da Ermida de São Barão, in *Mértola* — Revista Municipal, n. 3, 1 semestre de 2001, p. 30

*a sublimarem no povo do bairro
as quizumbas do mito.*

*Sozinho à janela
deles me custa perceber
os confusos dilemas
nas cabeças do mesmo povo-*

*Não são eles os culpados.
Eu é que os despercebo.*

CRAVEIRINHA, José. Milícias do bairro, *in* Maria (1998), Editorial Caminho, p.117

Formada em 1979, a ACERT cedo se assumiu portadora de um sentido de actuação pluri-disciplinar, em termos das áreas artísticas, assentando a sua vertente criativa no núcleo que lhe deu origem: O TRIGO LIMPO teatro ACERT. *in* <http://www.acert.pt>

Os agentes do projecto de Tondela funcionaram e funcionam como veículos de inovação ao se tornarem nos principais responsáveis pelo surgimento de um movimento de expressão cultural inovador em Tondela. Esta dinâmica, tendo em conta as mudanças que se operavam no espaço urbano, reivindicava igualmente a acção no espaço rural e apelava, pela acção cultural, à tomada de consciência individual sobre a realidade social envolvente e à necessidade de sobre ela agir, usando como canal de mediação expressiva, a actividade cultural.

CARVALHO, Cláudia Monteiro Pato de (2004): p. 36

A Associação Cultural e Recreativa de Tondela (ACERT), sempre esteve unida ao movimento intercultural IDENTIDADES e o autor desta tese desde há muito que participa no seu destino. No entanto, não é pelo envolvimento directo que se trás a este estudo o seu exemplo, mas sim pela substância exemplar do efeito da sua actividade cultural no desenvolvimento local.

Entrar no interior do país significava, nos tempos ainda próximos da ditadura social e política do Estado Novo, pisar o terreno de um desmesurável conservadorismo social, enfrentar um moralismo fechado aos ventos da mudança e testemunhar a tenacidade desumana com que a pobreza colhia a sua sobrevivência do labor antiquado sobre a terra. Era verificar o domínio das mentalidades fidalgas, a desenvoltura balofa das figuras da terra, o controle económico, político e moral de senhores fiéis ao regime. Sentia-se a desertificação galopante resultante do recurso à emigração das suas gentes, da mobilização dos jovens para o exército colonial e da fuga para as cidades do litoral dos mais resolutos. Não entremeia muito tempo e muitos dos habitantes de então do nosso interior empobrecido são ainda memória viva desses tempos.

É neste contexto que se iniciaram e se desenharam muitos projectos associativos, recreativos, desportivos e culturais, como resistência a um futuro anunciado e que, no impulso revolucionário iniciado em Abril de 1974, ganharam nova expressão e se constituíram em motores das transformações desejadas.

Em Tondela, em 1976, sobre a tradição associativa local é criado o Grupo de Teatro Amador Trigo Limpo, que vai gerar a ACERT – Associação Cultural e Recreativa de Tondela.

Hoje, resistindo à centralidade dos postos de decisão política e cultural, existe uma teia de produtores artísticos e de estruturas culturais que se espalhou em núcleos urbanos outrora isolados e que marca a nossa paisagem. Esta grande diferença permite que se estabeleçam redes de intercomunicação cultural entre todas as partes do sistema social, imprescindíveis para a auto-conceptualização como parte da ordem global da sociedade contemporânea. E esta nova realidade, relativamente descentralizada, amplia a possibilidade de, a partir dos fluxos culturais sobressaídos no espaço público descentralizado das comunidades do interior, melhor identificar as interpenetrações da presença da tradição e da cultura local com o exercício criativo inscrito no cultural da sociedade contemporânea. Esta abordagem é tangente com a percepção do rumo da reconversão identitária como de destradicionalização, ainda que confiante numa espera paciente e orgânica pelo seu desenrolar, em detrimento de uma artificial ruptura futurista.

O desenvolvimento de sinergias culturais descentralizadas, como no caso do exemplo estudado (ACERT, Tondela) permitem emergir especificidades culturais, que tornam presente e não votado ao esquecimento esse permanente conflito entre o global e o local, ou entre a tradição e a modernidade.

Uma outra linha de questionamento deste novo tempo de descentralidade dos espaços de produção cultural, centra-se na necessidade permanente de se beneficiarem os direitos de cidadania. No muito que se tem discutido sobre o acesso da sociedade civil à cultura, tem sido menosprezado o direito cívico da comunidade de não se conter no papel de simples consumidora dos produtos culturais e de se afirmar como pertença do todo cultural. Neste campo de problemas, o caso apresentado permite evidenciar a força dos esforços de democratização cultural na procura de mais soluções para o exercício de novas cidadanias.

A ACERT, criada no ímpeto participativo do pós-25 de Abril, reunia um grupo de cidadãos, de entre eles um pequeno número de artistas de teatro, motivados na procura de caminhos que afastassem a comunidade local dos tempos de isolamento cultural e de impedimento brutal da acção cívica. Abria-se um caminho que apelava à criatividade, à diferenciação artística a uma prática cultural que estabelecesse elos de comunicação entre os indivíduos. Tratava-se de trazer Tondela para o presente, ultrapassando o isolamento geográfico e o atrasar no tempo que o regime deposto criou.

A criação de possibilidades de desenvolvimento cultural endógeno, no contexto do projecto cultural da associação em estudo, não pode ser desligada do entendimento sobre a forma como projectos culturais inovadores contribuem para perceber a ideia de acção cultural, como forma de implementar políticas de democracia na sociedade.

CARVALHO, Cláudia Monteiro Pato de (2004): p. 145

Que sentido tem fazer um documentário sobre Lisboa se o resultado visível for não é perceptível como algo fundamentalmente diverso daquele que é feito por miúdos que têm nas mãos uma câmara de vídeo?

PERNIOLA, Mario (2006): p. 63

(...) no campo da política, o que encontramos são grupos e identidades colectivas, e não indivíduos isolados, o que significa que a sua dinâmica não pode ser apreendida pela redução a cálculos individuais.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 186

As culturas são singulares, extraordinariamente diversas e localizadas.

WARNIER, Jean-Pierre (1999): p. 11

Mas a construção do processo de cidadania cultural participativa encontra-se também na reapropriação de espaços alternativos (como museus, jardins, espaços institucionais, pátios de escolas, escolas, barcos, cafés). São espaços que vão sendo objecto de resignificação e assim tornados espaços liminares. Neles se desenrolam outras acções e servem outras funções como actividades artísticas pluridisciplinares (teatro, música, dança, artes plásticas), que os convertem em canais multiformes de expressão cultural do local.

CARVALHO, Cláudia Monteiro Pato de (2004): p. 158

A ACERT desenhou um historial singular no panorama cultural nacional, por interrelacionar disciplinas artísticas e práticas culturais de envolvimento local e, sempre, numa alargada rede internacional. A sua presença na região tornou-a 'imagem' de uma nova identidade que se construía. A participação de suas criações artísticas e de sua capacidade de dinamização cultural espalhou essa 'imagem' pelo mundo fora (Brasil e América Latina, Moçambique e Angola, por toda a Europa). O seu prestígio atraiu a Tondela artistas de reconhecimento internacional, desconhecidos e emergentes. Na sua casa, nos palcos descentralizados e arenas que pisou, envolveu públicos eruditos e a população, misturou-os. Poder-se-ia afirmar que a ACERT contribuiu para a promoção sócio-económica de Tondela, criou emprego, criou atractividades identitárias, tornou-se instrumento para o desenvolvimento regional, e, o que constitui o sinal mais qualificante da sua actividade, potenciou de forma decisiva a ampliação de outras dinâmicas locais (associativas, grupos de amadores, escolas), o aumento de agentes promotores e difusores de cultura, aproximou e envolveu na sua actividade a comunidade.

APRENDIZAGENS

*não sou poeta de pátrias e pátios
devagar com o andor da poesia,
poeta, a musa pode ser de barro*

*palavra, ave que voa e vai à toa
toada que vai e vem numa boa*

*espalho minha alegria e minha dor
grito e berro as palavras proibidas*

*impropérios que a pressão impõe
debochando nos pés de deus censor*

*sou um bruxo em meta de mestrados
vou em busca do meu proust perdido*

FARIAS, Pedro Américo de (1994). Impropérios in Picardias, Recife, Língua de Poeta.

Este estudo assume um carácter diferente do apresentado nos três casos analisados anteriormente, de onde, naturalmente, se retiram aprendiza-

gens de natureza diferenciada. Os eventos interculturais realizados pelo IDENTIDADES em Tondela, no Porto, na Amareleja ou em Castro Verde e o caso estudado de Mértola permitiriam, cada um deles, retirar ilações; no entanto, preferiu-se acentuar as aprendizagens transversais decorrentes das apresentações anteriores, acrescentando, neste ponto, algumas particularidades e alguns aspectos complementares.

Assim, agrupam-se apenas em 7 leituras, desequilibrando o seu peso nas considerações tidas por adequadas ao que se pretende apenas sublinhar. Não se resistiu, no entanto, acrescentar uma leitura extra, não conclusiva nem anunciante de futuro, mas para marcar o valor da memória na edificação de todo o conhecimento. Cada uma delas não deverá deixar, no entanto, de ter em consideração a totalidade das apreciações apresentadas.

LEITURA 1 . UMA OUTRA NOÇÃO DE TEMPO

Renunciar à imediatez sem suspender a relação com o instante, retardá-lo, fazê-lo demorar, de modo a ser o seu próprio revelador e, desse modo, conseguir um tão grande poder sobre o passado (...)

MOLDER, Mara Filomena (1999): p.112

Pisar as calçadas medievais entre muralhas de Mértola remete para uma relação imediata com o tempo, entendido como uma realidade que torna presentes os séculos que medeiam entre as ocupações humanas que delimitaram a organicidade topográfica dos caminhos estreitos e o instante de quem por lá passa. O mesmo se poderia dizer, certamente, de outros lugares onde a preservação do património perpetua o testemunho dos antepassados e o tempo se nos apresenta com a mesma comparência. Em pleno sol de Agosto, respirar a secura poeirenta dos campos arqueológicos, na busca de artefactos que permitam ler nos modos de vida de nossos antepassados o jeito como nos construímos, aprofunda, por si, o mérito da História e fundamenta o saber do tempo. Sobre os documentos investigados e sobre o conhecimento cultural que se quis transversal, entendem-se as permanências no presente da cultura profunda dos mais antigos, a linha de sequência da actividade humana, o desenrolar do tempo: o tempo como uma forma de relação das posições estabelecidas pela actividade humana.

As pressas, que não temos modo de desprezar, evidenciam o quanto estamos desajustados de um outro modo de viver, herdeiro de um pas-

Não há fórmulas para a aprendizagem no campo artístico, contudo, é sempre bom experimentar viajar até ao princípio e começar por desenhar na terra... a sombra do outro.

VILAVERDE, Maria Jorge,
Porto/Identidades.

sado que não esquece a arte de lidar com a temperatura, com a carência de água e sabe sobreviver a partir do que a natureza dá.

Nunca em outro lugar senti a organicidade do ser com o tempo e com o espaço, onde a sombra tornada relógio é o refúgio para o calor do sol abrasador e marca o ritmo do acontecimento. Esse importante sentimento de pertença a um passado onde um acumular de saberes nos permite ser o que somos, devo-o, confesso, ao Alentejo, onde na amplitude da paisagem ainda nada impede essa grande visão de imensidão.

LEITURA 2 . TEMPEROS E AROMAS

Vivemos entre uma poeira de acontecimentos na qual nos perdemos. É preciso encontrar os acontecimentos de facto importantes, os que façam sentido, os que nos permitam acreditar em nós mesmos. É preciso encontrar um sentido; por isso é tão fundamental a visão contemplativa da História. É procurar descobrir o sentido da condição humana em cada gesto dos homens.

MATTOSO, José, entrevista – História, Fev. 2000

Desde o momento inicial procurei o sentido da aproximação e recusa face às diferentes experiências: interessava-me profundamente perceber quais as consequências no relacionamento com as artes, em que medida existiram e que sentido tomaram.

ALVES, André. Porto/Identities

Numa conferência sobre Serviços Educativos de Museus organizada pelo IPM, cruzei-me com a afirmação, dissidente com o teor da maioria das intervenções, que defendia que em Mértola, na Vila Museu, não se pretendiam *milhares* de visitantes, tornados turistas que tudo fotografam e nada vêem e que se apressam de um para um outro qualquer motivo pitoresco, divulgado ou assinalado como de *valor cultural*.

A maioria dos técnicos, atónitos, viciados pelo esforço feito para se cumprirem os objectivos de aumento do número de visitantes e das práticas usuais para se criarem públicos e rentabilizarem as bilheteiras, custou a entender que só essa postura privilegiava a fruição das matérias expostas, os conteúdos museografados e expostos, verdadeira função educativa e cultural dos museus.

O conhecimento directo e a participação pessoal na constituição faseada do Museu de Mértola e da política que na época imprimia ao Museu dos Transportes e Comunicações, onde era responsável pela programação e pela coordenação dos Serviços Educativos, permitiram-me entender a pertinência da controvérsia levantada, escondida pela necessidade de as equipas técnicas presentes terem de inventar modos de superação da escassez orçamental resultante da mesquinha política nacional para os Museus, para a Educação e para a Cultura.

Como podem os apressados visitantes ou os grupos enormes de crianças/alunos, que passam correndo por artefactos que decifram mil valores, por objectos de fruição contemplativa, por experiências que exigem ser pensadas, retirar da passagem por um museu uma experiência inesquecível, ensinamentos marcantes, aprendizagens reavaliadas?

Muitos dos núcleos museológicos existentes (de modo exemplar no caso do Museu de Mértola) prolongam-se para o saber da população, para o modo generoso como as suas gentes se dispõem a conversar na sombra estreita das casas com os visitantes, para os saberes que se descobrem e que povoam o convívio com a história, para os paladares que comportam a arte de utilização dos temperos, sedimentada ao longo dos anos para ludibriar a seca e a escassez, como também para a festa e a luta, ou também para arte de serviços escolhidas para tornar ostensiva e opulenta a riqueza de fazendeiros, de padres e ilustres.

Por muito rico que seja o património musealizado, a relação que estabelece com o visitante não dispensa a frequência, a estada suficiente para se reparar no que se vê, juntando-lhe os paladares, os sons, os aromas, as vidas e as vivências que lhe sustentam o valor. Em Mértola, no Sítio Museológico de Lajedos, em Cabo Verde, ou no Museu do Douro, onde o conceito de *museu como território* domina, os projectos não se compadecem com leituras estatísticas de sucesso, que não lhes conferem valor de contaminação.

LEITURA 3 . ENRAIZADOS

A contingência requer a amizade como alternativa ao asilo de loucos.

BAUMAN, Zygmunt (1991): p. 255

Conversando num dos quase desabitados montes do Baixo Alentejo, um avô de um miúdo correndo com o vento, exprimia seu desagrado pelos senhores de Lisboa que não reconheciam o valor dos segredos do passado que a sua Mértola continha, nem o trabalho que se estava fazendo. O sentimento profundo que ele expressava revelava-o como sendo parte de um território que se defende como se num abrigo se encontrasse a partilha fraterna das ideias e dos programas que oferecem a revelação dos segredos que a terra escondera.

Narradas, as dificuldades sofridas num quotidiano de isolamento denunciavam o seu esbatimento no enraizamento na comunidade e, também, o rompimento da solidão que a amizade possibilita.

Aprendi a aprender mais com os outros do que ensinar alguma coisa que eu achasse útil de acordo com as minhas próprias idiossincrasias. Continuo a viver das memórias do que por lá fizemos (...)
LAMARES, Regina.
Identidades/Porto

Nas descidas para o Alentejo, quando as fazemos, transportamos o nosso desenraizamento: nosso bilhete de identidade não nos confere mais do que nosso individualismo afastado da nossa própria tradição e o nosso medo de solidão escondido no despique social. E somos apresentados, aí como em outras paragens suspensas no tempo ou de resistência, com a aproximação a grupos que alimentam refúgios, onde se misturam diferenças e companhias.

Em Mértola a tradição não alimenta o presente, caminho de recapitulação que se sabe resultar em desagregação comunitária, prefere-se a gestão do desespero que a resistência comporta quando se prefere desenhar ruelas desconhecidas, orgânicas ao pulsar das tensões sociais, sentindo a divergência constante e procurando a direcção.

Em Lajedos, nas encostas flageladas da ilha de Santo Antão e Cabo Verde, em Conceição das Crioulas, no Sertão brasileiro de Pernambuco, em Matalana em Moçambique, saboreia-se o mesmo, e, por momentos, sentimos a existência desse conforto da pertença numa deslocação onde se expõe a solidão de cada um.

LEITURA 4 . DESENHAR COM O SOL

O cinema é o desejo de comunicar com pessoas que não vemos. É só isso, o cinema, um meio de comunicação. Um bocado de película, ou de filme magnético, ou uma onda hertziana, é um pedaço de ser humano, sob uma certa forma.

GODARD, Jean-Luc (1975). Número deux, um filme diferente, in Arte e Revolução, Abril em Maio (2005), p. 84

(...) durante este ano para lá das amizades e convívios criados também é de realçar o exercício de trabalhar em grupo com personalidades e culturas diferentes num objectivo comum, objectivo esse que, pessoalmente, era o percurso em si.

YAW. Identidades/Porto, 2008

Um dos eventos que o IDENTIDADES *promoveu*, deslocou para a escaldante povoação de Amareleja um grupo de estudantes e professores da FBAUP e da Escola Nacional de Artes Visuais (Moçambique).

Como em todas as localidades do Alentejo, como poderia ser na Andaluzia, um grupo de homens, depois da sesta, acomodam-se numa fila de cadeiras ao longo da sombra, conversando ao longo do tempo. O desenho da fila vai descrevendo, em volta da pequena praça, um círculo, marcando o deslocamento do sol na procura da desejada sombra. Este movimento funciona como um autêntico relógio de sol, não pela sombra que provoca, mas pelo registo na praça do ângulo de sombra que o sol descreve.

O crescente diálogo com as pessoas, ampliado nas quentes noites em que na parede de uma das casas da praça projectamos cinema, foi per-

mitindo reconhecer o valor endógeno da sombra no seu quotidiano. Foi a partir dessa verificação que produzimos um objecto suspenso no meio da praça que nela projectava o desenho dos seus recortes, acompanhando o movimento do sol e dos círculos que o grupo ia descrevendo com as suas cadeiras. Não tardou que as conversas na praça se desviassem para a sombra e se pudesse assistir a jogos de identificação sobre quem passava, apenas pela observação do desenho que a sua sombra produzia na rua.

Para nós, para além da riqueza incorporada pelo relacionamento estreito com a população, nunca mais esqueceremos esta possibilidade de desenhar com o sol, sublinhada pelo modo como alguns velhos ao longo da tarde passaram a estar atentos à requintada linguagem da silhueta.

LEITURA 5. A DOR

Hoje encontramos no mercado numerosos produtos dos quais foram extirpadas as suas propriedades malignas: café sem cafeína, natas sem matéria gorda, cerveja sem álcool... E a lista continua: porque não uma cena de sexo virtual, uma sexualidade sem sexo, uma guerra sem guerra, (...)

ZIZEK, Slavoj (2002): p. 26

Uma jovem estudante da escola de Maputo, deslocada para o interior do Alentejo num escaldante mês de Julho, queixava-se da intensidade do sol do meio-dia; de olhos semicerrados explicava a desconhecida dor de cabeça. A pronta *aspirina* lá está a tranquilizar a situação, tentando provar a afirmação ouvida: — Não há razão nenhuma, hoje, para ter dor, um comprimido resolve o problema.

Para além da razoabilidade da afirmação, ela dimensiona-se na sociedade anestesiada em que vivemos. As agruras próprias da vida, as guerras e os demasiados infortúnios existentes, que em demasia nos são disponibilizados num espectáculo em directo ou em deferido, não nos provocam qualquer dor e dispensamos a *aspirina* disponível.

Vivemos na solidão do espectador, mesmo se numa sala repleta, sem fazer o luto colectivo pelas perdas, limitamo-nos a partilhar o simulacro da dor, em silêncio ordeiro.

Nos assuntos escolhidos para serem trabalhados em conjunto, a dor nunca aparece, por ausência ou pelo reconhecimento do silêncio impre-

Hoje torna-se muitas vezes, mais importante para mim saber livrar-me de referências e conceitos do que utilizá-los... a cada novo espaço para onde vou, tenho necessidade de renascer e reaprender com as pessoas desse espaço entendendo as suas perspectivas. Tentando fazer meus os problemas e adversidades que as diversas comunidades enfrentam utilizando as diferenças que me restam para contribuir de forma positiva.

ASSIS, Tiago. Assistente da FBAUP, Porto/Identidades

ciso que a congrega. Não encontramos forma de a nomear, de a tornar linguagem, dispensada que está a poesia das nossas narrativas: a incapacidade de causar dor com as nossas intervenções artísticas adequadas à política globalizada que anuncia incessantemente a defesa democrática do ‘bem-estar para todos’.

Na resistente poesia a dor perdura, mas emigrou das artes plásticas, onde a violência, a cruzeza e a sua efabulação constantes se apresentam distantes de um esforço estético de convocação da dor. Dispenseemos as aspirinas.

LEITURA 6. PRESENÇAS

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas.

HALL. Stuart (2003): p. 30

(...) é de ressaltar, a nível pessoal, o facto de a minha participação no projecto ter servido para aprender, de forma muito enriquecedora, novas maneiras de encarar as linguagens artísticas actuais e sobretudo de marcar uma atitude muito mais aberta ao mundo e a outras culturas, no sentido de estabelecer pontos em comum para dar continuidade a outros futuros projectos e realçar também as particularidades de cada um, de forma recíproca, potenciando a diversidade de expressão.

LEAL, Sara, Fevereiro de 1998, Identidades/Porto

Visitei recentemente a Arte Lisboa onde me encontrei com artistas moçambicanos que aí apresentavam o seu trabalho. Como em outras exposições internacionais, considerando o programa de mostras, bienais e eventos que pelo mundo fora promovem a arte contemporânea e ilustram o discurso pós-colonial com a apresentação de artistas trazidos da *periferia*, ou de artistas instalados no *centro* que patenteiam, num hibridismo oportuno, um estatuto especial de assimilados, as geografias presentes afirmam a globalização proclamada.

Sabe-me bem acompanhar o que se vai fazendo por este *nosso* mundo fora e reparar em como se multiplicam e diversificam os modos de produção artística e as existentes resistências explícitas aos ditames do mercado da arte e ao fechamento inócuo da arte para o seu próprio campo. Em Paris, na visita ao Museu du Quai Branly, depois de bichas intermináveis, no meio de milhares de visitantes que se acotovelavam perante o esplendor das *chefs-d'oeuvre* da África, da Ásia, da Oceania e das Américas, exoticamente apresentadas num conceito de design de equipamento para museus absolutamente contemporâneo, não consegui sentir a verdade dos objectos, deslocados de seus contextos, desprovidos das suas capacidades de mediar a relação com os antepassados, com os deuses e com os homens. Senti-me europeu-afastado, ainda mais longe do anunciado mundo multicultural, insatisfeito pela fruição estética e deslocado para uma espécie de autismo perante a produção de cultura que deu forma e razão de ser aos objectos museografados. Na pacata vila da Amareleja no Alentejo, a presença de um grupo de estudantes de arte de Moçambique apenas lembrava o pesadelo, hoje

levado ao esquecimento por muitos adultos perante a África colonizada. Uma memória que laços existentes poderiam ter tecido não povoa o quotidiano.

Independentemente da presença reconhecida de uma forte diáspora africana na Europa, mal se identifica um positivo movimento vagaroso e subtil que descentra os modelos ocidentais, que lhes acrescenta um pouco de cada vez, que os desvirtua subtilmente e que permitirá, se admirados, equilibrar os efeitos dominantes de homogeneização cultural que usam a diferença apenas para a aniquilar ou domar.

Entendo o multiculturalismo não como uma doutrina política estabelecida, mas como uma variedade dinâmica de práticas sociais e de ideias, que integre as contribuições divergentes e aceite com normalidade a diversidade cultural como constituinte do nosso tempo.

LEITURA 7. NA SOLIDÃO

*A poesia vai acabar, os poetas
vão ser colocados em lugares mais úteis.
Por exemplo, observadores de pássaros
(enquanto os pássaros não
acabarem). esta certeza tive-a hoje ao
entrar numa repartição pública.
Um senhor míope atendia devagar
ao balcão; eu perguntei: “Que fez algum
poeta por este senhor?” E a pergunta
afligiu-me tanto por dentro e por
fora da cabeça que tive que voltar a ler
toda a poesia desde o princípio do mundo.
Uma pergunta na cabeça.
—Como uma coroa de espinhos:
estão todos a ver onde o autor quer chegar?—*

PINA, Manuel António (1966). A Poesia Vai, in Poesia Reunida, Assírio& Alvim, Lisboa, 2001, p. 38.

Sinto-me sempre bem nos momentos de solidão. Aprecio a amplitude da linha do horizonte no Alentejo de silêncio contemplativo e poderia mesmo ser pastor se lhe soubesse a arte. E, reconheço, remeto-me a um estado subliminar de isolamento mental muitas vezes perante multidões, grupos ruidosos ou reuniões desinteressantes. Dou-me bem com a leitura isolada e a reflexão tranquila, embora todos me identifiquem

Enfim, o projecto Identidades é uma porta aberta para a minha formação, e tenho a certeza que não se fechará nunca, pois não há cadeado que resistiria à força da vontade dos homens que juntou, junta e que juntará ao longo do tempo.

MANJATE, Rogério. Escritor, actor e encenador de teatro, Moçambique/Identidades

como de projectos colectivos, de franqueza partilhada, de frenesim activista e de afectos soltos.

Ao longo da minha vida, em mais de meio século de procura de equilíbrio entre a força combustível da utopia e a aceitação do realizado, estabeleci a solidão como o tempo de tranquilidade e espaço de contemplação de acesso ao inteligível, ampliador de forças e fomento de criatividade. A solidão, não como um refúgio intimista de gestão de segredos pessoais, mas como mediação entre o ser, que se quer pleno, para o mergulho no social, onde se realiza.

Nada contraria a procura de ambientes colectivos, de implicações com o comunitário, onde se estabelecem melhores condições para a confrontação do eu com universos abertos de ideias, de práticas e de sonhos, certamente mil vezes mais ricos.

Esta sétima leitura do último caso de estudos fecha um capítulo onde o IDENTIDADES foi visitado, sendo realçada, sempre, a preferência por dinâmicas de grupo, participativas em toda a cadeia de projecto/acção/reflexão, e, ainda, se revelaram os esforços de envolvimento das populações nos eventos promovidos.

O apelo constante e o pulsar próprio do IDENTIDADES para um envolvimento não assinado e nunca individual, mesmo quando de intervenções artísticas se tratava, tendem a contrariar as tendências prevaletentes que situam o artista isolado na sua personalidade autoral, fruto dos tempos que são dominados pelo valor da assinatura e da biografia pessoal, no mercado e nos espaços de legitimação da arte. Não para contrapor a defesa do colectivismo ou para criar um qualquer grupo artístico doutrinário, mas apenas para gerar a interrogação pessoal e partilhada, e propiciar a todos, jovens estudantes de arte, artistas e os demais envolvidos nos eventos provocados, uma experiência grávida de acontecimentos, que possibilite a cada um melhor se entender com o seu mundo e com o mundo da arte.

Apenas na plano da solidão, neste momento de reflexão e no rigor que a escrita exige, posso sentir e saborear a extraordinária experiência colectiva em que participo.

LEITURA EXTRA . EM BARRANCOS

Barrancos vai acordando pouco a pouco e apercebe-se dum movimento pouco usual. O Largo Central, ali onde estão concentrados os serviços, vai pouco a pouco transformando-se

num espaço onde se depositam os esqueletos de uma estrutura chamada “Encontro com Barrancos”.

Às 17 horas o velho tamborileiro, o nosso José Ramón, sai pelas ruas da vila, anunciando um “Encontro/Exposição” que se realizará a partir das 18 horas até às 23, no Largo principal.

Diário do Alentejo, 30 de Setembro de 1988, p.15

A memória não ajuda o esforço para evocar um dos eventos mais profícuos em que me envolvi, ainda na juventude da minha carreira docente, então professor da disciplina de História de Arte, na Escola de Soares dos Reis, no Porto.

Relembro à distancia o tom cantado do dialecto barranquenho, arte de simulação de bom contrabandista, que soava no ar e dificultava o entendimento das conversas fáceis trocadas nas ruas e nas associações.

Reconstituindo o evento: com quatro de alunos do 12. ano descí a caminho de Barrancos no meu 4L amarelo. O restante grupo tomou a camioneta para Moura e de lá os fomos buscar de carro, aproveitando para abastecer de gasolina, naquela cidade onde havia o mais próximo posto nas cercanias. Instalados na Herdade da Coitadinha, desprivatizada pela Reforma Agrária, todos os dias nos dividíamos em dois grupos, alternadamente, um descendo para o Castelo de Noudar, para se juntar à campanha arqueológica movida pelo Campo Arqueológico de Mértola, outro subindo para Barrancos, para se espalhar metodicamente pelas ruas, realizando um levantamento sistemático do ‘património cultural’, através do registo em desenho e da fotografia. Uma semana se passou neste trabalho diário, iniciado bem cedo, onde a quentura não escalda a cabeça, e prolongado até à tardinha, com o regresso ainda de dia, para o banho diário no rio.

Nestes dias de entrega intensa às tarefas programadas, o contacto com a população foi revelando a sua afabilidade: nos bom-dia sorridentes, no copo de água fresca oferecida, no *¿quer um banquinho?*, na oferta da soleira da porta aberta para melhor saborear a sombra, na companhia simples e desinteressada, no contar de vidas, na admiração pelo levantar tão cedo de gente tão nova, no convite para beber, ...

Sensibilizados pelo acolhimento, simplicidade e bom trato, os alunos nas conversas do fim-de-dia, hora de organização do produto do trabalho, conversavam sobre seu encanto pela paisagem urbana povoada que partilhavam, pela riqueza patrimonial existente, pelo gosto da poeira do Castelo, e contavam pormenores, como sobre as conversas infundáveis do barbeiro e sobre uma ou outra frase memorizada. De entre todas elas

Tudo o que eu pudesse acrescentar seria apenas um prolongamento do meu próprio processo de (re)aprendizagem da viagem como poesia. E resume-se numa frase: estou a reaprender a *lentidão*.

BARRENTO, João (2001): p. 77

a que mais marcou o grupo, foi o cumprimento repetido algumas vezes e por mais de uma pessoa, que somava aos “bom-dia”, interjeições que significavam todas elas o mesmo – “ainda tão cedo e já a trabalhar?”. Nunca ouvimos classificar um grupo de alunos espalhados pelas ruas, sentados nos passeios a desenhar como trabalhadores. Ficamos felizes pela compreensão plena do que estávamos a fazer e sentimo-nos agradecidos pelo reconhecimento que comportava em si um agradecimento da população pelo nosso trabalho.

No penúltimo dia, uma corrida de carro até Mértola permitiu revelar e ampliar as centenas de fotografias tiradas, numa directa memorável. No final de nossa estada, promovemos com o apoio do Município um “Encontro com Barrancos” na Praça Principal: estendemos cordas entre o posto dos correios e a igreja matriz, lá dependurámos, com molas de roupa, os nossos desenhos e fotografias; os artefactos arqueológicos encontrados no Castelo de Noudar expunham-se na Praça; uma oficina de serigrafia permitia a todos participarem na edição aberta de uma imagem que representava uma vista geral da linda vista paisagística do casario branco edificado em cascata sobre um monte.

Feita a divulgação nos moldes da tradição local, o presidente da Câmara comentava que na exposição, entre as 18 e as 23 horas, apenas a senhora Cândida, paralítica e acamada, não comparecera. Foi com entusiasmo que vimos toda (literalmente) a população, vestida de domingo, percorrer a praça e identificar os desenhos, a sua janela, um pormenor, um rosto, identificar os autores dos trabalhos, alguns pelos nomes já conhecidos,...

Para os alunos, não preciso dizer o que cada um pode ter recolhido da experiência por que passou; para mim, para além das marcas pessoais deixadas no meu crescimento, considero ter realizado da forma mais perfeita de sempre, a minha função de professor e de artista, na sua plenitude.

Hoje, alguns desenhos e fotografias escolhidas do nosso trabalho de levantamento fazem parte da monografia de Barrancos editada. O trabalho arqueológico no Castelo de Noudar ainda tem continuidade. Em Barrancos, onde voltei por mais de uma vez, a população sente com mágoa a degradação do seu património e lamenta de como a vida não está fácil, ... mas ainda se lembra de nós, em particular da exposição memorável realizada na sua Praça Principal, que foi uma autêntica festa.

CENTRAR O ENTENDIMENTO

Entre a percepção da imagem e o reconhecermo-nos nela medeia um intervalo, a que os poetas medievais chamavam amor. O espelho de Narciso é, neste sentido, a fonte de amor, a experiência inaudita e feroz que a imagem é, e não só, a nossa imagem.

AGAMBEN, Giorgio (2005): p. 79

Repartir justamente a fé entre as palavras e as convicções próprias. Não deixar evaporar-se uma convicção no momento em que se sabe o que ela exige. Não deixar para as palavras a responsabilidade que nos impõe a convicção. Não deixar roubar as convicções pelas palavras. A concordância das palavras e das convicções não é decisiva, tão-pouco a boa fé. As palavras podem sempre sepultar ou desenterrar as convicções de acordo com as circunstâncias.

KAFKA, Franz (2007): p. 29

Na realidade, a acção livre emana da nossa inteira personalidade e está imersa no contínuo devir que caracteriza o modo de ser dos organismos vivos.

PERNIOLA, Mario (1997): p. 24

Chegados a esta parte da tese, apresentados os *estudo de casos*, pretende-se fixar em *quatro* pontos os entendimentos considerados mais pertinentes para a nomeação das ideias edificadas com a investigação realizada, em intimidade com o acontecido, apoiadas no discutido e reflectido no âmbito do IDENTIDADES e na maturação pessoal dos conflitos enquanto artista plástico, no decurso do que foi dado a conhecer no tratamento dos assuntos anteriormente analisados. Este capítulo antecede o de *conclusão*, retirando-lhe, de alguma forma, partes que lhe deveriam ser constituintes, por se entender tornar assim mais claro o conteúdo desta tese e mais confessada a pertença do estudo realizado à personalidade artística do seu autor.

Num primeiro ponto, titulado com a expressão usada ao longo da tese de **na solidão do atelier**, analisa-se a conflitualidade existente na intimidade do autor, na gestão da sua produção artística, entre a sua leitura do mundo e do campo da arte, e a evidência ideológica de uma recusa de pertença assumida ao dominante, perante o limite da sua capacidade de acção criativa e as dificuldades próprias da criação de um discurso poético que instale na obras produzidas uma capacidade de contaminação alargada.

Esta apresentação completa-se no ponto seguinte — **intervenção artística em espaços públicos** — onde se clarifica o entendimento pessoal sobre este espaço de intervenção artística, distinguindo, ainda com base na

experimentação partilhada no âmbito do IDENTIDADES, uma postura que não se confunde com propostas simuladas de intervenção no social, nem com o desprezo de intercomunicação ou isolamento com o seu *público*. Relacionado com a abordagem dos dois pontos anteriores e completando a dimensão da reflexão transversal realizada, apresenta-se, com o título de **envolvimento colectivo e nas comunidades**, o reconhecimento privilegiado pelo autor do envolvimento directo em problemáticas locais de desenvolvimento, como modo de, por um lado, melhor defrontar as dificuldades de comunicação para fora do *campo da arte* dos produtos artísticos, e, por outro lado, melhor entender os elos de implicação social necessários para alimentar uma postura de solidariedade, que sustentam a presença de um artista, com a sua particularidade criativa e utópica e com a sua prática artística, no movimento de comunidades que se empenham na construção do seu próprio destino. Este capítulo responde à necessidade de se tratar a questão da **atividade docente**, na medida em que, como foi ilustrado ao longo de toda a tese, o envolvimento e a mobilização de estudantes de arte para as actividades experienciais evocadas funde o movimento colectivo onde participam muitos estudantes e se situa basicamente em estabelecimentos de ensino artístico com a própria prática escolar. Pretende-se analisar como esta circunstância favorece o alargar do espaço pedagógico para limites incontrolados e possibilita, face às condições particulares de conflitualidade cultural e criativa onde opera, uma sustentabilidade do campo de formação artística que as instituições escolares, de um modo geral, não conseguem alimentar.

Será que quando reflectimos sobre seres humanos nos é tão difícil eliminar os testemunhos da nossa emotividade, das nossas imagens de ideal e de medo pelo facto de ainda nos encontrarmos tão desamparadamente enclausurados no círculo de perigos que, de uma forma ou outra, os seres humanos constituem uns para os outros e pelo facto de não sermos capazes de nos defendermos destes perigos de um modo diferente, de não sermos capazes de tornarmos a própria fraqueza perante o curso catastrófico da história da humanidade suportável senão pelo encobrimento da mesma, pela sua rejeição de consciência?

ELIAS, Norbert (1987): p. 98

O resultado: um enorme tédio, porque não se pode ir mais longe do que o corpo, e porque a banalização do gesto pretensamente extremo nos deixa cada vez mais indiferentes.

BARRENTO, João (2001): p. 42

NA SOLIDÃO DO ATELIER

É necessário teorizar o indivíduo, não tanto como um nómada, um ser “livre” que existe antes e independentemente da sociedade, mas sim como uma posição constituída por um conjunto de relações sociais, membro de muitas comunidades e participante numa pluralidade de formas de identificação colectivas.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 130

A convicção do artista continua a ser dominante.

ROUGE, Isabelle de Maison (2003): p.12

Antes de mais, apenas uma nota para retomar o sentido confessional que a tese assumiu na procura de melhor situar a identidade do autor e o seu entendimento do confronto pessoal com a imagem que ele de si vê reflectida no espelho, que o acompanha em permanência. Não se encontrando já na ‘fase do espelho’, no sentido em que não retira da imagem reflectida os seus desejos de ser um-outro, fase em que a imagem adquire agressividade e se anuncia, mas num outro tempo que apenas exige que se repare no que se vê.

Às vezes nos revelamos mais pelos nossos vínculos quanto mais lutamos para nos livrar deles, ou discutimos, criticamos ou discordamos radicalmente deles.

HALL, Stuart (2003): p. 80

(...) Diante da questão “que fazer” eu na realidade só consigo responder, na maioria dos casos, “não sei”. Só posso analisar de modo intransigente aquilo que é. Nisso me censuram: já que você exerce a crítica, então é também sua obrigação dizer como se deve fazer melhor as coisas. Mas é precisamente isso que eu considero um preconceito burguês. Verificou-se inúmeras vezes na história que precisamente obras que perseguiram propósitos puramente teóricos tenham modificado a consciência, e com isso também a realidade social.

ADORNO T. (2003). “A Filosofia muda o mundo ao manter-se como Teoria” entrevista, in Lua Nova Revista de Cultura e Política, nº 60, S. Paulo, CEDEC. p. 133

Não é forçoso que o ressentimento invada o comportamento de um autor que admite a dificuldade de se entender no que cada um pertence ao que lhe é externo, mesmo se o que observa a partir de si o agonia. A tranquilidade pode inundar Sísifo e possibilitar uma atitude de discernimento lúcido da incapacidade e da incompletude. Com o filme ‘Paris, Texas’ (1984), Wim Wenders incorporou na minha imagem de estabilidade emocional a figura de Harry Dean pontapeando, como se pequenas pedras fossem, as suas amarguras, numa caminhada pacata, solitária e despida de desespero. E é nessa procura de desassossego criado pela percepção da tragédia exposta, coexistente com uma tranquilidade equilibrada na procura das possibilidades de uma acção imanente, que se entende que a procura de distinção de um qualquer contexto, afirma-o sempre como morada, onde a identidade faz parte do universal.

Nesta visão, aparentemente pouco idílica, que recusa a possibilidade de cada um, inteiramente, poder ‘viver a sua vida’ na procura da ‘sua felici-

dade', por reconhecer o vínculo inamovível com a cultura de origem, com o contexto, não se anula a presença agonística pela abertura de novas possibilidades e pela tentativa de propagação do desassossego. Este ponto de vista vincula-se ao posicionamento ideológico do autor, referido num capítulo anterior (*centrar na ideologia*), onde se define a escolha da defesa da cumplicidade com os mais desfavorecidos e o envolvimento, a seu lado, por uma outra estrutura social que favoreça relações igualitárias no âmbito de uma democracia radical, que contrarie o apego aos privilégios dos detentores e herdeiros da riqueza, aos representantes do estado social estabelecido e construtores activos das ideias dominantes. Assume-se a ambivalência sem receio da esquizofrenia.

A orientação que opera nestes dias mais pela estética do que pela ética. Seu principal veículo não é mais a autoridade ética dos líderes com suas visões, ou de pregadores morais com sua homilias, mas o exemplo das “celebridades à vista” (celebridades porque estão à vista); sua arma principal não está na sanção nem em seu poder, difuso mas bruto, de imposição. Como todos os objectos de experiência estética, a orientação insinuada pela indústria do entretenimento atua pela sedução.

BAUMAN, Zygmunt (2001): p. 63

O dilema configura-se no espaço íntimo da procura de uma sinceridade autoral, numa coerência do ser, no encontro do comportamento com as convicções, e não na procura de uma teoria doutrinária ou de um discurso. Independentemente das cumplicidades e afectos com outros autores, das similitudes com comportamentos afins e com práticas artísticas que se admiram pelo efeito de contaminação sobre o estabelecido de que são portadoras, e pela argúcia poética despovoada de falsidade e de logro que apresentam, trata-se de um conflito, absolutamente íntimo e solitário, que cada um resolverá na sua interioridade, quando muito com reflexo na partilha de ideias e de opiniões, e na tangência com atitudes analisadas.

Ao longo dos tempos, a arte acompanhou o poder e serviu os discursos dominantes, e isso não inibe a apreciação suprema dos produtos realizados, que testemunham o tempo onde exaltaram capacidades e limites da humanidade e o esforço para a sua superação. A arte esteve presente também nas respostas utilitárias, nos modos de mediação com os deu-

(...) atrever-me-ia a dizer que o intelectual tem que estar envolvido numa disputa perpétua com todos os guardiões de visões sagradas ou de textos sagrados, cujas depredações são inúmeras e cuja mão pesada não tolera o desacordo e certamente nenhuma diversidade.

SAID, Edward (1993): p. 79

Muitas das práticas e das representações dos artistas e dos escritores (por exemplo, sua ambivalência tanto em relação ao “povo” quanto em relação aos “burgueses”) não se deixa explicar senão por referência ao campo do poder, no interior do qual o próprio campo literário (etc.) ocupa uma posição dominada.

BOURDIEU, Pierre (1992). *Les Règles de L'Art, As Regras da Arte*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, tradução de Maria Lúcia Machado. p. 244

(...) a cultura da classe dominante é sempre a cultura dominante.

CUCHE, Denys (1999): p. 104

(...) o que está em jogo é a libertação total relativamente a modos de pensamento e de expressão preestabelecidos, com vista à promoção necessária de maneiras de sentir e *dizer* especificamente novas, cuja procura implica, por definição, o máximo de *aventura*.

BRETON, André (1952): p. 46

(...) não baste à consciência do artista como homem atuante somente o poder criador e a inteligência. mas que o mesmo seja um ser social, criador não só de obras mas modificador também de consciências (no sentido amplo, coletivo), que colabore ele nessa revolução transformadora, longa e penosa, (...)

OITICICA, Hélio (1967). "Nova Objectividade Brasileira", in BASUALDO, Carlos (org.) (2007): p. 231

A experiência filosófica é algo que só se pode articular através da linguagem, ou também é possível estabelecer correlações entre a linguagem e o mundo das imagens, dos sons, das acções, dos lugares?

PERNIOLA, Mario (2006): p. 62

A "crise" da política toma duas formas complementares: vista por cima, trata-se da submissão dos aparelhos de Estado às obrigações da tecno-economia; vista por baixo, diz respeito à despoliticização dos cidadãos.

LATOUCHE, Serge (1998): p. 34

ses e com os antepassados, nos enfeites do corpo, revelando a capacidade sem limites da humanidade para dotar a vida de momentos de transcendência, de enamoramento e de prazer. Não faltaram no percurso da história da arte actos dissonantes, rebeldias e pertinentes propostas utópicas, por vezes tornados inexistentes, ostracizados, ou desvalorizados. Em alguns casos a história reconheceu mais tarde o seu valor, refazendo a sua leitura e reintegrando-os na narrativa reguladora da arte. No deslizar ininterrupto da história, muitas alterações se produziram no campo social, numa relação interactiva com atitudes vanguardistas de artistas que souberam contagiar a rotina com suas visões transformadoras. Das grandes alterações surgidas na nossa era, têm primordial importância as transformações sociais surgidas em tempo de Revolução Industrial, que permitiram a instalação de um novo regime político, que sustenta o primado capitalista da economia e que se expande na defesa da democracia representativa e nos valores da liberdade. Com esta grande transformação do social projectam-se, a partir do final do século XIX, mudanças culturais, alojadas em ideias de um progresso ansiado, que na arte procuram roturas constantes com o passado de uma arte representativa, configuradas numa novidade plástica que autonomize a obra. A este esforço, correspondente à procura pelos artistas plásticos de uma nova autonomia criativa, estabelece-se uma nova relação de utilização do objecto artístico, apreciado pela nova burguesia urbana que a ele tem acesso, não já pela ideologia imagética propagada que tanto serviu a igreja, a realza e a aristocracia no passado, mas pelo seu valor de propriedade, como objecto de *alta cultura*, utilizado como valor simbólico na sua ostentação classista. A imagética, a representação simbólica e evocativa, até então presente na obra de arte, deixa de ser o sentido primordial e, naturalmente, o tema transforma-se em pretexto para um exercício plástico, onde tanto a novidade expressiva contida, quanto a inscrição do seu autor num movimento de vanguarda ganham preponderância. A novidade, o novo correspondente aos desejos de uma burguesia em ascensão, é, em si, um elemento revolucionário, que afasta para o passado o conservadorismo saudosista e o perpétuo apego a um romantismo que se desenvolveu como libertação do gosto pela vazia aparência da decadente aristocracia, que já não corresponde às novas bandeiras sociais de uma sociedade industrializada e cosmopolita. Este movimento, de vanguardas múltiplas, considerando fundamentalmente os caminhos dominantes, isola progressivamente as artes plásticas num campo elitizado, assistindo-se a actos de incompreensão pelas alterações que, inicialmente, preparam e, depois, afirmam o abstraccio-

nismo. A abertura revolucionária dos movimentos de vanguarda é dificilmente seguida por um público que não acompanha o ritmo das grandes transformações e se prende ao prolongamento decadentista do romantismo e do naturalismo. No limiar do século XX, o público dos salões, das galerias e dos museus de arte divide-se entre uma burguesia defensora da modernidade que povoa os espaços cosmopolitas onde a arte se discute, e os burgueses conservadores que preservam o encantamento pela ‘representação’ e só muito tardiamente se vão aproximando das novas expressões plásticas lá patenteadas, que apresentam o ‘abstracionismo’. A população europeia e das Américas mantém-se afastada e a aproximação do grande público aos grandes eventos que se realizam mostra a sua perplexidade pelo afastamento das narrativas naturalistas e pela novidade modernista. Esta tendência não impede a integração progressiva de outros códigos de percepção visual que se vão instalando dentro de todas as casas, resultantes da difusão dos novos produtos de design industrial, da presença no espaço público de novos paradigmas da imagem que o design de comunicação trás à publicidade, pelo efeito do cinema e da fotografia e, também, pela divulgação multiplicada de imagens de arte. Não pode deixar de ser incluída neste parágrafo a menção das energias despendidas por muitos artistas, particularmente em momentos de convulsão política mais intensa, para ligar o seu trabalho às populações e aos movimentos sociais, procurando um caminho contrário ao fechamento reinante da arte no seu campo. Nem se pode deixar de registar o efeito revolucionária que as roturas artísticas provocaram na mentalidade conservadora, que não acertava o passo com as grandes transformações sociais geradas pela generalização do capitalismo.

Quando de minha entrada como aluno na Escola de Belas Artes do Porto, no final dos anos 1960, o dominante na formação centrava-se no estudo da anatomia, no desenho de figura, na pintura do natural e nas disciplinas teóricas estudava-se a história da arte até ao Barroco. Na sequência do isolamento nacionalista do regime político de então, e da cultura reinante, o modernismo era afastado da atenção dos alunos, mergulhados numa outra aprendizagem oficial, alicerçada *no saber fazer* e concentrada sobre o passado. Apenas alguns professores fomentavam ou permitiam a discussão teórica sobre as polémicas introduzidas pela modernidade, onde só por excepção se incluíam Duchamp, o Dada, o Construtivismo e a Bahaus. Relembro na época as dificuldades que tive em defender, numa disciplina do 3º ano, como um trabalho válido, uma experiência que colava texturas sobre um suporte rígido (1.50 x 1.00) e as

Como respirar, o consumo é um hábito imperceptível que só se dá conta quando contextualmente ostentatório.

APPADURAI, Arjun (1966): p. 95

Le premier mot d’ordre du réseau est donc “résistance et dissidence”. Résistance et dissidence avec le tête mais aussi avec les pieds. Résistance et dissidence comme attitude mentale du refus et comme hygiène de vie. Résistance et dissidence comme attitude concrète par toutes les formes d’auto-organisation alternative. Cela signifie participer à la conception et à la mise en oeuvre de sociétés conviviales. Mais cela implique en premier lieu le refus de la complicité et la collaboration avec cette entreprise de décervelage et de destruction planétaire que constitue l’idéologie développementaliste.

LATOUCHE, Serge (2003): p. 11

Uma vida intelectual é, acima de tudo, conhecimento e liberdade.

SAID, Edward (1993): p. 59

A noção de tradição, por exemplo, tem de ser distinguida da noção de tradicionalismo.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 30

Quis abanar as pessoas, acordá-las. Quis que as pessoas olhassem para o material e reagissem a ele. Quis que elas tomassem consciência de que eram responsáveis, tanto por elas mesmo como pelo resto da raça humana. É fácil ser-se complacente com o mundo. O facto de pagarmos um tanto pelo jornal é quase uma maneira de ficarmos de consciência tranquila. Porque lemos o jornal, demos o nosso contributo. Portanto embrulhamos a consciência no jornal, tal como embrulhamos o lixo... Fiz essa série da forma mais realista que consegui, mais austera que pude, mais directa que sabia, porque, como era *arte*, as pessoas tinham de olhar uma segundavez, pelo menos, para aquilo com que andavam a embrulhar o lixo.

RAUSCHEMBERG, Robert (1970). citado em BOIS, Yve-Alain, in Robert Rauschenberg – crítica e obra de 1949 a 1974, Porto, Serralves, 2008, editado por Bruno Marchand, p. 180

O poder desta tradição – reforçado, como sucedeu com a Bauhaus, pelos construtivistas russos – residia no facto de se alimentar não das inquietações dos artistas enquanto génios criadores individuais mergulhados nos seus problemas esotéricos, mas sim nas suas preocupações enquanto construtores de uma sociedade melhor.

HOBBSAWM, Eric (1998): p. 50

valorizava com uma cobertura monocromática. Nesse tempo os dilemas que enfrentava *na oficina* centravam-se na dificuldade em estudar apenas questões de linguagem: a perturbação da superfície da pintura, a textura como elemento pictórico e a monocromia. A fuga ao instituído era a grande motivação e servia de mote de consolação para uma consciência cívica que combatia o regime ditador de então e que procurava noutra disciplina artística — o teatro, um modo de ligação mais directa entre a produção e o seu público. Como aluno de pintura da ESAP, neste período (1968/1971) nunca se colocou sequer a possibilidade de expôr os trabalhos realizados na escola, pelas dificuldades de acesso aos espaços de exposição existentes, e por desinteresse pessoal, ainda que não alicerçado em recusa de aproximação às leis do mercado da arte.

A evocação do modernismo, de chegada tardia ao contexto artístico nacional, pretende anunciar, no quadro preciso da minha formação artística, a sua persistência, mesmo considerando os propósitos de rotura assumidos pelo pós-modernismo e a anunciada perda de contacto com as raízes da modernidade.

O descontentamento pelo sentido que os novos paradigmas do pós-modernismo pressagiam numa sociedade, que pelos efeitos de uma globalização homogénica exerce, com a violência dominante do regime de mercado, o seu domínio sobre a cultura, não pode iludir os espaços de resistência artística que muitos autores evidenciam, inquietos com o circundante.

Se a presença da modernidade nos conflitos que foram sendo gerados com o novo contexto de globalização hegemónica do mercado mundial, que caracterizam hoje o panorama onde não se identifica um sentido narrativo para a humanidade, confere alguma imprecisão ao presente, ela reside na densidade de um momento em que se misturam os antagonismos e se não podem isolar as suas contradições.

Se hoje não se identificam de modo linear os meios de opressão e de reprodução social, nem o campo de poder que se desmaterializa e desterritorializa entre os grupos financeiros virtuais e os beneficiários do capitalismo liberal, e se hoje não são mais unilineares os caminhos da resistência, a intensificação das conflitualidades conhecidas no século passado, assumidas por muitos artistas, persistem, vivenciando as contradições contemporâneas e revelando o seu antagonismo: perante um silêncio dissimulado que invade o quotidiano e se apresenta como que desapossado dos seus antecedentes e sem perspectivas, o interesse em desintegrar as crenças colectivas, reduzir as populações a consumidores

compulsivos dos espectaculares resultados da profissional máquina de produção cultural, assumida no mesmo patamar da imagem resultante do *marketing político* e da propaganda da ideologia dominante pelos meios de comunicação.

A desmaterialização do objecto artístico iniciada com Duchamp, como a noção de arte alargada de Joseph Beuys, ou o nihilismo destrutivo dos DADA tardaram a ganhar domínio nos eventos promovidos pelas instituições estatais e privadas, e essas rupturas são utilizadas principalmente para a transformação da arte numa entidade isolada da cultura. Os esforços dissonantes de irreverência estética e de aproximação da arte com as populações, efervescentes em períodos de exaltação política revolucionária, não foram suficientes para esbaterem a força dominante que nunca poderia aceitar a vinculação da arte a legitimizações desordeiras, desenquadradas do mercado e das hierarquias estabelecidas no tecido social. A existência de um espaço de contaminação, presente na modernidade pela permanente novidade, ganha agora um cariz distinto face a um mercado (no seu sentido mais alargado) que faz da irreverência e do escândalo um discurso ausente de sentido revolucionário. A procura de uma paragem que exija um novo tempo de contemplação do poético, da capacidade limite do homem para se suplantar e melhor se sentir como ser político, constitui-se hoje como um sentido adverso ao comum e constituinte de uma nova postura de rotura cultural.

A tendência é manter a arte afastada da cultura, contributo para se entender aquela como um terreno privilegiado apenas para os que a ela podem aceder, sobrando para o restante o seu consumo, o aplauso distanciado ou o alheamento. Como na vida, onde o corpo abstracto do poder decide, remetendo a maioria para o seu aplauso e para a possibilidade de legitimação. Para quem não encontrar acantonamento neste tecido social complexo e selvático, onde a ética desapareceu completamente perante o 'vale tudo' e a corrupção, resta a exclusão completa, engrossando os lotes superpovoados dos não-inseridos, dos refugiados, dos desalojados, dos apátridas, ...

Frequentava o 3º ano da ESBAP quando fui violentamente obrigado a ingressar no *serviço militar obrigatório*, onde hibernei para as artes durante quatro anos. Quatro anos de actividade política clandestina contra o regime colonial português, dois deles no palco da guerra colonial — Guiné Bissau. Na Guiné, em 1973, a encomenda de realizar '*um monumento que assinalasse a passagem da engenharia pela guiné*', orde-

Há seis mil exposições por dia, no mundo, se todos os artistas que expõem crêem que é o fim do mundo para eles, ou, ao contrário, o apogeu de uma carreira, isto seria um pouco ridículo.

DUCHAMP, Marcel, entrevista in CABANE, Pierre (1966) Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido, São paulo, editora Perspectiva, 2001, p. 156

O modernismo aspira ao sublime como sua essência, que podemos chamar de trans-estética, na medida em que deseja atingir o absoluto, ou seja, acredita que para ser arte, a arte deve estar além da arte.

JAMESON, Frederic (2001): p. 84

O SAAL (no qual trabalham 170 equipas e que abrangeu 41 000 famílias) é um projecto que surge por exigências do movimento popular. Não é um projecto "artístico", mas é um projecto social de implicações "culturais" em que alguns dos participantes são "artistas".

DIONÍSIO, Eduarda (1993): p. 170

A arte e a poesia do nosso tempo nascem no momento em que o artista insere a subjectividade na ordem da objectividade.

PAZ, Octavio. Marcel Duchamp ou el Castillo de la Pureza, Mael Duchamp ou o castelo da pureza, São Paulo, Editora Perspectiva, 2007, p. 74

Saber es elegir. En el fábrica del conocimiento, el producto se separa de los residuos, y la visión de los potenciales clientes, de sus necesidades o sus deseos, es la que decide cuál es cuál. La fábrica del conocimiento está incompleta a falta de lugares para la eliminación de residuos. Si la luz del conocimiento ilumina es por gentileza de la oscuridad circundante.

BAUMAN, Zygmunt (2004): p. 32

Uma sociedade que reconhece a identidade individual é uma sociedade democrática, deliberativa, porque a identidade individual é, em parte, constituída por diálogos colectivos.

TAYLOR, Charles (1994): p. 25

O Muro está por todo o lado. Até mesmo por baixo da terra e sobretudo dentro da cabeça das pessoas.

DIONÍSIO, Eduarda (1993): p. 423

nada pelo *comandante*, criou um profundo medo de perturbar a actividade política anti-colonial em que militava e não mobilizava nenhum interesse compulsivo de realizar um objecto artístico. *Na solidão do atelier*, então em pleno palco de guerra, rememorizando discursos arrumados no esquecimento, encontrei na linguagem pura da abstracção que antes me ocupava, a solução airosa, assim resolvendo o objecto que concretizei construindo um pano monocromático de texturas diversas, resultante da colagem (soldagem) de sucatas numa estrutura de ferro erguida a cinco metros do solo, para receber como num ecrã, esse inofensivo e secretamente metafórico discurso de um vazio cor de laranja de 10 metros de comprimento. Este exemplo não satisfaz nenhuma vaidade, apenas assinala o modo *fácil* como o inócuo salvou a impossibilidade de dizer e de como a plasticidade dominante no *monumento* não originou a minha prisão.

Presente no 25 de Abril no lado dos que o promoveram e fizeram, apenas retorno à ESBAP em 1975. A dinâmica política dominante, mesmo no interior da escola, promove a decisão de me ligar directamente à actividade política, afastando-me rapidamente do que por lá se passava. Regresso mais tarde, no entristecimento do nevoeiro de Novembro. Esse regresso ao Curso de Pintura, na época acumulado com o exercício docente — então no ensino secundário —, liga-me, de novo, à prática artística e à sua problemática.

Entristecido com o rumo dos acontecimentos sociais que decorriam da adesão nacional ao capitalismo liberal, e o afastamento progressivo da arte para fora do cultural, fragmento as possibilidades de acção, em dois campos interrelacionais: o da actividade política, que exerço no campo da cidadania e o da actividade cultural. Neste espaço de produção cultural envolvo-me em projectos cívicos de produção de cultura e dedico-me à produção artística, actividade sustentada na procura de um discurso pictórico que torne visível o pensamento sobre as artes e sobre o mundo e dê sentido ao modo de fazer.

A velocidade a que as estratégias de subversão são cooptadas mostra que a adaptabilidade do poder é muitas vezes subestimada; contudo, deve reconhecer-se o mérito dos resistentes, na medida em que o acto, ou produto subversivo, não é cooptativamente reinventado ao ritmo que a estética burguesa da eficácia poderia ditar.

PEREIRA, Fernando José (1999): p. 13

A leitura pessoal do campo da arte e do mundo, descrita na tese, remete para um posicionamento crítico: do domínio da arte pelo mercado, entendida a sua estrutura não apenas nos limites da compra-e-venda, mas sustentada pelas instituições públicas e privadas supervisoras, e comportando os *agentes*, negociadores, críticos e mecenas; do império régio dos legitimadores da arte sobre o público e sobre os artistas, por vezes desempenhado por pessoas incapazes de ter quaisquer emoções estéticas perante um objecto de arte; da incapacidade de comunicação da arte para fora do seu mundo e do desprezo de artistas pelo social; da aceitação do inócuo como significativo ou do uso da mentira, da simulação, da hipocrisia face ao sofrimento de seres humanos e à violência sobre os indefesos; do desprezo ignorante sobre o que se faz para lá do nosso quintal confortável, ou distinto da matriz do pensamento comum retirado das incoerências do pós-modernismo e do pós-colonial.

Este ponto não pretende resumir o relatado e intuído ao longo da tese, mas expôr os dilemas digeridos por um autor que se reconhece incomodado pelo social que habita e que pretende instalar na sua produção artística o compulsivo desejo de apresentação de seu trabalho artístico como insistência na diferença, interrogativo do estabelecido, capaz de suscitar a sua contemplação, e parceiro dos desígnios sociais que persistem na luta pelo reconhecimento de iguais direitos para todos os cidadãos. Esses dilemas distanciam o terreno da acção política para um espaço próprio, alargado e envolvente, globalizante, mas que se diferencia da actividade artística, ainda que se estabeleça estreitas interacções com ela. A intervenção política faz-se pela actividade política. A actividade artística não prepara nenhum amanhã, lida com o que habita em cada um, amplia a capacidade de admiração, de atenção, de reflexão, favorece a possibilidade imanente de acção.

A IDEOLOGIA DO AFECTO

Há alguns anos um etnólogo trabalhando na África Central publicou um livro com o título “Os brancos pensam de mais”. Ao contrário do habitual nos etnólogos resolvia ele, neste livro, tentar entender o que é que os seus “objectos de estudo”, os africanos das etnias a que se dedicava, julgavam dos seus “estudiosos” europeus e do mundo a que pertenciam. “Os brancos pensam de mais” era a fórmula que um deles encontrou para resumir o seu espanto

As ideologias constituem estruturas de pensamento e avaliação do mundo — as “ideias” que as pessoas utilizam para compreender como o mundo social funciona, qual o seu lugar nele e o que *devem* fazer. (...) A linguagem e o comportamento são os meios pelos quais se dá o registo material da ideologia, a modalidade de seu funcionamento.

HALL, Stuart (2003): p. 163

As an artist, i try to live on the edge; the result of this experience becomes art.

GEERS, Kendell (2002). “qu'est-ce que l'art?”, in *Beux Arts magazine*, Junho de 2002, p. 124.

O estilo, num grande escritor, é sempre um estilo de vida, de maneira nenhuma qualquer coisa de pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência.

DELEUZE, Gilles (1972-1990): p. 139

O olhar comum não capta o rosto, mas desliza sobre as suas formas tentando decifrar-lhes o sentido recorrendo às palavras e aos gestos, ele próprio tantas vezes enredado na força da indignação do outro olhar.

GIL, José (2005): p. 31

“My choice was to refuse to make political art, I make art politically”

HIRSCHORN, Thomas. *Striving to be stupid: a conversation with Thomas*

Hirschhorn, *in Art Press* n. 239, Paris.

Ver é ser visto. Olhar é ser olhado.

GIL, José (2005):

(...) a maior parte dos acontecimentos são inexplicáveis, acontecendo numa dimensão na qual a palavra alguma vez entrou, e mais inexpressáveis do que tudo o resto são as obras de arte, (...)

RILKE, Rainer Maria. *Letters to a Young Poet, Cartas a um Jovem Poeta*, Carcavelos, Coisas de Ler Edições, tradução de Mafalda Ferrari, 2004, p. 7

perante esse estranho traço caracterológico dos europeus, o seu insensato desejo de viver “segundo o pensamento”.

MARTINS, Vítor (1999). ‘Ideias soltas, sentidas’, in catálogo da exposição “A ideologia do afecto”, José Paiva, Maputo, Outubro de 1999.

Em Outubro de 1999, no Centro Cultural Português de Maputo, apresentei um conjunto de pinturas, que realizei nesse ano *na solidão do atelier*, no Porto, numa exposição intitulada de “*A ideologia do Afecto*”.

Perante o compromisso assumido com o Adido Cultural da Embaixada de Portugal em Moçambique, iniciei o trabalho medindo a planta da sala onde iria apresentar os trabalhos, tentando estabelecer um todo norteador. No silêncio instalado, verifico a pressão do branco de um rolo de tela colocado na minha frente e apenas um conjunto de ideias claras: nenhuma pertença a nenhum movimento artístico, nem centrados interesses na pesquisa da forma; nenhum discurso sobre tudo o que penso sobre Moçambique me povoa o interesse que conhece a recusa pelo ilustrativo, apenas o saborear de um profundo afecto que me une a muitos companheiros de projectos, alunos carentes e ávidos de proximidade à arte, camaradas de ideias ‘sobre o que se passa’ e acções, companheiros de viagem, artistas que procuram o debate com a arte contemporânea; nenhuma imagem esboçada, criada num sonho pitoresco ou produzida pela reflexão sobre significados, apenas a povoação de mil rostos cruzados no acaso das ruas e a presença da agradável sensação de ter um dia reparado neles, o usufruto da sua contemplação e a partilha de sorrisos afáveis. A persistência do branco da tela, se reaviva o engenho, não esbate a agonia, e ganha dimensão a ideia que a exposição, substancialmente, consolida num abraço afectivo a relação estabelecida na cidade, com os amigos e os frequentadores regulares daquela galeria. É para eles que me vou expôr, materializando em ‘obra’ a camaradagem e cumplicidade afectiva que alimentam meu interesse pelos desígnios que se tornaram comuns. O crescer deste propósito não medeia o grande conflito que se estabelece no atelier frente à tela ainda em branco.

Reconheço que a pintura sempre alargou as suas fronteiras com o avançar das tecnologias, com inovações processuais, e novos materiais permitem outros fazeres e uma desmaterialização crescente das suas fronteiras. No meu caso, tem implicação directa a mestria pessoal nas avançadas técnicas serigráficas, o domínio na utilização de *médiuns* e preparados que permitem a utilização de tintas de composição diferenciada, e a facilidade na produção e manuseamento digital da imagem. O

conceito múltiplo surge pelo interesse antigo de irritar o gosto pela obra original e a ideia de povoar a galeria por rostos sem nome que das paredes destaquem os seus olhares, forçando a sua contemplação numa troca de presenças. Sem interesse pelo retrato, apenas numa imagem que estabeleça um olhar horizontal, uma possibilidade para compartilhar o tempo que demorei a pintá-la, na solidão do atelier: uma partilha da identificação do pensamento que lhes impregnei; a apreciação pelas maneiras de fazer (da escolha da imagem fotográfica ao seu tratamento digital e à impressão serigráfica sobre a tela, a pintura final, as tintas e os *médiuns*, o pequeno e o grande formato, a presença imaculada do branco do suporte sempre presente, a visibilidade das camadas de tinta e o roteiro de como foi feito, a verdade da pincelada, o descuido ocasional, ...); a cumplicidade com a liberdade criativa do autor; o diálogo aberto com as desejadas leituras diferenciadas; a exposição como um todo e cada peça como um todo.

PINTURA

*centro da sala
monte para levar, naturalmente o monte diminuirá ao
ritmo das presenças na 'serpente'.
serigrafia . impressão sobre papel.
edição ilimitada.*

PAIVA, José (2005). "José Paiva: pintura", in catálogo de exposição na SERPENTE, galeria d arte contemporânea, 12 de Novembro a 16 de Dezembro de 2005.

Na exposição de pintura que realizei na cidade do Porto, em 2005 (SERPENTE, galeria de arte contemporânea), no catálogo, indicava, como se de um roteiro se tratasse, o que se apresentava na 'primeira parede', na 'parede frontal', na 'segunda parede' e no 'centro da sala'. Com este pequeno texto esclarecia e afirmava o modo como a exposição vestia o corpo da galeria, as medidas se lhe ajustavam, as pinturas se ofereciam. A pintura sobrepunha-se a um processo; produção no atelier de fotografias do rosto de duas amigas (um rosto de pele branca e um de pele negra); tratamento digital das imagens; transporte mecânico para ecrã de serigrafia; impressão sobre tela (2 séries de grande formato, uma série de médio formato) e sobre papel (pequeno formato). Imagens tratadas a preto/branco e impressão a preto, outras resultando do processamento em CMYK, e impressão em quadricomia. A pintura que se lhes

Agora sim podemos confundir a pintura com tudo o que não é pintura, inclusive podemos confundi-la com a própria realidade, pelo menos, com um objecto mais do quotidiano: uma fotografia, uma parede, uma escultura, uma casa, uma paisagem... mesmo que talvez na realidade dos estudos dos pintores, nem o modernismo foi tão puto nem o pós-modernismo tão imputo.

NEGRO, Álvaro (2004). "O fim do fim da pintura", in [W] ART. n.º 002, p. 130

A pintura diz respeito tanto à arte como à vida. Nenhuma delas pode ser construída. (tento agir no intervalo entre as duas).

RAUSCHEMBERG, Robert (1959). "Declaração sem título", in Robert Rauschenberg – crítica e obra de 1949 a 1974, Porto, Serralves, 2008, editado por Bruno Marchand, p. 43.

Vimos em 1992, mulheres e crianças somalis morrerem de fome, junto de um depósito de sementes cheio até mais não pelo auxílio internacional.
BRUNEL, Sylvie (1997): p. 151

A nova sensibilidade entende a arte como extensão da vida — sendo esta entendida como a representação (de novos) modos de intensidade.
SONTAG, Susan (1966): p. 345

Em uma palavra: o desafio consiste em transformar o que geralmente se considera acessório — a cultura, empregando este termo em sua acepção — em fatos principal de surgimento de uma comunidade ante si mesma: isto é, em apoiar-se na promoção da cultura, confundida erroneamente com gratuidade, para provar-lhe que ainda pode realizar proezas que revelem não estar condenada, de forma alguma, a uma morte lenta.
HERMET, Guy (2000): p.164

sobrepõe recorre a técnicas de *velatura*, usando preferencialmente o preto e o branco, enriquecidos com o uso subtil de azuis e terras. Os dilemas de sempre, a procura de uma capacidade de obter uma configuração plástica que se apresentasse autonomamente como perturbadora da distração usual perante o que olhamos, sem querer sentir para além do já sentido, sem permitir reflectir sobre o diverso, sem nos ampliarmos para fora das nossas capacidades. As imagens apresentavam-se aos pares, um rosto fitando o outro, olhares de ambiguidade entre o próximo e o distante, afirmação de como fazemos parte uns dos outros, tentativa de efectividade da partilha do pensamento e do fazer, procura da efectividade de um vínculo de interdependência que dê sentido à acção exposta.

No concreto, desde onde a memória fresca me permite ver os trabalhos realizados *na solidão do atelier* — “*a partir do preto*”, exposição de pintura, no Recife, em 1995 —, que lido com a mesma insatisfação de sempre, a dificuldade em produzir imagens, num tempo onde a procura de transgressão de fronteiras expande o território da arte para estratégias de escândalo e de desafio que anulam a significância o objecto artístico e tornam toda a imagem insignificante face à sua redundância. Entre a autoconsciência artística e a construção de um discurso crítico sobre o social, desenha-se uma tensão de autenticidade que se confronta com os limites utópicos de produção de conteúdo pregnante que irradie, pelo menos, a denúncia dessa tensão, a cumplicidade com essa angústia.

Até quando poderemos olhar esse mundo sem nos dissolvermos nele?

Até onde pode o nosso olhar levar-nos sem nos cegar?

... pensem nisso...

MARTINS, Vítor (2005). “Pensem Nisso...”, in ‘Jose Paiva – pintura’, catálogo, Porto, Galeria de arte contemporânea, 12 de Novembro a 16 de Dezembro de 2005.

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

E nada é tão espantoso como o facto de milhões de homens vulgares se arrisquem a viver na própria carne a experiência talvez mais desesperada que seja dado a alguém viver: a da perda irrevogável de qualquer uso, da absoluta impossibilidade de profanar.

AGAMBEN, Giorgio (2005): p. 121/2

La resistencia social, e incluso la hostilidad, a las obras de arte público contemporáneo ha sido favorecida por las prácticas invasivas de numerosos de artistas, que han tomado el espacio público simplemente como una prolongación del museo, desatendiendo el contexto específico y las características, necesidades e intereses de la comunidad.

AGUILERA, Fernando Gómez (2004), *in* on the w@terfront, n 5, March, 2004, p. 44

Uma cultura que se reproduz em termos de idêntico (uma cultura de reserva ou de gueto) é um cancro sociológico, uma condenação à morte, do mesmo modo que uma língua que já não é falada, que já não adquire nada fora de si própria, que deixa de inventar, é uma língua morta. Há assim sempre algum perigo na vontade de defender ou proteger as culturas e algumas ilusões na busca da sua pureza perdida. As culturas nunca viveram a não ser transformando-se.

AUGÉ, Marc (1997): p. 20/21

Nesta tese, onde fala um autor sem nenhum lugar para proteger nem um território para consolidar e remetido voluntariamente à insularidade onde pesa os seus segredos, o primordial reside nos difíceis regimes de familiaridade que o que se considera ser um esclarecimento crítico sobre o fascinante mundo de injustiças promove, numa acção artística que não se pretende confinada à revelação da decadência da sociedade, e nunca inócua, mas afectiva com a presença de uma postura humana de atenção e de alerta permanente face à urgência de uma relação ética e cívica de cada um com a humanidade.

Referido no ponto anterior, na impossibilidade de uma prática inocente da arte, os dilemas que se centram na dificuldade de elaboração de um discurso poético que objective as compulsões utópicas do autor, desenharam-se já no decurso deste trabalho, os espaços e os tempos onde o autor procura a possibilidade de experiência que alimente e amplie as suas capacidades de produção artística. O estudo de casos percorreu parte dessa procura. Neste ponto sublinha-se a importância que adquiriram as experiências artísticas promovidas em espaço público e o discernimento que sobre elas se adquiriu ao longo da investigação.

Apenas para melhor se apresentarem as ideias defendidas na tese, que são as do seu autor, protagonista da sua própria vida, isolou-se na designação usada — *na solidão do atelier* — um campo de intervenção que não se confina nem ao espaço da oficina, que muitas vezes funciona em variados lugares e também no *espaço público*, nem isola na produção da obra de arte o que se classifica de actividade artística, solta para a partilha de intervenções culturais de procura de inovação na vida quotidiana de comunidades e de instituições.

Cuando un movimiento radical está en marcha, es probable que su epistemología seulte estrechamente condicionada por su práctica.

EAGLETON, Terry (1996): p. 33

Desde bem cedo foi escolhido no IDENTIDADES o terreno da arte pública como o preferido para instalar as experiências de envolvimento do seu colectivo com as comunidades que territorializavam os sítios para onde os artistas e os estudantes de arte se deslocavam. Interessava estender o movimento intercultural para fora dos espaços físicos das instituições parceiras residentes, para assim melhor se permitir um contacto com a cultura profunda, onde pretendíamos beber as suas sabedorias, os sabores e os aromas. E ainda para nos darmos enquanto artistas, objectivando nossos saberes em intervenções de natureza artística, promovidas em diálogo com as populações.

Essa opção determinava, em cada lugar, a nossa apresentação como personagens vinculadas ao fazer artístico e colocava em primeiro plano as dificuldades de comunicação entre grupos distintos: como estabelecer um espaço de aceitação da presença, nos diversos locais, de um grupo Outro, de interesses desconhecidos e que nada ofereciam para além das suas artes de fazer o que não era solicitado? como **conhecer** cada comunidade, nas suas singularidades e complexidades? como nos poderíamos dar a **conhecer** e como nos abririam as suas portas? que tempo seria preciso para se estabelecer um clima de **confiança**? como merecer a **confiança** das populações? ganharíamos nós **confiança**, o reconhecimento e o respeito por elas? seria possível estabelecer um plano de **cumplicidade** entre os interesse em presença? seria possível fazer eclodir uma **cumplicidade** entre uns e outros? haveria possibilidades de **concretizar** alguma intervenção de natureza artística participada pelas comunidades?

Muitas foram as discussões acesas dentro do IDENTIDADES, muito debate público se promoveu, em volta da presença de convidados especiais ou em tertúlias abertas, sobre os conceitos presentes e ensaiados de *arte pública*, num esforço para fixar o sentido das intervenções experimentadas, no quadro das acções promovidas em Moçambique, em Cabo Verde, no Brasil e em Portugal (nos *estudo de casos* realizados e nos anexos se referem os eventos realizados mais significativos).

As intervenções realizadas situaram-se sempre nos limites de uma experiência, medindo os passos, soltando ensinamentos, nunca pretendendo resultar como actos artísticos em si, apenas processos laboratoriais que nos permitiam melhor entender os problemas teóricos, de metodologia, da responsabilidade social que se colocavam, estabelecendo raízes com as populações, semeando circunstâncias melhoradas para novos eventos. Nesta dimensão experiencial se assume o entendimento que se adquiriu, e embora inconclusivo é uma alavanca amadurecida para novos eventos.

O espaço é transformado em lugar, quando adquire definição de significado.

TUAN, Yi-Fu (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. p.136

É que o conceito, creio eu, comporta duas outras dimensões, as do percepto e a do afecto. É isso que me interessa, e não as imagens. Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àquele que as experimenta. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (torna-se outro).

DELEUZE, Gilles (1972-1990): p. 187

A arte hoje é um novo tipo de instrumento, um instrumento para modificar a consciência e organizar novos modos de sensibilidade.

SONTAG, Susan (1966): p. 341

A despolitização significa também o triunfo da contingência e a renúncia às ideias, em favor das determinações económicas e de um culturalismo que absorve o conflito político ou o remete para um plano onde tudo se traduz em termos de identidades, diferenças, reconhecimentos.

GUERREIRO, António (2007), "Introdução", in *Crítica do Contemporâneo*, Conferência Internacional Serralves 2007, p. 18

(...) quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância de entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário.

AMARAL, Lilian (2007). Corpo poético: uma cartografia do lugar, in MEDEIROS, Maria Beatriz (2007) (org.). Espaço e Performance, Brasília, Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2007. p. 50

Independientemente de los vocabularios y los referentes de cultura visual empleados en las obras, el artista de arte público está emplazado a dialogar con la circunstancia y a leer las inquietudes, conflictos y situaciones sociales, a escuchar e interpretar las huellas culturales y los deseos de la ciudadanía, a atender a la poética, la trama, las características físicas del espacio y las demandas funcionales, y a ofrecer respuestas eficaces, sensibles, estéticas, significativas, cívicas y democráticas, en el marco plural de la cultura del proyecto.

AGUILERA, Fernando Gómez (2004), in on the w@terfront, n 5, March, 2004, p. 46/47

Croire que la ville peut être affectée par des galeries d'art public à ciel ouvert ou enrichie par les aventures muséologiques à l'extérieur (pas des achats de l'État ou des grandes compagnies, des prêts et des expositions), c'est comment une erreur philosophique et politique totale.

WODICZKO, Krzysztof (1995): p. 7

A recente passagem do conceito de *arte pública*, nos meios artísticos, para a designação de *arte em espaço público* não satisfaz os questionamentos que se pretendem centrar no campo de um relacionamento intercultural a estabelecer com o *público*. Não se trata de menosprezar o valor artístico de muitas esculturas ou intervenções artísticas colocadas em contacto directo com quem utiliza espaços franqueados ao público, nem de desvalorizar a importância da arte monumental e comemorativa que preenche largamente as páginas da história da arte. Procura-se apenas tornar claro onde reside o fulcro do interesse desta investigação, que mobilizou largas dezenas de jovens e artistas a deslocarem-se para outros continentes: não interessa apenas questionar as possibilidades dos artistas alargarem para outros locais os trabalhos artísticos que poderiam apresentar em espaços dedicados; não se pretende 'educar' públicos, difundir a arte ou promover artistas; não se quer 'ocupar' espaços antes destinados a outros fins. Apenas se deseja produzir um ensaio de enriquecimento pessoal para cada uma das personagens artísticas participantes: uma experiência que se tornasse grávida de acontecimento pela dimensão das conflitualidades pessoais que evidenciasse, na dificuldade que cada um tinha em se explicar como artista perante quem não sabia o que é a *arte* de que se falava, na estranheza da incapacidade de conhecer as populações que se iam tornando afáveis e dialogantes, perante a ciclópica dimensão da riqueza do lugar onde se instala cada projecto; na angústia de não saber *o que fazer*, no concreto das situações criadas; no pudor da exposição da personalidade; na dificuldade de tornar comunicativo o discurso e a linguagem; no encerramento de métodos de trabalho ineficazes; na dificuldade de ser verdadeiramente democrático e de ser paciente no uso diferenciado do valor do tempo; na pressão da racionalidade tornada improdutiva; na estranheza das emoções reveladas e desconhecidas até então, ...

A aprendizagem experiencial permite ela própria a implementação da reflexividade, isto é, a construção duma entidade reflexiva que devolve sentido a uma prática onde se tem sucesso.

DUBAR, Claude (2000): p. 158

Ainda que poroso às infiltrações do que lhe é externo, cada lugar onde nos introduzimos transborda, sabemos bem, de valores de difícil leitura pelo afastamento cultural: a orgânica malha urbana e social; espaços de histórias mil e de ordenamento não programado; uma luz de poéticas distantes e cambiantes diversos; um tempo indecifrável; uma localização de desencontros e encontros; misturas densas de natureza e do construído, dos materiais; dimensões práticas do quotidiano e do sagrado; memórias desconhecidas; aromas gritantes; palcos de crescimento, de bonomia e de agressividade; terreiro de cerimónias e de simplicidades; marcos de poder, simbólico e real; história e estórias, do jogo e da aprendizagem; ... O lugar entendido como um espaço onde não se pode ignorar o que comporta e lhe confere identidade, um território que não tem sentido a não ser pelo que os habitantes lhes acrescentaram. Este entendimento estabelece um comprometimento com os lugares, na sua dimensão antropológica, no seu conteúdo social, cultural e político, face às práticas sociais, psicológicas e económicas que nele ocorrem. E, naturalmente, decorre do interesse nas pessoas, no reconhecimento da qualidade das identidades dos seus donos, do respeito democrático pelas suas vidas, no interesse em partilhar as suas lutas. É nessa vontade de partilhar com essas pessoas que se centra o interesse em estabelecer um palco de interrelacionamento cultural, essa vontade não eclode de uma compulsividade criadora de um grupo de artistas ansiosos por alargar para espaços alternativos as suas produções.

O que se queria era medir a dificuldade de partilhar os problemas de uma população, habitante de um território preciso, colar-se ao seu sentir, ansiar pelos seus desejos, fortalecer as suas lutas, ganhar interesse pela sua história, entrar na sua intimidade colectiva. Ser capaz de aceitar essa dádiva, oferecida sem contrapartidas. Dar dimensão à nossa sinceridade e oferecer nossa amizade, nossa camaradagem, nossas artes.

O IDENTIDADES assumiu ao longo dos mais de dez anos de sua actividade uma postura particular, não de construção de uma qualquer doutrina sobre a arte ou sobre o político, mas apenas enquanto movimento que provocava a acção (laboratorial), para nela, cada um dos seus membros,

Pour les exclus, pour les naufragés du développement, il ne peut s'agir que d'une sorte de synthèse entre tradition perdue et la modernité inaccessible.

LATOUCHE, Serge (2003): p. 16

Tratar os membros de culturas diferentes como se fossem todos determinados da mesma maneira, pode ir do humorístico ao trágico, e mesmo ao destrutivo, passando pelo penoso.

HALL, Edward T. (1983): p. 15

A arte é em si própria constitutivamente política, por ser uma operação que torna inoperativo e que contempla os sentidos e os gestos habituais dos homens e que, desta forma, os abre a um novo possível uso.

AGAMBEN, Giorgio (2007). "Arte, Inoperatividade, Política", in *Crítica do Contemporâneo*, Conferência Internacionais Serralves 2007, p. 49

Qualquer que seja o significado actual de espaço público, não me parece que consista em muitas pessoas reunidas num espaço físico, talvez espaço telefónico, ou espaço digital, não tenho a certeza.

ACCONCI, Vito (2001). Entrevista, in *Insi(s)tu*, Março/Junho de 2001, p. 16/7

O facto da velha linguagem da modernização ter sido substituída por um novo discurso sobre os obstáculos à sociedade civil e à democracia sustentada não deve obscurecer a persistência da tese primordialista.

APPADURAI, Arjun (1966): p. 187

Se a desculturação pode ser o efeito do encontro das culturas, pode também agir como causa de reconstrução cultural.

CUCHE, Denys (1999): p. 98

Se a dúvida é modo de pensar e, com efeito, porque leva o saber a uma representação do desconhecido.

NERHOT, Patrick (2006), *O Sujeito, in Que Valores para este Tempo?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Gradiva – Publicações, Lda, 2007, tradução de Maria do Rosário Monteiro, p. 45

Concluindo: queremos dizer que uma grande obra de arte pode, realmente, ser popular, tal como pode ser impopular; e que a impopularidade não deveria ser nem um índice do seu valor, nem um índice da sua falta de valor.

ROTHKO, Mark (2007): p. 267

Filha: Pai, porque é que as coisas têm contornos?

BATESON, Gregory (1972): p. 47

por si, lhe extrair a aprendizagem. Nesse sentido não se produz pensamento colectivo, apenas se tece um manto de ensaio que suporta as leituras que cada um dos seus participantes quiser e conseguir ter.

Ora, de acção em acção, de sítio em sítio, o movimento foi centrando o foco da atenção no relacionamento possível de estabelecer entre os artistas envolvidos (na maioria, estudantes de arte) e as pessoas desse local. Gradualmente foi-se perdendo o interesse em promover acções que, num dado contexto, apresentassem, quase de surpresa, intervenções artísticas perante os seus frequentadores. Deixou de ter sentido, no contexto preciso do IDENTIDADES, querer intervir junto do público, mesmo se essa intervenção se tornasse qualificada pelos seus efeitos de alteração/subversão do espaço.

De facto, de modo progressivo, o que foi assumindo importância preponderante na programação reside na capacidade e no modo como os artistas (mesmo, no caso, sendo a sua maioria estudantes de arte) podem enfrentar um relacionamento aberto e frontal com populações afastadas da centralidade cultural do mundo globalizado, num forte isolamento das questões da arte.

Nessa história foi-se desenhando um conjunto de ideias que corresponderiam a uma evolução colectiva do movimento, resultado da análise do trabalho laboratorial e experiencial realizado: a arte pública entendida como um espaço de concretização cívica e democrática, afastada dos gostos e interesses pessoais voltada para as necessidades dos demais. Uma opção dialogante entre os artistas e as populações; a arte pública não como um fim em si, mas como um acto de cultura, como parte da vida dos seus usuários, como conversão de um esforço de cidadania democrática actuando sobre um lugar no sentido de o tornar melhor, sociabilizado e sociabilizante; a arte pública como um processo predisposto ao político, que reparte as responsabilidades do processo decorrente de cada situação concreta, como produção social e cultural; a arte pública como produção colectiva e anónima, onde o mérito não é reivindicado.

Numa pequena aldeia no meio do sertão, ou em outra situação semelhante, tanto concentrado como isolado, sinto a plenitude da prática artística, reconheço a capacidade de intervir através da globalidade que constitui a competência adquirida ao longo do percurso efectuado, onde adquiri o que sei e o que sou, e formei o que faço, na proximidade possível do que pretenderia causar.

Sinto-me comparte de comunidades empenhadas na leitura partilhada das suas vidas, dos conteúdos ilegíveis dos espaços que ocupam. As

suas utopias são perseguidas com a minha cumplicidade, e nesta utilidade do que sou, encontro a ambivalência de uma intervenção artística e de uma actividade cívica e democrática que se procuram. Nesta pequena escala perseguem-se as possibilidades de confluência, sem ignorar as distâncias que a procura da consciência poética do desassossego do tempo e da superação dos limites da linguagem cavam perante quem desse espaço particular se encontra afastado.

(...) 2) Poderá a arte contemporânea ser capaz de introduzir um discurso inovador que substitua os monólogos importados da tradição moderna do interior do museu?

PEREIRA, Fernando José (1999). "Arte e espaço público – o efeito sanitário" in

<http://www.virose.pt/fjp/textos/Arteeespacopublico.html>

O mergulho em terras distantes e em boa companhia nos exercícios tangentes com a arte pública fortalecem a análise sobre a arte que atravessa esta tese. Com esse longo mergulho, que se prolonga ainda, foram alimentadas as dúvidas sobre em que terreno a cidadania se pode converter em obra, sabendo que, em limite, a obra, seja ela qual for, só existe na interacção com os seus receptores, e que mais que matéria ela é acontecimento.

La vraie question est qu'est-ce qu'un espace?

OROZCO, Gabeiel (2002). "qu'est-ce que l'art?", in *Beux Arts magazine*, Junho de 2002.

(...) o segundo fenómeno que contribui para o divórcio entre democracia e conhecimento é a não-inscrição.

GIL, José (2004). *Portugal, Hoje: o Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004, p. 43

ENVOLVIMENTO COLECTIVO E EM COMUNIDADES

O rito é a condição do sentido social. Contra a solidão (o não-sentido da ausência), nada mais há, nada a não ser esta consciência reiterada do facto de os outros existirem e de nós podermos fazer com eles trocas, que mais não seja de sorrisos, de lágrimas ou de algumas palavras, para nos provarmos a nós próprios que existimos.

AUGÉ, Marc (2003): p. 91

Hoje em dia, os povos indígenas vão exigindo cada vez mais que os investigadores consultem a comunidade, que procurem obter um consentimento informado por parte dos participantes e que ponham à disposição das comunidades os seus relatórios e os resultados da sua investigação.

SIMPSON Moira. (2007). Um Mundo de Museus: Novos Conceitos, Novos Modelos, in O estado do mundo, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian, tradução de Catarina Mira, p. 142

Le développement a été l'occidentalisation du monde.

LATOUCHE, Serge (2003): p. 57

Os países em desenvolvimento estão nitidamente submetidos a tensões internas excepcionais, agravadas pelo facto de se saberem joguetes numa luta mundial.

PERROUX, François (1981): p. 83

O desinteresse na filiação nas actividades políticas que, em última instância, visam a tomada do poder e a definição de soluções globais, não corresponde a nenhuma desmobilização ou falta de empenho pelo político, mas à escolha de um outro campo de interferência, mais discreto, que habita numa militância transversal, atenta com a vida, alinhada com os esforços de autonomização da cidadania democrática, e engajada no alastramento de uma informação crítica do conhecimento perante a desconstrução da alienante ofensiva da comunicação sobre o social. A escolha de um campo aberto de *envolvimento com comunidades*, o interesse definitivo no *trabalho colaborativo*, a entrega plena a uma *prática docente* centrada no crescimento da consciência cívica e artística dos estudantes, e a *produção artística* como produtora de realidade social, num todo que se interliga em busca da sua *globalidade*, reflecte o sentido escolhido para vagabundear pela vida, sem lhe querer vincar um rasto, apenas lhe confirmar a presença.

Para nós, trabalhar em colectivo é uma opção política. (...)

O colectivo é instrumento essencial no combate à descrença nas ideias justas, à falta de confiança na intervenção possível e necessária no mundo que nos rodeia. (...)

Para nós, trabalhar em colectivo é uma opção estética.

Manifesto de 'O Bando', in DIONÍSIO, Eduarda (1993): p. 475/76

Não será preciso acrescentar muito ao que já foi anteriormente escrito para se tornar evidente o valor que se reconhece ao *trabalho de grupo*. Ao longo da vida preferi a partilha à avareza, comprovando, com o envolvimento em dinâmicas colectivas, as possibilidades que do experienciar se soltavam e suportavam o alicerçar da minha personalidade, permitindo

melhor interpretar os problemas que me iam confrontando. Fui entendendo que, em assuntos de arte e, em particular, nos dilemas próprios da produção artística, o foro pessoal, o isolamento no pensamento e no sentir íntimo, e a solidão do acto criativo, são o espaço onde se constroem as convicções e onde se procura torná-las coerentes com a competência que se vai adquirindo. O valor da *solidão do atelier* apenas marca a índole de um momento elevado onde se procura a poesia que se pretende ver dominar o acto criador, não contradiz a imprescindibilidade do comprometimento com a acção partilhada, a atenção pelo circundante, o estudo abnegado e a investigação. Um dos aspectos de um imprescindível complemento desse necessário isolamento reside na preferência dada ao trabalho colaborativo, o olhar para fora e o vivenciar do social. A experiência narrada na tese revelou, em particular, a qualidade do *colectivo*, que se poderia socorrer das teorias da aprendizagem cooperativa/colaborativa, não fosse a evidência alojada na história do movimento intercultural IDENTIDADES. Este movimento não perfilha as metodologias do trabalho de grupo por lhe medir a eficácia; estas são, de facto, a própria essência do grupo que o constitui e configura o campo de experiência pessoal, como resultado de dinâmicas interculturais, interpessoais e necessariamente colectivas.

Esta reflexão interpessoal, metacognitiva, sobre a acção permite “tomar consciência” do que se faz, de corrigir os seus erros, de melhorar os seus desempenhos. Ela transforma os saberes tácitos, experimentados no trabalho em “saberes verbalizados”, exprimidos, discutidos, confrontados, susceptíveis de serem formalizados e reconhecidos.

DUBAR, Claude (2000): p. 155

O desaguar na personalidade de cada personagem participante de todas as aprendizagens — racionalizadas, subliminares, inconscientes, sensoriais ou mesmo imperceptíveis —, como se pretende, resulta de uma entrega desinibida ao trabalho colaborativo, que possibilita o estabelecimento de laboratórios diversificados e deslocados para outras geografias, espaços onde florescem situações relevantes de onde se colhem não só melhores resultados, mas também leituras partilhadas, observações plurais e divergentes, interpretações criativas e divagações irreverentes. Neste mundo conturbado onde vivemos, onde o tempo comprimido não nos confere a necessidade de suspender a corrida para pensar, ou sequer para contemplar o circundante, apenas o discernimento político pode ali-

A distinção entre aquilo que chamo poético e o funcional não está evidentemente nas coisas, está na relação entre a maneira como as coisas são feitas e a sua finalidade.

CASTORIADIS, Cornelius (1996). Imaginário e imaginação na encruzilhada, in *Do Mundo da imaginação à imaginação do mundo*, Lisboa, Fim de Século edições, 1999, tradução de Miguel Serras Pereira, p. 93

A socialidade é a característica fundante da vida. Com ela e através dela as sociedades organizam-se, perpetuam-se e reproduzem-se.

BUSINO, Giovanni (1999). “Sociedade”, in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999. p. 22

...só partindo de uma comunidade política específica, da tradição que a constitui e dos significados sociais comuns aos seus membros, pode a questão da justiça ser colocada.

MOUFFE, Chantal (1993): p. 53

Em que é que protestar contra o sofrimento é diferente de o reconhecer apenas?

SONTAG, Susan (2003): p.47

A análise da realidade é importante para intervir na sua transformação, quer dizer, acentuando-se a necessidade da análise acentua-se também a necessidade de encontrar métodos e espaços para nela intervir.

COSTA, Alexandre Alves (1979). Dissertação, Porto, Curso de Arquitectura da ESBAF, (1982), p. 53

O que de mais relevante está a acontecer a nível mundial, acontece à margem das teorias dominantes e, até, em contradição com elas.

SANTOS, Boaventura Sousa (2007). Socialismo Século XXI, in Folha de São Paulo, 21 de Maio de 2007

mentar a dedicação a um campo de actividade marginal e discreto, cujo proveito reside na aprendizagem que se pode construir, sobre cada um, sobre as energias partilháveis, à cerca da realidade social, dos problemas da arte, da complexidade da produção criativa e na verificação das possibilidades de discordância cultural e de afirmação paradigmática do divergente, face ao que se não admira e ao que se critica na política, no campo da arte e na cultura.

No espaço preciso da actividade artística, com particular incidência quando há interesse em intervir no espaço público, a perda de afirmação autoral torna-se importante para permitir o fruir da participação colaborativa do grupo envolvido. Essa postura contraria os impulsos criativos da maioria dos artistas, habituados a processos de isolamento nas suas práticas produtivas, perseguidores de um percurso que evidencie a sua assinatura, mas torna-se fulcral nos processos de envolvimento em projectos partilhados, em particular quando as populações os integram. E aí, na presença das populações nos programas de intervenção artística reside a mais complexa situação enfrentada, mas que constituiu o centro de toda a pesquisa.

ENVOLVIMENTO COM AS POPULAÇÕES

Em termos da sua biografia, o individuo contemporâneo passa por uma longa série de mundos sociais amplamente divergentes (no mínimo descoordenados, na pior das hipóteses contraditórios).

BAUMAN, Zygmunt (1991): p.107

(...) assegurar que todo o povo português tenha acesso ao produto dos artistas, porque consideramos que a capacidade de engenho e de criatividade de um povo é riqueza sua e uma arma para o seu triunfo.

1º de Maio de 1976, Manifesto de Artistas Plásticos, in, Diário Popular, 6 de Maio de 1976

Sem pretender dar mais realce à proximidade procurada com as populações que, por uma ou outra razão, se ligaram ao meu percurso, descrita ao longo de toda a tese, nem evidenciar o interesse despendido no entendimento dos esforços pela autonomia social promovidos por pequenas comunidades que nos locais confinados onde se movem, procurando para si o que consideram melhor, devo acrescentar as ideias-força que sustentam, por um lado, o próprio título desta tese e, por outro, alinham o sentido da investigação que se cruza com a actividade que desenvolvi e desenvolvo, junto de populações, distintas e diversas entre si, mas férteis de exemplaridade.

Esta opção assume um carácter eminentemente político no sentido de que me interessa estar identificado com os interesses das populações

toda a cultura é socializada.

WARNIER, Jean-Pierre (1999): p. 11

que não se conformam com a sua condição de pobreza e procuram caminhos autónomos para a alterarem. E este interesse não fornece argumento nenhum para que possa representar os seus interesses e integrar os seus discursos nos meus, apenas me faculta sentir e conhecer os processos de construção das suas identidades, permitindo-me entender as distâncias existentes, saborear a solidariedade, partilhar a emoção pelas barreiras levantadas, criticar a desumanidade alimentada pela sociedade de mercado globalizado que nos domina.

Este carácter político esclarece o sentido político das nossas intervenções junto das comunidades, fortifica a estrutura crítica que sustenta a intervenção cívica quotidiana. A relação transversal da vida não confunde a ocupação de um espaço preciso da minha actividade — o artístico — para onde se procura transpor toda a inquietação pelo social, para esse campo de intervenção específico, onde se torna contraditória a procura implicada de uma narrativa que busca no impulso transgressor da poesia a distinção das linguagens comuns, com o esforço de tornar infecioso, legível e aberto o apelo à sublevação.

A destruição da arte popular, o desprezo pela cultura tradicional, o desinteresse pelos requintes estéticos no quotidiano de famílias pobres, a ofensiva massificada para nivelar pelos estereótipos de um populismo folclórico, o esforço pela construção de uma grande massa acrítica e consumidora dos produtos culturais despertam a minha repulsa e não me permitem distanciar desse movimento ofensivo dos mais elementares princípios democráticos, por destruírem e desprezarem a expressão própria de uma grande percentagem da população e, simultaneamente, desvalorizarem e destruírem uma parte do património de toda a humanidade.

Já assisti em conversas cruzadas de idosos no Alentejo, na troca de ideias com jovens no sertão do Brasil, no decurso de conversas trocadas entre *mamãs* sentadas no chão desenhando com terra vermelha, no palvarear perto do mar de pescadores caboverdianos, ao reparo em por menores das nossas intervenções. São sinais de um efeito subtil, de quem sentiu a natureza específica do trabalho que se promovia, de quem sabia estar a participar num evento de natureza próxima dos ritos sagrados não esquecidos, quem se dispunha a contemplar. Como o tempo se suspendia, não no sentido do desaparecimento do seu sentido, mas numa suspensão que lhe configurava espessura e realidade!

E como as intervenções partilhadas contribuem para a clarificação das complexidades existentes e como configuram os valores da auto-estima, crucial para se enfrentarem os dissabores da vida e se desenharem novos dias!

A forma como me aproximei do *Identities* liga-se a um olhar crescentemente desconfiado sobre a forma como me habituara a pensar a Arte. A reflexão sobre a minha participação no *Identities* não se evade deste contexto já que, sobretudo pela presença dos diferentes momentos vividos, o contexto da problematização sobre o campo da arte se reinventa.

ALVES, André. Porto/*Identities*

A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência.

HALL, Stuart (2003): p. 246

Nas artes visuais, não se tratará mais de “aproximar o público da arte”, nem de o fazer “criador” como qualquer. O tempo das “jornadas culturais” e dos “painéis colectivos” já lá vai. O tempo das alternativas zero também. A “Arte na Rua” chega “atrasada” a Viana do Castelo, em Setembro de 79. Os espaços mais institucionais também parecem marcar passo.

DIONÍSIO, Eduarda (1993): p. 322

(...) toda a minha tese consiste em defender que podemos entender melhor a persistência e a durabilidade de sistemas hegemónicos e saturados como a cultura quando temos consciência de que os constrangimentos internos exercidos sobre escritores e pensadores foram produtivos, e não unilateralmente inibidores.

SAID, Edward (1997): p. 16

ACTIVIDADE DOCENTE

Quem quiser prosseguir a sua visão de uma sociedade melhor tem apenas que descobrir a melhor maneira (e isto abrange o campo e a forma onde a pessoa se sente simultaneamente mais útil e mais apreciada), no momento certo e no local adequado.

MELO, Alberto (2002). A acção local dos cidadãos como forma de resistência à nova onda de colonização global: o caso da Associação In Loco no Sul de Portugal, in SANTOS, Boaventura Sousa (2002): p. 439/40

Esta noção de que os europeus não deveriam nunca ser obrigados a servir sob as ordens dos africanos, independentemente do grau de competência que pudesse existir e que aconselhasse outra forma de cumprimento das funções, tornou-se a marca fundamental da cultura imperialista (...)

DAVIDSON, Basil (1992): p. 53

O início de minha *carreira docente* data de 1972 (Escola Industrial e Comercial de Bissau) e responde a um convite irrecusável que me proporcionou uma ligação através dos alunos à cultura que a cidade e a guerra colonial ocultavam. Em finais de 1974, por concurso, passo a integrar o corpo docente do Ministério da Educação (Escola Preparatória de Ramalho Ortigão — Porto), por necessitar de um salário que me consentisse a independência financeira desejada e a possibilidade de me reinscrever na ESBAP, para concluir o curso. A vida cultural efervescente e a intensidade política decorrente da Revolução de Abril alimentaram a decisão assumida de ‘pedir a exoneração’ para não dispersar as energias então votadas ao envolvimento com as vanguardas políticas que na *Tabopan* em Amarante e no campesinato pobre do Vale do Sousa e do Tâmega se erguiam contra as prepotências conservadoras que o movimento político da época tentava anular. O regresso ao ensino, como professor, em 1980 (Escola Preparatória de Irene Lisboa — Porto) e, de forma mais evidente, o ingresso na Escola Secundária de Soares dos Reis — Porto (1984), correspondem a uma intenção precisa de poder ‘ser útil’, na perspectiva de experienciar uma postura que se centrasse no envolvimento pessoal e dedicado ao ‘crescimento dos alunos’.

Pensar é ouvir com atenção. Para escrever é preciso escutar a voz que dirige a mão.

ANTUNES, António Lobo, in Diário de Notícias, 17.02.2006

APRENDER FAZENDO E FAZER APRENDENDO

Quem acredita que é animado pelo espírito absoluto, pela autoconsciência moral, pela razão incondicionalmente certa da pureza e da legitimidade das suas intenções, é vítima de uma cegueira ainda maior e mais fatal do que quem, pelo contrário, se inclina humildemente perante o reconhecimento do inexplicável.

PERNIOLA, Mario (1991): p. 66

O percurso como professor na Escola Secundária de Soares dos Reis e depois na FBAUP (a partir de 1994), já corresponde a uma implicação. Sentindo o gosto de ser professor, estabeleço como normalidade um relacionamento com os estudantes que alimente um profundo respeito pela personalidade de cada um deles e que acamarade com o crescimento das suas personalidades, decorrentes dos seus interesses vocacionais, políticos, culturais e artísticos, em torno de um rigoroso tratamento dos conteúdos programáticos, numa prática globalizante de transversalidades de saberes.

Contrariando as metodologias educativas que promovem a obediência ao estabelecido, particularmente no que refere à aceitação activa ou passiva das relações de poder estabelecidos e dos saberes impressos na história, mesmo se apresentadas como favoráveis ao desenvolvimento da criatividade, perseguia uma educação que se desejava rica de experiências e geradora de conhecimento relacional, construtora de cidadãos transformadores e de artistas aptos para o seu mister e disso conscientes. Entender o estudante como centro da sua aprendizagem não significa estabelecer um quadro fechado de aprendizagens, de conteúdos, de competências, balizados por perfis de formação, desenhos curriculares e conteúdos programáticos que estabeleçam o seu quadro de interesses, e que geralmente os afasta dos envolvimentos ideológicos que o seu desempenho pleno como cidadãos lhes exige, que inibe uma consciência global sobre a arte e apenas remete para um campo específico do fazer, ou para o desenho de uma estratégia artificial de *percurso autoral*.

Entender o estudante como ser pensante e capaz de estabelecer o seu percurso, sincero com o pulsar do seu interesse compulsivo de produção artística e de envolvimento com o que o cerca, representa anular em absoluto o controlo dos professores, das salas de aula, das oficinas, da instituição escolar sobre os seus destinos. E seria também entender que os muros em volta dos edifícios e jardins não encerram a paisagem nem permitem a sua contemplação e utilização nem a fruição do que os excede. Mesmo o exercício da cidade, a frequência de outras casas e de espaços de trabalho, a visita a exposições, a ida ao cinema e ao teatro, a ida regular a museus e aos espaços 'alternativos', as redondezas palmilhadas, não são ainda suficientes para se entender o mundo que, pela globalização, de modo paradoxal, mais distâncias abriu entre as diferenciadas realidades sociais e bem sabe esquecer os resíduos que produz. A rede de informação e relacionamento que a *Internet* apresenta, a disponibilidade crescente de material bibliográfico, documental e interrelacional, sendo um bem inquestionável e ainda pouco explorado, não é suficiente

É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a ideia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores ou àqueles que precisavam lidar com públicos difíceis.

PERRENOUD, Philippe (2001). Dez novas competências para uma nova profissão, *in* Pátio. Revista pedagógica, Porto Alegre, n.º 17, Maio-Julho, p. 8.

As universidades parecem quase que funcionam como a política, ou como os políticos — vivem a pensar e a reflectir sobre o mundo, mas como se o mundo fosse dentro das suas paredes.

FRAGATEIRO, Fernanda (2005). entrevista, *in* Nexus, 00, Porto, 2007. p. 17

(...) se a manifestação das liberdades do leitor através do texto é tolerada entre funcionários autorizados (é preciso ser Barthes para se atravessar a fazê-lo), ela é ao contrário proibida aos alunos (simplesmente ou habitualmente reduzidos à escuderia do sentido "recebido" pelos mestres) ou ao público (cuidadosamente advertido sobre "o que se deve pensar e cujas invenções são consideradas desprezíveis, e assim reduzidas ao silêncio").

CERTEAU, Michel (1990): p.267

Um sistema de educação é sempre para um governo ou um partido, quer ele o diga ou não, um espaço humano a conquistar e a organizar com vista a desígnios políticos.

PERROUX, François (1981): p. 94

Um conhecimento não é uma ferramenta posta à disposição de um utilizador: ele é o que individualiza um indivíduo, é ele que “trans-forma” esse indivíduo, não simplesmente para o individualizar, ou para o identificar, mas, bem mais subtilmente, para o singularizar, isto é, para o indeterminar: para o projectar no plano dessa improbabilidade em que se verifica que ele constitui uma existência incomparável, e não uma simples subsistência, isto é, um simples potencial vital, gerível e administrável por uma biopolítica.

STIEGLER, Bernard. (2007). Tomar Cuidado: Sobre a Solicitude no Século XXI, *in* A urgência da teoria, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian, tradução de Fátima Ferreira, p. 152/3

Saltamos o muro da escola. Muitas tentativas fiz e ainda não foi o momento de unir o seu jardim à minha vida toda. Só mais tarde aprendi o que me ensinou.

COSTA, Alexandre Alves (1979). Dissertação, Porto, Curso de Arquitectura da ESBAP, (1982), p. 42

para substituir a necessidade de contacto directo com muitas das realidades que interessa não ignorar, mas que nos são camufladas ou aniquiladas na *massificação* dos média. É preciso molhar os pés na lama para lhe medir a consistência.

A identidade artística em construção em cada estudante realiza-se na intimidade personalizada de gestão de interesses, dos saberes e sensibilidades particulares, dos pulsares próprios de cada personalidade, da disponibilidade crítica, do confronto com as limitações e incapacidades processuais e técnicas, do ritmo autónomo de incorporação. No entanto, no respeito pela individualização da aprendizagem, a comunidade escolar possibilita um espaço único de partilha, o debate e a confrontação de ideias, a parceria e o trabalho colaborativo que favorecem inquestionavelmente a exemplaridade do acontecido, o reforço da análise e a amplitude do experimentado.

É neste sentido que o docente se integra na comunidade aprendente, disponível para confrontar o seu saber e a sua experiência com o grupo, disponível para aprender com a sua função de favorecedor da aprendizagem, capaz de prestar atenção às minudências pessoais, aos silêncios tímidos, aos sorrisos discretos, aos ritmos desfasados, às extravagâncias, às vaidades pessoais ou ao deslumbramento.

NO EXTERNO

(...) é necessário voltar o ensino do avesso e dizer: ensinar é primária e fundamentalmente ensinar a necessidade de uma ciência e não ensinar uma ciência cuja necessidade seja impossível de fazer sentir ao estudante.

ORTEGA Y GASSET (1933). Sobre o estudar e o estudante, *in* Quatro Textos Excêntrico, Lisboa, Relógio D'Água, 2000, p. 101

Ninguém estranha se me encontrar com estudantes em longínquas paragens, trabalhando com eles em projectos colaborativos de desenvolvimento local, partilhando com as comunidades soluções para os problemas que afectam o seu quotidiano (ao longo da tese apresentei casos concretos onde isso ocorreu). Interessa aqui realçar o sentido que tem esta teimosia em retirar os estudantes do contexto educativo onde nos conhecemos e onde pertencem, assumindo que tal resulta da insuficiência sentida na escola, das limitações do existente no seu interior, nas estreitas ameias do seu tecido organizacional, para uma abordagem que

favoreça a aprendizagem globalizante que se entende como imprescindível no contemporâneo: favorecendo o contacto com os dramas sociais que abundam; revelando os esforços artísticos isolados dos palcos da centralidade artística que procuram modo de frutificar; acompanhando de perto os movimentos sociais que promovem a dignidade de populações excluídas e esquecidas pela trucidante máquina globalizada. Neste palco externo, os estudantes, os professores, os estudantes Outros, os professores Outros, os artistas e os artistas Outros, mulheres, homens e crianças constroem elos de aprendizagem cruzada, numa relação que se desprofissionaliza na partilha de processos de intervenção em questões locais, que provocam a relação intercultural, a procura comum de problemas locais. Não se procuram respostas a problemas pré-defenidos, não se estabelecem cenários, enfrentam-se situações complexas que apelam a todo o conhecimento mobilizável, ao saber fazer com o que há, à discussão do processo, à consensualização das soluções, à partilha das angústias, à alegria trocada perante as soluções, à contemplação íntima e vivenciada dos resultados, ao desenho de novos compromissos.

A participação nas acções promovidas pelo IDENTIDADES marca de modo indisfarçável os seus protagonistas. Intervir na concepção dos projectos, participar na definição dos caminhos a percorrer, integrar o exercício democrático da sua organização, compartilhar na sua efectivação, dividir responsabilidades pelo sucesso, pelas despesas, pela preparação e avaliação edifica um quadro de pertença ao movimento, de adesão consciente, que transfigura em empenho voluntário a participação nas experiências que se realizam. O apelo à intervenção artística, à acção criativa, ao debate constante de ideias, à contemplação do diferente, à introspecção sobre o acontecido, tornam as deslocações efectuadas em campos infindáveis de aprendizagem sem fronteiras físicas, disciplinares, organizacionais ou institucionais. São laboratórios de experiências artísticas e sociais que dotam os estudantes e os docentes envolvidos de ensinamentos complexos que possibilitam a cada um incorporações diferenciadas nas suas identidades, no seu desempenho académico. Como uma esponja, todos se tornam permeáveis ao vivido. E essa deslocação para ir colher fora da escola o que ela não pode comportar, permite um outro movimento inverso, que traz para dentro essa realidade outra e possibilita espalhar a amplitude do experimentado para o contexto quotidiano das relações de ensino e de aprendizagem.

“Neste tempo de crises declaradas, num momento crítico da sociedade face à fragmentação social, a uma cultura global dominante de competição, à violência urbana endémica e à marginalização da educação e dos veículos de transformação cultural, apelamos para novos e mais adequados paradigmas da educação que transmitam e transformem a cultura através da linguagem humanista das artes que é baseada nos princípios da cooperação e não da competição. Acreditamos que actualmente, o conhecimento básico dos indivíduos nas sociedades pós-industriais deva incluir inteligências flexíveis, competências criativas verbais e não verbais, capacidades de pensar criticamente e com imaginação, compreensão intercultural e empatia para com a diversidade cultural. A investigação tem demonstrado que estes atributos pessoais são adquiridos através do processo da aprendizagem e utilização de linguagens artísticas.”

Joint Declaration, Viseu, 4 de Março de 2006, Congresso Internacional InSEA 2006.

Como educador eu jamais deixei de ser um homem político (...) o professor é um político e um artista, jamais um técnico.

Freire, Paulo e Guimarães, Sérgio. Sobre educação: lições de casa. S.Paulo, Paz e Terra, 2008

As crises constituem momentos e não estados. As ordens, os sistemas de valores e de evidências são frequentemente abalados, mas as forças obscuras não aniquilam a esperança.

COHN, Danièle (2007). Conclusões, in *Que Valores para este Tempo?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Gradiva – Publicações, Lda, 2007, tradução de Dóris Graça Dias, p. 370

Como se deu a conhecer, entende-se que a opção pelo exercício docente não se desliga, mas pelo contrário se solda à vida de artista plástico que exerce nesse campo preciso a cidadania democrática e de envolvimento cruzados. A recusa do repouso e do aconchego, alimentada pelo possível sucesso de condições de reprodução social, efectiva-se num plano de desassossego permanente, de abertura a uma inovação das relações pedagógicas, só possível se aberta para além do relacionamento estritamente académico, e procurada em conjunto com os estudantes, com a comunidade escolar e comprometida com o desENVOLVIMENTO.

CONCLUSÃO

(...) o desenho como processo, o desenho como verbo, o desenho como acção, como capacidade de processar informação, de se conjugar com a elasticidade do pensar, na acção de fazer, ver, rever, errar, recusar, destruir, reconstruir, construir, alterar, diversificar, divergir, seleccionar, clarificar, formar, conformar, deformar, reformar, prosseguir ... desenhá-lo.

Estamos a falar de operar e não da ópera, não da obra.

BISMARCK, Mário (2000). *Desenhar é o Desenho*, in *Os desenhos do Desenho*, Porto, FPCEUP, 2001. p. 6

O branco está ali para ser preenchido, assim como o buraco estava para ser tapado a qualquer momento. Uma página branca, uma tela branca esperam ser escritas ou pintadas.

CAUQUELIN, Anne (2006): p. 77/8

Um pequeno pormenor distingue o título deste capítulo do habitual último ponto de uma tese, onde se apresentam as *conclusões* da investigação realizada — apenas se apresenta aqui a *conclusão* da tese. Neste caso fez-se situar num capítulo anterior o entendimento conferido às questões que se consideraram fundamentais no estudo apresentado, para melhor se defender a ideia de que o seu objecto se movimenta, que prepara com o estudo as passadas que se lhe seguem, em vez de encerrar o caso como se se fechasse no próprio ensaio.

O estudo instala a clarificação da configuração consciente da presença da ideologia no processo de construção da identidade autoral, da gestão da angústia e da vontade compulsiva de intervir através do seu ofício artístico na sociedade, onde se sente implicado. De nenhum modo se pretendeu elaborar um modelo de conduta ou se procurou definir quaisquer contornos éticos que balizem comportamentos, apenas se investigou, a partir do caso concreto de um artista plástico, o próprio autor da tese, um exemplo que configura uma exposição de sinceridade que, ela própria, não se fecha no que contempla, mas se sabe dinâmica e processual.

A ideologia do presente, da evidência e do consumo apoia-se na inocência aparente das palavras para sugerir que, tendo sido alcançados todos os fins, o problema de uma finalidade mais global não tem actualidade.

AUGÉ, Marc (2003): p. 154

No sentido de que se trata de um movimento, de um percurso que se não suspende, considera-se que, neste capítulo, não se devem tirar conclusões, pressionados pela tradição académica ou por uma tentativa de selar o entendimento conseguido, por se saber da sua contingência. Assim, apenas se usa este capítulo, último na tese, não para apresentar conclusões mas apenas para a afirmação da transitoriedade do que se tornou conhecido.

UMA TESE COMO UM DESENHO

O desenho institui-se assim como a marca, como o rasto deixado na procura daquilo que sentimos como carência.

BISMARCK, Mário (2004). Contornando a origem do desenho, in PSIAx, n.º 3, Junho de 2004, p. 38

A tese anuncia-se na área da pintura, espaço que dá guarida a uma actividade centrada nas artes plásticas e, como tal, inscreve-se numa tradição que se habituara a concretizar em obra os propósitos do autor. Um artista plástico confere aos dilemas que enfrenta na sua relação com o mundo e com o campo da arte a angústia de saber transpor para o objecto, ou a acção, o efeito pregnante da sua implicação social. É na procura de um resultado, na busca de um substantivo qualificado, que se habita o processo de realização artística. A tese decorre em outro sentido, afasta-se da busca de um resultado pretendido e da análise dos produtos artísticos para a natureza da conflitualidade transportada para o acto criativo, procura exigente na medida em que persegue a dimensão da sinceridade autoral. Este posicionamento no que antecede o objecto criado evoca o espaço de esboço e de estudo, o tempo suspenso de elaboração, o arrumo e desarrumo das ideias, o campo do projecto, o preparatório.

O desenho permite a clarificação metafórica do sentido desta tese, desviada da procura de resultados objectivados, comparável ao esforço de um pintor face a uma tela em branco, onde lhe procura acrescentar um fim que liberta o objecto artístico para fora de si. O desenho inscreve-se num outro campo, que prepara, que anuncia, que esclarece, impulsivando o contínuo, o que se lhe segue.

É neste deslizar subtil que se evocam a arquitectura do desenhador, o equilíbrio do corpo, ensinado pela dança e pela solidão, o gesto simples que configura toda uma escola do adquirido, o pulsar sanguíneo e do

Desenhar supõe a aprendizagem de uma articulação subtil entre a mão e o olho: a mão tem de ver e o olho traçar, para que a mão trace o que o olho vê.

GIL, José (2005): p. 19

Quando — já deitado, pronto para o sono da noite e com a luz apagada; a ler o jornal, caminhando pela rua fora; a olhar a televisão; sem olhar para coisa nenhuma, nem pensando em nada especial — ocorre uma ideia para um possível trabalho, vejo uma imagem, bastante nítida, de riscos pretos em fundo branco, um “desenho”, um “desenho”.

SOUSA, Ângelo de (2003). Refracções, in Revista de Comunicação e Linguagens, n. 31, p.196.

Eu hoje sei, por natureza, que tenho a minha vontade, que defino o meu campo de actuação, o meu campo de estar e o meu campo de ser, mas sei que esse campo tem componentes de flutuação e que eu sou permeável a essa mesma flutuação das suas componentes.

CARNEIRO, Alberto. “Entrevista”, in RODRIGUES, Luís Filipe Salgado Pereira, tese de mestrado em Educação Artística, FBAUL, 2007, p. 19

sentimento que traduz o envolvimento com o que se vê, com o que se lê, com a configuração do sonho e da utopia, a memória e o esquecimento que acordam o visto, o sentido e o desejado, a vontade de dar sentido à minúcia, a cada fragmento como se fosse o todo.

TUDO NO MESMO BARCO

O marinheiro é, pois, um mercúrio (ou um Hermes, se usarmos a outra tradição da antiguidade), um comunicador nato, e estabelece a comunicação falando directamente com pessoas, numa linguagem que elas entendem e que, no excessivo coloquialismo, cria com elas cumplicidade.

ALMEIDA, Miguel Vale de (2000): p. 244

A Insatisfação é a capacidade de compreender que, para podermos aspirar à transformação ética e equitativa do mundo global em que vivemos, sistemática e incansavelmente teremos de “regressar” às condições sociais e históricas daqueles que se encontram no domínio da morte social — os excluídos, os marginalizados, os desprovidos.

BHABHA, Homi K. (2007). Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial, in *A urgência da teoria*, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian, tradução de Catarina Mira, p. 43

Os seres humanos são uma parte constituinte tanto de uma ordem natural como de uma ordem social.

ELIAS, Norbert (1987): p. 61

Embora não tenhamos outra escolha senão ser mestiços, paradoxalmente, a mestiçagem raras vezes foi pensada como tal.

LAPLANTINE, François e NOUSS, Alexis (1997): p. 71

É possível estabelecer entendimentos diversos sobre o mundo, isolando uma parte e ignorando as outras, olhando o distante pela comparação com o próximo, desejar o alheio para proveito próprio, ou analisando de outros e variados pontos de vista. O Ocidente, ao longo dos tempos escreveu a história da humanidade como bem quis e determinou ou condicionou os grandes acontecimentos mundiais.

Sendo decisivo nesse rumo, no entanto, o presente que surge a nossos olhos, para além dos ecrãs que nos iludem, configura-se tumultuoso e pouco radiante. Nesse desânimo, a que não são alheias as sempre existentes controvérsias internas ao pensamento ocidental, desenham-se cenários que procuram discernir sobre as encruzilhadas a enfrentar, sabendo-se que não anunciam rumos lineares, pelo contrário evidenciam teias rizomáticas sem fim.

Persistir numa navegação timoneira em que parcelas da humanidade procuram construir uma bússola que as oriente, pode não ser mais do que repetir uma escolha para um novo beco. Experimentam-se novas configurações, esgotados os caminhos da modernidade e do colonialismo, mas sem lhe medir as causas de esgotamento, sem clarificar a incapacidade persistente em se ouvirem as partes divergentes, complexas, controversas, antagónicas, múltiplas, conflituantes, ..., naturalmente, e por isso ricas e propiciadoras de melhores visões. Num barco, todos, nesse sentimento partilhado de entender a deriva, na emoção colectiva e promíscua do isolamento, perante uma atenção auditiva e a disponibilidade democrática, na contemplação amável da brisa, no enfrentar sereno dos conflitos inevitáveis a bordo, poderia ser possível.

Apreciando o sol que banha este jardim marítimo da Europa, sei-me resultado de misturas cruzadas, preenchidas por uma memória colectiva, de uma história milenar que tentou negar o que fomos incorporando do envolvimento com o Outro, que não soube medir a perda do que nunca quis entender, nem saborear das culturas tornadas próximas. Hoje enfrentamos a presença do Outro na nossa vizinhança, conquistando democraticamente os direitos de cidadania. As novas nações assumem e reivindicam os mesmos direitos internacionais. O caminho abre-se para a compreensão dos passados ignóbeis de discriminação. No sentimento angustiado pelo que observo, como analisei ao longo da tese, busco entusiasmado um modo de tornar presente o que considero ser a minha escolha vocacional para concretizar um vínculo de implicação com o social. E essa procura, centrada no campo das artes plásticas torna-se atribulada pelas limitações de formar uma linguagem poética que assuma a sua própria eficácia. É sobre este conflito, que convoca a consciência política, o conhecimento, o corpo e o desejo, que procurei investigar, não como um estudo abstracto e deslocado para a teoria, mas a partir da análise dilacerante de um autor que alarga o seu tempo de atelier, a partir de um movimento intercultural que partilha com estudantes, professores, artistas, agentes culturais e de desenvolvimento, para um envolvimento com comunidades espalhadas numa ampla geografia. Essa necessidade de, para além do espaço pessoal de introspecção, estudo e experientiação, procurar com os pares, na confrontação partilhada com os estudantes de arte em situações ousadas, perante interventores no desenvolvimento local e perto de comunidades pobres, corresponde à opção pela vinculação ao social, com quem se dispõe a intervir no político e pelo artístico, e também ao valor dado à audição sobre os dilemas que o campo da arte enfrenta, para além dos que a ele dedicam as suas energias.

O trabalho apresenta quatro *estudo de casos* que dão a dimensão da necessidade de se sentir o social, na sua amplitude e complexidade, para nessa consciência melhor se configurar a acção artística que se quer a ela vinculada. Nesse capítulo definem-se os contextos culturais que sustentaram os eventos e analisa-se o ocorrido. Este campo laboratorial mostrou ser rico de possibilidades de aprendizagens transversais, globalizantes e precisas, no domínio da vida e da arte, mas, essencialmente representaram para os seus participantes um percurso de construção de identidades autorais, onde a presença da consciência do autor se assume como determinante no acto criativo.

Às vezes nos revelamos mais pelos nossos vínculos quanto mais lutamos para nos livrarmos deles, ou discutimos, criticamos ou discordamos radicalmente deles.

HALL, Stuart (2003): p. 80

A arte é tudo aquilo a que os homens chamam arte. Isto não é, como algumas pessoas poderiam supor, uma simples nota de abertura, mas antes, talvez a única definição aceitável e susceptível de verificação do conceito de arte.

FORMAGGIO, Dino (1973): p. 9

Resistência e dissidência são também a solução para limitar os prejuízos da uniformização planetária e da ocidentalização do mundo.

LATOUICHE, Serge (1998): p. 153

Desarmar o caos, que é o mesmo que dizer, desarmar o punho invisível que o provoca: o sistema mundial que nos rege baseado na íntima conexão entre os pressupostos militaristas e o sistema capitalista de mercado global.

PACHECO, Carlos. (2007). O Espelho do Abismo, in O estado do mundo, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian, p. 24

As questões mais interessantes são, talvez, aquelas que se centram nas relações entre indivíduos, grupos e comunidades, e as que se debruçam sobre o que entendemos por democracia.

RICHARDS, Colin. (2007). Feridas das Descobertas, in O estado do mundo, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian, tradução de Catarina Mira, p. 43

Saber pensar simultaneamente a delicadeza da ordem universal e o dinamismo das tensões que a atravessam constitui o ponto de chegada da experiência cósmica, a obtenção de uma serenidade capaz de se manter nas situações mais incertas e tumultuosas.

PERNIOLA, Mario (1991): p. 111

Não se pretende, agora, forçar um discurso de conclusões que, como se disse já, não corresponde ao esforço da investigação que clarificou ao longo do escrito a importância da fuga a um fechamento para a resolução, em solidão, dos conflitos criativos de produção de um discurso artístico que opere com autoridade poética e difunda a urgência da subversão e de implicação democrática na produção de uma sociedade, onde se exerça em pleno direito, por todos, a cidadania. Assim se pretendia esta tese, que se sabe insuficiente perante as exigências de quem detecta a sua própria incompletude e que apenas sabe procurar, na sinceridade da sua actividade introspectiva, relacional e produtiva, as configurações que medeiem a sua relação com o mundo.

LISTA DE REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

AAVV (2007). **A urgência da teoria**, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian.

AAVV (2000). **Artelatina**, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, 2000.

AAVV (2007). **O estado do mundo**, Lisboa, Edições Tinta-da-China e Fundação Calouste Gulbenkian.

AAVV (2007). **Que Valores para Este Tempo?**, Lisboa, Gradiva e Fundação Calouste Gulbenkian.

ADORNO, Theodor W. (2003). **Sobre a Indústria Cultural** — Organização e Prefácio de António Sousa Ribeiro, Coimbra, Angelus Novus, 2003.

AGAMBEN, Giorgio (2005). **Profanazioni, Profanações**, Lisboa, Edições Cotovia, 2006, tradução de Luísa Feijó.

ALBINO, José Carlos (2001). **Desenvolver (des)envolvendo: Reflexões e Pistas para o Desenvolvimento Local**, Messejana, ESDIME.

ALBINO, José Carlos (2001). **Contributos para a História do Desenvolvimento Local em Portugal**, Vialonga, ANIMAR, 2004.

ALMEIDA, Miguel Vale de (2000). **Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade**, Oeiras, Celta Editora.

ALMEIDA, Miguel Vale de (org.) (1996). **Corpo Presente**, Oeiras, Celta Editora.

AMARAL, Aracy A. (1984). **Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970**, S. Paulo, Nobel.

AMIN, Samir (1973/5). **La dimension mondiale de la lutte des classes**, in *Minuit, revue périodique*, Paris. **A dimensão mundial da luta de classes**,

Porto, *Publicações Escorpião*, 1975, tradução de Manuel Guedes e Emanuel Cirne

ANDRÉ, João Maria (2005). **Diálogo intercultural, utopia e mestiçagens em tempos de globalização**, Coimbra, *Ariadne Editora*

APPADURAI, Arjun (1966). **Modernity at Large – Culture Dimensions of Globalization, Dimensões Culturais da Globalização**, Lisboa, *Editorial Teorema*, 2004, tradução de Telma Costa

AUGÉ, Marc (2003). **Pour quoi vivons-nous?, Para que vivemos?**, 90 Graus Editora, 2007, tradução de Miguel Serras Pereira

AUGÉ, Marc (1997). **La Guerre des rêves: exercices d'ethno-fiction, A Guerra dos Sonhos: Exercícios de Etnoficção**, Oeiras, *Celta Editora*, 1998, tradução de Miguel Serras Pereira.

AUGÉ, Marc (1974) (direcção). **La construction du monde, A construção do mundo: religião, representações, ideologia**, Lisboa, *Edições 70*, 2000, tradução de Isabel Braga.

AUGÉ, Marc (1992). **Non-Lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité, Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**, Lisboa, *Bertrand Editora*, 1998.

BALANDIER, Georges (1967). **Anthropologie Politique, Antropologia Política**, Lisboa, *Editorial Presença*, 1987 (2 Ed), tradução de M. Rodrigues Martins

BARRENTO, João (2005). **Ler o que não foi escrito: Conversa inacabada com Walter Benjamin e Paul Celan**, Lisboa, *Livros Cotovia*, 2005.

BARRENTO, João (2001). **A espiral vertiginosa**, Lisboa, *Livros Cotovia*.

BARSAMIAN, David (2003). **Culture and Resistance – Conversations with Edward W. Said, Cultura e Resistência – David Barsamian entrevista Edward W. Said**, Porto, *Campo das Letras*, 2004, tradução de Miguel Serras Pereira e Susana Serras Pereira.

BASTIDE, Roger (1971) . **Anthropologie appliquée, Antropologia aplicada**, São Paulo, *Editora Perspectiva*, 1979, tradução de Maria Lúcia Pereira e J. Guinsburg.

BATESON, Gregory (1972). **Metalogues. Metadiálogos**, Lisboa, *Gradiva*, 1996 (3. Ed.), tradução de Carlos Henrique de Jesus.

BAUDRILLARD, Jean (1979). **De la Séduction, Da Sedução**, São Paulo, Papyrus, 1992, tradução de Tânia Pellegrini.

BAUDRILLARD, Jean (1976). **L'Echange symbolique et la mort, A Troca simbólica e a Morte (I e II Vol.)**, Lisboa, edições 70, 1997, tradução de João Gama.

BAUMAN, Zygmunt (2004). **Wast Lives. Vidas Desperdiçadas**, Barcelona, Ediciones Paidós Ibéria, 2005, tradução de Pablo Hrmida Lazcano.

BAUMAN, Zygmunt (2003). **Liquid love — on the frailty of human bonds. Amor Líquido — Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**, Lisboa, Relógio D'Água, 2006, tradução de Carlos Alberto Medeiros.

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Community (Seeking Safety in an Insecure World), Comunidade (a busca por segurança no mundo actual)**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, tradução de Plínio Dentzien.

BAUMAN, Zygmunt (1998). **Globalization: the Human Consequences, Globalização: As consequências humanas**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, tradução de Marcus Penchel.

BAUMAN, Zygmunt (1995). **Life in Fragments – Essays in postmodern Morality, A Vida Fragmentada – Ensaio sobre a Moral Pós-Moderna**, Lisboa, Relógio D'Água, 2007, tradução de Miguel Serras Pereira

BAUMAN, Zygmunt (1991). **Modernity and Ambivalence., Modernidade e Ambivalência**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, tradução de Marcus Penchel.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas — Gesammelte Schriften — Imagens de Pensamento**, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, tradução de João Barrento.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas — Gesammelte Schriften — Origem do Drama Trágico Alemão**, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, tradução de João Barrento.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas — Gesammelte Schriften — A Modernidade** Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, tradução de João Barrento.

BERGER, John (2001). **The Space of Pocket, Bolsões de resistência**, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004, tradução de Lane de Castro.

BERGER, John (1980). **About looking, Sobre o olhar**, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2003, tradução de Lya Luft.

BERGER, John – BLOMBERG, Sven – FOX, Chris – DIBB, Michael – HOLLIS, Richard, (1972). **Ways of Seeing, Modes de Ver**, Edições 70, tradução de Ana Maria Alves.

BORRADORI, Giovanna (2003). **Philosophy in a Time of Terror, Filosofia em tempo de terror – Diálogos com Jurgen Habermas e Jacques Derrida**, Porto, Campo das letras, 2004, tradução de Jorge Pinho.

BOURDIEU, Pierre (1998). **Contre-feux, Contrafogos**. Oeiras, Celta Editora, 1998, tradução de Miguel Serras Pereira.

BOURDIEU, Pierre (1997). **Una utopia razonada: contra el fatalismo económico**. in *New left review*, nº 0, 2000.

BOURDIEU, Pierre (1994). **Raisons pratiques: sur la théorie de l'action, razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção**. Oeiras, Celta Editora, 1996, tradução de Miguel Serras Pereira.

BOURDIEU, Pierre (1989). **O Poder Simbólico**. Algés, Difel, 2001, tradução de Fernando Tomaz.

BOURDIEU, Pierre (1982). **Leçon sur la leçon, Lição sobre a lição**. V.N. Gaia, Estratégias Criativas, 2000, tradução de António Marcelino Valente.

BOURDIEU, Pierre (1974). **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Editorial Perspectiva, 1974, tradução de Sérgio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira.

BOUTINET, Jean-Pierre (1990). **Anthropologie du Projet, Antropologia do Projecto**, Lisboa, Instituto Piaget, 1996, tradução de José Gabriel Rego

BRETON, André (1952). **Entétiens, Entrevistas**, Lisboa, Edições Salamandra (1994), tradução de Ernesto Sampaio.

BRUNEL, Sylvie (1997). **Ceux qui vont mourrir de faim, Os que vão morrer de fome**, Porto, Campo das Letras, 1998, tradução de Elsa Andriga.

BUTLER, Judith – LACLAU, Ernesto – ZIZEK, Slavoj (2000). **Contingency, Hegemony Universality, Contingencia, hegemonía, universalidad**, México, Fondo de Cultura Económica, 2003, tradução de Cristina Sardoy e Graciela Homs.

CALABRESE, Omar (1993). **Cómo se lee una obra de arte, Como se lê uma obra da arte**, Lisboa, Edições 70, 1997, tradução de António Maria Rocha.

CAUQUELIN, Anne (2008). **L'Invention du Paysage. A invenção da paisagem**, Lisboa, Edições 70, 2008, tradução Pedro Bernardo.

CAUQUELIN, Anne (2006). **Fréquenter les incorporels, Frequentar os Incorporais**, S. Paulo, Martins Fontes, 2008, tradução Huendel Viana.

CAUQUELIN, Anne (s/data). **L'Art Contemporain, col. Que sais-je?, A Arte Contemporânea**, Lisboa, RÉS—Editora Lda, tradução Joana Ferreira da Silva.

CERTEAU, Michel (1990). **L'Invention du quotidien: 1 arts de faire, A invenção do quotidiano: 1. Artes de fazer**, Petropólis, Editora Vozes, 2000, 5. edição, tradução de Ephraim Ferreira Alves.

CHOMSKY, Noan (2003). **Power and Terror., Poder e Terror**, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2007.

CHOMSKY, Noan (1968). **The Responsibility of the Intellectuals, A Responsabilidade dos intelectuais**, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1968, tradução de Maria Luísa Pinheiro.

CLIFFORD, James(1998). **The Predicament of Culture, Dilemas de la Cultura**, Barcelona, Gedisa Editorial, 2001, traducción de Carlos Reynoso.

CORDELLIER, Serge (org) (1999), **Le nouvel état du monde – Les 80 idées-forces pour entrer dans le 21 siècle, O novo estado do mundo – 80 ideias-força para entrar no século XXI**, Porto, Campo das Letras, 2000, tradução de Eduarda Castro, Joana Caspurro e Raquel Mouta.

COUTO, Mia (2005). **Pensatempos**, Lisboa, Editorial Caminho, 2005.

CREHAN, Kate (2002). **Gramsci: Culture and Anthropology, Gramsci: Cultura e Antropologia**, Lisboa, Campo da Comunicação (2004), tradução de Ana Barradas

CUCHE, Denys. **La notion de culture dans les sciences sociales, A noção de cultura nas ciências sociais**, Lisboa, Fim de Século Edições, 1999, tradução de Miguel Serras Pereira.

DANTO, Arthur C. (1997). **After the End of Art, Después del Fin del Arte**, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica SA, 1999, tradução de Elena Neerman.

DAVIDSON, Basil (1992). **The Black Man's Burden, O Fardo do Homem Negro**, Porto, Campo das Letras – Editores, 2000, tradução de Jorge Almeida e Pinho.

DAVIDSON, Basil (1969). **The Africans . An Entry to Cultural History, Os Africanos . Uma introdução à sua História Cultural**, Lisboa, Edições 70, 1981, tradução de Fernanda Maria Tomé da Silva.

- DELEUZE, Gilles (1972-1990). **Pourparlers, Conversações**, Lisboa, *Fim de Século*, 2003, tradução de Miguel Serras Pereira.
- DELEUZE, Gilles (1965). **Nietzsche, Nietzsche**, Lisboa, *Edições 70*, 2007, tradução de Alberto Campos.
- DIONÍSIO, Eduarda (1993). **Títulos, acções, obrigações**. Lisboa, *Edições Salamandra*, 1993.
- DIONÍSIO, Mário (1987). *Autobiografia*, Lisboa, *O Jornal*, 1987.
- D'OREY, Carmo (2007), (org.). **O que é a arte?**. Lisboa, *Dinalivro*, 2007.
- DOUGLAS, Mary (1980). **Purity and Danger, Pureza e Perigo**, Lisboa, *Edições 70*, 1991, tradução de Sónia Pereira da Silva.
- DOUGLAS, Mary (1986). **How institutions think, Como pensam as instituições**, Lisboa, *Instituto Piaget*, 2004, tradução de Mónica Pinto.
- DUBAR, Claude (2000). **La crise des identités : L'interprétation d'une mutation, A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação**, Porto, *Afrontamento*, 2006, tradução de Catarina Matos.
- DUFRENNE, Mikel (1976). **L'Esthétique et les Sciences de l'Art, A Estética e as Ciências da Arte (vol I e II)**, Lisboa, *Livraria Bertrand*, 1982, tradução de Alberto Bravo.
- DUROZOI, Gérard (1998). **Regarder l'art du XXème siècle – 100 chefs-d'oeuvres**, Paris, *Éditions Hazan*, 1998.
- EAGLETON, Terry (1996). **The Illusions of Postmodernism, Las ilusiones del posmodernismo**, Barcelona, *Editorial Paidós SAICF*, 1998, tradução de Marcos Mayer.
- FRANCH, José Alcina (1982). **Arte y Antropología**, Madrid, *Alianza Editora*, 1998.
- FRANCINA, Francis (1992). **Art in modern culture – an anthology of critical texts**, Londres, *Phaidon*, 1992.
- FORMAGGIO, Dino (1973). **Arte**, Lisboa, *Editorial Presença*, 1985, tradução de Ana Falcão.
- FORTUNA, Carlos (1999). **Identidades, Percursos, Paisagens Culturais**, Oeiras, *Celta Editora*, 1999.
- FORTUNA, Carlos (1997), (organizador). **Cidade, Cultura e Globalização**, Oeiras, *Celta Editora*, 2001.

FOSTER, Hal (2002). **Design and Crime (and others diatribes)**, *Diseño y Delito*, Madrid, Ediciones Akal, 2004, tradução de Alfredo Brotons Muñoz

FOUCAULT, Michel (1969). **Qu'est-ce qu'un auteur?, O que é um autor?**, Lisboa, Nova Vega, 2006, tradução de António Fernando Casais e Eduardo Cordeiro

FREIRE, Paulo (1996). **Pedagogia do Oprimido**, São Paulo, Paz e Terra, 2004.

GIL, José (2005). **“Sem Título”**: Escritos sobre Arte e Artistas, Lisboa, Relógio D'Água.

GUERREIRO, António (2000). **O acento agudo do presente**. Lisboa, Livros Cotovia, 2000.

HABERMAS, Jürgen (1985). **Der Philosophische Diskurs der Moderne, O Discurso Filosófico da Modernidade**, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1998, revisão científica de António Marques.

HALL, Stuart (2003). **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003, tradução de Adelaide La Guardia Resende.

HALL, Edward T. (1983). **The Dance of Life – The Other Dimension of Time. A Dança da Vida – A Outra Dimensão do Tempo**, Lisboa, Relógio D'Água, 1996, tradução de Manuel Alberto.

HALL, Edward T. (1969). **The hidden dimension, A dimensão oculta**, Lisboa, Relógio D'Água, 1986, tradução de Miguel Serras Pereira.

HEIDEGGER, Martin (1977). **Der Ursprung des Kunstwerks, A Origem da Obra de Arte**, Lisboa, Edições 70, 2007, tradução de Maria da Conceição Costa.

HEINICH, Nathalie (1998). **Le Triple jeu de l'art contemporain**, Paris, Les Éditions de Minuit.

HEINICH, Nathalie (1997). **La Sociologie de Norbert Elias, A Sociologia de Norberto Elias**, São Paulo, EDUSC, 2001, tradução de Viviane Ribeiro.

HERMET, Guy (2000). **Culture et Développement. Cultura e Desenvolvimento**, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne.

HICTER, Marcel (1980). **Pour une démocratie culturelle**, Rixensart, Fondation Marcel Hicter.

HOBBSAWM, Eric (1998). **Behind the times, Atrás dos tempos**, Porto, Campo das Letras, Editores, 2001, tradução de Raquel Mouta.

HOGGART, Richard (1957). **The Uses of Literacy, As Utilizações da Cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**, Vol. I e II, Lisboa, Editorial Presença, 1973, tradução de Maria do Carmo Cary.

JAMESON, Frederic (2001). **A cultura do dinheiro: Ensaio sobre a globalização**, Rio de Janeiro, Editora Vozes, tradução de Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares.

JAPPE, Anselm (2003). **Les Aventures de la marchandise – Pour une nouvelle critique de la valeur, As Aventuras da mercadoria – Para uma nova crítica do valor**, Lisboa, Antígona, 2006, tradução de José Maria Justo.

JIMÉNEZ, José (1997). **A Vida como Acaso**, Lisboa, Vega, Limitada, tradução de Manuela Agostinho

KAFKA, Franz (2007). **Meditações**, Coimbra, Edição Alma Azul, tradução de Manuel Dias Soares

KANDINSKY, Vasili (1970). **L'Avenir de la Peinture, O Futuro da Pintura**, Lisboa, Edições 70, 1999, tradução de José Eduardo Rodil.

KANDINSKY, Vasili (1963). **Essays uber Kunst und Kunstler, Escritos sobre arte y artistas**, Madrid, Editorial Síntesis, SA, 2002, tradução de Thomas Schilling, com a colaboração de Miguel Ángel Sarrión Mora.

KASFIR, Sidney Littlefield (1999). **Contemporary African Art**, Londres, Thames and Hudson, 1999.

KLEE, Paul (1990). **Das bildnerische Denken, Escritos sobre arte**, Lisboa, Edições Cotovia, Lda, 2001, tradução de Catarina Pires e Marta Manuel, revisão de João Barrento.

LAPLANTINE, François e NOUSS, Alexis (1997). **La Métissage, A Mestiçagem**, Lisboa, Instituto Piaget, 2002, tradução de Ana Cristina Leonardo.

LATOUCHE, Serge (2003). **Décoloniser l'imaginaire — La Pensée créative contre l'économie de l'absurde**, Paris, Parangon.

LATOUCHE, Serge (1998). **Les Dangers du Marché Planétaire, Os perigos do Mercado Planetário**, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, tradução de Nuno Romano.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1955). **Tristes Tropiques, Tristes Trópicos**, Lisboa, Edições 70, 1993, tradução do gabinete Literário de Edições 70.

LOOS, Adolf (1897/1931). **Ornament und Verbrechen, Ornamento e crime**, Lisboa, Livros Cotovia, 2004, tradução de Lino Marques.

LYOTARD, Jan-François (1979). **La Condition Postmodern. A Condição Pós-Moderna**, Lisboa, Gradiva, Tradução de José Navarro.

MATISSE, Henri (1972), **Écrits et Propos sur l'Art, Escritos e Reflexões sobre Arte**, Editora Ulisseia, tradução de Maria Teresa Tendeiro.

MAUSS, Marcel (1950). **Essai sur le don, Ensaio sobre a dádiva**, Lisboa, edições 70, 2008, tradução de António Filipe Marques.

MELO, Alberto (1996). **O desenvolvimento local num contexto de encruzilhada mundializada**, Oliveira do Bairro, Fundação para o Desenvolvimento Cooperativo e Comunitário, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice (2002). **Causeries 1948. Palestras**, Lisboa, Edições 70, 2003, tradução de Artur Morão.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1960). **L'Oeil et l'Esprit, O olho e o espírito**, Lisboa, Vega, 6. edição 2006, tradução de Luís Manuel Bernardo.

MICHAUX, Henri (1929). **Ecuador, Equador**, Lisboa, Fenda Edições, 1999, tradução de Ernesto Sampaio.

MOLDER, Mara Filomena (1999). **Semear na Neve – Estudos sobre Walter Benjamin**, Lisboa, Relógio D'Água Editores.

MOUFFE, Chantal (1993). **The Return of the Political, O Regresso do Político**, Lisboa, Gradiva, 1996, tradução de Ana Cecília Simões.

PEREIRA, Fernando José (2001). **Arte Contemporânea – A utopia de uma existência exilada**, Dissertação de Doutoramento na Faculdade de Belas Artes de Pontevedra/Universidade de Vigo.

PERNIOLA, Mario (2006). **A Arte e a sua Sombra**, Lisboa, Assírio & Alvim, tradução de Armando Silva Carvalho.

PERNIOLA, Mario (2004). **Contro la comunicazione, Contra a comunicação**, Lisboa, Editorial Teorema (2005), tradução de Manuel Ruas.

PERNIOLA, Mario (1997). **L'Estetica del Novecento, A Estética do Século XX**, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, tradução de Teresa Antunes Cardoso.

PERNIOLA, Mario (1991). **Del Sentire, Do Sentir**, Lisboa, Editorial Presença, 1993, tradução de António Guerreiro.

PERROUX, François (1981). **Pour une philosophie du nouveau développement, Ensaio sobre a filosofia do novo desenvolvimento**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, tradução de L. M. Macaísta Malheiros.

POPPER, Frank (1975). **Art-action and participation**, London, Studio Vista, 1975.

PRICE, Sally (1989). **Primitive Art in Civilized Places, Arts primitifs; regards civilisés**, Paris; L'Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1995, tradução de Geneviève Le Baut.

RANCIÈRE, Jacques (2000). **La portage du sensible: esthétique et politique, The politics of aesthetics**, Continuum, 2004 translated with an Introduction by Gabriel Rockhill.

RATNAM, Niru (2000). **Chris Ofili y los límites del hibridismo**. in *New left review*, nº 1, Fevereiro de 2000, Londres.

RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane (1992). **La ville: vers une nouvelle définition?, A cidade: rumo a uma nova definição?**, Porto, Edições Afrontamento (1994), tradução de José Domingues de Oliveira

RHODES, Colin (1994). **Primitivism and Modern Art**, Londres, Thames and Hudson.

RODRIGUES, Adriano Duarte (1990). **Estratégias de Comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 1990.

ROTHKO, Mark (2004). **The artist's reality: Philosophies of art, A realidade do artista**, Lisboa, Edições Cotovia, 2007, tradução de Fernanda Mira Barros.

RUBIN, William (1988). **Primitivism'in 20th Century Art**, New York, The Museum Of Moder Art, 1988.

SABINO, Isabel (2000). **A Pintura Depois da Pintura**, Lisboa, FBAUL.

SAID, Edward (2003). **Culture and Resistance – Conversations with Edward W. Said, Cultura e Resistência – David Barsamian entrevista Edward W. Said**, Porto, Campo das Letras, 2004, tradução de Miguel Serras Pereira e Susana Serras Pereira.

SAID, Edward (1997). **Orientalism, Orientalismo**, Lisboa, Livros Cotovia, 2004, tradução de Pedro Serra.

- SAID, Edward (1993). **Representations of the Intellectual: The Reith Lectures, Representações do Intelectual: As Palestras de Reith de 1993**, Lisboa, Edições Colibri, 2000, tradução de Teresa Seruya.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (2005). **Deslocalizar a Europa**, Lisboa, Livros Cotovia.
- SANTOS, Boaventura Sousa (org) (2002). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SILVANO, Filomena (org) (2001). **Antropologia do Espaço: uma introdução**, Oeiras, Celta Editora, 2001.
- SEBASTIÁN, Luis de (1997). **Neoliberalismo Global**, Madrid, Editorial Trotta SA.
- SONTAG, Susan (2003). **Regarding The Pain of Others. Olhando o Sofrimento dos Outros**, Algés, Gótica, 2003, tradução de José Lima.
- SONTAG, Susan (1966). **Against Interpretation, Contra a Interpretação**, L&PM, 1987, tradução de Ana Maria Capovilla.
- TAYLOR, Charles (1994). **Multiculturalism, Multiculturalismo**. Lisboa, Instituto Piaget, 1998, tradução de Marta Machado.
- VATTIMO, Gianni (1985). **La fine della Modernità, O fim da modernidade**, Lisboa, Editorial Presença, 1987, tradução de Maria de Fátima Boavida.
- VIDAL, Carlos, 1997. **Definição da arte política**, Lisboa, Fenda Edições Lda.
- WALLIS, Brian (edited) (1990). **Dia Art Foundation – Number 5: Democracy – A Project by Group Material**, Seattle, Bay Press.
- WARBURTON, Nigel (2003). **The Arte Question, O Que é a Arte?**, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2007, tradução Célia Teixeira
- WARNIER, Jean-Pierre (1999). **La Mondialisation de la Culture, A Mundialização da Cultura**, Lisboa, Editorial Notícias, 2000, tradução de Luís Filipe Sarmiento
- WIEVIORKA, Michel (2000). **La Diférence, A Diferença**. Lisboa, Fenda Edições, 2002, tradução de Miguel Serras Pereira.
- WILLETT, Frank (1971). **African Art**, London, Thames and Hudson, 1993.
- WODICZKO, Krzysztof (1995). **Art public, art critique — Textes, propos et documents**, Paris, École nationale supérieure des Beux-Arts, 1995.

ZIZEK, Slavoj (2004). **Plaidoyer en Faveur de l'Intolerance, Elogio da Intolerância**, Lisboa, Relógio D'Água, 2006, tradução de Miguel Serras Pereira.

ZIZEK, Slavoj (2002). **Repeating Lenin, Repetir Lenin**, Ediciones Akal, SA, 2004, tradução de Marta Malo de Molina Bodelón e Raúl Sánchez Cedillo.

ZIZEK, Slavoj (2002). **Welcome to the desert of the real!, Bem-vindo ao deserto do real!**, Lisboa, Relógio D'Água, 2006, tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira.

DESLOCAMENTO

BARGNA, Ivan (1998). **Arts et Sagesses d'Afrique Noire**, Milan, Zodiaque, 1998.

BASUALDO, Carlos (org) (2007). **Tropicália: Uma revolução na cultura brasileira**, São Paulo, Cosac Naify.

CABRAL, Amílcar (1974). **P.A.I.G.C. – Unidade e Luta**, Publicações Nova Aurora

CABRAL, Amílcar (1951—1972). **Documentário**, Lisboa, Biblioteca Editores Independentes, 2008.

CARVALHO, Cláudia Monteiro Pato de (2004). **Dinâmicas Culturais e Cidadania: as Culturas Locais na Pós-modernidade. Um Estudo de Caso**. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

CASTELO-BRANCIO, Salva El-Shawan, BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003). **Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal**, Oeiras Celta Editora.

COELHO, Vera Penteado (org). **Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu**, São Paulo, EDSUSP, 1993.

DAVIDSON, Basil (1974). **The Agriculturists African and the Revolution, Os Camponeses Africanos e a Revolução**, Lisboa, Livraria Sá e Costa Editores, 1975, tradução de António Neves-Pedro

DIAS, Jorge (1998). **Os Macondes de Moçambique**, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

DIAS, Margot (1973). **O fenómeno da Escultura Maconde chamada "Moderna"**, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar

- DOMINO, Christophe – MAGNIN, André (2005). **L'art africain contemporaine**, Paris, Editions Scala.
- FILHO, João Lopes (1983). **Contributos para o estudo da Cultura Cabo-Verdiana**, Lisboa, Ulmeiro.
- FILHO, João Lopes (2003). **Introdução à Cultura Cabo-Verdiana**, I.S.E. de Cabo Verde
- FREIRE, Paulo (1977). **Cartas à Guiné-Bissau**, Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- FREYRE, Gilberto (1933). **Casa-Grande & Sanzala**, Lisboa, Edição Livros do Brasil, 2003
- FUENMAYOR, Jesús (editor) (2006). **Arte da América do Sul**, Porto, Fundação de Serralves/Público.
- GALEANO, Eduardo (1998). **Las Venas Abiertas de America Latina, As Veias Abertas da América Latina**, Lisboa, Edições Dinossauro, tradução de Conchita Martins.
- JOSÉ, Adriano Cristiano (2005). **Autoridades Arditosas e Democracia em Moçambique**, in: *O Cabo dos Trabalhos: Revista Electónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUO/FLUC*, n. 1, 2006, disponível em <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n1/ensaios.php>
- JÚNIOR, J.R. dos Santos (1950). **A alma do indígena através da etnografia de Moçambique**, Lisboa, Instituto de Antropologia da Universidade do Porto
- HONWANA, Alcinda Manuel (2003). **Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique**, Lisboa, Ela por Ela.
- LIESEGANG, Gerhard J. (1996). **Ngungunyane**, Maputo, ARPAC.
- MACÍAS, Santiago (1996). **Mértola Islâmica: estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)**, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1996.
- MAZULA, Brazão (1995). **Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985**. Porto, Edições Afrontamento e Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa
- MAZULA, Brazão, ABREU, António Pinto de, MOTTA, Helena, MONDLANE, Isaiás, COVANE, Luís, COMICHE, Eneas da Conceição, FRANCO (2001), Artemisa, **Democracia e Desenvolvimento**, Maputo, Assoc. Joaquim Chissano.

- MEDDEB, Abdelwahab (2006), **Occident vist des d'Orient**, Barcelona, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona.
- MENDES, Pedro Rosa (2002). **Ilhas de fogo**, ilustração de CORBEL, Alain, Lisboa, ACEP.
- NEVES, Frederico Castro (1994). **Imagens do Nordeste: a construção da memória regional**, Fortaleza, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará.
- PAIGC (1974). **Sobre a situação de Cabo Verde** (relatório apresentado ao Comité de Descolonização da ONU em 29 de Março de 1974), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1975.
- PAIGC (1974), **História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde**, Porto, Afrontamento, 1974.
- RODRIGUES, Ana Maria (coord). **Brasil — brasis: cousas notaveis e espen-tosas (Olhares Modernistas)**, Lisboa, CNCDP, 2000.
- ROSA, João Guimarães (1988). **Noites do Sertão**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- SANTOS, Maria Emília Madureira (Coord.) (1995). **História Geral de Cabo Verde** (Vol. I e II), Instituto Nacional de Cultura Ciêntífica Tropical / Instituto Nacional de Cultura de Cabo Verde
- TOLENTINO, André Corsino (2006). **Universidade e Transformação Social nos Pequenos Estados em Desenvolvimento: O Caso de Cabo Verde**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- TOMÁS, António (2007). **O Fazedor Utopias. Uma Biografia de Amílcar Cabral**, Lisboa, Tinta de China
- TORRES, Cláudio (1989). **Mértola Vila Museu**, Mértola, Campo Arqueológico e Mértola.
- VELOSO, Caetano (1997). **Verdade Tropical**, São Paulo, Companhia das Letras.
- VERGER, Pierre Fatumbi (2002). **Orixás**, Salvador da Bahia, Currupio Edições, tradução de Maria Aparecida da Nóbrega.
- ZAWANGONI, Salvador André (2007). **A FRELIMO e a Formação do Homem Novo (1964-1974 e 1975 – 1982)**, Maputo, CIEDIMA

WEBLIOGRÁFICAS

Africa News, <http://www.africanews.com>

ANIMAR, <http://www.animar-dl.pt>

Associação de Defesa do Património de Mértola, <http://www.adpm.pt/>

BejaBiz, <http://www.bejadigital.biz/pt>

Campo Arqueológico de Mértola, <http://www.camertola.pt/>

Centro de Cultura Luiz Freire, <http://www.cclf.org.br/>

Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa,
<http://www.iseg.utl.pt/cesa>

Conceição das Crioulas, <http://www.conceicaodascrioulas.org>

CIDAC, <http://www.cidac.pt/>

Crioulas Vídeo, <http://www.crioulasvideo.org>

Cooperar em Português, <http://www.cooperaremportugues.org>

Direcção Geral do Desenvolvimento, Comissão Europeia
http://ec.europa.eu/development/index_en.cfm#

First european portal on public art, <http://www.art-public.com/>

Identidades, <http://www.identidades.eu>

Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais, <http://www.ieei.pt/>

Instituto Nacional de Estatística, <http://www.ine.pt/>

Oxfam, <http://www.oxfam.org/>

PNUD, <http://undp.org>

Public Art Fund, <http://www.publicartfund.org/>

Public art online, <http://www.publicartonline.org.uk/>

Revista de Recensões de Comunicação e Cultura, <http://www.recensio.ubi.pt>

UNACR (Alto Comissário para os Refugiados), <http://unacr.ch>

UNESCO, <http://unesco.org>

UNICEF, <http://unicef.org>

